

Todas as
COISAS
que eu sonhei

MARI CARDOSO

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

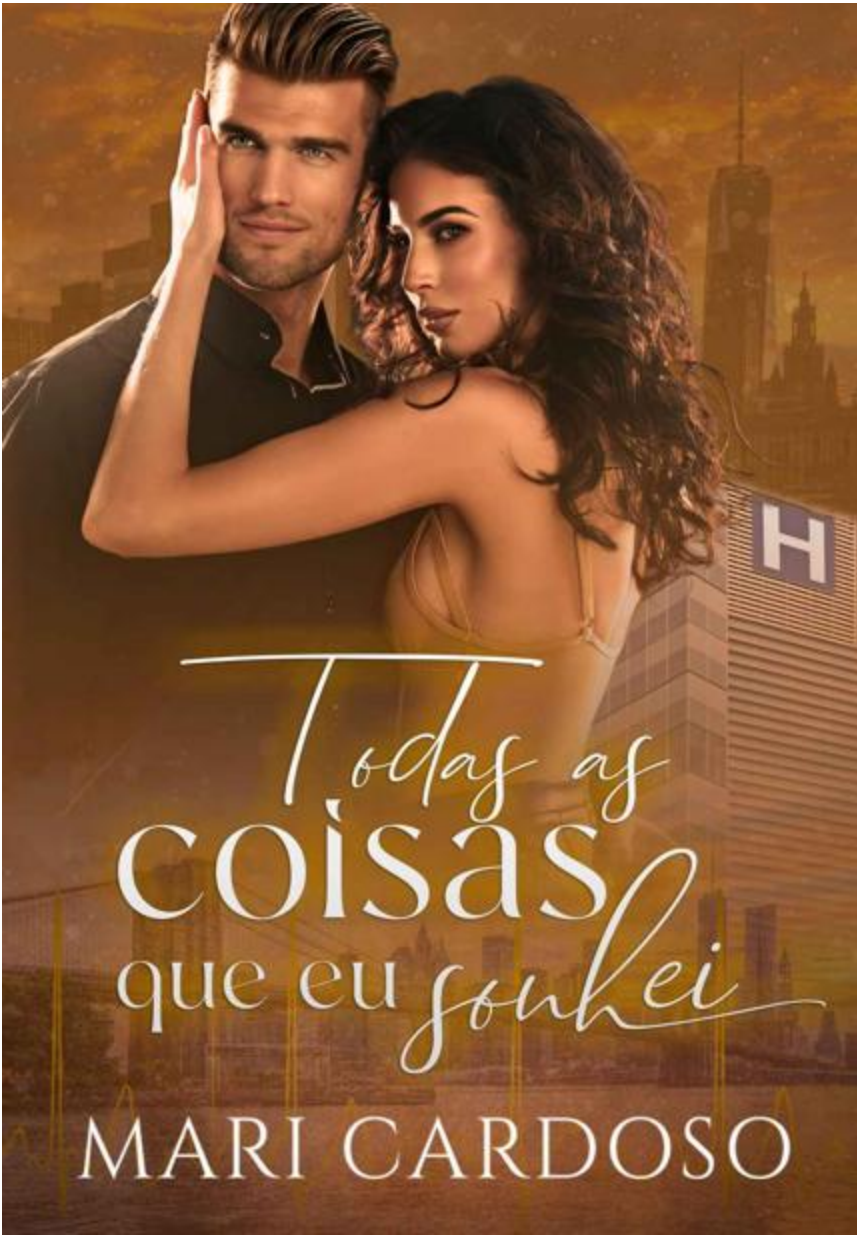
Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)



Todas as
COISAS
que eu sonhei

MARI CARDOSO

Todas as
COISAS
que eu sonhei

MARI CARDOSO

2022

Nome da obra: TODAS AS COISAS QUE EU SONHEI Revisão e
Preparação de Texto: Dani Smith Books Diagramação: Mavlis

Capa: Mavlis

Nome do autor: Mari Cardoso

www.maricardoso.com.br

Copyright © 2022 por Mariana Cardoso

INFORMAÇÕES

Esta é uma obra de ficção que não deve ser reproduzida sem autorização. Nenhuma parte desta publicação pode ser transmitida ou fotocopiada, gravada ou repassada por qualquer meio eletrônico e mecânicos sem autorização por

escrito da autora. Salvo em casos de citações, resenhas e alguns outros usos não comerciais permitidos na lei de direitos autorais.

Esse é um trabalho de ficção. Todos os nomes, personagens, alguns lugares, casos envolvidos, eventos e incidentes são frutos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas, ou eventos reais é apenas espelho da realidade ou mera coincidência.

Sumário

SINOPSE

CARTA DA AUTORA

Prólogo

Capítulo Um.

Capítulo Dois

Capítulo Três.

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco.

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesesseis

Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois

Capítulo Trinta e Três

Capítulo Trinta e Quatro

Capítulo Trinta e Cinco

Capítulo Trinta e Seis

Capítulo Trinta e Sete

Capítulo Trinta e Oito

Capítulo Trinta e Nove

Capítulo Quarenta

Capítulo Quarenta e Um

Capítulo Quarenta e Dois

Capítulo Quarenta e Três

Capítulo Quarenta e Quatro

Capítulo Quarenta e Cinco

Capítulo Quarenta e Seis

Capítulo Quarenta e Sete

Capítulo Quarenta e Oito

Capítulo Quarenta e Nove

Capítulo Cinquenta

[Capítulo Cinquenta e Um](#)

[Capítulo Cinquenta e Dois](#)

[Capítulo Cinquenta e Três](#)

[Epílogo](#)

[SOBRE A AUTORA:](#)

[A G R A D E C I M E N T O S](#)



SINOPSE

Elizabeth Nichols estava perdida em um mar de amargura. Traída da pior forma por duas pessoas que muito amava, ela se muda para Nova Iorque disposta a começar uma nova vida, comandando toda ala da pediatria de um dos melhores hospitais do país. Muito inteligente e prática, costumava colocar a razão acima da emoção enquanto precisava lidar com crises de ansiedade em querer ter tudo perfeito para não sofrer novamente.

Em uma noite, ela conhece um homem divertido, porém, misterioso, que lhe dá a esperança de que a cidade poderia lhe trazer boas aventuras. No dia seguinte, um engano poderá afastá-los de vez...

Sawyer Reedburn descobriu da pior forma o quanto estava sozinho. Saindo de um casamento fracassado e lidando com problemas familiares, ele era o chefe da cardiologia de um renomado hospital, mas não tinha tempo para ser feliz. Ele queria, desesperadamente, ter motivos para sorrir no final do dia. Bastou um encontro com uma mulher linda para a chama da esperança reacender, mesmo quando ela parecia não acreditar em sua palavra.

Eles serão como um sopro de ar puro, iluminando seus caminhos como a luz do dia e descobrindo o quanto a vida a dois poderia ser um desafio invencível quando a vida parecia não colaborar, trazendo obstáculos e grandes dramas. Protagonizando um romance maduro e um pouco mais dramático, o casal mostra a força e cumplicidade para alcançar o seu final feliz.

CARTA DA AUTORA

Escrevi essa história em 2016 e chegou o momento de compartilhar com minhas leitoras. Algumas já conhecem, para outras, é como um quadro em branco. Eu não vou falar muito, apenas salientar que é um romance para adultos, portanto, tem cenas de sexo e palavrões, é um dos maiores livros que já escrevi e com muitos detalhes. Não é uma leitura rápida.

A personagem principal tem ansiedade. Alguns dos seus pensamentos no começo do livro retratam a mente de uma pessoa com a síndrome do pensamento acelerado e também, muito traumatizada. É um romance dramático, mais maduro e obviamente, tem um final feliz.

Considerem-se avisadas e desejo uma boa leitura, que a mensagem sobre a vida e amor que Elizabeth e Sawyer tem para contar, entrem nos seus corações.

Com amor,

Mari Cardoso.



Prólogo

Elizabeth

Estacionei o carro na garagem, sentindo dores no pescoço e com um pouco de culpa por ter extrapolado minhas horas no hospital, mas ao mesmo tempo, feliz de não ter que ficar por todo o plantão, conforme liguei avisando. Massageei a zona dolorida, entrando em casa pela porta da cozinha e sorrindo para minha foto com Chase.

Meu marido era extremamente atencioso e compreensivo.

Ele não aprovava minha dedicação à medicina, mas eu sabia que ele tinha orgulho das minhas conquistas e buscava entender minhas longas horas fora de casa, a nova bolsa de estudos para pesquisa e meu tempo me dedicando à pediatria, que tanto amava.

Deixei a chave no aparador e tirei o casaco, ainda com um pouco de frio. Pelo silêncio, Vicky devia estar na faculdade e meu marido dormindo, o que significava que poderíamos namorar sem nos preocupar com barulho.

Desde que a minha irmã veio viver conosco por um tempo, enquanto não tinha um emprego que lhe ajudasse a dividir o aluguel com alguém, estávamos sendo cuidadosos. Ela só tinha dezoito anos e estava no primeiro ano da faculdade. Ainda era uma menina, estava tentando que se sentisse à vontade e tivesse um lar saudável para crescer na vida.

Regina, nossa mãe, nunca completou os estudos e Keith, pai de Vicky, não era a pessoa que se podia dizer possuir um cérebro afiado, muito pelo contrário. Tirei meus sapatos para não fazer barulho e peguei um copo, enchendo-o de água.

Subi a escada, feliz por ter dois dias inteiros de folga para curtir

meu

marido.

Ficava

preocupada

que

estivesse

negligenciando-o, mas ele garantiu que não. Não importava o quão cansada estava, sentia saudades dele em todos os aspectos e desejava estar junto.

Poderíamos dormir agarradinhos, passear e até prepararia seu jantar favorito. Esperava que ele não inventasse de visitar a mãe, por mais que gostasse muito da minha sogra, queria ficar somente com ele.

O quarto que Vicky dormia estava aberto e todo bagunçado, encostei a porta para fingir que não vi a zona e virei no corredor, deparando-me com duas pessoas fazendo sexo na minha cama.

Uma delas era o meu marido.

O som do copo se quebrando misturou-se com o do meu coração. Eles saltaram surpresos e me olharam com um misto de medo, pânico e quase arrependimento.

Chase, nu, parou à minha frente e me segurou pelos ombros.

Eu não conseguia olhar no rosto dele ou para qualquer outra direção. Gritei para que me soltasse, apenas batendo em suas mãos imundas, que estavam tocando outro corpo com o prazer que devia ser dedicado a mim.

Meu peito estava apertado e a falta de ar só aumentava conforme meus soluços explodiam e meus olhos ficavam inundados.

Desci a escada aos tropeços, não suportando ficar nem mais um segundo naquele lugar. Peguei meu sapato e as chaves do carro, puxando meu braço, que ele insistia em ficar segurando enquanto implorava por minha atenção.

Entrei no meu carro e arranquei da garagem, seguindo pela minha rua sem prestar atenção no caminho. Tudo que vinha na minha mente era que meu compreensível, atencioso e apaixonado marido, estava me traindo com a minha irmã caçula e menor de idade.

Capítulo Um.

Elizabeth

Quatro anos depois.

Nova Iorque.

— Por aqui, senhorita Nichols — disse Samyr Kaber, meu corretor e basicamente a única pessoa que vinha encontrando nas duas últimas semanas. — Acho que esse é o último. — Ele sorriu e não resisti, sorri também. Era impossível não corresponder aos sorrisos dele. No começo foi meio irritante, depois aprendi e entendi que ele era sempre alegre.

— Estão acabando suas opções? — perguntei, seguindo-o para o interior daquele elevador antigo, cheio de grades e cheiro de graxa. — Eu lhe avisei que sou uma mulher exigente.

— Se eu consegui convencer a minha esposa a se casar comigo, consigo lhe convencer a escolher esse apartamento. —

Piscou e saímos no segundo andar.

— Uma cobertura?

— Totalmente solitária. Só há um apartamento neste lugar.

— Considerando que não parece um prédio residencial —

murmurei e paramos na porta, ele abriu e entrei, olhando ao redor.

— Imenso e sem vizinhos — completei, gostando do ambiente.

— Eu sei que é só para você, mas, pense bem. A sala é composta de três ambientes ideais. Televisão, sofá, mesinha

de centro, mesinha do lado...

— Não sabia que era decorador também. — Interrompi seu discurso e fui até a janela. — É uma linda vista aqui de cima. —

Observei a pracinha e o telhado dos vizinhos. — O que há com esse lugar?

— Aqui é uma antiga estação de cartas — respondeu e olhei para baixo. *Gostei bastante do piso.*

— O espaço de baixo também é meu? — perguntei com curiosidade. Samyr assentiu. — Dentro do meu orçamento? —

Olhei-o e ele assentiu de novo. — Vou ficar.

— E você nem viu o segundo andar! — Piscou. Passamos pela cozinha bem espaçosa, um banheiro com uma banheira antiga, subimos uma escadinha e, no outro pavimento, havia um quartinho que imaginei como closet, outra sala que poderia ser meu escritório e um quarto amplo, com banheiro e grandes janelas de vidro. — Foi reformado para parecer um apartamento, esse banheiro é uma adição nova e toda a encanação, aquecedor e ar condicionado são novos. Ah, as tomadas também.

— Tudo bem. Gostei. — Sorri e me virei para ele. — Quando podemos fechar negócio para que eu possa receber as chaves?

Descemos e assinei o contrato no balcão da minha nova cozinha. Peguei o telefone e fiz a transferência do dinheiro, executando a compra conforme o combinado. Recebi muitas papeladas, li com calma, Samyr tirou minhas dúvidas, separou o que era meu e o que era da imobiliária.

— Bem-vinda a Nova Iorque, Liz. — Ele sorriu e trocamos um aperto de mão. — Sei que ainda está sozinha aqui, esse é meu número particular. Kebi e eu insistimos que nos procure se precisar de qualquer coisa — disse e peguei o cartão, sentindo uma pontada no coração. Aquele casal que pouco conhecia me recebeu de braços abertos quando entrei naquela simples imobiliária e mergulharam na missão de me ajudar com meu novo lar.

— Obrigada. De coração — sussurrei, realmente feliz. Ele piscou e estendeu a mão com a chave.

Assim que me deixou sozinha, me vi parada, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco, me convencendo de que ali seria a minha casa. Andei até a janela e tirei meu celular do bolso, discando para Paul.

— Comprei um novo lugar, papai — anunciei e ele suspirou aliviado. — Nada mais de hotéis. Agora vou sair para comprar móveis, televisão, geladeira e comida. Vou tentar fazer tudo ainda hoje, tenho só mais quatro dias antes de me apresentar no hospital para o meu primeiro dia.

— *Estou feliz e menos preocupado agora* — respondeu e o ouvi contando para Suelen, minha madrasta. — *Letty desejou boa mudança.* — Revirei os olhos. Não era muito próxima à enteada do meu pai e sentia um pouco de receio do jeito afetuoso pelo qual ela tratava a todos. Letty não era minha irmã. Por mais que Paul fosse casado com Suelen há mais de cinco anos, eu já era uma mulher adulta quando aquilo aconteceu e não queria aumentar a minha família. *Eu não precisava de irmãos.*

Vicky já tinha estragado tudo pelo restante.

— Ainda tem o contato daquele seu amigo que tem a empresa de segurança? Quero a instalação dos alarmes

quanto antes — mudei de assunto. — Me envie por mensagem, tenho que correr se quiser ter os móveis agora.

— *Tudo bem. Me dê notícias, ok?*

— Fique tranquilo, pai. Amo você.

— *Também te amo.* — Ele desligou e suspirei com saudade.

Olhei-me no reflexo da grande janela da sala e me analisei.

Era uma mulher bonita, saudável e me vestia bem. Com os cabelos presos no alto em um coque bagunçado, botas de cano médio, jeans justo e uma blusa branca escondida por baixo do meu grande sobretudo, estava sofisticada e atraente. Não precisava de insegurança. Eu podia fazer tudo dar certo. Tornei-me uma médica bem conceituada, com um excelente currículo, baixa taxa de mortalidade, pesquisas publicadas, artigos científicos reconhecidos e alguns prêmios na estante. Era um pequeno prodígio e podia enfrentar um hospital-escola em Nova Iorque. Eu ia conseguir.

Merda, merda!

Eu estava em pânico!

Mesmo sabendo que tinha muito a ensinar para jovens mentes como eu mesma era anos atrás, me sentia à beira do colapso, e era sempre assim quando enfrentava um “mundo”

desconhecido. O hospital ali seria muito maior do que o que um dia trabalhei e tinha o melhor programa de estudo, inclusive, um dos

quais meu pai ofereceu pagar quando eu ainda era estudante, mas não me dispus a deixar Chase e Seattle na época.

Sempre seria grata pelo suporte financeiro que meu pai me deu, livrando-me dos empréstimos estudantis. Iria dar o meu melhor por Paul, que nunca me deixou sozinha na vida.

Eu podia fazer aquilo e iria conseguir.

Peguei a minha bolsa e desci, trancando o grande portão que dava para a rua. Segui pela calçada, pronta para deixar aquele apartamento perfeito para se tornar o meu lar. Passei por uma empresa e contratei o pacote de limpeza porque, definitivamente, não era boa com serviços domésticos. Entreguei a chave sem medo, afinal, ainda não havia nada que pudesse ser roubado. Com as coordenadas, atravessei algumas ruas e entrei em um grande shopping.

Na maioria das vezes, evitava fazer compras. Era quase um trauma da minha infância e adolescência. Minha mãe nunca foi uma mulher fácil de lidar, sempre a achei fútil demais. O marido dela, Keith, era um ex-jogador de beisebol falido que vendia carros. Eles viviam em Jacksonville e Regina havia se tornado uma completa estranha para mim. Nunca fui o tipo de filha perfeita e Vicky era tudo que ela pediu a Deus.

Estava bem em ficar longe. Aquilo já havia doído muito, mas aprendi que tinha o papai e ele era tudo o que eu precisava, mesmo com as adições da família de sua nova esposa.

— Posso ajudá-la? — Uma jovem senhora com o uniforme da loja me abordou quando finalmente escolhi o tipo de sofá que eu queria. Sentei-me nele e sorri para ela. — É o mais confortável que temos e ele vira cama puxando o assento para a frente. Tem a opção de puxar os três ou um só. O encosto reclina um pouco —

completou e demonstrou em um lado. Experimentei e gostei.

Raramente ficava em casa e, muitas vezes, chegava cansada demais para ir até o quarto. Era bom que meu sofá fosse extremamente confortável.

— Vou levar o conjunto — avisei e apontei para o outro lado da loja. — Quero ver suas opções de móveis brancos para sala, cozinha, banheiro, escritório e quarto.

Consegui encontrar todas as coisas do meu gosto e como ainda era cedo, eles podiam entregar no final da tarde, claro que por uma taxa adicional exorbitante, mas estava com pressa. Paguei por minha compra e deixei meu número de celular para que pudessem me ligar se tivessem algum problema.

— Foi um prazer, doutora Nichols. — A vendedora, Lila, sorriu e me entregou os contratos e recibos.

Saí da loja, já entrando em uma de utensílios do lar. Baixei da internet uma lista básica de tudo que seria preciso ter em uma cozinha, e consegui me achar com facilidade, até mesmo me diverti.

Encontrei cabides perfeitos para os meus jalecos e araras para o meu closet.

Entrei em uma loja de eletrodomésticos e finalizei as compras básicas. Até provei um pouco do expresso que ela era capaz de preparar.

Meu banco chegou a enviar uma mensagem, informando o saldo disponível do dia, porque logo iriam me bloquear. Antes de fazer todas aquelas compras bem caras, solicitei um saldo alto, já disposta a fechar contrato com o

apartamento que me fosse oferecido por não aguentar mais ficar fora de um conforto com jeitinho de casa.

Passei por uma loja de decoração e, muito inspirada, comprei vários itens legais e fofos que poderia espalhar pela casa. Saí cheia de sacolas e entrei no meu hotel, informando que iria encerrar minha conta. Depois de pagar, subi rapidamente para colocar o que faltava dentro das minhas muitas malas.

Não olhei para trás quando fechei a porta com minhas cinco malas de roupa e o rapaz empurrando o carrinho para mim. O táxi parou na empresa de limpeza, peguei a chave e devolvi o recibo, seguindo para minha nova casa com um caminhão de entrega já me esperando.

Foi uma confusão no começo, mas todo mundo conseguiu entrar em um consenso na hora de carregar e a parte boa de morar em um antigo correio, era o fato de ter uma escada e um elevador.

— Vocês são os últimos? — questionei ao observar os rapazes instalarem os móveis na parede, por insistência minha em um serviço extra. Já que a minha entrega era a última, ofereci uma boa quantia para montarem tudo para mim. Havia dois na cozinha instalando na parede e olhando a planta hidráulica que recebi com o contrato.

— Móveis de cima montados — um rapaz descendo a escada informou e eu agradei que ele tivesse começado a montar os da sala. Empurrei o sofá para o lugar que queria e fui organizando conforme eles terminavam.

Quando todos os móveis foram montados, tirei a quantia combinada da bolsa e me despedi deles, pedindo desculpas por não ter nem água para oferecer. Percebi que ainda tinha

forças para enfrentar o mercado, mesmo perto de fechar. Peguei minhas coisas e saí rapidamente.

Acabei enchendo dois carrinhos, comprando de vassoura e rodo a saladas e várias comidinhas integrais congeladas. Na volta, fechei o portão de baixo quando terminei de subir com as compras, meio apavorada de estar sozinha em uma cidade imensa, sem vizinhos ou alguém para me ouvir caso gritasse. Encontrei um pedaço de madeira na garagem e o atravessei nos puxadores do portão.

— Ok! Agora é só colocar tudo no lugar! — falei sozinha.

Tirei meu casaco, bota e comecei pela cozinha, limpando o que foi sujo durante a colocação dos móveis e guardando as compras no armário. Limpei o balcão e espalhei tudo que era de geladeira enquanto a limpava por dentro, organizando tudo certinho para que nada ficasse caído em cima das coisas. Depois que encerrei a cozinha, coloquei água para esquentar na minha nova panela, para preparar um jantar rápido e saudável, fui para a sala e

arrumei a disposição dos móveis conforme a televisão, colocada na parede ao lado da porta.

Caramba! Eu tinha pouco tempo e muita coisa para fazer!

Não era culpa de ninguém o fato de eu ter sérios problemas com coisas inacabadas e a necessidade de viver em um ambiente organizado. Nem toda terapia do mundo tirava minha ansiedade ao concluir etapas antes de começar outras.

Quase quebrei o vidro da mesa colocando-o no apoio e suspirei aliviada por ele ser mais resistente do que pensei. Tirei os plásticos das cadeiras e as arrumei. Corri para uma das sacolas e peguei o vaso de flor, colocando-o no centro.

Sim, perfeito!

Um canto ficou bem vazio, então, empurrei uma das poltronas, e coloquei a mesinha de lado do sofá ali. Botei o aparador de velas com as de baunilha, e como era próxima à janela, eu poderia tomar chá e olhar a movimentação da rua. Reparei que havia esquecido de comprar cortinas. Tirei meu celular do bolso e enquanto comia, observei a sala, fazendo uma lista de coisas que ainda faltava comprar.

As paredes estavam vazias. Lavei a louça, deixei-as secando e soltei os tapetes, limpando a bagunça de caixas e isopor, jogando tudo pela escada que dava para o andar de baixo. Na manhã seguinte lidaria com o primeiro andar.

Subi com as malas para o quarto que seria meu closet e deixei todas ali dentro, empurrei as araras e fiquei admirada com o trabalho bem feito dos gaveteiros colocados no canto. Imaginei uma série de nichos na parede e acrescentei-os na lista. Os móveis do escritório estavam montados e vazios, fiz a anotação mental de buscar minhas caixas no depósito e entrei em meu quarto.

A cama estava montada e havia móveis aparadores com gavetas nos cantos, no mais, achei bem nu. Cansada demais para continuar, abri a mala com toalhas limpas e roupas de dormir, meus produtos de banheiro e roupas íntimas. Tomei banho, coloquei um pijama confortável e forrei a cama, tirando os travesseiros dos

plásticos. Quando coloquei meu telefone para carregar, já eram três da manhã.

Fechei os olhos e apaguei.

Acordei cedo, porque o sol estava por todo o lado. Estava até suada. Eu realmente precisava resolver a questão das

cortinas antes de anoitecer. Levantei, ainda cansada, mas disposta a deixar a casa em perfeito estado, porque depois que começasse a trabalhar, não teria mais tempo e ela nunca ficaria pronta. Meu apartamento em Los Angeles ficou quase dois anos vazio porque eu nunca ficava em casa e não ter minhas coisas me deixou deprimida.

Prometi que minha vida seria diferente em Nova Iorque.

Tomei banho para tirar o suor e jurei que dormiria mais cedo, desci e comi algumas frutas, torradas e café. Escolhi jeans, tênis de corrida e camiseta, pronta para uma batalha. Fui a pé para o mesmo shopping do dia anterior e comprei todos os itens da lista que ainda estavam faltando. Marquei o horário do fim da tarde para os móveis e carreguei as muitas sacolas com quadros, cortinas e blecaute.

Deixei as sacolas em casa e fui até o depósito, pedindo ajuda ao rapaz da recepção para carregar as caixas até um táxi.

Meu telefone vibrou logo que entrei em casa depois da última caixa carregada com muito esforço. Meus braços tremiam. Era minha mãe. Rejeitei a chamada. Subi as escadas com meus livros e passei a arrumar meu escritório. Coloquei os diplomas na parede, arrumei a pequena estante, guardei meus documentos na gaveta da escrivaninha e parei quando meu pai me ligou.

— *Oi, filha! Não recebi notícias suas hoje! Está tudo bem?*

— Estou na correria para deixar a casa apresentável —

respondi e sentei-me em minha nova cadeira confortável. — Está quase tudo pronto, assim que pendurar as cortinas, quadros, fotos e os móveis que ainda faltam, te envio um vídeo ou podemos fazer um tour por chamada.

— *Prefiro um tour quando souber que tem um sistema de alarme eficiente* — retrucou e me contive, revirando os olhos.

— Vou ligar para a empresa agora mesmo e marcar uma visita.

— *Ok! Vou desligar para que possa ligar agora mesmo.*

Eu bufei e Paul riu. Logo em seguida, liguei para o amigo do meu pai, que trabalhava com segurança privada. Levantei-me da cadeira e olhei pela janela do escritório, observando o hospital em que iria trabalhar, do outro lado, na rua dos fundos. Não sabia o que tinha depois do meu prédio, mas era possível ver um telhado. Decidi dar uma volta mais tarde para descobrir.

Morar tão perto do trabalho nunca era uma boa ideia, porque eu sempre seria a primeira a ser chamada em emergências, mas fiquei com medo de morar longe e não me habituar ao trânsito, metrô ou coisas do tipo.

Capítulo Dois

Elizabeth

O amigo do meu pai me ligou, informando estar no portão.

Desci e fiz um tour com ele pelo andar de baixo, completamente vazio porque não tinha um carro. Subimos e mostrei o apartamento.

Ele estava acompanhado de dois rapazes e ambos me mostraram o melhor sistema de alarme, códigos e interfone, deixando meu portão elétrico se eu quisesse e concordei. Fechamos um pacote de serviços e eles ficaram de voltar para instalar tudo no dia seguinte bem cedinho.

Acompanhei-os até a porta, bastante satisfeita. *Meu pai e os amigos dele.*

Ninguém além dos mais próximos sabia quem era Paul.

Ele era dono de uma das maiores empresas de segurança particular do país, General do Exército aposentado e um pai muito protetor. Sendo filha única por parte dele, sempre tive tudo. Já a minha mãe, separou-se dele quando eu tinha três anos de idade e foi viver com Keith, tendo Vicky alguns anos mais tarde.

Morei com minha mãe até os doze anos de idade e depois pedi para viver com meu pai, quando fui uma criança mais feliz.

Minha infância com a minha mãe não foi fácil e nosso relacionamento ficou tolerável quando eu só tinha que passar os verões com ela.

Resolvi terminar de limpar o escritório, ajeitei-o completamente e saí para comprar uma furadeira, assim como outras ferramentas que toda mulher deveria ter em casa. Instalei a máquina de lavar no andar de baixo, perto de uma pia que não era bem um tanque, mas boa o suficiente para lavar roupas pequenas.

Instalei a secadora, arrastei uma tábua de passar ali no canto e deixei o ferro. Seria uma espécie de garagem e lavanderia também.

Subi novamente e furei os buracos no alto das janelas da sala, onde pendurei as imensas cortinas brancas, limpei e repeti o mesmo processo nos outros cômodos. Pendurei quadros e as

minhas fotos de criança com meu pai, algumas depois de adulta e uma em que estávamos dançando em seu casamento.

Recebi os últimos móveis, montei-os sozinha mesmo e arrumei as roupas em meu armário. Eu não tinha mais tempo para deixar tudo apresentável. Minha terapeuta diria que eu devia ser menos psicótica, mas depois de Chase e de toda a dor, eu não conseguia parar até encontrar a perfeição. Eu precisava de tudo no devido lugar ou jamais me sentiria inteira.

Passei meus novos jalecos, que tinham meu nome e o símbolo do hospital, e deixei-os no armário. Sempre deixava três limpos. Com tudo pronto, fui para o meu quarto terminar de colar os quadros na parede, espalhei algumas coisas que comprei, como miniaturas dos pontos turísticos mais famosos do mundo, guardei minhas maquiagens e alinhei o espelho na parede, prendendo a luz.

Ao final, limpei o que ficou sujo.

Tomei banho e me joguei na cama, enrolada no roupão. Meus músculos estavam cansados e eu não queria fazer mais nada. Tirei um necessário cochilo, renovando minhas energias e depois, fui para o primeiro andar.

Peguei meu celular e assisti tutoriais de bordado, um passatempo que tinha desde menina e esperava retomar quando ficasse livre. Abri uma garrafa de vinho e fiquei jogada no sofá, olhando para a tevê, sem prestar atenção, até estar bêbada o suficiente para dormir novamente.

De manhã cedo, a empresa de segurança chegou e eles ficaram o dia inteiro instalando o sistema de alarme, fazendo vários testes e me ensinando uma série de coisas. Quando anoiteceu, desci para colocar o lixo.

— Olá? — uma voz masculina me chamou e me virei, confusa. Nos fundos do beco onde eu colocava o lixo, estava um homem alto. — O corretor me contou que se mudou essa semana.

Sou seu inquilino.

— Oi? — retruquei, confusa. *Alguém* realmente deixou passar aquele detalhe. Ele se aproximou mais e pude ver seu rosto

melhor, era bem bonito, com um sorriso de covinhas.

— Eu alugo o bar, quer dizer, a parte da outra rua. Lá é o meu bar — explicou e estendeu a mão. — Sou Tom.

— Elizabeth — respondi, ainda meio receosa. — Esse beco dá na outra rua? — questionei, curiosa, ciente de que seria excelente cortar caminho, mas ele parecia bem escuro. — Tem como iluminar mais aqui?

— Acho que sim. — Deu de ombros e olhou para os postes de luz sem lâmpadas.

— Desculpe, Samyr não me falou nada sobre inquilinos e acho que vou arrancar o pescoço dele por isso — confessei e ele riu. — Um bar? Caramba!

— É um ambiente bem agradável e frequentado pelas melhores pessoas da região. E não se preocupe, não atraio bêbados idiotas. Temos seguranças também, então, não fique com medo.

— É bom saber, Tom.

— Por que não vem conhecer hoje? — ofereceu e achei uma boa ideia.

— Tudo bem, eu vou só trocar de roupa.

— Amor? — Uma voz feminina surgiu atrás de nós e ela parecia meio desconfiada quando me viu. — Olá! Sou Jen!

— Elizabeth.

— Minha esposa. — Tom acrescentou com um sorriso. — Ela está me ajudando essa semana. Querida, ela é a nova proprietária

— disse e ela sorriu mais relaxada.

— Kebi falou que você é nova na cidade e eu vim aqui ontem, mas não soube como te chamar. Não encontrei campainha — Jen disse e eu ri.

— Hoje eu tenho interfone! Em todo caso, vou trocar de roupa e encontro vocês lá. — Eles acenaram animados.

Eu vou matar o Samyr.

Liguei e ele não atendeu. Enviei uma série de carinhas furiosas por mensagem. *Inquilinos?* Eu não tinha tempo para lidar com inquilinos! Troquei de roupa, soltei meu cabelo e passei uma maquiagem um pouco mais elaborada. Apesar de não ser fã de frequentar bares, gostava de beber e achei uma boa oportunidade para fazer amizade com meus vizinhos mais próximos. Vesti uma blusa preta justa, que deixava meus seios bem atraentes, jeans e um Oxford caramelo. Coloquei meus cartões e dinheiro no bolso e peguei meu celular.

Fiquei apreensiva em passar pelo beco, então segui pela rua, dando a volta na próxima esquina. Olhei para o hospital antes de entrar. Jen sorriu pra mim atrás do balcão, tirei meu casaco e o pendurei no encosto da cadeira alta antes

de me sentar. Era um ambiente à meia luz, bem decorado e não estava lotado, mas era preciso procurar alguma mesa vazia.

Havia um grupo ruidoso de homens ao fundo, jogando dardos e outros ao redor de uma mesa de sinuca. Jen colocou um copo na minha frente e atendeu outro cliente no final do balcão. Provei e gostei. Era uma mistura de soda, limão e vodka com alguma coisa colorida mais doce para quebrar o azedinho. Sempre que era possível, tanto ela quanto Tom vinham conversar comigo.

O bar funcionava há quase quatro anos, praticamente o mesmo tempo do casamento deles, que namoravam desde o colégio. Jen era enfermeira e nos tempos livres ajudava o marido a servir às mesas. Eles eram um casal simpático e quando deu nove da noite, o bar ficou bem cheio. A cadeira ao meu lado foi ocupada e não me preocupei de olhar, distraída com meu telefone.

— O que vai querer hoje? — Jen perguntou.

— Uísque. Puro. Duas doses logo — o homem respondeu e me surpreendi com o quanto a sua voz era agradável.

— Dia longo? — ela perguntou com uma risada, empurrando o copo em sua direção.

— Não via a hora de acabar — ele retrucou e percebi que virou em minha direção. Era bonito. Olhos verdes, com uma

expressão cansada, cabelos uma mistura de castanho com loiro, meio bagunçado. Todo conjunto de nariz, boca, testa e barba para fazer lhe davam ar de modelo fotográfico meio desleixado. — Olá! É

um rosto novo aqui... — disse pra mim e lhe dei um meio sorriso.

— Olá.

Não ofereci nenhuma informação e pedi para Jen me dar mais uma bebida. Ela me deu outro copo e colocou uma cestinha de amendoins japoneses entre nós dois. Peguei alguns e quebrei a casca, comendo apenas a parte de dentro.

— Não quero parecer insistente ou clichê, mas, vem sempre aqui? — Ele estava pensando em um jeito de chegar em mim.

Homens.

— Não. Realmente sou um rosto novo. É a minha primeira vez.

— Sawyer Reedburn. E você? — Apresentou-se e apertei sua mão. Não comentei que achava o nome dele vagamente familiar. — Sem nome em troca? Vou te chamar de *Desconhecida do Bar?*

— Não, obrigada. Sou Elizabeth.

Tom deixou outro copo para Sawyer.

— Sawyer, é melhor que você deixe uma boa impressão da cidade para ela. Elizabeth é nova aqui. — Ele riu do meu corar.

— Nova na cidade? — Sawyer retrucou e me deu uma olhada que me deixou aquecida. — Isso é ótimo. Nasci e fui criado em Nova Iorque. — Arqueei minha sobrancelha. Ele tinha um sotaque nada nova-iorquino. — Tudo bem, talvez

seja exagero dizer que morei aqui a minha vida inteira, passei um tempo fora do país, mas ainda sou a melhor pessoa para te indicar lugares que você deve ir e os que deve evitar.

— É mesmo?

— Estou falando muito sério! Nova Iorque é uma cidade imensa e tem muito o que fazer por aqui. Tenho certeza de que não quer carregar o arrependimento de não ter conhecido a cidade como

ela merece — argumentou e eu ri, sentindo-me relaxada com a bebida.

Não era de conversar com estranhos, mas ele estava sendo inofensivo, mesmo que parte de mim quisesse que ele não ficasse só na conversinha fiada. Fazia muito tempo que não tinha um contato íntimo com o sexo masculino. Meu último caso foi um amigo colorido, médico e companheiro no meu antigo trabalho. Ele foi chamado novamente para uma missão e não o via há meses.

Não tive tempo para flertar com ninguém ao ponto de ter um sexo satisfatório. Também não costumava transar com caras que conhecia em um bar. Como médica, sabia dos riscos que uma noite irresponsável podia trazer e não me colocava nessa linha.

Mas... Não custava nada dar uma chance naquela noite.

Sawyer conseguiu me atrair para uma conversa sobre a cidade, deixando-me completamente hipnotizada por sua fala mansa. Viramos de frente um para o outro e em dado momento, me vi com o cabelo todo enrolado, gargalhando de suas piadas prontas.

Ele fez um mapa da região, desenhando os melhores restaurantes em um guardanapo e não passou despercebido que anotou seu número no canto inferior.

Perdi as contas de quantas bebidas tomei. Conversar com ele mudou toda a minha noite. Quando o flerte começou a ficar mais intenso, percebi que o bar estava ainda mais cheio e tinha gente por todo o lado. Como Tom e Jen estavam dando conta, não fazia ideia, mas aquilo deu motivo para Sawyer puxar a minha cadeira mais para perto de si e nossas pernas estavam se tocando.

Nós não falamos sobre trabalho ou nossas vidas particulares, apenas sabia seu nome e os lugares que mais gostava da cidade.

Ele não perguntou de onde eu vim, também não ofereci nenhuma informação. Era apenas um cara bonito, divertido, que eu podia dar uns beijos antes de ir embora, mas não me senti à vontade de fazer tal coisa em um bar tão cheio e com muita gente que provavelmente frequentava o lugar há muito tempo.

Sawyer já havia parado de beber, parecia sóbrio novamente e quando vi que estava tarde demais, pedi a conta a Jen, que disse que naquela noite seria por conta da casa, já que era a minha primeira vez. Insisti em pagar e ela não deixou. Peguei meu casaco e aproveitei que Sawyer foi ao banheiro para sair. Eu não queria ser aquela a me despedir. O que iria dizer *“Tchau, Sawyer! Você foi um parceiro de balcão bem legal”*?

A verdade era que fazia muito tempo e me sentia velha para certos tipos de aventuras. Passei o meu primeiro ano de solteira conhecendo todo tipo de cara e todo babaca, fazendo sexo com todos os namoradinhos que encontrei,

mas eu era uma garota recém-divorciada, com o coração partido, vinte e seis anos e terminando a residência, enquanto a maioria dos meus colegas eram mais velhos.

O fato de ter pulado parte do ensino médio me fez ser a jovem cérebro da turma, quando passei a me relacionar com alguns colegas, eles ficaram surpresos ao perceber que eu não era apenas uma garota pequena e sim, uma mulher que também fazia sexo.

A madrugada estava fria e senti a parede de gelo conforme saí do bar abafado. Coloquei meu casaco e considerei seriamente cortar caminho pelo beco, porque a rua estava bem deserta, mas não havia como enxergar um palmo à frente do meu nariz e achei que não valia à pena o risco. Enfiei as mãos nos bolsos e andei olhando ao redor, preparada para qualquer movimento estranho, percebendo que meu pai havia me transformado em uma pessoa completamente paranoica.

— Elizabeth! Ei! — Sawyer gritou e me virei, vendo-o correndo até mim. — Como pode ter ido embora sem se despedir?

— Sinto muito. Não sou muito boa com isso.

— Não tem problema — ele disse e chegou mais perto. — Só não queria que fosse embora sem ter um bom motivo para me ligar.

— O quê? — Soltei uma risada.

Segurando meu rosto, ele me beijou e não me senti surpresa, porque eu queria aquele beijo desde que passei a maior parte da

noite hipnotizada pelos seus lábios. Fazia muito tempo que eu não era beijada com tanto desejo e quando nos separamos, apenas sorrimos e nos beijamos ainda mais.

— Acho que agora tenho um motivo para te ligar — sussurrei contra seus lábios e ele desceu a boca para o meu pescoço. — Mas eu tenho que ir. Não quero ficar aqui na esquina e estou congelando.

— Você está esperando algum táxi?

— Não. Moro bem pertinho.

— Ok. Eu vou com você — ofereceu-se e fiquei parada. —

Vamos?

Era melhor uma companhia do que ir sozinha, em compensação, se ele fosse um lunático, saberia meu endereço. Mas eu não podia ter medo, coloquei alarmes por toda a casa por causa daquilo. Virei e segui a rua com ele ao lado, mostrando a cafeteria que disse que era maravilhosa e o melhor restaurante da cidade na outra esquina. Virei novamente a rua e andamos um pouco. Ele franziu o cenho quando parei e tirei a chave do bolso.

— Você mora *aqui*? — Souu surpreso. Balancei a cabeça e mordi meu lábio. — Nós poderíamos ter passado pelo beco. —

Encolhi os ombros.

— Ele é muito escuro — retruquei e ele chegou bem mais perto. Encostei-me em meu portão, sentindo seu corpo próximo ao meu.

— Eu te protegeria — falou baixinho e beijou minha bochecha.

Suas mãos saíram da base comportada da minha cintura para o meu quadril, indo diretamente para a minha bunda, me erguendo no seu colo, começando um amasso que eu adoraria ter tido quando adolescente. Esfreguei-me na protuberância de seu jeans, debatendo-me internamente se eu deveria convidá-lo para entrar, afinal de contas, não havia mal nenhum em ter uma noite de sexo quente antes de começar a trabalhar.

Não era certo ficar no portão, tarde da noite, como dois adolescentes. Balancei a chave na frente do rosto dele, que me colocou no chão. Virei-me e ri, sentindo-o completamente colado em mim. Abri e passei minha digital no alarme, agarrando a gola de sua camisa, subindo a escada aos beijos.

Abri a porta de cima, tirando meu casaco, a blusa, o sutiã e ele foi arrancando suas roupas. Nós mal ficamos longe um do outro.

— Vamos subir. Meu quarto é em cima — murmurei contra seus lábios entre um beijo e outro.

— Camisinha. — Ele abaixou, procurando a carteira na calça e tirou dois pacotes. Eu tinha mais na minha gaveta.

Subimos aos tropeços e beijos, começando uma noite que se eu deixasse passar, iria ficar muito arrependida.

Suas mãos grandes e deliciosas passearam pela minha pele, deixando um rastro de fogo e um arrepio cresceu pela minha espinha. Joguei minha cabeça para trás, liberando meu pescoço e ganhei uma mordida. Gemi alto, arranhando seus braços e caímos na cama. Segurando os cabelos de

sua nuca, procurei sua boca, chupando a língua e me esfreguei na ereção que implorava para ser liberada da cueca.

Excitada, sentia minha calcinha grudada nos meus grandes lábios. Ele sorriu, puxando o tecido para baixo, dando uma olhada em minha boceta e depois para meu rosto. A maneira como ele me fazia pegar fogo era completamente inesperada. Nunca tinha sentido tanta intensidade com um homem que havia acabado de conhecer.

Sawyer me fez tremer e gozar como nunca. Eu me senti tão conectada que com toda certeza não seria apenas uma noite. Eu buscava por mais.

Capítulo Três.

Sawyer

O celular tocando me despertou de um sono profundo.

Resmunguei com o barulho e apertei ainda mais a mulher em meus braços, que soltou uma risadinha e pegou o telefone. Abri os olhos e vi a hora no relógio do outro lado da cama, percebendo que estava muito, mas , *muito* atrasado . Levantei bruscamente e ela abriu os olhos, sonolenta, olhando-me meio preocupada.

Como podia ser ainda mais bonita? Bagunçada, com os lábios lindos e inchados, com um pouco de maquiagem para todo lado... Eu a queria naquele momento e já que estava atrasado...

Mergulhei em sua direção, beijando sua boca. Ela virou, me recebendo, dando um pulinho com o beliscão no mamilo que puxei.

Levando minha mão para entre suas pernas, notei que a boceta ainda estava melada da nossa última vez. Empurrei meu dedo, fodendo-a lentamente para preparar o caminho que estava desesperado para trilhar. Acariciei seu clitóris, adorando o gemidinho que soltou contra meus lábios, abrindo um sorriso safado que fez com que meu pau ficasse feliz em ter a camisinha nele.

Elizabeth me acomodou entre suas pernas. Ela dobrou os joelhos, encontrando-me a cada estocada, sedenta em começarmos o dia com aquela dança incrível. Eu meti gostoso, sem querer sair dali. Não precisávamos de preliminares, apenas desejo, *muito desejo*. Foi um sexo maravilhoso.

— Isso foi muito bom. Bom dia — Elizabeth gemeu e eu beijei sua boca novamente. Rolei para o lado, muito satisfeito.

— Foi mais do que bom — concordei e virei-me de lado. —

Mas eu tenho que ir trabalhar — resmunguei e ela sorriu. *Linda*.

— Imaginei que estivesse atrasado.

— Estou. E como já estava, não precisava sair correndo —

retruquei e ela me beijou. *Porra*. Nunca sairia daquela cama se continuasse com aquela tentação me provocando.

— Cafeína ajuda? — questionou, levantando-se e admirei seu corpo nu. Ela se enrolou em um roupão. — Tem toalhas limpas no banheiro, vou descer para fazer um pouco de café.

Elizabeth saiu do quarto e eu fui para o banheiro tipicamente feminino. Entrei no chuveiro quente, tomei banho, lavei a boca com enxaguante bucal, pensando na sorte que tive ao sair de um dia particularmente ruim e entrar no bar de Tom para beber alguma coisa antes de ir embora para casa. Minha intenção era dormir e fingir que minha vida pessoal não estava um inferno.

Eu a observei de costas primeiro. Parecia formosa. De lado, tive uma boa visão dos seios redondos na blusa apertada e quando virou-se de frente, me perdi naqueles olhos castanhos profundos, adornados com cílios volumosos. Ela parecia uma boneca delicada com a pele tão clara e quando sorriu, podia cair de joelhos ali mesmo e me arrastar aos seus pés.

Era uma mulher interessante, foi a primeira que não vomitou sua história em meus ouvidos ou choramingou fazendo charme. Na verdade, pouco falou de sua vida e para ser sincero, além do endereço, eu não sabia quem ela era de fato.

O apartamento era amplo, da porta do quarto era possível vê-la na cozinha, fazendo café em uma máquina monstruosa que provavelmente me deixaria ainda mais ligado. Cafeína era o caminho para o meu coração.

Desci a escada, peguei minha blusa, calça e me vesti diante dos olhos atentos dela. Ajeitei minha roupa o máximo que deu e segui em sua direção. Ela me estendeu uma caneca de café puro e dei um gole. *Muito bom*. Bebi tranquilamente, olhando em seus olhos. Ela também estava com uma caneca, parecendo adorável e me excitando porque eu sabia que não havia roupas por baixo daquele roupão.

Abaixei minha caneca e ela também. Nossos lábios colaram um no outro e beijei-a com toda fome e vontade que ainda sentia.

Meu celular começou a tocar. Ela riu e ajeitou a gola da minha camisa.

— Vá trabalhar.

— Cadê seu telefone? — pedi e ela apontou lá para cima.

Anotei meu número em um papel e coloquei em sua geladeira. —

Não vou esperar que me ligue.

— Eu te ligo. Vá trabalhar. — Piscou e desci a escada. Ela destravou o portão de cima e eu o fechei.

Não havia melhor forma de começar o dia. Corri até o hospital, tirei meu crachá e jaleco limpo do carro, entrei e passei o ponto, que apitou porque eu estava muito atrasado. Segui direto para a sala dos médicos, troquei de roupa, coloquei meu scrub azul marinho, enfiei minha bandana no bolso do jaleco, celular, caneta...

Parecia não estar esquecendo de nada.

Escovei os dentes e saí, entrando no elevador, indo diretamente para a ala da cardiologia. Não tinha nenhuma cirurgia agendada para aquele dia, assim como meu celular não havia tocado para emergências.

— Bom dia, doutor Reedburn. — Jen passou por mim e eu lhe dei um aceno. — Estou cobrindo aqui hoje, então, vou te atualizar.

— Tem certeza de que não quer trabalhar aqui, não? É a segunda vez essa semana.

— Não sou eu que decido, contanto que fique nos *pós-operatório*, pra mim está ótimo. — Ela me esticou a folha da sala de cirurgia. — Seus residentes já começaram os exames invasivos do dia, tem duas angioplastias, três cateterismos e uma revascularização só para mais tarde. Os pacientes internados nessa madrugada e hoje, os enfermeiros já estão colhendo exames e o laboratório está todo funcionando, deve tê-los até o horário da visita.

Hoje começam novos internos, então, é melhor descer antes que o chefe perceba que chegou atrasado.

— Você é a melhor, Jen.

Desci a escada até o primeiro andar, onde havia a recepção principal e também onde metade dos meus colegas atendentes estava, junto a todos os residentes e os novos internos, estudantes

de medicina no primeiro ano da residência. Eu mesmo fui um garoto nervoso alguns anos atrás, nesse mesmo hospital. Passei um tempo fora e voltei no final da minha residência, e foi um bom período pra mim.

Enfiei as mãos nos bolsos do meu jaleco e ouvi o discurso do chefe, Joshua Ferguson, meu mentor, tio e padrinho. Meu segundo pai, para todos os efeitos. Observei Audrey Ferguson no meio da multidão de internos. Nervosa, seus olhos verdes estavam arregalados. Minha garotinha era uma médica.

Cooper Marks parou ao meu lado e eu apontei para Audrey.

Ele era meu amigo há muitos anos, um dos melhores neurocirurgiões do país e conhecia minha priminha. Ele deu um sorriso de lobo e dei-lhe uma cotovelada. Ele sabia que Audrey era proibida. Honestamente, eu não sabia qual das internas iria escorregar diretamente para a cama dele naquela noite, mas era certo que uma delas iria.

Jules Lawrence, cirurgiã plástica, parou do meu outro lado e bufou para a análise de Cooper. Os dois não se toleravam muito. Ou quase nada, considerando que ela era bissexual e namorava uma das enfermeiras que a traiu com Cooper alguns meses atrás. O que eles não se bicavam em um momento, viraram inimigos mortais no outro.

— Novos pintinhos chegando. Estou contabilizando as gatinhas. — Diego, cirurgião ortopédico, chegou atrás de mim. Nós rimos. Ele iria me provocar. — Acho que vou continuar com a minha namorada mesmo. A mais interessante é proibida para todos.

— É melhor mesmo — rebati e observei Ângela no meio dos residentes do quinto ano. — Ela era a mais bonita da sua turma e você pegou primeiro.

— Tenho meus dons. Ela é a melhor — ele disse com orgulho.

— O que é melhor? — Jace Rae, obstetra, chegou e parou ao lado de Diego. — Audrey gatinha é um novo pintinho. Tomara que ela seja selecionada pela minha residente.

Dei uma cotovelada em sua barriga. Ele se dobrou, rindo, porque eu odiava que meus amigos dessem em cima da minha prima.

— Vou adorar contar para o chefe que todos vocês estão cobiçando a única filha dele — Jules murmurou baixinho e

continuamos olhando Joshua discursar sobre o hospital. — Parece que Sawyer não foi o único a chegar atrasado hoje. Também voltou com a mesma roupa, Jace?

— Não. Deu tempo de ir em casa — ele respondeu e ela riu, querendo saber o que eu fiz na noite anterior. — Acho que Sawyer não teve muito tempo, ainda mais que ontem ele estava com uma linda...

Dei outra cotovelada e ele riu. Jules apenas me olhou.

— Não se preocupe, não é Bryce — garanti rapidamente para ela.

Falando no diabo...

— Não sou eu o quê? — Bryce Newman parou do outro lado de Diego. — Bom dia a todos, em especial para você, Sawyer.

Dormiu bem?

— Muito bem — rebati de forma seca e automaticamente pensei em Elizabeth e na noite maravilhosa que tivemos. — Isso vai demorar uma eternidade. — Suspirei, observando a assistente de Joshua nomeando os internos de cada residente. Fiz sinal para Amber Maverick, minha fria e insensível residente de cardiologia, a melhor de todas, e saí de lá. Percebi que cada um seguiu para um lado.

Eu tinha que me preparar para as visitas, analisar novos casos e antes de tudo, alimentar meu estômago faminto. Comprei um bolinho de chocolate que era maravilhoso e mais um copo de café bem grande. Seria um dia em que eu não reclamaria por ter dormido pouco. Sentei-me em uma das mesas do canto e tirei o celular do jaleco, percebendo

que a ligação perdida era da minha mãe, então, respondi suas mensagens.

Adorava quando ela passava em meu apartamento para buscar roupas sujas e as devolvia limpas, secas, passadas e ainda preenchia a minha geladeira. Era uma das vantagens de ser filho único, a desvantagem era que ela se metia demais na minha vida.

— Posso me sentar com você? — Bryce perguntou e eu suspirei, olhando ao redor e vendo que havia muitas cadeiras vazias.

— É melhor não.

— Essa é a sua versão de *civilizados e educados no trabalho*? — Colocou o café na mesa e puxou a cadeira, sentando-se bem à minha frente.

— Essa é a minha versão de que é melhor você se afastar antes que eu decida que não vale a pena ser civilizado e educado nem aqui ou na puta que...

— Entendi. — Ela ergueu a mão e riu. — Acho que podemos ser amigos, na verdade, *devemos* ser. Temos muito em comum e não quero que nenhum dos nossos tenha que escolher um lado.

Terminei meu café e guardei meu celular. Eu não quis dizer a ela que meus amigos não eram dela.

— Não se preocupe quanto a isso. Tenho que ir. — Levantei-me e joguei meu copo fora.

— Temos uma cirurgia juntos hoje! — gritou e balancei minhas mãos.

Bryce era cirurgiã geral e não uma das atendentes.

Formamo-nos em anos diferentes e também seguimos caminhos diferentes na medicina, mas tínhamos muitas cirurgias juntos. Era comum, para minha completa infelicidade. Cheguei ao andar da cardiologia e me deparei com Amber, ou melhor, doutora Maverick, dando as instruções para seus novos internos.

— Este é o doutor Sawyer Reedburn e tenho certeza de que quem prestou atenção em seu último ano de estudo sabe quem ele é — ela disse de seu jeito enfezado. — Ele é o chefe de toda a área cardiológica do hospital e também um dos membros do conselho,

faz parte da Diretoria e será avaliador direto do desempenho de vocês, então, prestem muita atenção no que ele tem a ensinar. Não se preocupem, vocês trabalharão comigo, mas poderão conhecer e estudar outras áreas do hospital. No final do mês, faremos um rodízio e haverá trocas.

Todos eles estavam com os olhos arregalados.

— Prontuários ficam ali, o telefone de vocês foi sincronizado essa manhã para receber as chamadas, cada um tem um código e não irei repeti-los, quem não sabe, volte para o último ano da faculdade e aprenda novamente — Amber disse e eu continuei sério. Ela também não sabia no primeiro dia. — Enfermeiros não são seus empregados, eles são o sangue deste hospital. Sem enfermeiros, nada funciona. Tratem-os muito bem.

Ela roubou o meu discurso?

— Doutora Maverick, hora de começar as visitas — informei, olhando meu relógio. — Cada um pegue três prontuários —

pedi e eles correram.

Virei-me em direção ao primeiro quarto, entrei e ela seguiu com seus cinco atrás. Conversar com o paciente era vital para o tratamento dar certo, por isso não interferi, apenas expliquei procedimentos que eles não souberam entrar em detalhes, revisei alguns exames, pedi outros e assim, a manhã inteira passou fazendo visitas, algo que só era possível quando a emergência estava vazia.

Deixei Amber lidando com os internos e fugi dos olhares furtivos e bochechas coradas até a sala dos médicos. Jules estava lá, com seu notebook e alguns livros espalhados pela mesa. Peguei meu próprio computador na pasta e resolvi que era um bom momento para estudar um novo tipo de transplante pulmonar desenvolvido no Canadá.

— Não vai me contar quem foi a de ontem? — Jules começou e eu balancei a cabeça negativamente. — Não? Então gostou dela? — Fiz que sim e ela me olhou acima dos seus óculos de armação branca. — Você gostou dela ao ponto de não tecer

nenhum comentário sobre a noite? Foi tão bom assim? — insistiu e ri, concordando de novo. — Uau. Vai ligar para ela?

Foi aí que eu suspirei.

— Eu não tenho o número dela.

— Não pediu?

— Eu dei o meu e ela não me ligou de volta até agora, então eu não sei se terei o número dela.

— Uma garota passou a noite com você e não te deu o número? Tem certeza de que foi tão bom assim?

— Claro que tenho! Foi épico, de tremer as paredes e incrível! É claro que foi ótimo! — retruquei e Jules gargalhou. — Ela só não me ligou ainda e está cedo, então deve estar dormindo *de tão cansada* — murmurei, fazendo-a rir ainda mais.

— Acha que terão um reencontro?

— Deus sabe que eu quero muitos outros.

Paramos o assunto quando Bryce entrou com seu computador e eu me despedi, informando que iria almoçar e depois me prepararia para um procedimento que ocuparia o restante do meu dia. O paciente era obeso e precisaria reconstruir mais de uma artéria. Encontrei Cooper e Jace no pátio, comprei um combo de batatas chips, salada e frango e sentei-me na mesma mesa em que estavam, discursando sobre cada nova interna.

Entrei na competição e mostrei a que achei mais bonita, menos aquelas que ficaram de bochechas coradas e olhares, porque aquilo me lembrava do colegial.

— Senhores médicos desta amável instituição. — Doutora Maverick parou à nossa frente. — Nesse hospital não é proibida a confraternização pessoal entre funcionários, mas, eu adoraria que vocês ficassem bem distantes das minhas internas, antes que eu tenha que causar demissões em massa por notas baixas, faltas nas aulas e pouca atenção à prática. Flertem menos. Há muitas outras mulheres no mundo, incluindo neste hospital, que não são as

minhas jovens meninas excitadas com o novo mundo que lhes apresentei. Combinado?

— Eu não sei do que você está falando, doutora Maverick —

Cooper respondeu e o olhar dela foi o suficiente para que parássemos de rir. — Combinado. Não se pode transar mais nesse hospital — ele murmurou e ela bufou.

— Não gosto de internas. — Dei de ombros. Ela sabia que era verdade.

— Não. Ele gosta de morenas gostosas e misteriosas que frequentam bares sozinhas — Jace intrometeu-se e chutei a canela dele.

— Contanto que não seja uma interna, pra mim está ótimo.
E

você, faça como ele e não se envolva com novatas. —
Doutora Maverick apontou para Jace.

— Eu sou o quê? Um puto?

— Aquele que come qualquer boceta que passa pela frente.

— Amber sorriu e deu tapinhas no ombro de Cooper. — Você é um *DILF*. Elas não resistem — ela provocou e nós rimos. Cooper tinha um filho de três meses de idade com uma garota com quem ele teve um caso de várias noites. — Minha hora de almoço está curta e considerem-se avisados. — Amber saiu e Cooper olhou para a bunda dela. Amber era uma mulher bonita, com curvas em todos os lugares certos e chamativa, mas se relacionar com ela deveria ser tão bom quanto ter uma dor de dente.

Preferia que ela fosse a minha parceira de trabalho mesmo.

Capítulo Quatro

Sawyer

Audrey passou por mim e não deu uma palavra. Ela sentou-se com um grupo de pessoas e não entendi nada. Nós três ficamos olhando e ela não virou nem uma vez em nossa direção, como se não nos conhecesse de lugar nenhum. Terminei de comer e enviei uma mensagem para o seu celular, ela respondeu dizendo que depois falaria comigo, guardou o aparelho e continuou rindo com os amigos.

— Acho que nós somos velhos demais para Audrey socializar conosco — Jace murmurou.

— Só tenho trinta e quatro anos, pelo amor de Deus! —

Cooper reclamou e eu ri.

— Fiquem longe da minha doce prima de apenas vinte e cinco anos — avisei e me levantei. — O dia hoje está voando e eu tenho trabalho agora. Se Deus quiser, o paciente vai direto para a UTI e eu vou direto para a minha casa.

— Nada de bar hoje com mulheres misteriosas? — Jace perguntou e eu ri, negando. — Eu ia chegar nela, mas entre uma jogada e outra na sinuca, ela já estava toda sorrisos para você.

— Sinto muito se fui mais rápido. Agora a mulher é minha e é melhor você ficar bem longe.

— Recado dado e recado anotado. — Jace ergueu a mão e seu telefone apitou. - Ótimo. Parto de Emergência no pronto-socorro.

— Vá embora, esquadrão da vagina. — Cooper bateu nele e seu telefone apitou. — Criança caiu e bateu com a cabeça. Sinal de desmaio — ele murmurou e me olhou. — Não vai à

festa de despedida da sua sogra? Whitney Newman está se aposentando.

Hoje é o último dia dela.

— Não, eu passo.

Conversei com meu paciente antes do procedimento, na presença de Amber e Bryce. As duas também sanaram as dúvidas e finalizamos com a família. Como a preparação do paciente para sala de cirurgia demorava mais ou menos meia hora, fui até a sala do meu tio roubar uns chocolates, os comi no caminho e voltei correndo para a área da sala de cirurgia, me preparando com a roupa operatória, higienizando as mãos antes de entrar.

Bryce entrou alguns minutos depois e Amber foi a última. A sala de observação estava lotada, era sempre assim nas primeiras semanas de internos no hospital. Eles queriam assistir tudo e participar de todas as cirurgias possíveis.

Sair da cirurgia com o paciente vivo e estável era uma alegria, mas eu estava destruído com todas as complicações que tivemos e a pressão de contornar a cada momento. Eu e Bryce não nos dávamos muito bem na sala de cirurgia e isso devia ser um indicativo de que o nosso relacionamento não daria certo. Conversei com a família, reforcei a necessidade de o paciente perder peso imediatamente e permiti uma rápida visita logo que fosse transferido para a UTI.

Expliquei o pós-operatório para os internos e fiz o relatório da cirurgia no prontuário, a parte mais chata, que eu preferia fazer sempre que terminava ou só acumularia. Assinei o relatório de Amber, fiz algumas rondas, tirei minhas duas horas de atraso na emergência e fui tomar banho.

Troquei-me e recolhi todas as minhas roupas sujas, pensando em já deixar na minha mãe, porque onde morava não era permitido ter lavanderias e eu tinha que procurar uma. Não tinha como ir ao Tom naquela noite, mas estava rezando para que Elizabeth me ligasse, nem que fosse para jogar conversa fora, mas principalmente para voltar para o apartamento dela.

Meu telefone tocou no meio do caminho para a casa da minha mãe. Era minha tia, Meredith.

— Oi tia, estou dirigindo. Fale rápido.

— *Seu tio ainda está preso na despedida da doutora Newman, mas eu fiz um jantar para comemorar o primeiro dia da Audrey. Pode vir?*

— Eu nunca nego a sua comida, tia. Não conte para a minha mãe.

— *Tarde demais, ela já ouviu. Chamei os meninos também, eles devem chegar em breve. Não demore.*

Minha tia Meredith era uma das pessoas mais incríveis que conhecia e uma das melhores cozinheiras também. Ela sempre guardava um prato de jantar no forno quando sabia que minha mãe iria fazer mais um experimento na cozinha. Eu fugia, entrava pelos fundos, comia e voltava para casa. Minha mãe era um doce de pessoa, amorosa, mas péssima cozinheira.

Peguei um engarrafamento imenso para chegar em Long Island e quando cheguei, parei nos portões da casa da minha tia, esperando a segurança liberar minha entrada. Estacionei próximo à garagem, na vaga do meu tio, apenas para que ele entrasse reclamando.

— Aí está você, querido. — Tia Meredith me abraçou apertado logo que entrei em sua casa.

Uma figura muito parecida com minha tia parou no fim do corredor, de braços cruzados. Elas eram gêmeas, não tão idênticas, mas extremamente parecidas. Minha mãe estava carrancuda e eu sabia o motivo.

— Mãe, você é maravilhosa, já te disse isso? — Abracei-a, mesmo com seus braços no caminho. — Te amo, linda. Amo muito!

— Quer dizer que a comida da sua tia é melhor do que a minha?

— Eu te amo? — Beije a sua bochecha e ganhei um tapa no braço. — Como você está hoje?

— Bem. Bryce me ligou.

— Não estamos falando sobre Bryce, lembra? — retruquei impaciente.

— Calma. Eu não atendi, serei sempre *Team Sawyer*, não importa o quê. — Piscou e voltou para a cozinha.

— Graças a Deus você se livrou dela. — Tia Meredith passou por mim e revirei os olhos.

Quando eu estava com Bryce, as duas faziam da minha vida um inferno por não gostarem tanto da minha ex-esposa quanto da mãe dela, Whitney. Além disso, minha tia Meredith tinha eterna implicância por acreditar que a minha ex-sogra dava em cima do meu tio e minha mãe apoiava aquelas teorias porque quando meu pai ainda era um médico naquele hospital, era a mesma ladainha.

Addison Reedburn e Meredith Ferguson eram a dupla do mal que nenhuma namorada minha aguentou. Bryce reclamava todos os dias das alfinetadas que minha mãe lhe dava. Era um inferno.

Quando nos separamos, as duas pareciam terem ganhado um presente de Natal. Verdade seja dita, na mente distorcida delas, nenhuma mulher seria boa o suficiente para mim.

Audrey pulou nas minhas costas e me deu um beijo na bochecha.

— Eu fiz uma massagem cardíaca em uma criança hoje e ela simplesmente voltou! Incrível! Fiquei tão maravilhada! Foi muita adrenalina! — ela gritou, pulando na minha frente.
— Desculpe não falar com vocês hoje, mas é muito difícil ser chamada de doutora Ferguson, todo mundo logo me associa ao papai e ficam me olhando estranho. Eu passei na prova, oras! Mereço estar lá e para provar isso, não vou me relacionar com vocês no trabalho. — Ela me deu uma piscadinha.

— Todo mundo sabe que você é minha prima, Audrey.

Ela fez um beicinho.

— Me dá um tempinho para provar o meu valor?

— Todo o tempo do mundo. Está com a pediatria ou na emergência?

— Ficamos nos dois, mas eu fui selecionada para o grupo da doutora Lovely, ela foi bem gentil, disseram que a doutora Maverick

foi muito severa e ela numerou cada um dos nossos colegas para não ter que gravar seus nomes. Infelizmente, todo mundo sabe o meu — ela retrucou e eu ri, era bem a cara de Amber fazer aquele tipo de coisa.

— Família, cheguei! — Cooper entrou segurando o filho, Mason e eu rapidamente peguei meu afilhado no colo. — Isso!

Fique com seu padrinho.

— Você acabou de buscá-lo, seu insensível — Audrey retrucou.

— Ele chora. Ele só enxerga os peitos da mãe dele e quando está longe, chora. — Cooper encolheu os ombros.

— Você também só enxergou os peitos da mãe dele por muito tempo — provoquei e nós rimos, Audrey grunhiu. — A pequena aqui está na pediatria.

— Como foi o último dia da doutora Newman?

— Acho que ela não estava se importando muito — Audrey respondeu e seguimos para a área externa, onde minha mãe e minha tia estavam sentadas conversando com meu pai. — A doutora Lovely identificou que uma das crianças internadas há dois dias precisava fazer uma nova TC e ela disse que *“poderia ser feito depois, porque era pediatra e não neuro”*.

— Vadia. — Cooper tossiu e nós rimos.

— E aí, pai. Você está bem hoje? — Sentei-me ao lado dele e ele me deu um sorriso como se não me conhecesse. — Sou eu, Sawyer.

— Ah. Eu também sou Sawyer. — Ele sorriu e deixou de lado.

Em alguns dias ele não me reconhecia. — Meu filho também. Foi uma surpresa da minha esposa — completou e apontou para Mason, no colo da minha mãe, como se fosse eu. Apertei sua mão.

Ele voltou a olhar para o nada.

— Está tranquilo hoje. Acordou achando que você acabou de nascer — mamãe disse atrás de mim. — Vai ficar tudo bem, eu sei

lidar com seu pai, qualquer coisa sua tia Meredith fica comigo. Nada de preocupações.

Há alguns anos meu pai foi diagnosticado com Alzheimer e a doença avançou muito rápido, obrigando-o a uma aposentadoria antes do necessário. Nunca foi cogitada uma casa de repouso, porque sabia que a minha mãe morreria ao deixar meu pai longe dela. Contratamos uma boa equipe para ajudá-la em casa, mas havia dias que ele ficava impossível e eu era obrigado a colocá-lo para dormir, com dor no coração de chegar a esse tipo de tratamento com meu próprio pai.

O renomado doutor Sawyer Reedburn, o homem que inventou o *by-pass* Reedburn e fez o primeiro e único transplante pulmonar nos Estados Unidos cujo paciente sobreviveu e teve cem por cento de recuperação.

Tia Meredith serviu vinho para minha mãe e Audrey. Cooper saiu da cozinha com refrigerante e cerveja. Ele nunca bebia quando estava com o filho, então, peguei a cerveja e abri, virando-a quase pela metade de uma vez só. Estava com sede e um pouco cansado.

Meu celular continuava sem nenhuma chamada perdida e me perguntei se as garotas que eu pegava o telefone também sentiam a mesma ansiedade que estava sentindo em relação a uma ligação que nunca chegava. Jace chegou e foi recebido com a mesma alegria usual da minha mãe e tia. Ele pegou uma cerveja, fez uma gracinha com Mason e balançou o cabelo de Audrey, que bateu nele, irritada.

— Amanhã é meu primeiro plantão de trinta e seis horas, então, eu quero todas as dicas legais — Audrey disse, brincando com a taça de vinho.

— Você não me disse que queria vencer por si mesma?

Descubra — retruquei e ela fez uma careta. — Não tome banho descalça. — Cedi, dando uma informação importante.

— Os banheiros são limpos regularmente, mas outras pessoas usam o mesmo chuveiro que você, então, não confie —

Jace completou.

— Nunca compre nada na cafeteria de cima, o café é ruim e os bolos são solados. Beba café da sala da enfermagem, é o melhor, ou da cafeteria do pátio. Também almoce lá, o restaurante tem comidas maravilhosas e pesadas, que vão te dar sono —

Cooper sugeriu.

— O restante é melhor você descobrir sozinha — finalizei, não querendo que ela tivesse nenhuma vantagem, já que fingiria que não me conhece no hospital.

— Vai ser divertido, lembro do meu primeiro plantão. Sawyer corava cada vez que a obstetra da época falava

com ele e Cooper passou o dia inteiro sofrendo de dor de barriga. Foi épico. — Jace riu e minha mãe bateu nele, ela sempre defendia Cooper.

Meu telefone continuava sem nenhum sinal de vida, exceto pelas mensagens ocasionais de alguns colegas em grupos, mas nenhuma ligação. *Nada*. Quando finalmente tocou, era meu advogado, mas eu não estava com cabeça para ter nenhum tipo de notícia naquele dia, principalmente ruim.

Voltei a prestar atenção na conversa e Audrey contou suas experiências primárias com pacientes, como foi a primeira aula prática, participar da emergência e seu lado profissional observando Jace em ação na hora de um parto de emergência. Também, como achou que a doutora Newman foi uma *“bitch”* com a mãe e que a doutora Lovely era muito doce.

Mal via a hora da minha prima finalmente se familiarizar com a rotina hospitalar, sabia que ela iria amar, não só porque éramos uma família de médicos. Minha mãe era psiquiatra, tia Meredith uma excelente dermatologista, meu pai um grande cardiologista e meu tio Joshua, cirurgião-geral. Talvez estivesse em nosso sangue viver para a ciência médica.

Decidi ser médico porque sempre foi uma paixão, meu pai me deixou aberto a escolher qualquer profissão, mas eu me sentia em casa dentro do hospital. Desejava que a minha prima também se sentisse.

— Não me esperaram para o brinde? — Tio Joshua chegou e abriu um enorme sorriso. — Um idiota parou o carro na minha vaga.

— Ergui minha cerveja. — E eu bati no carro dele, foi desatenção.

— Piscou e eu ri mais ainda. — E aí, filha? O que achou do seu primeiro dia?

Audrey contou tudo novamente e eu já estava ficando entediado.

— Amanhã é o primeiro dia da Liz, Joshua? — Tia Meredith perguntou e ele assentiu.

— Não posso acreditar que finalmente tenho a doutora Elizabeth Nichols comandando a minha pediatria. Tenho certeza de que sairemos do décimo segundo lugar de trauma com ela.

Elizabeth Nichols? Meu coração chegou a bater mais forte.

— Ela veio de Los Angeles, é especialista em atendimento de emergência em trauma e também uma renomada cirurgiã pediátrica.

Ela entrou para ciências biológicas na UW em primeiro lugar e o QI está acima do de Einstein, com memória fotográfica e tudo. Ela é um pequeno gênio.

Era ela. Elizabeth era a nova médica do hospital.

— Caramba, eu estava imaginando uma médica sexy —

Cooper brincou.

— Ela é linda — tia Meredith retrucou, orgulhosa. — Um doce de menina, de primeira ela parece muito antipática, mas quando conversamos no almoço de uma conferência, foi incrível. Eu sabia que Joshua estava sondando-a para trazer a Nova Iorque e me aproximei. Pude observá-la em ação durante o caos de um festival de surf que deu errado.

Sim, ela era linda e incrível e também nova no hospital. Fiz a promessa de não me envolver com mais ninguém do trabalho porque sempre dava merda. Eu não sabia se estava feliz ou triste.

Talvez não fosse ela, mas seria muita coincidência. Memória fotográfica, recém-chegada à cidade, muito linda e incrível? Só podia ser ela. Bebi toda a minha cerveja, ciente de que eu estava

mais ansioso do que o normal para começar um plantão de trinta e seis horas ao lado dela.

Bryce foi um trauma. Nós não trabalhávamos juntos até pouco tempo atrás e talvez tenha sido melhor para nós manter a distância, nos vermos apenas fora do ambiente profissional. Mas eu realmente sabia que mais cedo ou mais tarde nosso relacionamento iria acabar, ele foi condenado desde o começo porque éramos diferentes um do outro e perdemos o que um casal mais devia ter: o respeito.

Elizabeth não foi a primeira garota com quem dormi após a minha separação, mas foi a primeira que me deixou completamente perdido. E agora, extremamente frustrado.

Doutora Elizabeth Nichols... Quem diria?

Capítulo Cinco.

Elizabeth

Encostei-me à porta e coloquei a mão na boca, com vontade de gritar como uma garotinha. Que noite maravilhosa e surpreendente! Ele foi tão... sexy. Eu nunca tive um parceiro sexual que me deixasse fora de mim. Tivemos tantas rodadas na noite anterior que não sabia como ainda estava de pé, estando inchada e dolorida em todos os lugares

certos, mas não me importava, porque tinha seu número e talvez ligasse para ele após o meu primeiro plantão.

Dava até mais vontade de trabalhar sabendo que poderia ter um sexo muito vantajoso que tirasse todas as minhas tensões. Subi a escada para o meu quarto cantarolando, tomei banho e segurei meu travesseiro com o cheiro dele, mas eu tinha que trocar os lençóis e colocar aqueles para lavar. Continuei de roupão enquanto fazia a tarefa, sem me preocupar em vestir roupas.

Joguei-me na cama, salvei o número dele e me controlei para não enviar uma mensagem e parecer uma completa perseguidora.

Samyr respondeu às minhas mensagens e me distraí fazendo todo tipo de ameaça, mas ele disse que achou melhor não mencionar inquilinos ou eu iria desistir, e os contratos estavam no meu e-mail.

Não estava realmente chateada e confiei nele quando disse que Tom e Jen não davam trabalho algum e cuidavam bem do espaço. Salientei que era responsabilidade dele cuidar de qualquer problema, receber o aluguel e dar a atenção devida porque eu não tinha tempo para fazer nada daquilo. A conversa durou tanto que desci faminta, pronta para comer ovos fritos com torradas.

Passei pela sala e pisei em algo duro, que machucou a sola do meu pé. Abaixei e peguei a aliança de aro grosso, dourada, caída no meu piso de madeira. Dentro, estava a inscrição: *Bryce e Sawyer Reedburn, 29/10/2019.*

— Filho da puta! Ele é casado!

Eu não podia acreditar! Segurei a aliança mais apertado e desejei ligar para ele, despejar todo tipo de palavrão e

extravasar a minha raiva. Mas não conseguia fazer meus pés se moverem.

Sentei-me no sofá, completamente mortificada de ter tido uma noite de sexo tórrido com um homem casado e que ainda deixou cair a aliança no chão da minha sala! Meu rosto esquentou de vergonha e dó do coração da outra mulher, tão enganada como um dia eu fui.

Tinha pavor de traição e me senti tão suja por fazer parte de uma que era melhor que Sawyer Reedburn não aparecesse na minha frente novamente, ou eu não responderia pelos meus atos.

Irritada, guardei a aliança na gaveta da mesinha ao lado do sofá e fui para a cozinha, precisando extravasar a minha raiva. Bati a clara dos ovos com o fuê em uma bacia apenas para movimentar meu braço bruscamente e descontar a minha raiva. Fritei e comi com torradas, percebendo que acordei exuberante, feliz e muito bem comida, mas que agora me recusava a me sentir bem diante da infelicidade de outra mulher.

Lavei a louça, pensando no que deveria fazer. A aliança guardada me fazia sentir estar guardando uma granada na sala da minha casa. Não podia ficar me torturando, tinha que levar algumas coisas para o hospital mais tarde para não chegar de mala logo no primeiro dia. Decidi que arrumaria minha bolsa, focando em meu trabalho e ignorando o babaca do Sawyer para lá.

Meu celular vibrou e era a minha mãe. Já fazia dois meses que não nos falávamos e ela nunca desistia. Atendi apenas para ter sossego por mais uns dias antes que ela voltasse a me ligar.

— Oi Regina. — Coloquei no viva-voz para poder arrumar minhas coisas.

— *Oi filha, como você está? Faz um tempinho que não sei notícias suas e liguei para o hospital, me informaram que não faz mais parte do quadro de funcionários. Aconteceu alguma coisa?*

— Nada de mais. Mudei de cidade e de hospital.

— *Ah, sim. Onde está agora?*

— Em Nova Iorque — murmurei, pensando na irritação em passar informações da minha vida.

— *Ah, que máximo! Eu te desejo sucesso, você é a melhor médica desse mundo mesmo, vai tirar de letra!* — Ela soou animada. Sempre alegre, mas fez uma péssima escolha ao apoiar a outra filha.

— Obrigada. Como vai Keith?

— *Está bem. Foi promovido a gerente, não é o máximo?*

Agora eu trabalho na secretaria daquela escola aqui pertinho de casa, o salário é bom e eu consigo o seguro saúde para nós dois —

contou e eu achei uma coisa boa que ela estava se ocupando.

— Que bom. Espero que dê tudo certo sempre. Falo com você depois. Beijos. — Encerrei sem dar-lhe tempo para render mais assunto.

Era muito difícil falar com a minha mãe. Sentei-me na cama, sentindo saudades dela, porém, nosso relacionamento

nunca foi fácil, certamente não como atualmente. Recusava-me a deixá-la participar da minha vida porque significava que Vicky saberia sobre mim mais do que eu desejava que soubesse. Abanei meu rosto, sentindo-me quente e com vontade de chorar, há anos não derramava uma lágrima por essa situação.

Não precisava da minha mãe em nada na minha vida, ela tinha o marido e era feliz. Era o que importava no fim. Levantei-me e fui ao banheiro, lavei o rosto e me encarei no espelho pequeno. Eu não precisava de ninguém para ser feliz, meu trabalho era tudo que me completava.

Terminei de arrumar todas as minhas roupas e itens pessoais. Parti para itens de trabalho. Eu tinha dois computadores, um pequeno, ultraleve e fino, que sempre carregava na bolsa e um outro que deixava em casa, para minhas pesquisas.

Separei todos os carregadores, fones de ouvido e deixei meu telefone carregando para que pudesse passar no Departamento de TI do hospital e deixar que eles programassem meu telefone para chamadas, e-mails internos, conversas entre médicos e mais um

monte de coisa que não entendia direito. Era um aplicativo bem extenso que não invadia a privacidade do meu celular.

Troquei de roupa, escolhi uma calça jeans lavada, uma blusa vermelha de mangas três quartos e sapatos pretos altos. Arrumei a minha mala de couro preta e minha bolsa do mesmo tom com todos os itens que separei, depois, passei uma maquiagem caprichada.

Respirei fundo um par de vezes, fazendo uma meditação e acalmando a crise de ansiedade que parecia estar na borda.

Meu coração palpitava e as mãos tremiam, fechei os olhos, pedindo controle à minha mente.

Pronta e confiante, andei até o hospital e me identifiquei na recepção.

Doutor Joshua Ferguson não demorou a descer e como sempre, fiquei assombrada com a beleza. Ele e a esposa poderiam ser reprodutores de modelos para o mundo.

— Estou feliz que tenha vindo. — Joshua sorriu e me abraçou. — Vou te acompanhar na sala de TI e enquanto configura seu telefone, passaremos no RH para retirar seu crachá e te levarei à sala dos médicos onde pode deixar suas coisas. Dê-me a sua bolsa — pediu e a entreguei sem nenhuma cerimônia. Quando voltamos a andar, ele me ofereceu o braço. — O que tem achado da cidade? Já encontrou algum lugar para morar?

— Passei os últimos dias decorando e já está bastante habitável.

— Já sabe como funcionam as questões de ônibus e metrô?

— Não será preciso. Estou morando próximo, mas não o suficiente para me bipar o tempo todo — provoquei e ele riu, sem querer se comprometer.

— Não faço promessas.

Seguimos para o departamento de TI, depois passamos no RH e tirei foto para meu crachá, que recebi dez minutos mais tarde e ficou bom. Ferguson fez um tour rápido comigo, mas logo me mostrou o caminho para a sala dos médicos atendentes, que eram

chefes das áreas de maior atendimento do hospital, ortopedia, plástica, cardiologia, pediatria, obstetrícia e neurologia.

Cirurgiões gerais ficavam em outra sala, com alguns residentes e havia outras salas para os internos. Ele me indicou um lado, onde tinha uma poltrona, um armário de madeira até bem grandinho e uma mesinha. A sala era composta por duas mesas grandes, cadeiras acolchoadas, três sofás e algumas poltronas.

Também tinha uma mesa com cafeteira, biscoitos e vários petiscos.

Ele me entregou um pacote com seis *scrubs* limpos e sempre que precisasse, era só pedir para a copa que eles me dariam outro pacote com seis. Pendurei meus jalecos, separei os *scrubs*, guardei meus dois pares de tênis que gostava de usar para trabalhar e um de borracha que era confortável para cirurgias.

Ferguson me provocou com a organização do meu armário e me deu a chave, tranquei-o e me senti feliz, aliviada e completamente eufórica de ter a minha própria equipe para comandar e ensinar. Joshua me convidou para conhecer sua sala.

— Meu sobrinho passou por aqui. — Ele riu e me ofereceu chocolates. Aceitei uma barrinha. — Ele sempre rouba meus chocolates.

— Estou ansiosa, por mim começava hoje mesmo.

— Meredith quer organizar um jantar de boas-vindas lá em casa.

— Depois que eu sobreviver ao meu primeiro plantão, eu agradeço.

Ficamos conversando sobre o hospital e os planos que tinha para a pediatria por quase uma hora. Mergulhamos no assunto da emergência e sugeri que todos os atendentes fizessem a especialização de trauma, e eu não me negava a ser a instrutora porque era habilitada para tal.

Internamente, pensei em pedir a Peter para vir assim que desembarcasse no país novamente, se eu tive sucesso, foi por ele.

Logo que estava pronta para ir embora, uma batida na porta e uma mulher de mais de cinquenta anos, bem conservada e com

uma absoluta expressão de antipatia, entrou.

— Olha, que encontro magnífico. — Joshua sorriu e ficou de pé. — A antiga geração encontrando a nova. — Soou como uma alfinetada nos meus ouvidos. — Doutora Nichols, essa é a doutora Newman, que nos deixa hoje com um serviço de honra.

Eu não era uma pessoa que dizia *“prazer em conhecer”* se não sentia vontade.

— Olá. Como vai? — Estendi a mão e ela a pegou com um aperto fraco. *Vaca.*

— Pensei que não fosse ter o prazer de conhecer a mulher que dará sequência ao meu trabalho. Li muitas das suas pesquisas, doutora Nichols. Inclusive, sou obrigada a admitir que você fez um excelente trabalho na África. Criou um hospital lá, certo? Conseguiu um financiamento?

— Na verdade, meu pai financiou toda a produção, desde o salário dos médicos à construção do hospital e buscou organizações que pudessem apoiar a causa — respondi muito orgulhosa e nem um pouco acanhada que meu pai tinha dinheiro o suficiente para embarcar em meus projetos. — Aprendi muito e foi uma equipe maravilhosa.

— Foi lá que desenvolveu o seu tratamento para desidratação? — Ela pareceu interessada, mesmo com uma pontinha de desdém.

— Quando não há água, é preciso estudar e improvisar.

— Esse hospital foi a minha casa pelos últimos vinte e cinco anos, completei dez mil cirurgias aqui, talvez eu não seja como você porque não tive meu pai para financiar minhas aventuras, mas aqui é preciso de muito mais do que papai para ter um trabalho. É

preciso talento — ela disse com arrogância e eu mordi o lábio para não rir. Ferguson ia falar algo, mas ergui a minha mão, impedindo-o.

— Meu pai financia minhas aventuras, assim como também pagou pelos meus estudos. Ele me banca, paga todas as minhas contas e cede aos meus caprichos, mas eu sou até hoje a única mulher a passar para a faculdade de medicina antes dos vinte anos

de idade, meu QI está acima da média e eu não estudei ou desenvolvi absolutamente nenhum dos meus projetos e pesquisas comprando-os. — Dei um pequeno passo à frente e ela se encolheu. — Eu sou capaz de muito mais do que possa pensar e sinto muito mesmo que não tenha tido a mesma sorte que eu, talvez seja por isso que o atendimento pediátrico deste hospital está em décimo sexto lugar no ranking nacional pelos últimos vinte anos. Em um ano e

meio, quando a nova avaliação chegar, eu farei questão de lhe enviar uma nota. — Peguei a minha bolsa porque precisava ir para casa me enrolar em meu roupão, comer pipoca, beber um vinho e dormir bem cedo para estar bem descansada no dia seguinte. — Foi um imenso prazer conhecê-la, doutora Newman.

Gosto de encontrar com outras gerações da medicina para aprender a como nunca ser como tal. — Virei para Joshua. — Nos vemos amanhã.

— Tchau, querida. — Ele sorriu e corei. Era muito lindo.

— Mande lembranças a Meredith.

Passei por ela e a olhei friamente.

Observei o movimento do hospital por um momento e me perguntei para que lado ficavam as salas de cirurgia para poder olhar o quadro, mas não quis estender meu tempo mais do que o necessário. Podia desvendar os quatro cantos do hospital depois.

Saí e acenei para os seguranças, atravessando a rua, e decidi parar para comer em algum lugar. Evitei os dois restaurantes que lembro que Sawyer mencionou como os melhores, apenas porque estava com raiva e talvez por medo de encontrá-lo e ser obrigada a destruir seu nariz.

Pedi um prato de salada completa e mista, com uma variedade de legumes cozidos e frios, folhas verdes e frutas, além de pedaços de frango temperado. Evitava comer carboidratos porque não tinha tempo para malhar, mas costumava correr na praia sempre que estava de folga.

Eu não sabia a distância do meu apartamento até o Central Park, na verdade, não fazia ideia para que lado ele ficava.

Ainda

não havia me encontrado na cidade e não tive vontade de explorar, bancar a turista, porque não era o tipo de pessoa curiosa sobre lugares, a não ser que tivesse um bom motivo.

Paguei e o garçom deslizou o número de seu telefone no meu recibo de pagamento. Revirei os olhos e dei as costas.

Caminhei até minha casa, envolvi-me no roupão, fechei todas as cortinas do apartamento, enchi uma taça com vinho branco suave até a boca e fiz pipoca de panela. Joguei-me no sofá, liguei a tevê, procurei um documentário, parando em um sobre o desenvolvimento de células-tronco e comecei a comer.

Uma taça de vinho me deixou completamente relaxada, combinando com a noite mal dormida, apaguei. Infelizmente, tive sonhos vívidos da minha noite anterior. Acordei extremamente irritada, com um misto de nervosismo pelo primeiro dia e raiva pelos meus sonhos eróticos com um homem casado que me fez andar pela casa como um dragão cuspidor de fogo.

Preparei meu café da manhã reforçado com ódio.

Havia separado há dias a minha roupa para o primeiro dia, não queria parecer uma nerd baixinha, mas também não queria ser a médica sexy do ano, então, escolhi o meio-termo. Depois que fui trocada por uma garota de dezoito anos, passei a dar valor à minha vaidade por mim mesma. Era muito importante me sentir bem e principalmente segura, para manter meus ânimos sob controle.

Capítulo Seis

Elizabeth

Verifiquei mais uma vez se não estava esquecendo nada e me emocionei com a mensagem de bom dia do meu pai, enviando-me sorte e bênçãos. A minha mãe era bloqueada em todos os aplicativos de conversa e redes sociais que possuía, então, ela me enviou uma mensagem de texto pedindo para não beber tanto café ou iria passar mal, desejou muito sucesso porque sabia que eu iria arrasar, vários corações e um eu te amo. Respirei fundo e saí, acionando o alarme e seguindo confiante para o meu destino.

Quando cheguei na recepção, onde passava o cartão do ponto e também onde era liberada a minha entrada na área restrita para funcionários, fui informada de que estava sendo aguardada na sala dos médicos. A recepcionista reforçou as informações do caminho. Peguei o elevador para o quinto andar, andei calmamente sabendo que estava sendo muito observada e subi dois vãos de escada, virando à esquerda. Bati na porta da sala e um "entre"

suave foi dito.

Antes de reparar Meredith eufórica à minha frente, observei a faixa de “bem-vinda” e a sala um pouco cheia.

— Bem-vinda, querida! — Meredith me abraçou e dei tapinhas desajeitados em suas costas. — Deixe-me lhe apresentar a todos, não fique tímida. Somos uma família. — Ela sorriu e me virei para Joshua pedindo socorro, mas ele apenas encolheu os ombros.

Meredith era uma mulher incrível, a única dermatologista que tratou corretamente as rosáceas do meu rosto em três dias de conferência.

— Essa é a doutora Jules Lawrence, a melhor cirurgiã plástica que eu conheço. — Apresentou-me uma mulher loira, linda, que me deu um olhar apreciativo que eu estava acostumava a receber de homens. Minha reação me fez rir e ela riu também, esticando as mãos e me dando um aperto caloroso. Trocamos amenidades e sua voz era suave. — Ela quem colocou meus silicones. Não parece, não é? — Meredith sussurrou e eu ri, mais sem graça ainda. —

Você não precisa! — Deu de ombros.

— Ai meu Deus, Meredith! — Respirei fundo, rindo.

— Ah, esse é quase meu filho, um amorzinho, mas não caia nas cantadas dele, porque ele não vale absolutamente nada. —

Meredith apontou para um rapaz loiro, de olhos azuis, que podia facilmente interpretar um *Príncipe Encantado* em filmes da Disney.

— Doutor Jace Rae.

Ele pegou a minha mão, beijando-a gentilmente. Corei.

Galante.

— Encantado, doutora Nichols. — Ele piscou e eu sorri, balançando a cabeça para sair daquele feitiço.

— Por favor, não caia nessa. — Um vozeirão soou atrás de mim e me fez virar. — Cooper Marks, neurocirurgião e seu novo admirador. — Ele se apresentou e ri mais ainda.

— Essa eu te garanto que não deve cair — doutora Jules disse atrás de mim e rimos.

— Eu sou o doutor Swan, cirurgião ortopédico. — Um rapaz de olhos castanhos claros e cabelos curtos apresentou-se e apertei sua mão.

— Ah, chegou quem estava faltando! — Meredith comemorou e virei-me para a porta, sem esconder a expressão de puro choque e horror. — Meu sobrinho, Sawyer Reedburn. Ele é chefe da cardiologia e também um dos conselheiros do hospital. O membro mais bonito da nossa diretoria — ela complementou e Joshua soltou um som de deboche, mas não consegui sorrir, olhando diretamente nos olhos verdes que eu tanto estava com raiva. — Liz?

Estiquei minha mão, muito séria.

— Prazer em conhecê-lo, doutor Sawyer Reedburn. — Eu fui fria e me recordei de onde conhecia o nome dele. By-pass Reedburn, a invenção tecnológica do momento. Ele era jovem, deve ter aprimorado o trabalho do pai, o renomado e muito famoso vencedor do prêmio Mayans, o auge da medicina. Ele era um ícone.

— Seja bem-vinda, doutora Nichols — ele disse com um olhar brincalhão e me contive para não socar seu rosto. *Deus, ele era lindo.* — Espero que seja feliz aqui.

Dei um aceno e virei-me para Meredith, que tinha o cenho franzido para nossa troca, mas sorriu me puxando para a mesa repleta de comida. Reparei que Jace estava olhando intensamente para mim e depois para Sawyer. Olhei-o e ambos abriram um sorriso de descer calcinhas.

Cooper parou à minha frente, cobriu os dois e sorriu. Olhei em seus olhos e encontrei pura diversão e perversidade. Ele era imenso e poderia me pegar com apenas um braço.

— Alguma dica do que devo provar primeiro? — Puxei assunto e percebi que iria me divertir com ele. Ele olhou para trás e apontou para si mesmo. Meredith e eu gargalhamos. — Estou falando dos *bolinhos* — esclareci, apenas para mostrar que realmente estava curtindo com a cara dele.

— Os de frutas vermelhas são os melhores — ele disse e peguei um, dando uma mordida suave. Cooper ficou hipnotizado.

Sawyer estava vermelho. Pisquei para Cooper e dei as costas, indo até Ferguson.

— Você sabe o que essa festinha significa, não sabe?

Ele fez uma expressão alterada.

— Foi Meredith, eu não sabia até chegar aqui — retrucou, apontando para a esposa muito satisfeita com o trabalho. — O

acordo só valia se fosse minha ideia — completou e continuei olhando-o, impassível. — Você sabia que iria vencer essa, não é?

— Obrigada por me dar uma semana comandando o quadro de cirurgias — anunciei a Meredith e ouvi os sons de exclamação atrás de mim. — Sou uma boa negociadora.

— Eu precisava oferecer a minha vida para que ela assinasse o contrato. — Ferguson se desculpou com a equipe.

— Eu teria assinado por bem menos. Obrigada por essas lindas boas-vindas, mas eu tenho que começar a trabalhar.

—

Abracei Meredith e acenei para os demais.

Não olhei para Sawyer, mas senti seus olhos em mim. Para meu alívio, ele não veio atrás quando entrei na área dos armários.

Destranquei e peguei um *scrub*, um par de tênis, meias e o meu jaleco. Separei bloquinho, caneta, meu celular e várias presilhas de cabelo. Tirei o sapato e guardei no armário. Entrei no banheiro espaçoso, me troquei bem rápido e prendi o cabelo em um rabo de cavalo alto. Guardei meus itens nos bolsos e saí, ainda encontrando-os comendo.

— Será que pode me mostrar o caminho para o andar da pediatria? — pedi gentilmente a Cooper. Ele engoliu rápido, pegou um copo térmico de café e resgatei a minha caneca.

— Outra viciada em café?

— *Outra?*

— Sawyer é viciado em café. — Apontou para o homem que não tirava os olhos de mim e a palavra *casado* gritava na minha cabeça a todo segundo. Não esbocei nenhuma reação, apenas fiquei esperando Cooper me acompanhar. — Vamos lá. — Ofereceu seu braço e o peguei.

— Vamos todos começar a trabalhar, pessoal — Ferguson disse, mais autoritário. — Reunião após as visitas. Espero vocês lá e não se atrasem.

Cooper me levou para o andar da pediatria, mostrou-me as rotas pelas escadas, os melhores lugares e também me apresentou a alguns enfermeiros que encontramos no caminho, dizendo ser mais fácil chegar à emergência no primeiro andar pela escada. O

elevador nunca era útil quando precisávamos dele. Agradei e parei na porta da pediatria, respirando fundo. A empurrei e não olhei para trás.

Parei e absorvi a energia daquele ambiente pesado. Iria transformá-lo em alegria, mesmo na situação difícil. Observei as enfermeiras carrancudas nas três estações disponíveis, e não havia nenhum desenho, ursinhos de pelúcia ou sala de brinquedos. Não

parecia ser uma pediatria. Não era à toa que andava sendo massacrada pela opinião pública.

Andei até a UTI Neonatal e vi internos ou residentes, ainda não sabia diferenciar, pareciam usar o mesmo uniforme, com roupas de pós-operatório rosa, andando de um lado ao outro, fazendo anotações. Ninguém conversava com os bebês, olhando-os, apenas mexiam em seus prontuários e seguiam para o próximo. Andei de quarto em quarto, observando crianças em um estado de espírito que me deixou profundamente triste.

Mães completamente esgotadas. Abri a porta de uma sala vazia e decidi que ali seria a sala de brincar. Dei mais duas voltas, percebendo que as enfermeiras finalmente haviam me notado e começaram a cochichar entre si, a maioria apreensiva e curiosa, outras um pouco hostis.

De repente, num grupo de seis médicos, observei a que estava na frente deles me olhar com um misto de pânico e surpresa.

Ela andou mais rápido e os outros, parecendo pintinhos atrás da mãe galinha, também aumentaram o passo em sincronia.

— Oi! doutora Nichols? — Ela estava ofegante e a olhei de cima a baixo. — Sou Ângela Lovely, estudante do quinto ano de residência e focada em pediatria no momento. — Apertei sua mão.

— Esses são os internos que começaram ontem. — Apresentou um a um, mas somente uma me chamou a atenção.

Doutora Audrey Ferguson. A filha de Joshua.

Era bom que ela não pensasse que a filiação lhe daria chances comigo. Qualquer sinal dessa intenção, poderia tornar a estadia dela neste hospital um pouco mais miserável.

— Olá a todos. Sou Elizabeth Nichols, a nova comandante deste navio e em menos de vinte minutos já identifiquei muitas mudanças, mas irei anunciá-las assim que conseguir uma reunião com todas as pessoas que trabalham neste andar. Acho que ainda não vi tudo e conto com vocês para um tour mais apropriado. Hoje é o meu primeiro plantão de trinta e seis horas com vocês, iremos trabalhar juntos em total e completa confiança. Não sou do tipo que

deixa a minha equipe para trás, mas é melhor que façam por onde

— falei pausadamente e vi que balançaram a cabeça de acordo. —

Na visita de hoje, a doutora Lovely fará as apresentações, irei observar e me apresentar às mães. Podemos começar agora?

Ângela era uma menina de pele clara e cabelos castanhos enrolados que estavam presos em um rabo de cavalo.

Audrey tinha longos cabelos lisos e escuros, olhos verdes tão penetrantes quanto os do primo, mas pareceu um pouco amedrontada e ansiosa em pegar alguns prontuários. Não era fã de visitas, era uma das partes mais difíceis da pediatria.

Mães cansadas e à beira do colapso eram complicadas.

Gostava de conversar com elas e entender seus medos, tentar sanar as dúvidas e como era minha apresentação, demorou mais do que o normal a minha visita em cada quarto. Precisava estudar todos os casos, ler todos os prontuários e se Deus fosse justo comigo, não haveria emergências no período em que precisasse fazer tal coisa.

Logo que a visita acabou, conversei com Ângela e pedi que me falasse mais sobre como era a rotina da pediatria. Vi que iria quebrar muitos vícios, encontrando diversos obstáculos no caminho, mas não chegaria para trabalhar novamente naquele caos.

Enquanto não dava a hora para a reunião, pedi um bloco de folhas grandes e olhei ao redor, listando tudo que precisava ser comprado em caráter de urgência para a nova aparência e decoração do andar.

Ali parecia uma ala qualquer do hospital, principalmente para adultos. Minhas crianças seriam tratadas em um ambiente feliz e com pessoas sorridentes.

Gastei três folhas e dei mais uma olhada, lembrando de uma série de itens. Ao lado, fiz a especificação de tamanho, cor, cheiro, diversidade e possíveis substituições. Sabia que estava sendo observada e não me importei, nas próximas horas, seria a máxima novidade do hospital, principalmente daquele andar.

Logo que terminei a lista, fotografei todas as folhas e guardei meu celular. Já havia memorizado cada caso conforme a apresentação dos internos e corriji algumas formas de tratamento, percebendo que a doutora Newman era o tipo de médica que se recusava a avançar no tempo e acabou submetendo as crianças a tratamentos longos e dolorosos.

Mentalmente, fiz uma série de mudanças e as organizei, já tendo uma noção do que eu falaria em uma reunião com meu pessoal.

— Doutora Lovely? — chamei suavemente e ela virou-se rapidamente em minha direção. — Calma! Tenho uma reunião agora, mas não hesite em me chamar. Logo que retornar, precisaremos conversar sobre a escolha de tratamento de alguns pacientes e quero revisar os exames pedidos. Também preciso que me explique, se possível, por que alguns pacientes estão com exames tão defasados, outros que já poderiam ter tido alta com tratamento domiciliar e nesse período, faça uma planilha do tempo de resposta dos laboratórios, exames de imagem e exames incisivos.

— Farei imediatamente, doutora Nichols.

— Peça que cada interno faça um relatório detalhado de cada prontuário e me apresente em duas horas. Eu vi que há uma sala vazia no final do corredor com algumas mesas, ela poderá ser usada para tal — pedi e ela olhou em seu relógio. — Algum problema?

— Não. Nenhum. Apenas contabilizando o tempo.

— Há uma chefe de enfermagem neste andar?

— Não, apenas geral.

— Ok. Vou resolver isso depois. — Sorri gentilmente para mostrar que não era inimiga de nenhum deles, apenas uma pessoa muito exigente.

Meus colegas iriam me odiar já no primeiro dia.

Despedi-me para a reunião e enfiei a lista no bolso. Entrei no elevador, desci alguns andares e quando saí, me deparei com uma mulher loira de olhos azuis puxados, usando *scrub* e um jaleco, mas não consegui ler seu nome, ela foi rápida em jogar o cabelo volumoso em cima da identificação. Olhei para o seu rosto e me deparei com o mesmo sorriso que encontrei no rosto da doutora Newman no dia anterior. Desprezo disfarçado com simpatia.

— Oi! Você é a nova rainha dos baixinhos, não é? — Se aproximou alegremente e senti como se meus tímpanos estivessem furando com aquela voz aguda. Ela estava forçando. — Minha mãe falou de você. Sou a doutora Bryce Reedburn, esposa do doutor Reedburn e filha da doutora Newman. — Ela sorriu abertamente e desejei que o mundo pudesse me engolir ali mesmo. Minha língua chegou a enrolar dentro da boca.

Eu dormi com o seu marido. Transei muito com ele. Fiz um monte de sacanagem que fariam qualquer um morrer de vergonha.

Bryce continuou me olhando, esperando uma resposta e eu não conseguia conter a humilhação que lavou minha alma. Além de trabalhar com ele, que tecnicamente era um colega e chefe, trabalharia com a esposa, sabendo que ele a traiu comigo. Era muito para mim. Abri um sorriso com os lábios tremendo.

— Olá. Adorei a sua mãe.

— Ah — ela murmurou. Era óbvio que sabia que meu encontro com a mãe não havia sido amistoso.

— Estou atrasada para a reunião, então...

— Claro, a reunião dos chefes.

Ela era inocente e corna, assim como eu fui. Sufoquei meu desejo de chorar, acenei e dei as costas, andando o mais rápido que consegui sem parecer uma louca desesperada até a sala. Fui a última a entrar.

— Desculpe. Fui muito abordada no caminho para cá —

expliquei alto o suficiente para todos ouvirem. Sawyer olhou pra mim e me deu um sorriso contido, de lado, que me deixou louca no

primeiro dia. *Por que logo um homem desses entrou no meu caminho?*

— Não tem problema, iremos começar agora. — Ferguson arrumou alguns papéis. — Como foi a manhã na pediatria?

— É melhor começar a reunião, porque assim que eu tiver a oportunidade, teremos muito o que falar...

— Então, vamos começar. — Ele bateu na mesa suavemente e as conversas baixas pararam.

Percebi que Sawyer chegou a cadeira mais próxima da minha, a perna tocou a minha panturrilha e concluí que seria uma longa reunião se ele estivesse disposto a encontrar maneiras de chegar perto de mim. Comecei a rezar para não fazer um barraco e acabar revelando para os meus novos colegas de trabalho que eu era uma vadia que dormiu com um homem casado, mesmo sem saber.

Capítulo Sete

Sawyer

O

sorriso

sacana

em

seu

rosto

me

distraiu

momentaneamente da expressão surpresa do meu tio, que nunca foi de mostrar seus pensamentos com o rosto.

Elizabeth estava ainda mais atraente aos meus olhos. Não só porque chegou no hospital sexy como uma deusa, ainda estava absurdamente linda com o *scrub*, e eu descobri outras facetas além da que conheci no bar.

Ela

era

galanteadora,

brincalhona,

assustadora

e

incrivelmente voraz. Não pude acompanhar sua chegada à festa de boas-vindas organizada pela minha muito animada tia, mas pude observá-la conversando com residentes e internos. Ela foi séria, firme, de postura impressionante e extremamente observadora.

Entrou na sala de reuniões determinada, mesmo com um leve corar das bochechas.

Tentei focar no discurso dos meus colegas sobre os itens pautados da reunião. Jules estava defendendo o direito ao bônus anual de um milhão de dólares quando meu olhar furtivamente chegou em Elizabeth, que prestava atenção com afinco, sem desviar o olhar.

Até compreendia que ela quisesse fingir para os demais que não me conhecia, superando a expressão inicialmente surpresa para uma de completa indiferença. Mas eu estava esperando um meio sorriso ou um corar de bochechas. *Nada*. Ela simplesmente agiu como se eu fosse um inseto incômodo diante de seu rosto.

Talvez um inseto recebesse até mais atenção do que eu. E ela foi doce e gentil com todos, incluindo o babaca do Cooper.

Jace captou quem ela era. Ou lembrou. Apenas me deu um sorriso apreciativo e manteve as piadas e cantadas para si. Já Cooper, justamente por não saber, estava disposto a ser o cara perfeito para que ela caísse na dele como um peixinho inocente. O

pensamento me incomodava, mas não tive a oportunidade de falar e

não sabia como reivindicar território de alguém que claramente estava me ignorando enquanto eu ainda rezava

que fosse apenas um teatro em seu novo trabalho.

Talvez ela fosse mais radical do que eu em relação à política pessoal de confraternização no trabalho, mas eu tinha a desculpa de que nos conhecemos antes disso.

Cooper apresentou slides dos últimos feitos de sua área e também atualizou os dados da pesquisa sobre o Alzheimer que compartilhava com meu tio. Aquele assunto era difícil e me obriguei a tomar notas. Jace falou sobre o *esquadrão da vagina* e as melhorias que desejava em seu grupo, Diego entregou o formulário de uma nova especialização e eu apenas finalizei com os dados da cardiologia, sem nada novo para acrescentar naquele momento.

Quando chegou a vez da pediatria, todos olharam para Elizabeth. Um sorriso lento se espalhou em seu rosto, parecido com o mesmo que ela me deu quando acordei em sua casa, momentos antes do melhor sexo de bom dia.

Obriguei-me a não invocar imagens mentais.

— O hospital está prestes a receber uma série de processos por negligência médica, que deixo claro que não assumirei em nome da minha antiga colega, uma médica da qual a licença precisa ser caçada. Meu primeiro ponto está claro?

— Ela soou firme e todos encostaram em suas cadeiras, nervosos. — Minha primeira opinião sobre a ala da pediatria é que lá parece a porta do necrotério, não um local onde crianças, pequenos humanos inocentes, repousam em seus tratamentos cirúrgicos, clínicos ou psicológicos —

completou, olhando atentamente para o meu tio, que parecia deliciado e, ao mesmo tempo, preocupado. Jules estava se apaixonando por ela, não no sentido romântico. — Eu tenho enfermeiras carrancudas e despreparadas, além de uma equipe neonatal que não pareceu ter contato com

os recém-nascidos de forma adequada. Contabilizei dez internações que já poderiam ter recebido alta, cinco em tratamento inapropriado e dezoito, cujos sintomas e medicação apresentados não correspondem com a

indicação de tratamento na ficha que será faturada pelo seguro saúde. Todos esses, apenas na visita de hoje, mostraram que exames não foram atualizados e que mães estão veementemente desinformadas sobre o estado clínico, tendo como única fonte de informação a primeira visita do dia, que eu também descobri ser a única.

Ela tomou fôlego e meu tio ficou em silêncio. Era raro que ele permitisse que alguém detonasse qualquer área do hospital.

— Não é de admirar que a ala pediátrica do hospital esteja sendo massacrada na opinião pública — ela disse e tirou de dentro do bolso um papel dobrado, quando o abriu, havia mais dois dentro.

— Eu fiz essa lista de materiais e itens que preciso que sejam providenciados o mais rápido possível, no máximo hoje à tarde. —

Esticou a lista e Joshua a pegou, colocando os óculos e lendo. —

Também quero nomear uma chefe de enfermagem no meu andar.

Jules, Jace e Cooper levantaram as mãos.

— Também quero — Diego disse com bastante ênfase.

— O que está acontecendo? Naomi é uma das melhores... —

Joshua soou confuso.

Elizabeth encolheu os ombros.

— Realmente deve ser, mas posso ser honesta? São dez andares em pleno funcionamento com UTI, pós-operatório, tratamento clínico e emergência. Não posso ficar recorrendo ao chefe da enfermagem sempre que me desentender com um enfermeiro. Quero alguém de confiança no meu andar e que vai me garantir que o trabalho da enfermagem seja devidamente realizado.

— Mandarei sua sugestão para o setor financeiro, teremos que analisar qual seria o valor de aumento salarial e quais os melhores funcionários para tal função. Não vejo como algo impossível, só tenho que analisar os números — Ferguson respondeu e esticou uma folha para Elizabeth. — Seu horário de aulas. — Entregou e limpou a garganta. — Regularmente recebo relatórios dos pacientes de cada andar e não recebi nenhum que

tenha me chamado a atenção dessa forma. Estou confuso e curioso com o que têm encontrado nos seus prontuários.

Elizabeth assentiu e mordeu o lábio, fazendo uma anotação em seu caderno.

— Há revisão de glosa dos prontuários? — ela questionou com curiosidade.

— O faturamento tem um funcionário dedicado a cada andar

— Ferguson retrucou. — Verificarei os prontuários com você e abrirei uma investigação.

Ela deu um meio sorriso.

— Mais alguma coisa? — Ferguson suspirou, temeroso.

— Sim. — Ela sorriu ainda mais.

A doutora Elizabeth Nichols era um terremoto e tinha certeza de que iria transformar a pediatria isolada e destruída por Whitney Newman, minha nada amável ex-sogra.

— Quero uma substituição de pessoal por algumas horas.

Desejo ter uma reunião com todos que trabalham no andar comigo para esclarecer algumas coisas, incluindo as mudanças. É possível em algum momento do dia?

Quase me ofereci, mas meu tio apontou diretamente para Jace.

— Jace ficará lá, enviarei alguns internos e residentes da geral e outra equipe de enfermagem.

— Até esse plantão acabar, você vai odiar ter me contratado.

— Não conte com isso, Elizabeth Nichols — Ferguson respondeu e olhou no relógio. — Vamos encerrar agora. Almoço e cada um segue a sua rotina.

Ela foi a primeira a ficar de pé e se virar para sair da sala. A maioria enrolava tomando cafezinho, mas eu fui atrás dela, que percebeu a minha presença e empurrou a primeira porta da escadaria. Era exatamente para onde iria arrastá-la pelo braço.

— Ei, espera! — pedi e a segurei. Ela virou-se pra mim e perdi a minha batalha, beijando-a com fome e saudade, explodindo meu desejo e louco por mais. Elizabeth lutou no

começo, mas cedeu, gemendo baixinho e enfiando as mãos no meu cabelo.

Agarrando-me, nos perdemos um no outro. Sem ar, me afastei para beijar seu pescoço e então, com muita surpresa, recebi um tapa em cheio no rosto.

Putá que pariu.

— Canalha! Você não vale absolutamente nada, Sawyer Reedburn!

— O quê?

— Você é casado, idiota. Casado! Eu conheci a sua esposa algumas horas atrás e ela realmente não merece isso, apresentando-se alegremente com seu sobrenome, sem contar no bônus de ter achado a sua aliança no chão da minha sala —

Elizabeth disse feroz e eu fiquei realmente chocado. Minha aliança?

Ela estava no meu bolso e... merda. Caralho. — É! Merda! Fique bem longe de mim! — Apontou o dedo bem no meu rosto e abriu a porta, saindo novamente.

Fui atrás, mas ela foi rápida em se esgueirar pelas portas do elevador, quase se fechando. Nunca saberia onde ela ia parar.

Bryce saiu de uma das salas naquele mesmo momento.

— Você se apresentou a Elizabeth como Bryce Reedburn? — vociferei, furioso.

— Qual é o problema? Ainda é meu sobrenome por algumas semanas. — Bryce sorriu gentilmente. — Ela pareceu gente boa.

Interessado?

— Estou interessado no fato de que durante anos você se recusou a usar meu sobrenome, alegando que tinha a própria carreira a lutar, não querendo de forma alguma navegar na fama da minha família. O que não te impediu de ficar furiosa e impiedosa quando descobriu que não tinha nem um por cento deste hospital em seu nome — retruquei calmamente e abri um sorriso diante da expressão azeda. — Não tente bancar a espertinha ou marcar

território quando eu ainda posso mudar a minha generosidade na divisão de bens.

— Sawyer... é meu direito ter metade de tudo que você tem.

Obviamente, ela só estava levando o apartamento onde morávamos e um carro.

— Uma ova, Bryce! Ficamos casados por quatro anos e você acha que pode levar metade da fortuna que a minha família trabalhou para adquirir? Que eu vou perder tudo que herdei para você? Está louca? — murmurei mais baixo, percebendo que estava atraindo atenção e ela foi se encolhendo. — Sua ambição não tem limites, mas existe algo que impede esse seu processo maluco. O

acordo nupcial que você assinou, *amor*. Se não leu, a culpa não foi minha, talvez do meu advogado muito mais esperto que eu. —

Encolhi os ombros e enfiei as mãos nos bolsos do jaleco.

— Isso tudo porque usei o sobrenome que ainda é meu?

— Nunca deveria ter sido seu.

— Tarde demais. Ele ainda é meu e você ainda é meu marido, vou me apresentar do jeito que eu quiser, com quem quiser.

— Ela parecia muito satisfeita consigo mesma.

— Tudo bem. Vou ligar para o meu advogado e pedir que ele leve ao juiz o seu *sextape* com o doutor Crownely, um dos nossos anestesistas. Lembra-se dele? Aquele com quem você trepou na nossa própria casa?

Odiava lembrar que Bryce me traiu. Era uma coisa que doía muito. *Amargo*. Como um espinho enfiado no coração que não conseguia arrancar, apenas fingir que nunca existiu. O sorriso de Bryce morreu.

— Não é pela doutora Elizabeth. Ela chegou agora e foi simpática em te mencionar. É por mim. Se ainda existe um pingão de respeito dentro dessa sua cabeça confusa, não use meu sobrenome e não se apresente como minha esposa, porque no meu coração e na minha mente você não é mais.

Bryce balançou a cabeça e saiu andando.

Agora eu precisava dizer a Elizabeth que não era um cara que trai.

Precisava provar a ela. Tecnicamente, já era um homem livre.

Já havia assinado o divórcio e ele estava sendo processado, a liberação seria em algumas semanas salvo algum recurso

que o juiz desejasse acrescentar em nossa sentença, mas estava feito e não havia possibilidade de voltar atrás.

Bryce me traiu e mesmo que o nosso casamento estivesse uma completa merda, *ela me traiu* enquanto eu estava buscando conselheiros para iniciarmos uma terapia em conjunto e lidarmos com nossos problemas. Ela transou com um colega de trabalho, que não era funcionário do hospital, mas às vezes participava de algumas cirurgias ali.

Mesmo que poucas pessoas soubessem, eu não tinha nenhum interesse em difamá-la por sua escolha e muito menos colocar o meu nome, como um dos proprietários daquele lugar, na conversa das mesas dos funcionários, mas não podia permitir que Elizabeth, que chegou há pouco, pensasse que eu era infiel e tinha casos com outras pessoas enquanto minha esposa circulava pelos corredores.

Desci para almoçar e não a encontrei em lugar nenhum. O

telefone dela estava listado como privado no aplicativo, assim como o meu, aos demais médicos era possível a visualização entre médicos. Considerei chamá-la pelo programa interno, mas outras pessoas poderiam visualizar também, então, não queria simplesmente nos expor dessa forma e duvidava que ela iria me responder.

Mal-humorado e carrancudo, não dei atenção a meus três amigos, que conversavam na mesa comigo. Jules tomou um assento ao lado de Diego, que dizia que Ângela estava completamente surtada por trabalhar com Elizabeth, que foi uma grande referência em seu último ano da faculdade. Eles comentaram sobre sua atuação cheia de imposição na reunião e

percebi que todos viram da mesma forma que eu: refrescante e positivo.

Com toda a equipe completa, uma nova geração decidida a mudar o hospital para melhor, tinha certeza de que iríamos conseguir. Um rapaz de entrega com flores passou por nós, parecendo perdido.

— Posso ajudar? — Jules perguntou.

— Estou procurando por Elizabeth. — Ele soou nervoso. —

Disseram que estava aqui, mas não sei quem é.

— Flores para quem? — Amber perguntou e tomou um assento ao meu lado, batendo a bandeja na mesa.

— Doutora Nichols — Jules respondeu.

— Ela é aquela ali, encostada no vidro. — Apontou e me virei.

Elizabeth estava casualmente ao lado do meu tio Joshua, uma funcionária da administração do hospital que não conhecia (reconheci pelo uniforme) e ninguém menos do que a minha mãe e minha tia Meredith. *Ah, puta merda!*

O rapaz da entrega foi até ela com um imenso buquê de lírios do campo em diversas cores. Ele falou algo, ela chegou mais para frente, assinou a entrega e segurou as flores com um sorriso bobo.

Minha mãe era louca por lírios, então ela gesticulou o que imaginei ser elogios. As duas gêmeas do mal seguiram um caminho, meu tio, Elizabeth e a funcionária foram em direção ao elevador.

Virei-me para frente de novo e voltei a comer minhas batatas.

— Parece que alguém não caiu no charme do doutor Reedburn — Jules disse.

— Será? — Jace riu e questionou.

Os dois me olharam com expectativa. Fingi que não ouvi nada.

— Ela é uma lenda — Amber comentou e me virei. —

Quando entrei para a faculdade, todos falavam da jovem médica que construiu um hospital na África. A campanha foi financiada pelo

pai dela. O cara é muito rico. Ela poderia ser uma patricinha bilionária, mas não é.

— Quem é o pai dela? — Cooper perguntou, muito interessado.

— O nome dele é Paul Nichols. Fiz uma pesquisa na internet.

Ele tem uma mini biografia. Parece que foi casado por três anos, teve primeira e única filha, e casou-se há seis anos com a socialite Suellen, agora, Sue Nichols.

— A ex-mulher de Hunter Clearwater, o senador?

— Sim, mas parece que todos são amigos, Hunter tem uma nova esposa e há fotos no website oficial do senador em festas de Natal. A doutora Nichols não está em nenhuma delas, mas o pai está. Não tenho informações sobre a mãe, não sei se morreu ou está viva — Amber finalizou e Cooper tomou o papel dela.

— Caramba! Vou pesquisar o que é possível encontrar na internet sobre a minha família, vai que assim descubro

quem é meu pai — ele brincou e todos nós rimos, menos Jules. — Todas as garotas nerds da faculdade poderiam ter sido tão gostosas quanto a doutora Nichols.

— Não seja um porco, Cooper — Jules grunhiu. — Ela não parece ser do tipo muito fácil só porque te deu um sorriso.

— Estou brincando, ursinha — Cooper rebateu e ela bufou.

— Vocês vão acabar casando — murmurei, um pouco cheio, mas tinha que subir. — Adoro a companhia de vocês, mas tenho que voltar para os meus pacientes — avisei e Amber passou a comer mais rápido. — Tire a sua hora tranquilamente, só quero me preparar melhor para a cirurgia.

Eu tinha uma colocação de by-pass e seria uma longa cirurgia, utilizando o método inventado pelo meu pai com o equipamento que aprimorei com ele alguns anos atrás. Na verdade, podia fazer a cirurgia de olhos fechados, foi apenas uma desculpa para minha residente não me seguir, porque ia atrás de Liz para esclarecer as coisas. Minha mente continuava girando ao redor de seu olhar irado e ao mesmo tempo, magoado.

Não seria acusado de ser infiel.

Capítulo Oito

Sawyer

Cheguei ao andar da pediatria e vi Audrey escrevendo em seu computador, lendo um prontuário, e vários outros internos faziam a mesma coisa. Ângela estava conversando com a mãe de um paciente e havia um grupo de limpeza em uma das salas vazias.

Olhei pelos corredores, procurando-a, e virei na direção oposta ao ouvir a voz do meu tio muito alterada. Encontrei uma cena raramente vista: Ferguson perdendo a cabeça.

— Ei! O que está acontecendo?

— Inacreditável — ele disse, ainda vermelho. — Os relatórios são falsos! Todos os relatórios foram alterados pelo menos nos últimos seis meses! — Apontou para uma pilha de papel. A funcionária da administração chorava, encostada na parede.

Elizabeth estava do outro lado, com a expressão impassível, mãos enfiadas nos bolsos do jaleco e os pés cruzados. — Em um único dia, todos esses erros explodiram no meu rosto e há pauta para *muitos* processos aqui.

— Acalme-se, vá para a sua sala e chame a corregedoria para abrir uma investigação. Ligue para os advogados e eu resolvo a partir daqui — falei com meu tio. Quando ele perdia a cabeça, acabava perdendo a razão e não precisávamos de mais um processo de assédio moral, mesmo que a funcionária aparentemente estivesse errada.

Joshua deu as costas, pisando duro.

— Alguém pode me atualizar? — Olhei diretamente para Elizabeth. Ignorei as batidas aceleradas do meu coração e a vontade de pegar em seus dedos finos, puxando-a para mim. Ela virou o rosto para o outro lado e soltou um suspiro, como se fosse inevitável falar comigo.

— Conforme mencionei mais cedo na reunião, encontrei erros graves nos prontuários que não foram bem analisados pela administração, sendo assim, não chegando à diretoria como

deveriam. — Elizabeth souu calma, sendo profissional e não uma acusadora furiosa. — Ferguson pegou seus relatórios e comparou com meus prontuários. Descemos, encontramos esta senhora, seu nome é Maria e ela é responsável pelos relatórios emitidos, nos informou que recebeu uma ordem da doutora Newman de padronizar conforme a indicação de tratamento para o faturamento e foi isso que ela fez. O seguro tem pago um valor, em alguns casos, muito maior do que o paciente está usando e em outros casos, bem menor.

— Há quanto tempo a doutora Newman solicitou isso? —
questionei a Maria.

— Uns seis meses.

Fechei meus olhos. Foi quando eu pedi o divórcio.

— Ok. — Respirei fundo, precisando pensar. — Vá até o RH e escreva detalhadamente tudo que lembrar sobre a sua conversa com a doutora Newman. Cada ordem ou alteração solicitada por ela deve ser relatada. Acalme-se, beba um pouco de água, escreva com paciência e o máximo de detalhes que conseguir. Assim que terminar, me chame.

Assentindo e ainda chorando, saiu calmamente em direção aos elevadores.

— Pode me mostrar um dos prontuários? — pedi a Elizabeth e ela deu de ombros, seguindo até a sala onde estavam os internos.

— Doutora Ferguson, pode me apresentar seu prontuário?

Audrey rapidamente se levantou.

— Nichols, estou com o prontuário de um recém-nascido com a Síndrome do Bebê Azul — Audrey disse nervosa e atraiu a atenção de Elizabeth.

— Tem certeza?

— Esse é o bebê de quatro dias que está na UTI neonatal, nasceu semanas antes do previsto e está em observação, mas hoje cedo quando fomos fazer a visita, percebi que ele estava cianótico, e Ângela disse que é comum bebês...

— Terem sopro no coração, ainda mais prematuros —

Elizabeth completou, pegando o prontuário.

— Há anotações de arritmia cardíaca e dificuldade respiratória. — Audrey continuou falando, torcendo os dedos de nervosismo e os olhos arregalados.

— Tem certeza de que é uma síndrome benigna? —

Elizabeth retrucou e revirou o prontuário. — Não há nenhuma anotação aqui.

— Eu sei, eu o examinei essa manhã — Audrey falou mais baixo. — A doutora Lovely disse que era normal, mas, eu não sei explicar, sinto muito, apenas sinto que devemos investigar mais.

— Não ignore seus instintos, doutora Ferguson — Elizabeth disse e bateu com o prontuário no meu peito bruscamente. — Leia as anotações da sua sogra e me diga se eu não devo matá-la. Irei verificar o paciente — ordenou e virou-se para Audrey. — Venha comigo.

Segui atrás delas, coloquei a roupa de pós-operatório e entrei na UTI, também caminhando até o bebê, que por

coincidência, estava chorando e assumiu a incrível coloração azul. Elizabeth auscultou o coração por um tempo, com uma expressão distante e reparei que o residente “*responsável*” pela UTI neonatal parou atrás de mim com o outro pediatra. Eles estavam desconfiados e um pouco ariscos, mas talvez por conta da minha presença, não falaram nada.

Elizabeth começou a examinar o bebezinho com calma. Ela tinha uma fala suave e um sorriso adorável no rosto que era realmente encantador.

— Não será necessário, doutora Nichols. Sopro cardíaco é comum em prematuros — disse doutor Robbins, o outro pediatra de plantão. Ele devia ser uns quinze anos mais velho do que ela e estava profundamente irritado com outra contratação ao invés de sua promoção.

O olhar dela foi o suficiente para gelar o inferno.

— O que irá fazer quando descobrir que o sopro deste bebê não é comum? — ela retrucou firme e apontou para mim. Entreguei o prontuário para Audrey e solicitei que preparasse uma ecocardiografia para o bebê. Coloquei meu estetoscópio e ouvi. —

Doutora Ferguson, a partir de agora, o doutor Robbins irá lhe acompanhar e explicar todo o tratamento feito até o momento.

Audrey engoliu em seco, assentiu e os três saíram. Eu suspirei, olhando para a criança.

— Há uma grande chance de ser Tetralogia de Fallot. —

Acaricieei a barriguinha do bebê. — Ficaré tudo bem com você, lindinha. Seus pais ainda não te deram um nome, não

é?

Elizabeth estava olhando para o bebê e acariciou sua cabecinha lentamente até que ele parou de chorar e adormeceu.

Quando Audrey retornou acompanhada, nós saímos do caminho.

— Esse é apenas um dos muitos casos que sei que vamos encontrar, se houver mais algum diagnóstico cardiológico, vou te chamar — ela murmurou, dando as costas.

— Elizabeth, espere! Doutora Nichols! — corrigi rapidamente por não estarmos sozinhos. Ela virou-se na minha direção.

— Precisa de algo mais? Está livre para revisar os prontuários.

Já enviei uma leva de relatórios corrigidos que os internos fizeram e ainda há muitos que envolvem a cardiologia.

— Não sou casado — falei baixo.

— Aqui não, por favor — ela rebateu e saiu da sala, fechando a porta.

— Me chame quando souber os resultados — pedi a Audrey, que empurrava o bebê para o elevador com doutor Robbins. Ela assentiu rapidamente.

— O que está acontecendo? Perdi algo? Ai, meu Deus! Você estava certa sobre o sopro? — Doutora Lovely se aproximou às pressas e ficou nervosa.

— A Doutora Ferguson seguiu seus instintos junto à doutora Nichols.

— Ela vai me massacrar — Ângela gemeu, olhando para a sala onde Elizabeth conversava com alguns internos. — Estou tão feliz e nervosa de trabalhar com essa mulher que estou fazendo tudo errado. Já me viu gaguejar antes? Eu corro como uma garotinha quando ela olha para mim. Doutora Newman disse que eu não deveria ir além do que ela havia diagnosticado.

— Fique calma, doutora Lovely. A doutora Nichols está interessada em cuidar do paciente e nada mais.

A porta abriu e Elizabeth apareceu com um olhar treinado para ser frio.

— Doutora Lovely, se já terminou de confraternizar com o doutor Reedburn, estou te aguardando para passar algumas instruções.

Ângela tremeu quando Elizabeth fechou a porta.

— Viu só? Massacrar — ela sussurrou e eu ri.

— O problema dela é comigo, pode relaxar — garanti com uma risada.

Ângela entrou na sala e rapidamente foi em direção a Elizabeth.

Amber, minha auxiliar, me bipou e eu vi que precisava me preparar para minha cirurgia. Desci no andar e sorri para a esposa do meu paciente, conversei sobre o que iríamos fazer, pedi a um dos internos para explicar detalhadamente e Amber acalmou todos os medos deles.

Ela não era muito boa para esse tipo de conforto porque era fria como uma pedra de gelo quando se tratava de procedimentos cardíacos e não sabia bem escolher as palavras, precisei cutucá-la uma série de vezes e limpar a garganta, desviando o assunto para algo mais leve.

Pedi a Amber para escolher dois internos para participar, observando de perto, e o restante deveria tomar notas na galeria. As enfermeiras entraram para preparar o paciente e eu desci para a

sala, quase sendo atropelado pela doutora Lovely, que corria atrás de uma cama na qual Elizabeth estava apoiada sobre uma criança.

Cooper passou correndo também e todos eles entraram com um grupo de internos na sala ao lado da que eu usaria. Uma operação de emergência cujo paciente precisava da neurologia.

Observei-a se preparando e falando bem rápido com Cooper. Ela enrolou o cabelo no alto, prendeu em um coque e se higienizou enquanto Cooper amarrava sua roupa cirúrgica com uma expressão que eu sabia que estava falando besteira.

Trinquei meus dentes com raiva. Precisava falar com ele assim que saísse da minha cirurgia. Horas depois, obtive sucesso, saí recebendo a notícia de que o paciente da sala ao lado havia sobrevivido, mas eles ainda estavam finalizando. Tirei a minha roupa cirúrgica e fui até a família do paciente dar a boa notícia, subindo com eles para o andar da cardiologia, assinando o prontuário, escrevendo meu relatório e fazendo a declaração do pós-operatório para a enfermagem.

Estava cansado e faminto. Tirei a minha bandana e olhei o relógio. Eu tinha meia hora antes da próxima ronda de visitas, não daria tempo de comer. Resolvi olhar meus prontuários e verificar se o doutor York, responsável pela revisão dos mesmos, estava com tudo em dia.

O barulho do elevador chamou a minha atenção. Era Elizabeth.

— A doutora Ferguson acabou de me entregar os resultados dos exames solicitados mais cedo. Foi confirmada a Tetralogia de Fallot...

Analisei as imagens. Tão pequeno e já precisaria de uma cirurgia.

— Posso agendar a cirurgia?

— Sim. Quando vai conversar com a família?

— Na próxima visita, em meia hora. — Ela olhou para o relógio delicado de pulso. O movimento me fez sentir seu perfume.

Parei de escrever e olhei para aquele rosto lindo, hipnotizado por sua beleza, querendo tocar-lhe a bochecha e beijá-la como na primeira (e infelizmente única) vez que ficamos juntos.

— Estarei lá.

— Ok. Se alguém perguntar por mim, diga que fui em casa por uns minutos buscar algo que esqueci.

— Tudo bem, ao retornar, estará em seu horário livre e preciso conversar com você.

— Se não for sobre trabalho, não temos absolutamente nada para falar — ela retrucou e chamou o elevador. Eu não podia estender o assunto quando havia enfermeiras muito interessadas em uma boa fofoca. Ela era muito difícil.

Meia hora depois, desci para conversar com os familiares do bebê. A mãe ainda estava internada no hospital, devido a um quadro grave de eclampsia, sentada em uma cadeira de rodas. O

pai estava em pé, ao lado. Elizabeth explicou detalhadamente os novos exames e a comprovação do diagnóstico, informando a necessidade de uma cirurgia para que o bebê pudesse crescer e ter uma vida normal.

Os pais receberam a notícia com lágrimas. Ela se ajoelhou na frente da mãe e pegou suas mãos.

— Eu estarei lá com o doutor Reedburn para garantir que sua garotinha seja bem cuidada e amada. Sei que está nervosa e que é muito difícil saber que seu bebê estará em uma sala de cirurgia, mas nós cuidaremos dela e faremos de tudo para trazê-la de volta aos seus braços, ok?

Saímos do quarto e paramos em um corredor mais vazio.

Elizabeth quis saber que tipo de abordagem faria, entrando em detalhes e, juntos, chegamos a um tratamento. Assim que terminamos, deu as costas sem falar mais nada, fechando a expressão subitamente, como se lembrasse que ficar perto de mim era algo terrível.

Naquele pouco tempo em que conversamos, mesmo que profissionalmente, ela foi doce. Mostrando novamente a faceta

suave pela qual eu me encantei profundamente no bar.

— Qual o seu problema? Por que você não quer me ouvir? —

Perdi totalmente a minha paciência.

Elizabeth voltou, erguendo o dedo, parecendo por um fio.

— Eu não tenho o que falar com homem casado que trai a esposa bem próximo ao trabalho de ambos. Não tenho o que falar sobre aquela noite, sinto vergonha só de olhar para ela — ela rebateu, muito furiosa.

— Eu não sou casado — falei lentamente.

— Isso é o que você diz. Ela diz o contrário e com muita alegria, apresentando-se com todo amor com seu sobrenome.

Como pode fazer algo assim, Sawyer?

Olhei em seus olhos, segurando seus ombros.

— Não menti e não traí.

— Não acredito em você. Por que ela se apresentaria a mim como sua esposa?

— EU NÃO SOU CASADO! — falei mais alto.

Ela tirou algo do bolso e arremessou em mim. Bateu no meu peito e caiu no chão. Era a merda da minha aliança.

— Eu não acredito em você, Sawyer Reedburn.

Quis sacudi-la pelos ombros e, por isso, a deixei retornar para os pacientes, sabendo que algumas pessoas ouviram meu grito e ela deveria estar ainda mais furiosa. Peguei a minha aliança e a olhei. Estava em meu bolso naquela noite porque eu não sabia o que fazer com ela.

Fiquei irritado que estivesse dentro do meu armário no hospital, não queria levar para o meu novo apartamento e até cogitei jogar no mar, mas com a raiva que borbulhava em meu peito, joguei no primeiro lixo que encontrei antes de descer as escadas, tomando distância da teimosia de Elizabeth.

Capítulo Nove

Elizabeth

Meu rosto estava quente. Todas aquelas pessoas que estavam me olhando, ouviram Sawyer gritar como um babaca.

Respirei fundo e sorri para a próxima mãe, evitando olhar em direção à minha residente e seus internos. Pedi que o caso fosse lido e atualizado, informando que graças à melhora nos últimos exames, não havia necessidade de permanecer mais um dia no hospital e por isso aquela seria a última noite para que desse sequência a cada quinze dias com um tratamento clínico.

Combinei de passar pela manhã e até o último de todos os quartos, minha respiração diminuiu e as minhas bochechas deixaram de ficar quentes, mas ainda me sentia borbulhando. Parei para assinar alguns prontuários revisados que estavam prontos quando Audrey Ferguson me entregou mais.

— Ele não é mais casado — ela murmurou timidamente e com ao receber meu olhar como resposta, saiu de perto com muita rapidez.

Eu vi pelo elevador os internos que estavam de folga começando o turno e eu dispensei quem estava no meio do plantão de trinta e seis horas para comer e tirar o descanso,

combinando que nos encontraríamos para assumir a emergência. Doutor Robbins me entregou a minha caneca térmica cheia de café e me convidou para sentar um pouco em uma das salas de estudo.

Aceitei, disposta a manter um bom relacionamento. Ele era um homem mais velho e foi um bom médico por toda a vida, segundo minhas pesquisas, mas não tinha um espírito de liderança e era facilmente manipulado, ou não possuía vontade de se indispor com a doutora Newman.

— Você estava certa — ele disse em um tom exausto. — Sei que é o seu primeiro dia e não queria parecer um completo babaca, mas a verdade é que estou um pouco cansado de todas as coisas

que vinham acontecendo nesse hospital. Era como nadar contra a correnteza.

— Eu entendo. Agora é o começo de uma nova era, doutor Robbins. — Ergui minha caneca e ele bateu o copo no meu. — Nós vamos fazer essa pediatria ser renomada em todo o país —

confirmei e ele concordou. — Será que pode esperar algumas horinhas? Doutor Ferguson vai mandar uma equipe de suporte por uns momentos enquanto converso com vocês, só preciso que o pediatra que vai te render chegue. Prometo não demorar.

— Tudo bem, você é quem manda. *Literalmente.*

Voltamos para a área da recepção e Jace apareceu com a equipe que iria nos substituir por alguns momentos. Bipei todos os funcionários da pediatria através do computador central e segui para a sala onde pedi que os internos do dia se preparassem. Aos pouquinhos a sala foi enchendo, tanto

de enfermeiros quanto de internos e residentes. Ainda havia aqueles que não me conheciam e outros que já estavam com as expressões alteradas.

O pediatra que assumiria o plantão da noite me deu um sorriso e se apresentou como Gareth Peterson. Pareceu simpático.

Fiquei parada esperando a sala ficar em silêncio e quando todos se ligaram, comecei a falar.

— Olá! Eu sou Elizabeth Nichols, a nova chefe da Pediatria e momentaneamente chefe da emergência. Sou nova, tanto na cidade quanto no hospital. Não estou interessada em discursar sobre o meu currículo porque essa rápida reunião é para assinalar todas as mudanças que começarão a partir de agora.

Passei vinte e cinco minutos listando todos os tipos de comportamento, respostas rápidas que eles dariam aos pacientes e aos pais. Já possuía um arquivo de boas maneiras no ambiente de trabalho, só acrescentei que gostaria que todos fossem gentis, humanos, sorridentes, educados e determinei o que era a função da enfermagem e o que era função dos internos. Não era uma opção não agir dentro dos protocolos básicos de respeito ao próximo.

— Espero que tenhamos uma longa caminhada, feliz e juntos. Não sou uma pessoa inacessível, mas só me acordem se o hospital estiver pegando fogo — brinquei e eles riram. — Estou aberta a ouvi-los e vamos transformar esse lugar para esses pequenos pacientes em um ambiente feliz. — Sorri ao perceber que quem estava tenso, não estava mais e recebi expressões mais simpáticas. — Obrigada pela atenção. Quem estava em descanso,

acrescente esse tempo e quem começou agora, bom plantão!

Vamos salvar vidas hoje!

Eles bateram palmas e eu me senti realizada.

— Doutora Nichols? — Um rapaz da administração me chamou. — Compramos tudo o que estava na lista. Podemos mandar subir?

— É claro! Doutora Lovely, será que poderia me ajudar?

— Claro! O que precisa? — ela perguntou com seu usual jeitinho de menina.

Fui um pouco exigente com ela, mas estava apenas testando até onde poderia ir para me preparar psicologicamente para uma noite inteira ao lado de pessoas que não conhecia na emergência.

— Gosta de decorar? — Praticamente dei uns pulinhos e ela me olhou confusa. — Espere e veja! Melhor conseguir um par de braços, vamos precisar de alguém da manutenção com martelo e furadeira. Vamos aproveitar que os pacientes não estão dormindo e ainda não jantaram.

Ângela saiu apressada para buscar o que pedi e eu peguei o buquê de lírios do campo que meu pai enviou para me mimar no meu primeiro dia de trabalho. Deixei bem na recepção quando saíssem do elevador, assim seriam recebidos com um belo vaso que peguei emprestado da administração e flores. Fiz uma anotação de sempre trocar, afinal, eram falsas e caras. Meu pai não enviaria flores verdadeiras porque eu não gostava quando elas morriam.

As caixas foram encaminhadas para a sala em que tive a reunião e comecei a abri-las. Quando Ângela voltou com mais dois internos e um rapaz da manutenção, ficaram assombrados com a

quantidade e ainda estavam subindo mais. Pedi que ela entregasse folhas em branco com um conjunto de lápis de cor e giz de cera para os pacientes, assim eles podiam desenhar para o novo quadro de mural que seria colocado próximo à entrada.

Espalhei parte dos itens felizes e coloquei um balde, com várias máscaras animadas dentro, em cima do balcão da recepção.

A enfermeira que ficava ali olhou meio desconfiada. Abri a porta da sala de brincar, começando a trabalhar de arrumar tudo ali dentro.

— É uma revolução? — Doutor Jace perguntou ao ver a quantidade de caixas e algumas coisas já mudadas. — Nossa!

Agora parece uma pediatria. Posso te ajudar em algo?

— Segura a cadeira pra mim? Vou colar esse adesivo gigante e não posso escorregar.

No fundo amarelo, colei uma margarida. Jace ainda me ajudou a passar a régua para ficar bem retinho. Percebi mais de uma vez que queria falar algo e não o encarei, para não ter que ouvir de mais uma pessoa que Sawyer não era casado. Ele também defenderia o amigo?

— A sala de brinquedos está pronta. — Ângela brilhava de emoção. — Agora sim. Esse lugar está mágico.

Ferguson realmente aumentou a quantidade de brinquedos e bichos de pelúcia que mandei comprar, então pedi que os muito repetidos ficassem guardados no armário.

— Ah, doutor Jace, me perdoe. Precisa de alguma coisa? —

Desisti de fingir que ele não estava andando atrás de mim.

— Jules e eu encomendamos pizza e viemos te chamar para comer conosco.

Era uma boa ideia socializar com os meus novos colegas de trabalho.

— Estou terminando e já desço.

— Eu te ajudo a terminar, só me dizer o que fazer.

Muitas mães saíram para ver o que estava acontecendo e sorriram pra mim. Com todo o andar rapidamente pronto, falei para

Ângela descer para descansar com os dois internos que subiram com ela. Agradei aos rapazes da manutenção e pedi que chamassem a limpeza para dar uma varrida onde as paredes foram furadas.

— Você é um pequeno terremoto — Jace disse no elevador e eu ri.

— Não gosto de deixar nada pela metade, estava me incomodando ficar naquele andar parecendo um adulto irritado. Lido com crianças. — Enfiei minhas mãos nos bolsos. — Meu pai sempre me chamou de pequeno terremoto, às vezes eu sou escala cinco e em outras, menos.

Jace apenas sorriu e indicou que eu deveria sair primeiro.

Seguimos juntos até a sala dos médicos e Jules estava lá com Cooper. Eles pareciam ter uma conversa na qual ele ria e ela fazia cara de nojo. Como a pizza ainda estava para chegar e eu tinha um tempo de descanso, resolvi tomar um banho quente, para relaxar meus músculos tensos e trocar meu *scrub*.

Liguei o chuveiro e testei a temperatura, entrando logo em seguida, deixando a água cair em meus ombros doloridos, cheios de tensão, não só pelo trabalho novo estar se mostrando um desafio, mas também por Sawyer insistir naquela história de não ser casado.

A suposta confirmação da prima me deixou confusa com as duas vezes em que "sem querer" fui abordada por Bryce, como se quisesse esfregar o sobrenome na minha cara, fazendo com que a minha consciência pesasse mesmo sem culpa.

Eu não sabia o que fazer.

Sequei-me e parei na frente do espelho, analisando minha aparência. Me vesti, me sentindo muito melhor e pronta para enfrentar as longas horas que faltavam, principalmente passando a noite na emergência. Abri a porta do banheiro e guardei minhas coisas no armário, vesti o jaleco novamente e respirei fundo.

— Tem alguém muito cheiroso aqui. — Ouvi a voz de Sawyer e parei na porta entre os armários e a sala. Ele me olhou de cima a baixo e um sorriso lento se espalhou em seu rosto, me fazendo

contorcer por dentro. Fiquei parada, sem saber como reagir, com a palpitação e as malditas borboletas no estômago. —

Está muito cheirosa, doutora Nichols.

Lembrei-me dele sussurrando que amou meu cheiro antes de sugar a pele do meu pescoço, apertando minha bunda. Foi como se pudesse sentir seu corpo em cima do meu e a boca distribuindo beijos pelo meu colo até meus seios. Limpei a minha garganta, balançando minha cabeça, puxei uma cadeira e me sentei entre Jace e Jules.

Não podia respondê-lo sem entregar o quanto me afetava.

— Vou buscar coisas para beber. Quem quer refrigerante e quem quer suco? — Cooper levantou, pegando a carteira.

— Suco pra mim, por favor. — Tirei meu celular do bolso.

Estava com muitas mensagens não lidas. — Qualquer sabor.

— Amanhã farei a colocação de orelhinhas fofas no meu mini paciente, ele tem o próprio pediatra, por isso não deve ter sido informada, mas eu adoraria que participasse comigo. — Jules puxou assunto e me contou a história do paciente. — Será na parte da tarde, topa?

— Claro. Se eu não estiver em nenhuma cirurgia de emergência, estarei lá com toda certeza, vou adorar aprender mais sobre o procedimento.

Jace contou a eles a minha revolução no andar e eu percebi que Sawyer não tirava os olhos de mim. Foquei minha atenção em sua mão esquerda e arqueei a sobrancelha ao ver que realmente não havia marcas da aliança, mas aquilo não queria dizer absolutamente nada. Éramos médicos, raramente ficávamos com anéis nas mãos, não pegávamos muito sol por vivermos dentro de um hospital. Para melhorar ainda mais o meu dia, na frente do entregador de

pizza que Jace estava pagando, Bryce entrou com uns prontuários na mão.

— Olá a todos! — ela disse de forma simpática.

Imagens de Vicky tentando falar comigo após o acontecido preencheram minha mente. Sua perseguição, querendo provar a

inocência, dizendo que havia sido seduzida pelo homem que eu amava, ainda me apavorava em algumas noites. Descobri que era mentira, mas na época, me deixou profundamente perturbada que ela tivesse sofrido abuso. Foi só mais uma curva da traição. Ela queria o meu perdão a todo custo.

Afinal de contas, com quem ela iria viver tão bem? Deve ter se dado conta de que o dinheiro e luxo em que Chase vivia eram financiados por mim.

Pelo dinheiro do meu pai.

Abaixei a minha cabeça ao ouvi-la falar com Jules sobre os prontuários e continuei digitando minha longa mensagem para meu pai, com meus dedos tremendo.

— Bonito jaleco, Bryce. — Jules virou-se em sua cadeira e abriu um sorriso que eu diria que foi bem sonso. — Tirou o Reedburn? — ela perguntou e levantei meu olhar, mas rapidamente abaixei.

— Em algumas semanas esse sobrenome não me pertencerá mais e meu adorável ex-marido fez questão de me lembrar disso —

Bryce retrucou e mordeu meu lábio com um pouco mais de força.

Put a merda! Ele estava falando a verdade e eu podia sentir seu olhar em mim.

— Agora ela é a doutora Bryce Newman e será somente isso.

— Sawyer disse gentilmente, em minha direção. — E pessoal, nos divorciamos, mas temos um acordo de sermos gentis e educados no trabalho. Não há necessidade de drama.

Bryce riu.

— Fale por si só — ela murmurou e saiu depois de entregar os prontuários para Jace, jogando os cabelos e rebolando.

— Você sabe que ela não vai te deixar em paz assim tão fácil, não sabe? — Cooper colocou as latas de refrigerante e suco em cima da mesa, distribuindo os copos.

Ainda fingindo digitar, olhei furtivamente para Sawyer. Ele estava olhando para mim.

— Já faz seis meses que pedi o divórcio e oito que nos separamos de corpos, ela vai superar. Talvez já tenha superado, é só implicância — Sawyer respondeu e senti que ele ainda não estava satisfeito com as alfinetadas.

Se esperava que fosse pedir desculpas pelo tapa, estava muito enganado. Se me enchesse o saco, eu daria mais um.

Terminei a mensagem para o meu pai e peguei um pedaço de pizza, mordendo suavemente e olhando para Sawyer, que tinha uma expressão de “eu te disse” no rosto enquanto seus amigos falavam sobre o paciente de Jules que nasceu sem as orelhas. Continuei comendo, fingindo que ele não existia, não dando importância à sua presença,

mesmo que em meu íntimo, não conseguisse esquecer o quanto ele era presente, principalmente na cama.

Não lhe dirigi a palavra. Terminei de comer, lavei minha boca, retoquei meu batom e saí da sala acompanhada de Jules, o que talvez tenha sido um empecilho para que ele me seguisse.

— Preciso deitar por uma hora. — Estalei o pescoço, exausta.

— Tive quatorze horas de uma reconstrução facial. Estou simplesmente destruída, mas também tenho que deitar antes de enfrentar a emergência, aqui sempre é um caos.

— Muitos traumas?

— Acidentes domésticos como queimaduras, cortes, quedas, são tratados pelos residentes e muitas das vezes encaminhados para os cirurgiões gerais. Somos chamados apenas para a nossa especialidade, mas também temos atropelamentos, queimaduras de terceiro grau, suicídios que deram errado, acidentes de carro e muitas outras coisas que nos deixam ocupados e meio loucos.

Jules me levou para uma das maiores salas de descanso e que somente os atendentes poderiam dormir ali. Tinham seis camas, sendo três de casal, com travesseiros grandes. Escolhi a cama do canto, ela deixou a luz apagada e deitou na outra cama.

Tirei meus tênis e a parte de cima do *scrub*, deitando confortavelmente e me cobrindo com um lençol para ninguém ficar olhando para a minha bunda.

Uma hora de sono não iria me satisfazer, mas me impediria de estafar. Coloquei o telefone para carregar, relaxei e adormeci.

Capítulo Dez

Elizabeth

Acordei sentindo outro corpo na cama e quase bati com a cabeça na parede ao constatar que Sawyer estava bem ao meu lado. Ele parecia dormir e eu não podia acreditar na cara de pau e inconseqüência em deitar na mesma cama quando claramente havia outras vazias no mesmo quarto. Levantei minha cabeça e procurei por Jules, mas ela não estava no quarto. Faltavam cinco minutos para meu relógio despertar e eu precisava fazer xixi e descer. Sawyer abriu os olhos, me deu um sorriso e eu bufei.

— Não tem limites na sua perseguição? Como simplesmente deita ao meu lado com tantas camas vazias, Sawyer?

— Tranquei a porta. — Ele encolheu os ombros. Menos mal.

— Agora que sabe que falei a verdade, não acha que precisamos conversar?

Cruzei meus braços. Não queria admitir que dei uma surtada.

— Você *ainda* é casado. — Encolhi os ombros. — Se ouvi bem, o divórcio sai em algumas semanas.

— Sim, é verdade. Mas não sou infiel, Elizabeth — ele disse com uma veemência que me deixou chocada. — Não quero que pense que sou o tipo de cara que trai quando a esposa está andando pelos corredores. Não posso permitir que tenha essa impressão de mim. Na minha vida, Bryce é nada

além da mulher que casei por quatro anos, foi uma decepção mútua de falta de amor e interesse. Somos colegas de trabalho e estamos separados de corpo há meses, em processo de divórcio também — completou.

Engoli em seco, sentei-me na cama e me virei de frente. — Eu não fiquei com você para trair a minha esposa. Posso não estar solteiro perante a lei, mas estou no limbo, porque perante a lei também não estou mais casado.

Encarei minhas mãos no colo e depois seu rosto.

— Não vou me desculpar pelo tapa que te dei. Aquele beijo foi inapropriado.

— Foi gostoso, assim como a primeira vez que ficamos. —

Ele sorriu e resisti à vontade de sorrir também. — Eu queria te ver de novo, mas você não me ligou.

— Encontrei a sua aliança no chão da minha sala.

Sawyer pegou minhas mãos, me puxando para mais perto e com delicadeza, encaixou minhas pernas nas dele. Ele estava me hipnotizando, relaxei, passando meus dedos por seu pescoço e ainda tinha a marca da minha boca ali.

— Estava no meu bolso porque eu não sabia o que fazer com ela. Nunca me divorciei antes. — Fez um ligeiro beicinho.

Joguei a minha no mar, pensei, mas não ofereci essa informação.

— Tudo bem, está esclarecido, mas eu não acho uma boa ideia continuarmos o que começamos naquela noite — comecei a falar e ele abriu a boca, consternado. — Não até

estar *oficialmente* solteiro — adicionei com um risinho. Ele bufou. — Vai me dar tempo de me habituar ao trabalho. Você é meu chefe, Sawyer.

Ele tirou meu cabelo da testa, beijando-me com suavidade.

— Não é proibido, mas eu te entendo. É tudo muito novo, não é?

— Exatamente! — esclareci, aliviada que havia uma parte dele que podia entender. — Foi uma surpresa te encontrar aqui, eu não estava preparada. Por isso, além das cenas que já causamos, acho que devemos trabalhar bem juntos.

— Quando estiver solteiro, posso te procurar novamente? —

ele questionou e eu ri, corando. Sawyer sentou-se e ficou à minha frente. Encolhi os ombros, sem saber o que responder, não conseguia pensar com ele tão perto e lembrando como era gostoso abraçá-lo depois do sexo. *Foi uma noite casual.*

— Preciso que saiba de uma coisa: eu não sou fácil. Tenho problemas de confiança e não vou aceitar ficarmos juntos enquanto

for casado. Não quer dizer que teremos alguma coisa, apenas que não será até estar solteiro. — Olhei em seus olhos, sendo sincera.

Foi um mal-entendido e eu peguei pesado porque tinha problemas pessoais com traições. Não pediria desculpas por aquilo.

Sawyer apertou minha coxa.

— Eu preciso de uma coisa para aguentar essas semanas.

Franzi o cenho, confusa.

— Um beijo.

Inacreditável.

— Sawyer. Não. Se começarmos, não vamos parar. Será como na escada, vamos nos beijar e vai ser difícil ficar longe.

— Não foi difícil me dar um belo tapa no rosto — ele rebateu rapidamente.

— Em minha defesa, acreditava que era casado e não tenho vocação para ser amante.

— Eu sei, sinto muito por todo mal-entendido. No seu lugar, também ficaria muito chateado. Espero que não exista mais dúvidas.

— Não estaria aqui se existisse, mas por ser nova no hospital, prefiro que esteja solteiro. Se alguém nos flagrar com trocas de olhares ou até mesmo beijando, vai ser uma fofoca enorme. — Brinquei com a gola do seu *scrub*. — O que aconteceu naquela noite foi incrível, sim, e pode esperar sua solteirice.

— Um beijo de despedida. Sabe-se lá quando vou conseguir atrair sua atenção novamente — ele pediu e eu quase respondi que ele não precisava de muitos esforços, mas fiquei quieta pelo bem da minha sanidade mental. — Um beijo e depois nós iremos trabalhar juntos como novos colegas de trabalho. Eu tenho a feliz vantagem de ter... — Ele beijou meu pescoço e suspirei, arrepiada. Minha língua estava presa para dizer não. — Conhecido seu corpo... —

Beijou do outro lado. — De um jeito único. — E por fim, beijou minha boca. Voluntariamente, meu desejo traidor, que estava ignorando os comandos do meu cérebro racional, me fez pular para o colo dele.

Era um beijo de despedida, o que me fazia uma completa hipócrita sem forças. Sawyer desceu as mãos para a minha bunda e me pegou com força.

Enfiei as mãos em seu cabelo, aceitando e adorando cada segundo daquele beijo. Sawyer desceu minha blusa e sutiã, liberando meu mamilo e mordeu sua boca para não gemer alto.

Precisávamos parar, mas não queria me afastar nem por um segundo.

Ele não queria ser o cara que trai.

A sinceridade dele estava me corroendo, dilacerando. Por experiência, eu sabia definir homens mentirosos. Não estava errada em acusá-lo, foi esclarecido, porém, manter a distância era tudo que podia fazer de bom por mim, exceto, quando ele estava com a boca em meu seio, fazendo coisas incríveis com a língua no meu mamilo.

Puxei sua cabeça, querendo sua boca na minha e nossos celulares começaram a tocar. Sawyer sorriu e me deu mais um beijo. Voltei para o meu lugar na cama, com o coração batendo forte no peito. Levantei-me e entrei no banheiro, fechando a porta. Eu precisava fazer xixi e fiz, com a mente girando que se o telefone não tocasse, ele teria muito mais do que um beijo de despedida e estava mais do que comprovado que não tinha resistência contra seu charme, derretia em suas mãos mais que habilidosas.

Voltei para o quarto, calcei meus tênis rapidamente e vesti meu *scrub*. Ele estava me olhando, esperando alguma reação, e seria bom para nós dois que eu não surtasse naquele momento.

— Qual a emergência? — Vesti meu jaleco e enfiei o telefone no bolso, embolando o carregador junto.

— Trauma torácico em acidente de carro — Sawyer respondeu, colocando o relógio novamente e abaixou para amarrar os tênis.

Andamos rápido até o elevador, que não demorou a chegar à emergência. Eu mal tinha conseguido prender meu cabelo quando as portas se abriram. Bryce olhou para nós dois e enfrentei seu

olhar confuso com pura indiferença, seguindo para a sala dois do trauma. Sawyer entrou atrás de mim e ouvimos a doutora Lovely relatar o que ouviu do paramédico.

Sawyer me deu espaço para fazer a punção do hemotórax.

Senti um agrupamento de pessoas atrás de mim, provavelmente os internos,

desejando

aprender

os

movimentos,

que

fiz

cuidadosamente. Jules entrou e só assim percebi que o rosto dele estava completamente destruído. Terminei com o dreno e segui para o próximo ferido, deixando Cooper e Jules começando seus trabalhos.

Troquei um olhar com Sawyer e percebi o quão fácil era trabalhar com ele. Observei com fascínio o soco no peito que deu no paciente, com precisão e força correta, fazendo-o voltar e começamos o tratamento. Havia uma criança no acidente e por isso deixei-o sozinho, seguindo para o menino que estava aparentemente lúcido, mas podia estar em choque.

O policial relatou que ele ficou preso na cadeirinha, mas não estava com nenhum ferimento grave. Havia contusões para todo lado, inclusive não pareciam causadas pelo acidente. Virei para Audrey. *Oh, não.*

— Chame a assistência social — falei bem baixo, ela assentiu e foi. — Oi, você, menino lindo. Qual é o seu nome?

— Kylie — ele sussurrou e olhou nos meus olhos. — Eles estavam brigando.

— E quem são eles?

— Meu pai e meu avô. — Coloquei-o sentado na maca alta.

Examinei seus olhos e levantei seu cabelo para analisar os cortes, em seguida, fiz o toque no abdômen.

— Ky? Quer me contar que dodóis são esses enquanto limpo os de hoje?

— Qual é o seu nome? — Ele tocou meu rosto.

— Eu sou a doutora Liz.

— Bonita. — Ele sorriu, encantador e sorri de volta.

— E os dodóis?

— Foi a mamãe. — Apontou para o braço. — Ela fez esses aqui e aqui. Esse feio, eu caí andando de bicicleta, o outro foi quando eu caí da janela e esse quando eu caí do skate na escada.

— Apontou vários hematomas, mas os maiores e mais profundos, foram os que apontou como os causados pela mãe. — Vovô e papai foram me buscar. Eles vão ficar bem?

— Vamos rezar que sim. — Eu me distraí ao ver o hematoma na barriga dele. Apertei suavemente e encontrei a cavidade dura.

Ele gemeu de dor. — Tudo bem, Kylie. Eu vou te dar uma picadinha aqui na testa, para curar o seu dodói e depois nós vamos passear pelo hospital, fazendo alguns exames, tá bom? — Acariciei sua bochecha. Ele balançou a cabeça e Audrey voltou. — Ele precisa de pontos na testa e vou solicitar uns exames. O nome dele é Kylie.

— Oi, Kylie, eu sou a doutora Audrey e vou cuidar de você.

Enquanto registrava a ocorrência dos hematomas, por obrigação médica, observei Audrey conversar e sorrir com Kylie.

Assinei e pedi que o enfermeiro enviasse à assistente social, ela já saberia o que fazer quando pudesse descer. Fiz a solicitação dos exames e entreguei a Audrey, seguindo para o próximo paciente, que parecia ter sido deixado de lado quando os casos graves entraram. Ele precisava de uma sutura. Uma grávida entrou gritando, enquanto eu costurava o braço de um garoto que não parava de falar

que era necessário que minha sutura deixasse cicatriz para que ele pudesse impressionar sua garota.

Fiquei fascinada com a agilidade e suavidade de Jace ao conter os gritos da gestante e seu acompanhante, levando-os para uma sala. O parto de emergência começou ali mesmo, era provável que tivesse vindo com a criança coroando. Alguns partos eram simplesmente rápidos e eu precisava ir até lá. Terminei a sutura e chamei o enfermeiro para que finalizasse o atendimento do paciente. Abri a sala de trauma e a criança estava nos ombros.

Fascinante. Eu amava a medicina.

Jace continuou incentivando a mãe e achei totalmente fofo o cuidado de chamá-la pelo nome ao invés da imparcialidade fria que muitas vezes nas salas de emergência éramos obrigados a usar, por não dar tempo de memorizar o nome do paciente.

Foram seis longas horas de puro caos na emergência, que vinha em ondas, de calma e intensidade. Quando realmente acalmou, Sawyer e eu éramos os únicos a ter cirurgia na primeira hora, então, os demais iriam segurar as pontas para que pudéssemos dormir. Eu fugi dele. Adormeci na sala de descanso ainda não utilizada na ala da pediatria. A cama era pequena, dura e irregular, mas tirei uma hora e meia de sono pesado, cochilando por mais meia hora enquanto minha mente voltava ao foco.

Ao levantar, ajeitei meu rosto e me deparei com o turno da noite se despedindo, o turno da manhã chegando e cheiro de café para todo lado.

Enchi a minha caneca até a boca e descii para a cafeteria do primeiro andar, onde comprei um muffin. Sentei e bocejei. Quatro bandejas bateram na minha mesa e ao levantar meu

rosto, encontrei meus companheiros e atendentes completamente destruídos, porém, ninguém estava reclamando. Eu ainda tinha bastante disposição.

Sawyer encostou a perna na minha, por baixo da mesa, seu dedo mindinho tocou o meu e eu os cruzei. Soltamos quando uma enfermeira olhou diretamente para o nosso contato. Sorri para meu bolinho, me reprimindo por parecer uma adolescente excitada.

Comi e bebi, trocando relatos da noite longa, feliz de que plantões de trinta e seis horas eram apenas uma vez na semana.

Nos demais dias trabalhávamos normalmente, dependendo das cirurgias ou das chamadas, mas era provável conseguir dormir uma noite inteira em nossas camas.

Descobri que Diego e Ângela eram um casal quando ele teve o cuidado de comprar o café da manhã dela. *Muito fofo*. Sawyer e eu nos preparamos para a cirurgia do bebê recém-nascido. Nós ainda não havíamos operado juntos e tinha todas as chances

daquilo dar errado, principalmente porque a sala de cirurgia estava cheia. Cinco internos de cada lado, duas residentes, cada uma assumindo um lado, e uma sala de observação lotada, incluindo nossos colegas e Joshua Ferguson.

Dizer que eu estava nervosa era eufemismo, mas Sawyer foi incrível. Ele era um excelente cirurgião. Sua fala era calma, explicando o procedimento e me permitindo falar, o que me deixou mais segura e confiante a ponto de termos dividido a cirurgia como uma aula, em tópicos que nunca ensaiamos, que nunca conversamos.

Foi um sucesso.

Notificamos os pais juntos e fomos recebidos com lágrimas de gratidão. Para um único plantão, eu estava com um saldo positivo no final da manhã e como meu andar estava com a rotina perfeita, me dei ao luxo de sentir orgulho. No final do meu plantão, tomei um banho caprichado e coloquei a minha roupa, arrumando-me para sair inteira, talvez não tão perfeita como quando cheguei.

Peguei minha bolsa, tranquei meu armário, me despedi de Jace, que ainda se arrumava e de Jules, que se maquiava para tomar café com uma amiga no centro.

Passei em Joshua e apenas sorri. Minha felicidade estava longe de acabar. Registrei meu ponto de saída e ao atravessar o estacionamento, vi Sawyer. Ele estava lindo e abriu um sorriso que podia ser comparado com a luz do dia. Foi inevitável não sorrir de volta, mas ao invés de parar, continuei andando até a minha casa e felizmente para nós dois, ele me deixou ir e não me seguiu.

Na hora certa, sairíamos juntos.

Capítulo Onze

Sawyer

Elizabeth passou por mim e sorriu timidamente, mas não parou. Olhei para sua bunda e disfarcei. Nas últimas duas semanas, consegui roubar um beijo por semana, com muito custo e sacrifício.

Trabalhamos bem juntos e tivemos bons momentos com nossos colegas, mas toda vez que chegava perto demais, ela sussurrava a palavra *solteiro* e me deixava louco de vontade e tesão.

Em duas semanas, enfrentamos dois plantões de trinta e seis horas, dezoito cirurgias juntos e muitos traumas no meio do caminho. Tio Joshua disse que encontrei a minha *esposa-do-trabalho*, a mulher que era facilmente meu braço direito e que tinha completa sintonia. Quase deixei escapar que tínhamos bastante sintonia na cama também. *Foi épico.*

Na hora do almoço eu estava faminto por ter pulado o café da manhã. Encontrei Jules, Liz e Amber dividindo a mesma mesa e quando finalizei a minha compra, Diego e Ângela também estavam lá. Ocupei o lugar vazio ao lado dela, abrindo minhas embalagens e sorri internamente quando ela pegou dois morangos inteiros da minha salada de frutas e comeu enquanto falava com Jules.

Tornou-se

costume

nosso

roubar

algumas

coisas

interessantes dos pratos, mas o fato de que ela se sentiu à vontade o suficiente para aquilo, renovou as minhas forças de quebrar as barreiras. A mulher era uma rocha de determinação e autocontrole.

— Sawyer, se esconda. — Jace sentou-se ao meu lado, branco como uma folha de papel.

— Olha quem vem aí... as gêmeas do mal — Jules cantarolou e ele gemeu.

— Tarde demais. Tarde demais — Jace murmurou e Cooper sentou-se ao lado dele, abrindo a lata de suco com uma expressão alterada.

Que porra havia acontecido?

— Suas mães nos arrumaram encontros às cegas com duas garotas da administração que definitivamente não fazem nosso tipo

— Cooper disse com irritação e virou o suco no copo. — Addison disse que tem uma surpresinha especial para você.

— Deus, não. É o quinto encontro que estou fugindo, já não tenho mais desculpas — gemi, enfiando meu garfo na salada.

— Elas estão atravessando e estão determinadas — Amber comentou e eu percebi que ela estava adorando o show. —

Focadas. Destemidas.

— Cale a boca — resmunguei, olhando rapidamente para as duas, que vinham animadas, falando com todas as pessoas no caminho. — Não dá mais para sair sem ser notado.

— Não mesmo. — Elizabeth riu, interessada. — É só um encontro às cegas. Por que estão reclamando tanto? Se você for menos extravagante, tem trinta por cento de chance de dar certo, mas é melhor não levar para jantar, o que pode te resultar em uma conta a mais no fim do dia e em setenta por cento dos casos não vale a pena, o que acaba gerando uma espécie de decepção, fazendo com que oitenta por cento dos encontros às cegas não cheguem até o segundo.

— Liz? Você tem traumas com encontros ou coisa do tipo?

— O que foi? Mergulhei de novo nas estatísticas. Desculpe.

— Ela corou. Nós rimos. Ela era toda sobre porcentagem, números e sabia coisas que até Deus duvidava.

Ela murchou na cadeira querendo se esconder. Sempre que tinha esses rompantes, ficava toda vermelha, me dando uma incrível vontade de mordê-la.

— Espere até que ela arrume encontros para você e aí nós conversaremos — Cooper resmungou e eu ri. Liz não sabia o quanto as gêmeas podiam ser terríveis.

Cooper descobriu que ela foi minha por uma noite, então parou com as cantadas irritantes. Tanto ele quanto Jace estavam me incentivando a derrubar as barreiras dela, já Jules, *minha amiga*, se afeiçoou tanto a Elizabeth, as duas estavam tão juntas, que se

bandeou para o outro lado e estava ajudando-a resistir. *Jules era uma traidora.*

— Ainda bem que eu tenho meu encontro certo. — Diego beijou a mão de Ângela e o coro de som de vômito foi coletivo. —

Não liga não, amor. Eles estão com muita inveja.

— Olá meninas e meninos! — Addison chegou toda sorridente enquanto minha tia Meredith estava mais afastada, falando em seu telefone. — É tão bom encontrá-los juntos. Agora que finalmente apresentei duas meninas maravilhosas e muito educadas para esses meus meninos favoritos aqui, já posso dar sequência! — Sorriu maravilhada consigo mesma.

— Como assim? — Amber perguntou, receosa.

— Eu sabia que você seria a mais animada! — mamãe comemorou e voltei a comer fingindo que ela não estava ali.
— Eu tenho para você um dos nossos melhores anestesistas. Ele precisa fazer a barba, cortar o cabelo, mas é bonito, aquela pele morena com aqueles olhos verdes. O doutor Tyler está solteiro e adivinha só? Ele te acha linda! Está livre essa noite?

Amber tossiu.

— O quê? Estou, mas...

— Ótimo. Ele pode te buscar que horas?

— Não, obrigada, doutora Reedburn... — Amber gaguejou, sem alternativas.

— Saindo às seis da tarde você pode ficar pronta até às oito, então, umas oito e vinte da noite. Perfeito — ela disse, ignorando totalmente Amber e virou-se para Elizabeth. — Oi, Liz, querida. —

Ela ergueu o olhar de seu prato, porque estava sufocando a risada e deixou escapar um risinho. — O que você vai fazer hoje à noite?

— Assistir a um filme com vinho e pipoca, enrolada no roupão, e dormir — Elizabeth respondeu e eu agradei pela imagem mental.

— Eu tenho para você...

Ah, porra mãe! Não me fode!

— Ela já tem companhia. — Entrei no assunto sem pensar.

Merda. As duas olharam pra mim. — Eu me voluntariei de forma vitalícia! — completei e o pé de Liz esmagou o meu.

Minha mãe sorriu meio desconfiada no começo e depois assumiu uma expressão de que aquilo era uma boa ideia.

— Perfeito. Então, o outro candidato fica com você, Jules. —

Mamãe anotou em seu telefone e minha amiga pulverizou o chá que estava bebendo. Cooper estava incontrolável na risada. — Bom que você pode convencê-lo a dar um jeitinho naquelas orelhas — falou mais baixo e Elizabeth engasgou, rindo. Jules estava congelada.

Jace faltava bater nas pernas para conter a gargalhada. Ângela escondeu o rosto no ombro de Diego, lacrimejando de tanto rir. — O

que foi, crianças? Vocês parecem um monte de hienas! Ainda falta um, ele é recém-divorciado. Acha que fica chato falar com a Bryce?

Os dois são chatos e combinam!

Cobri meu rosto, desejando ter o poder de me teletransportar para o outro lado do hospital. Queria muito que minha mãe tivesse limites.

— Por que está juntando todo mundo? — Elizabeth perguntou calmamente.

Minha mãe fez uma expressão de quase morte. Liz se encolheu.

— Eu vou te perdoar porque é nova aqui, mas os demais estão na minha lista negra. — Ela disse entredentes, olhando-nos de forma ameaçadora. — O baile anual,

crianças! O baile que o hospital organiza para arrecadar fundos para a oncologia. Nós amamos essa causa, não amamos? — Nós balançamos a cabeça.

Ela voltou a ficar animada. — Esse ano terá um leilão de solteiros e é bom que cada um esteja acompanhado, para aumentar os lotes e as competições. E será no tema preto e branco, com máscaras, um show incrível...

Elizabeth estava olhando para Addison com receio. Eu a entendia completamente.

— Como vocês são lentos, decidi criar logo os pares. —

Mamãe deu de ombros com um sorriso que deixava qualquer um tonto. — Na minha época, não existiria nenhum homem solteiro nesse hospital.

— Você é genial. — Elizabeth elogiou e Jules a olhou como se fosse louca. — Mas eu não danço, não vou a bailes, então não preciso de um encontro. Sawyer está de volta à sua estante.

Eu estava prestes a protestar quando minha mãe bufou.

— Essa opção não existe.

— Elizabeth Marie Nichols! — Tia Meredith se aproximou e fiquei feliz de que sabia seu nome completo. — Como você pôde?

— O que eu fiz? — ela perguntou preocupada e nós viramos para a minha tia.

— Hoje é seu aniversário e você não falou nada!

Virei-me para ver Elizabeth corar.

— Ah! Isso! Não tem nada de mais — Liz resmungou, envergonhada que Jules lhe abraçou para dar os parabéns.
—

Trinta e um anos. Estou na melhor idade, meus hormônios estão amadurecidos, provavelmente é a hora em que meu relógio biológico irá começar a enlouquecer e é possível que perca dez por cento da melanina dos meus cabelos, então poderei ter fios brancos. Ai, meu Deus, o que está acontecendo comigo hoje?

Dei tapinhas em suas costas, para que se acalmasse.

— Tudo demais! Ainda bem que dá tempo de preparar uma pequena festinha — Addison disse e Elizabeth abriu a boca para dizer que não. — Também não tem opção, você está sozinha em Nova Iorque e passaria seu aniversário comendo pipoca? De jeito nenhum! Oito horas lá em casa e teremos uma festa!

— Você gostaria de convidar mais alguém do hospital? — Tia Meredith perguntou, anotando algo em seu celular.

— Bryce com certeza não — Jules murmurou e comecei a rir, ganhando um chute na canela dela.

— Algum prato preferido, querida? — Addison ainda estava mexendo no celular.

Liz parecia sufocada na cadeira.

— Ah, eu...

— Peixe? Lagosta? Massas? — mamãe disparou perguntas e seu telefone apitou. — Massas, eu tenho um paciente agora, vejo vocês mais tarde!

— Addison, espere! Ainda não arrumamos alguém para o...

— Tia Meredith foi atrás apressada. A mesa ficou em silêncio, então nós começamos a rir sem parar.

— Elas são assim em casa também? — Ângela perguntou.

— Pior. — Esfreguei a nuca, exausto. Era o efeito das gêmeas.

— Sawyer! — Audrey veio em disparada. — A mamãe me arrumou um encontro com um garoto que eu nunca vi na vida e ainda deu meu telefone a ele! — ela reclamou, se jogando na cadeira atrás de mim. — Por que elas são assim?

— Eu posso ser seu encontro, Audrey — Jace disse com um sorriso besta. Ela deu o dedo do meio e foi embora batendo o pé. —

Grossa.

Peguei meu bolinho de chocolate e ofereci a Elizabeth.

— Feliz aniversário. — Eu sorri e ela pegou, dando-me uma piscada e uma mordida, oferecendo-me em seguida. Mordi. O

bolinho era divino. Beijeí sua bochecha. Nós trocamos um olhar com um sorriso suave.

Queria sua boca e a teria. O celular dela apitou. Tirou-o do bolso do jaleco, levantou e saiu correndo.

— Ângela, vem! — gritou já quase na porta.

— Eu adoro vocês, mas tenho que dar uma aula prática de sutura para essas crianças que saíram da faculdade sem saber costurar — Amber gemeu e vestiu o jaleco.

— Eu tinha uma aluna que a coloquei por um plantão inteiro praticando sutura em uma banana — adicionei secamente. Ela revirou os olhos, porque a aluna em questão havia sido *ela mesma*.

— Os meus internos estão praticando micro incisão em uvas.

— Jules riu e pegou as batatas que eu deixei no pote, enfiando todas na boca.

— Coloquei os meus para fazer perfuração craniana em ovos. Quem quebrar está fora — Cooper disse e virou-se para Jace.

— O que os seus estão fazendo?

— Estudando uma vagina. — Ele deu de ombros com uma risada. — acredite em mim, nem todos sabem o que é uma.

— Pintinhos. — Jules riu.

Cooper foi bipado.

— Parece que Kylie está sendo levado à cirurgia. Tenho que subir.

Kylie era um paciente que todos nós nos afeiçoamos, principalmente depois que o avô infelizmente veio a falecer e Cooper induziu o pai ao coma até que fosse curado. O pai já estava de alta, mas Kylie dia após dia foi apresentando diversos traumas, desenvolvendo um coágulo perigoso no cérebro por conta do acidente. Sua saúde fragilizada não estava colaborando, estava desidratado e subnutrido. A mãe foi acionada por maus-tratos e a guarda havia sido passada para o pai.

— Vou aproveitar os minutinhos que ainda tenho para comprar um presente para Liz — Jules disse e se levantou, vestindo o jaleco. — Querem alguma coisa da rua?

— Eu vou com você. Aproveito para buscar meu relógio no conserto e compro alguma coisa. — Jace levantou-se também. —

Tenho que comprar um presente para a namoradinha platônica do Sawyer. — Ele sorriu e chutei sua perna.

Sabia muito bem o que daria a ela, mas não fui com eles porque eu tinha uma reunião agendada.

— Doutor Reedburn, por gentileza, viu a doutora Nichols? —

A recepcionista me perguntou e vi que havia uma família atrás dela.

— Ela acabou de entrar em uma cirurgia. Posso ajudar em alguma coisa?

— A família dela está aqui.

Fiquei de pé quase que em um pulo.

— Deixa comigo. — Sorri e me aproximei deles. — Ela acabou de entrar em cirurgia, foi uma emergência, então não sei quanto tempo irá demorar. Sou Sawyer Reedburn.

— Prazer em conhecê-lo, doutor Reedburn. Sou Paul, pai de Elizabeth, esses são minha esposa e meus enteados, o namorado da minha enteada e amigo de Liz de infância. — Ele os apresentou e apertei a mão de todos. — Viemos fazer uma surpresa. Ela disse que o dia estava tranquilo e achei que poderia levá-la para comer rapidamente.

Foi impossível não reparar o quanto a esposa dele era bonita e a filha também. Os outros dois rapazes pareciam o tipo de pessoa que eu evitava a todo custo: playboys riquinhos. *Quem usava colete e calça jeans, por tudo que era mais sagrado?*

— Estava. Aqui é assim, em um momento está calmo e no outro, muito caos. Hoje à noite minha mãe estará organizando uma pequena festa de aniversário para Liz em minha casa, talvez queiram fazer a surpresa mais tarde? Realmente não sei quanto tempo ela vai demorar.

Não fazia ideia mesmo.

— Ah, maravilhoso! — A senhora. Nichols sorriu de um jeito que me incomodou e a garota atrás deles revirou os olhos.

— Acho ótimo! — Paul Nichols disse, alheio às expressões ao seu redor.

Peguei meu jaleco e anotei o endereço, meu número de telefone e as referências que lembrei sobre o caminho.

— Se me permite perguntar, doutor Reedburn... — Paul disse, lendo o papel, que dobrou e enfiou no bolso. — Por que a sua

mãe está fazendo uma festa para a minha filha?

— Nós não sabíamos que a família dela estava na cidade.

Minha mãe é gêmea de Meredith Ferguson, o motivo pelo qual meu tio Joshua conseguiu trazer sua filha para este hospital.

— Ele assediou a minha filha com contratos exorbitantes por um ano. — Paul arqueou a sobrancelha.

— Somos uma família determinada quando queremos alguém... — Limpei minha garganta. — Em nossa equipe.

— Entendo. Admiro a insistência e simpatia do doutor Ferguson, bom saber que é sobrinho dele e que minha filha está sendo bem recebida. — Paul sorriu e eu percebi que foi verdadeiro.

— Vou levá-los para passear um pouco. Vejo você à noite.

Respirei aliviado quando eles saíram. Eu me senti sendo milimetricamente avaliado em um curto espaço de tempo. Subi correndo para a minha reunião, escovei os dentes antes e entrei na sala com minha tia Meredith já sentada lá e conversando com meu tio. O grupo de advogados, percebendo a minha presença, logo puxaram as cadeiras e fiz questão de confirmar que não estava atrasado, todos eles que chegaram antes.

A secretária do meu tio distribuiu a pauta da reunião e eu quase caí da cadeira ao ver o valor pelo qual poderíamos ser processados por conta da vingança ridícula da minha ex-sogra, mas nós decidimos processá-la porque Maria fez a confissão escrita e ainda havia mais duas testemunhas que estavam na sala.

Aquela reunião parecia a porta de entrada do meu inferno particular.

Capítulo Doze

Sawyer

A funcionária foi punida, não demitida, porque sabíamos como funcionava o autoritarismo de um atendente dentro do hospital e o medo dela não ter vindo se expor porque

afinal de contas, Whitney trabalhava ali há anos e era sogra de um dos donos.

Reafirmei que nunca dei liberdade ou dei a entender que tanto minha esposa quanto minha sogra tinham autonomia além de suas funções.

A reunião foi longa e não pude ficar até o final, precisei correr até a UTI porque um dos meus pacientes em estado grave estava parando. Quando cheguei, vi Amber fazendo um ótimo trabalho em reanimá-lo, mas como ele era muito crítico, assumi a intercorrência.

Antes que pudesse voltar para a reunião, fui bipado para a emergência. Um paciente chegou sentindo-se mal, com dores no peito, taquicardia e falta de ar. Quando consegui chegar até ele, tomei um banho de outro paciente que vomitou sangue, sujando todo o meu scrub. Atendi meu potencial infarto com uma roupa cirúrgica, protegendo o sangue que deixou até a minha blusa de baixo molhada e estabilizei o paciente, levando-o para a internação.

Estava muito estressado quando finalmente pude ir até a sala dos médicos tomar banho. Ao sair do chuveiro, ouvi que tinha mais alguém na sala, vesti uma cueca limpa, penteei o cabelo, renovei o desodorante e vesti o scrub, colocando meus tênis novamente.

Abri a porta e vi que era Elizabeth que estava mexendo em seu armário.

— Oi, linda.

Ela revirou os olhos para minha fala galante, porém, não escondeu o sorriso.

— Tem algum carregador para me emprestar? O meu acabou de quebrar e emprestei o meu reserva para Ângela, o dela também quebrou hoje. Essas porcarias nunca duram muito tempo quando saio correndo, arrancando da parede.

Abri meu armário, tirei o meu carregador reserva e lhe entreguei.

— Nem um abraço de aniversário?

Ela riu, negando.

— Sabe o que acontece quando você me abraça? — Abriu um sorrisinho, mordeu o lábio e neguei, encolhendo os ombros. —

Você me beija e eu não resisto, quero ficar nos seus braços e sentir seu cheiro, ser aquecida pelo seu calor. Lembro do abraço que me deu na cama enquanto me fodia, e o orgasmo delicioso que veio logo depois.

Putá que pariu. Meu pau ficou duro.

— Às vezes é difícil resistir. — Dei um passo à frente. Ela deu um para trás. — É seu aniversário, quero te dar os devidos parabéns e o beijo merecido para um dia especial.

— Sabia que algumas civilizações não encaram o aniversário como uma fonte de comemoração? — Ela continuou fugindo e eu ri.

— Nós não fazemos parte dessas — retruquei e a segurei em meus braços. Beije seu ombro, o pescoço e fui subindo. Ela grunhiu. — Feliz aniversário, linda — falei baixinho e beije sua bochecha. Se eu a beijasse... — Como está Kylie?

— Estável. Ele vai ficar bem, é um menino muito forte —

murmurou e eu adorei que não soltou meu abraço. — Tenho que voltar lá pra cima para conseguir sair a tempo do meu jantar de aniversário. Sua mãe já me enviou cinquenta mensagens.

— Por que a minha mãe tem seu número e eu não? — Dei outro beijinho em seu pescoço, amando o arrepiar da pele.

— Ela não quer arrancar a minha calcinha. — Liz soltou uma risadinha.

— Eu quero arrancar sua calcinha com os dentes e depois, chupar a sua boceta.

— Você não vai ter meu número até estar solteiro.

— Estou no limbo.

— É por isso que ainda estou nos seus braços. — Piscou e eu ri, dando um selinho em seus lábios.

— Vá trabalhar, mulher tentadora.

Saiu balançando o cabelo, porque provavelmente estava rindo.

O dia passou bem rápido e eu estava rezando para que a noite fosse tranquila. Na emergência só havia casos leves e que os outros cardiologistas também podiam resolver. Deixei todos os pacientes do pós-operatório encaminhados e recebi a feliz tarefa de ser aquele que conduziria a aniversariante para a casa dos meus pais.

Para não ter que ir em casa e voltar, fui até o porta malas do meu carro e peguei uma muda de roupa limpa e passada. Calça jeans, sapato e camisa social azul. Arrumei minha mala, aproveitando para deixar na casa da minha

mãe. Jules já estava em casa se arrumando, Jace terminaria uma histerectomia e iria depois.

Cooper estava finalizando suas últimas visitas para sair.

— Uau! Está um gato! — Bryce parou na minha frente e esticou a mão para ajeitar a gola, uma mania que tinha mesmo que não precisasse. Dei um passo para trás e ela sorriu, encolhendo os ombros e abaixando as mãos. — Algum encontro hoje?

— Tchau, Bryce.

Entrei no elevador e ela ficou me olhando como se quisesse ler meus pensamentos. Guardei a mala, entrei no carro e dei a volta no quarteirão, estacionando em frente à casa de Elizabeth. Toquei seu interfone. Ela liberou a entrada e eu subi, abrindo a porta da sala. Vi que estava no quarto, parada em frente ao espelho, já vestida de preto e com um sapato azul.

— Oi, querida!

— Oi, querido! — ela rebateu em tom de deboche. — Estou terminando de me maquiar, se quiser beber alguma coisa, abra a geladeira e se vire com o que tem.

— Adoro a sua simpatia.

Abri a geladeira e puta merda, ela só podia ter TOC. Meu pai tinha e eu sabia muito bem o que era viver com uma pessoa com transtorno compulsivo, principalmente voltado para organização e limpeza. Toda a geladeira estava organizada. Garrafas de água mineral de um lado, água com gás no meio e suco do outro lado.

Latinhas de refrigerante estavam no suporte. Garrafas de cerveja na lateral e toda a parte de baixo estava com vasilhas e adesivos indicando o que era o quê.

Peguei uma garrafa de água, abri e a bebi por inteiro. Sempre esquecia de beber água no trabalho. Joguei a garrafa fora e voltei para a sala no momento em que ela estava descendo.

— Como estou? — Deu uma voltinha.

— Gostosa. — Fui sincero. Era tudo o que a minha mente podia processar ao ver aquelas pernas lindas.

— Gostosa indecente ou gostosa comportada?

— Gostosa. — Encolhi os ombros.

— Você não está ajudando. — Ela respirou fundo e pegou o casaco, ajudei a colocar e pegou sua bolsa. — Vamos ou eu vou acabar desistindo.

Durante o caminho para a casa dos meus pais, conversamos sobre seu aniversário. Ela estava completando trinta e um anos e sua última festa foi de vinte e cinco, quando ainda morava em Seattle, antes de assumir a chefia da residência em Los Angeles e antes de passar um ano na África.

Pegamos um pouco de trânsito e aproveitei a rara oportunidade de estar sozinho com ela para perguntar seu gosto musical, filmes, programas favoritos, quais tipos de comida realmente gostava, viagem favorita e quando dei por mim, estávamos no portão da casa dos meus pais, esperando o segurança fazer a leitura da minha placa e me autorizar a entrar.

— Que lugar maravilhoso!

— Minha mãe é apaixonada por essa casa.

— Cresceu aqui?

— Basicamente. Mudamo-nos para cá quando eu tinha dez anos.

Abri a porta do carro e a ajudei a sair, contente de que tenha segurado meu braço para andar de salto nas pedras do jardim.

Minha mãe nos recebeu na porta, abraçando-a apertado e desejando um feliz aniversário. Tia Meredith estava logo atrás, abraçou Elizabeth e Tio Joshua também. Meu pai estava mais ao fundo, em pé, com as mãos enfiadas nos bolsos.

— Acordou lúcido e está até agora — mamãe sussurrou em meu ouvido. — Conte para ele sobre o divórcio, sobre Liz e alguns últimos acontecimentos.

— É um prazer conhecê-la — meu pai disse firme e eu sorri.

— Você é muito bonita. É namorada do meu filho? Porque se não for, está perdendo tempo. Ele é um excelente garoto.

— O que diabos você falou para ele? — sussurrei para minha mãe.

— Que ela é um excelente partido e vocês têm química. —

Mamãe ficou toda sorridente. Ela ia espalhar para toda a família?

— Somos só amigos, doutor Reedburn — Liz corrigiu suavemente.

— Por enquanto — retruquei e beijei a bochecha dela. — Oi, pai. Você está bem hoje? — Apertei sua mão e lhe abracei.

— Levando a vida como ela deve ser vivida.

Levei-a até a cozinha e lhe servi uma taça de vinho. Em menos de meia hora a casa estava cheia. Cooper contava piadas que faziam meu pai se acabar de rir como eu não via há muitos anos. Aquela sensação agri-doce da felicidade temporária dele estava me matando por dentro. Jace chegou e logo começou a encher o saco de Audrey, que conversava no canto com Ângela, Diego e Amber.

Jules e minhas mães, as gêmeas do mal, estavam na cozinha preparando bandejas de petiscos para servir.

— Eu deveria circular e socializar — Elizabeth disse, travada no lugar ao meu lado. — Definitivamente não sou boa nisso —

completou e desviei o olhar do meu pai dando sua gargalhada alta.

Cooper me olhou. Tanto eu quanto ele estávamos com os olhos lacrimejados. — Estou perdendo algo?

— Meu pai tem Alzheimer — eu disse baixinho e ela abriu a boca, chocada. — Ele está lúcido hoje. Isso não acontece deve ter no mínimo dois anos. É muito difícil e sinto muito, você não merece isso em seu aniversário.

— Estou feliz que ele esteja lúcido, afinal, eu sou muito fã do trabalho dele e é uma honra. Foi o melhor presente. Obrigada. —

Ela acariciou meu rosto e me beijou suavemente nos lábios. — Vou aproveitar o momento e ser uma fã chata.

Se eu estava em dúvidas sobre o seu coração, ela havia mostrado mais uma vez que era compreensiva, compassiva e carinhosa. Sorrindo, aproximou-se do meu pai e sentou-se ao lado dele, logo mergulhando em uma conversa que o deixou cheio de assunto.

— Eu a aprovo. — Addison passou por mim, cantarolando.

Só ouvi a risada de Jules atrás de mim. — Aprovada. Totalmente. —

Mamãe piscou. — A surpresa dela chegou — ela sussurrou e foi até a porta da frente. — Ei, Liz. Tenho uma surpresa para você!

Curiosa, levantou e observei sua expressão de alegria e surpresa ao ver o pai. Ela o abraçou apertado e parecia uma garotinha feliz, mas também vi o semblante cair quando viu a madrasta e os filhos dela logo em seguida. Afastando-se um pouco, franziu o cenho.

Será que ela não tinha um bom relacionamento com a nova família do pai?

Abraçou um a um e era visível a falta de alegria, até que abraçou o último cara, que estava de mãos dadas com a menina.

Eles ficaram um tempão juntos e se afastaram sorrindo.

— Como isso foi acontecer? — perguntou ao pai.

— Fomos ao hospital mais cedo para fazer uma surpresa e seu amigo, o doutor Reedburn, nos convidou para fazer uma surpresa agora — Paul respondeu com alegria. Ela me olhou como se quisesse me matar e não entendi nada.

Depois de todas as apresentações, o jantar foi anunciado e minha mãe conduziu todo mundo para a sala de jantar. Elizabeth sentou-se ao meu lado, mas não parecia mais relaxada e confortável. Paul rapidamente ficou à vontade e engatou uma conversa animada com Joshua e meu pai, com participações ocasionais dos demais. Ela estava dura na cadeira.

Não olhou na minha direção, não sorriu e eu via seu olhar correndo entre a madrasta, a filha e o pai. Ela e o garoto, o meio-irmão, até trocaram algumas palavras, mas ela não respondia do jeito que normalmente faz.

— O que está acontecendo? — questionei baixinho. Ela bufou e se afastou.

Jantamos uma variedade de massas e a sobremesa foi o bolo, ela pediu que não cantássemos parabéns e graças a Deus, as gêmeas não a forçaram a isso. Voltamos para a sala e mais conversas eram rodeadas até que quase duas horas depois, um a um foi se despedindo, entregando presentes. Ela ficou ainda mais irritada, com os dentes trincados, mas ninguém percebeu.

Amber foi embora com Jace para dirigir o carro dele e Cooper iria embora a pé, porque ele morava a algumas quadras dali, mas Jules resolveu que poderia dar uma carona a ele.

— Vai ficar na cidade por mais um tempo? — Elizabeth perguntou ao pai.

— Infelizmente não, querida. Tenho uma reunião amanhã cedo, nosso avião está pronto para decolar, temos autorização para daqui a duas horas e meia — ele respondeu e a abraçou. — Fiz essa loucura para que não ficasse sozinha hoje. Feliz aniversário, filha. Já falou com a

sua mãe? — Elizabeth negou, ainda com os dentes trincados. — Ela é a sua mãe e teve um trabalho de parto de dezessete horas para que nascesse.

— Deve ser por isso que ela gosta mais da outra, que nasceu de cesariana — Liz murmurou e ele respirou fundo.

— Pai, nós temos que ir. — A garota patricinha que eu não sabia o nome disse e vi que Elizabeth parecia que ia explodir.

Enquanto ela se despedia da família do lado de fora, ajudei a minha mãe e tia com a louça e a catar a maior parte das coisas que ficaram espalhadas. Meu pai já havia desaparecido com meu tio por um tempo.

— Ele já foi dormir. Estava cansado. — Tio Joshua desceu no momento em que eu estava observando-a parada, sozinha, com os braços cruzados na entrada da casa dos meus pais.

— Ficou tudo bem?

— Sim. Só ficou cansado e o coloquei para dormir. Vou falar com sua mãe — Tio Joshua disse e voltou meio passo. — Ela é preciosa. Seja cuidadoso.

— Eu serei. Diga à mamãe que foi lindo, mas Liz deve estar muito cansada e nós já vamos.

Peguei o casaco dela, a bolsa e saí fechando a porta atrás de mim.

— Está pronta para ir? — Aproximei-me dela, que se abraçava na calçada.

— Ainda não me despedi da sua mãe — ela retrucou e virou-se pra mim com os olhos cheios de água.

— Está chateada? — Coloquei o casaco em seus ombros. —

Era uma surpresa. Pensei que fosse ficar feliz em ver sua família.

— Meu pai é a minha família, o restante não.

— Eu não sabia, ok?

Ela mordeu o lábio e secou as lágrimas que escorreram.

— Desculpa — sussurrou e fungou. — Tenho uma relação estranha com a nova família do meu pai. É complicado e muito difícil pra mim.

— Tudo bem. — Encolhi os ombros e ela grunhiu, quase batendo o pé.

— Estou sendo uma completa ingrata.

— Está tudo bem. — Eu sorri e parei na frente dela, abraçando-a apertado. — Todos nós temos histórias complicadas e difíceis. Obrigado por se divertir tanto com meu pai.

— Espero que ele se lembre de mim — ela sussurrou com o rosto escondido no meu peito. — Ele é adorável. Você teve a quem puxar, pelo visto.

— Vem. Eu vou te levar para casa.

Ela ficou em silêncio no caminho e me surpreendeu ao tirar um controle da bolsa e abrir o portão por completo, indicando que eu deveria entrar com meu carro. Estacionei e ela saiu, para fechar, destravou o alarme que piscava e subiu na frente. Conforme sua bunda se movimentava na escada, eu considerava que seria uma tortura completa se

ela ainda estivesse decidida a não ceder enquanto eu permanecesse no limbo.

Tirando os sapatos, foi até a cozinha e pegou duas taças, colocou-as no balcão e abriu sua adega elétrica, tirando uma garrafa de vinho.

— O que está fazendo? — Encostei na parede, curioso e sem saber que passo deveria dar. Ela abriu um sorrisinho tímido, já sem as lágrimas, embora tivesse uma expressão de choro.

— Pipoca e vinho. Procure um filme, por favor.

Seu beicinho era bonitinho. Tirei meus sapatos e abri alguns botões da camisa. Liguei a tevê e procurei um filme de ação. Ela não parecia o tipo de garota que curti romance. Estava passando um documentário sobre pacientes transplantados. Era uma coisa que eu assistiria. Com um balde de pipoca, veio com as taças vazias e o vinho debaixo do braço. Sentou e enchi as taças. Ela encostou a cabeça no meu ombro, bebendo e comendo.

— Você vai dormir aqui — falou entre uma pipoca e outra. —

Aqui no sofá. Não posso responder por mim se dormirmos na

mesma cama.

Eu sorri e peguei um monte de pipoca, enfiando na boca.

— Prometo me comportar.

— Ótimo.

Meia garrafa mais tarde, ela estava dormindo suavemente encostada em mim. Respeitando seu desejo, levei-a até seu quarto e saí antes que começasse a trocar de roupa. Ela havia me dito que no closet tinha roupas de cama. Peguei um travesseiro, um lençol e um saco de *scrub* cinza que era grande o suficiente para dar em mim. Tirei meu jeans e a camisa, fiquei só com a calça e me deitei.

Muito sonolento, adormeci.

De manhã cedo, meu celular tocou e ainda faltavam algumas horas para chegar ao hospital.

“É oficial. Você está solteiro”.

Eu nunca amei tanto meu advogado quanto naquele momento. Sorri, feliz pra caralho e ouvi um barulho na escada. Ela estava descendo, meio emburrada, cabelos bagunçados, puxou meu lençol e deitou meio do meu lado, meio em cima de mim.

Beijei-lhe a testa.

— Tenho uma boa notícia — sussurrei e ela grunhiu. — Saí do limbo.

— Está solteiro? — Ela abriu os olhos e me agarrou.

— Completamente solteiro.

— Muito bom — ela murmurou e fechou os olhos, voltando a dormir ainda mais agarradinha em mim. Desci minhas mãos para seu bumbum e apertei. Ela não me escaparia mais.

Capítulo Treze

Elizabeth

Eu me remexi no sofá enquanto seus braços me apertavam ainda mais. Era bom estar ali. Depois de um aniversário bastante comum no trabalho, exceto as ocasionais ligações da minha mãe, fui agraciada com uma festa que me deixou bastante surpresa ao ver que era tão querida pelos meus novos colegas de trabalho, incluindo a mãe daquele que estava meio ligada.

Passar duas semanas lutando para manter minhas barreiras contra ele de pé exigiu muita força física. Não foi fácil manter meu corpo distante de seus avanços e dos beijos maravilhosos. Antes mesmo de se tornar oficialmente solteiro, sondei informações suficientes para elegê-lo meu novo parceiro sexual. Ele tinha qualidades que me deixavam derretida e era raro me sentir daquela forma.

Sawyer me fazia sorrir e corar. Ele me deixava feliz sempre que estava perto e não desistiu, mesmo respeitando meu espaço.

Tive duas semanas para perdoá-lo. Eu sabia que, na verdade, ele não cometeu nenhum deslize além de ser um idiota em andar com a aliança no bolso, mas a minha mente não processava traição em nenhum nível e foi preciso um tempinho para colocar na minha cabeça que ele era um bom homem, que o casamento acabou por falta de amor, não houve traição. Também o observei ao redor da ex-mulher e não havia química alguma ali.

Da parte dela, observei uma vontade imensa de ainda ter a atenção dele, mas não era amor. Sawyer era mais educado do que eu seria com alguém com aquela voz irritante e mania de ficar tocando. Não desejava que Bryce soubesse seja lá o que fôssemos ter, não queria que o restante do hospital nos visse juntos, e iria combinar tudo antes com ele.

Em meu trabalho, ninguém sabia da minha vida pessoal.

Meu celular despertou lá em cima e gemi, ainda não querendo acordar, mas precisávamos. Levantei-me e fui direto para

a cozinha, ele sentou no sofá, esfregando o rosto. Informei que havia toalhas limpas no banheiro e ele desceu, pegou roupas limpas e eu ri. A mãe dele dedurou que ele vivia com o armário no carro por quase não ficar em casa ou quando estava, dormia no segundo seguinte que fechava a porta atrás de si.

Não costumava comer gorduras e pelo que reparei Sawyer também não. Fiz torradas, coloquei geleias, queijo, ovos bem fritos e café.

— Você tem uma caneca térmica? — perguntei quando voltou para a sala com sua bolsa. Ele me encarou, confuso.

— Não, por quê?

Tirei mais uma do armário. Ele teria uma, então.

— Vou tomar banho enquanto o café ainda está passando — informei e ele deu um tapinha na minha bunda quando passei correndo para a escada.

A chuveirada me deixou mais acordada. Tive que lavar o cabelo, mas não daria tempo de secar, então penteei bem e vesti minha roupa. Verifiquei a bolsa duas vezes e tirei da gaveta um carregador lacrado. Quando desci, ele estava terminando de colocar o sapato e ficou de pé.

— Agora posso te dar um beijo de bom dia ou ainda estamos na regra do não me toque? — Ele estava cheio de

gracinha.

Agarrei sua camisa, puxando-o para mim e tomei sua boca.

Sawyer gemeu baixinho, segurando minha cintura e eu o apertei ainda mais, rindo do aperto que ganhei na bunda. Ele adorava.

— Bom o suficiente?

— Quero mais. Muito mais. — Ele olhou a hora, seriamente considerando tirar a roupa e o empurrei. Não queria chegar atrasada.

— Você pode voltar hoje à noite para conversarmos? —

Desviei para a cozinha, ou realmente iríamos nos atrasar. Era fácil nos perdermos.

— Posso. Tenho uma cirurgia que vai demorar um pouquinho, mas dá pra chegar aqui antes que esteja dormindo.

— Ótimo, vem, vamos comer.

Ele soltou um som satisfeito quando bebeu o café e apontei para a máquina. Ela era a minha parte favorita da casa e era apaixonada por todos os seus funcionamentos. Comemos conversando sobre as vantagens do café e deixei escapar um monte de pesquisa que meu cérebro ficava trazendo à tona no meio das conversas.

Era uma coisa irritante que aprendi a controlar com o tempo.

Minha memória ainda me deixava perturbada quando estava nervosa e acabava vomitando todas as coisas que

um dia já li.

Aquilo me fazia parecer uma esnobe espertinha. Mike me ensinou a parecer uma garota normal, mas Sawyer tirava toda essa máscara e parecia adorar sempre que eu falava de números e porcentagens.

Ele me beijou do nada e observei-o comendo, constatando que aquilo era diferente e não sabia até que ponto estava preparada. Sawyer não era como meu antigo amigo colorido. Nós íamos fazer sexo e ele iria ficar. Mike sempre ia embora, porque não havia sentimento entre nós dois, mas Sawyer ficava. Ele abraçava e me beijava na testa, segurando minha mão por baixo da mesa quando ninguém estava vendo.

Passei a noite inteira lutando para não descer e dormir com ele. Não era o tipo de pessoa carinhosa ou que ansiava carinhos.

Sempre fui seca. Mesmo quando estive casada, amava meu marido e por isso tinha anseios por ele. Sawyer me fazia ter, mesmo sem existir amor. *Ele era diferente.*

Será que estava pronta para o que iria vir?

Não via motivos para sair correndo, tive duas semanas para analisar o território e ele me fazia crer que valia a pena. Além do mais, uma mulher precisava de sexo.

Lavei o que sujamos e ele guardou o que era de geladeira e armário, deixando meu balcão limpinho do jeito que eu gostava.

Saímos de casa com o dia lindo, eu estava empolgada, precisando me redimir com Addison e Meredith sobre a noite anterior. Elas foram incríveis e eu uma tremenda vaca. Estava tão animada que nem parecia que no dia seguinte enfrentaríamos um plantão de trinta e seis horas. Atravessamos a rua e sorri, acenando para Jen, que também estava chegando ao hospital, dando saltinhos e tudo.

— Que alegria é essa?

— Último dia antes das minhas duas semanas de férias. —

Ela sorriu e rodopiou na nossa frente. — Claro que vou trabalhar no bar, mas pelo menos poderei dormir até tarde e organizar a minha casa. Está uma zona. Meu marido é um bagunceiro.

— Eu não sei o que é férias há um bom tempo — Sawyer comentou e me ofereceu o braço para andar melhor com meu salto.

— Fiquei duas semanas nessa confusão de mudança, vivendo em um hotel, eu não considero que tenham sido férias.

Fiquei muito estressada — retruquei e eles riram.

Passamos pelas portas principais e seguimos para o lado do ponto eletrônico. Para minha completa infelicidade, Bryce estava lá e se virou assim que chegamos de braços dados. Ela nos encarou e depois olhou para nossas mãos com canecas térmicas iguais. Por que eu era tão idiota? *O que eu disse mesmo?* Que não desejava que ela soubesse que estávamos juntos? Tão inteligente que me tornava estúpida.

Sawyer me tornava estúpida.

— Bom dia, pessoas! — Bryce sorriu e tremi por dentro. A voz dela era irritante demais. — Como você está, Sawyer?

— Solteiro e feliz pra caralho — Sawyer tripudiou e Jen riu, passando seu ponto.

Bryce virou-se para mim. *Ah, não!*

— E você, Liz? Feliz também? Canecas bonitas. Chegaram juntos?

Eu não tinha a mínima paciência.

— Você sempre faz muitas perguntas assim ou hoje é um dia excepcional? — Passei meu cartão. Bryce fez uma careta e saiu andando. Jen e Sawyer estavam me olhando. — O que foi?

— Nada, linda. Vamos.

Jen se despediu, informando que estaria trabalhando no meu pós-operatório naquele dia e Sawyer sussurrou que ela era uma das melhores enfermeiras do hospital. Entramos no elevador e seguimos para a sala dos médicos. Sawyer e eu saltamos ao ver Cooper e Jules sussurrando como se estivessem flertando.

— Você conseguiu convencê-la a gostar de você, Marks? —

Sawyer provocou e eu ri, abrindo meu armário.

Jules veio para o dela e começou a tirar suas coisas.

Entramos no banheiro juntas e trancamos a porta.

— Você dormiu com ele? — perguntamos ao mesmo tempo.

— Você primeiro.

— Eu transei com ele a maior parte da noite e porra, o homem faz o chão tremer! — Jules sussurrou, praticamente pulando no lugar. — Eu só ia dar uma carona, mas ele disse que poderíamos beber um pouco mais, aí achei que estava tudo bem, entrei, uma música ambiente e um pouco de vinho, quando me dei conta, estávamos aos beijos no sofá. Um passo depois, na cama. Na verdade nós transamos no sofá primeiro e depois na cama. Incrível.

Fiquei confusa.

— Mas Cooper não é o cara que transou com quase todo o hospital, incluindo a sua ex-namorada quando ela era a sua namorada, e é o tipo desprezível incapaz de ter sentimentos para algo além do pênis e impossível de manter um relacionamento?

— Deus, Liz. Eu odeio a sua memória — ela reclamou e começamos a nos trocar.

— O quê? Por quê?

— Cooper ainda é isso tudo, acrescentamos que ele é terrivelmente bom de cama na lista, o resto ainda está valendo. E

vocês? Você e Sawyer? Foi?

— Nós dormimos na mesma casa, mas não juntos. Além do mais, ontem ele ainda estava no limbo, hoje ele está solteiro. Mas não se anime. — Parei antes que ela pudesse comemorar. — Não estamos em um relacionamento, estamos nos conhecendo e se a vida for justa, transando.

Nós ficamos em silêncio e segundos depois, começamos a rir.

Troquei de roupa bem rápido e preendi meu cabelo.

— Seria tão bom se tivéssemos sido irmãs — Jules disse, me dando um abraço rápido.

— Eu também acho. Não tive sorte com irmãs de nascença e nem de casamento, então, seria maravilhoso poder escolher minha própria irmã.

— Está feito, somos irmãs agora. Mais tarde você me conta porque ficou toda estranha quando sua família chegou. — Quando abrimos a porta, Sawyer estava amarrando seus tênis e Cooper se olhando no espelho. Eu e ela trocamos olhares e voltamos a rir.

Cooper trancou seu armário e esperou Jules. Os dois saíram juntos, conversando normalmente e rindo. Sawyer me abraçou por trás quando eu estava guardando minhas coisas e tirando o que iria precisar. Ele beijou meu pescoço e virei-me de frente, pronta para colocarmos uma distância, afinal, aquele era o meu local de trabalho e não o colegial.

Era o momento de termos regras.

— Nada de ficar me agarrando sempre que me encontrar —

Informei e ele assentiu. — Nada de me arrastar para lugares escuros para me beijar — completei e ele assentiu de novo, mas não estava me levando a sério. — Você é dono do hospital, meu chefe e um atendente. Nós não podemos ficar de beijos e mãos bobas por aí.

— Nós vamos nos comportar como dois adultos que não estão morrendo de tesão. — Ele sorriu e me beijou lentamente, saboreando minha boca. O puxei para o vão entre os armários. Nos afastamos com um suspiro. — Te vejo mais tarde.

— Até mais tarde.

Engoli a minha vontade de suspirar e sorri, pegando minha caneca. Saímos, mas ele foi para um lado e eu para o outro.

Chamei o elevador, bebendo meu café e sorri para quem encontrei.

Quando as portas estavam quase fechando, Bryce escorregou para dentro, sorrindo usualmente para quem estava atrás de mim, como se fosse íntima.

— Como eu ainda posso escolher uma especialidade, pedi ao doutor Ferguson para passar um tempo na pediatria. Sempre foi uma área que me interessei muito, não só pelo excelente trabalho que a minha mãe fez, mas porque amo crianças. Sawyer e eu havíamos planejado ter muitas e...

— Doutora Newman — Interrompi aquele discurso irritante.

— Trabalho com pessoas eficientes. Se você realmente deseja se tornar uma excelente pediatra, por favor, não seja nem metade do que a sua mãe foi, aí nós já teremos um bom começo. O meu andar tem regras e para ficar comigo, é bom que as siga — determinei e a porta do elevador se

abriu. Sorri para o meu andar colorido e cheio de crianças por todo lado, mesmo aquelas que estavam arrastando seus suportes de intravenoso. — Seja bem-vinda à pediatria.

— Nossa! Aqui está muito diferente!

— Você nem faz ideia. — Sorri e encontrei Ângela. —

Doutora Lovely, bom dia! Como está? — Ela sorriu, mas olhou desconfiada para Bryce. — Bom dia a todos! — falei bem alto e fui recebida com vários de volta. — Angie, por favor, a doutora Newman estará passando um tempinho conosco, mostre a ela o nosso conjuntinho de regras felizes, as regrinhas infelizes e aquelas que mais amamos. E deixei-a a par das visitas, que assim que ler o relatório do plantão da noite, nós vamos começar.

— É claro. Seja bem vinda, doutora Newman.

Bryce estava visivelmente nervosa.

— Melhor me chamar de doutora Bryce, para não confundirmos com a minha mãe — ela disse mais baixo e como estava de costas, me permiti sorrir.

Se ela estava ali na intenção de me espezinhar ou buscar uma reivindicação de território, iria aprender da forma mais difícil que nada ficava no meio quando eu estava disposta a ficar com alguém, muito menos colocando a minha ala da pediatria no meio.

Ela não ia gostar de encarar uma guerra comigo. Peguei a pasta dos relatórios noturnos e fui para uma salinha mais tranquila.

Finalizei meu café e os assinei, ciente das informações ali propostas, vendo que tivemos duas internações e uma era

mais recorrente.

Mandei uma mensagem pelo nosso sistema interno para Audrey, porque infelizmente, precisava da ajuda dela. Ela entrou com rapidez e me deu um sorriso animado.

— Preciso da sua ajuda — falei desesperada e ela tomou um assento. — Quais as flores favoritas da sua mãe e sua tia? Elas gostam de chocolate?

— Depende! Você quer irritá-las ou agradá-las?

— Agradar, é claro.

— Tia Addison gosta de flores, mas não é algo que lhe chame a atenção. Um dia no SPA vai ser muito bem-vindo. Nada de chocolate, para nenhuma das duas, elas são viciadas em academia e contam calorias de tudo que comem — Audrey respondeu rapidamente e balancei a cabeça.

— Elas têm algum SPA favorito?

— Nós sempre vamos ao mesmo.

Audrey enviou as informações para o meu celular e ali mesmo entrei em contato, comprando dois vales sem data e com direito ao que elas quisessem fazer.

Voltei para as visitas. Ângela informou que Bryce assumiria a apresentação dos pacientes, era a regra do primeiro dia de quem chegava, assim eles poderiam memorizar com mais facilidade.

Chegamos ao terceiro paciente e era o recorrente da noite. Bryce apresentou uma criança que havia operado doze vezes no hospital.

Peguei seu prontuário e solicitei que Ângela fosse ao arquivo buscar os antigos para que eu pudesse estudar.

— Doutora Newman, desculpe... Doutora Bryce, você poderia buscar lápis de cor e giz de cera? — Ela iria andar mais que meus internos. — Regra número um: Tem que desenhar para o nosso mural, ok? — Eu sorri para Melina, minha jovem paciente assustada. — Acho que não me apresentei, eu sou a doutora Liz Nichols e vou dar uma olhada em você.

Melina assentiu. A mãe dela ainda estava olhando para a porta.

Capítulo Quatorze

Elizabeth

— Ela tem algum parentesco com aquela médica grosseira chamada Whitney Newman? Minha filha não foi bem atendida por ela aqui da última vez e só permiti a internação de novo porque o médico de ontem, o doutor Evans, disse que o corpo médico havia mudado e você é uma das melhores pediatras do país. Eu realmente te pesquisei na internet.

— Doutora Bryce é cirurgiã geral e está passando uma temporada na pediatria, mas eu sou a médica responsável aqui e não há com o que se preocupar. Por que não me conta sobre os últimos sintomas da Melina?

Ela confiou em mim e começou a falar, ansiosa e, obviamente, muito preocupada. Eu tinha uma boa equipe e nós cuidaríamos dela.

Segui adiante para as visitas e demos alta a cinco pacientes que não queriam ir embora para brincar mais. Meu coração

não podia aguentar aquelas crianças tão saudáveis e amando o meu espaço. Fui mais vezes abraçada do que apreciava, mas não me importava, era gratidão e reflexo do meu trabalho.

Estava sendo observada de perto por Bryce e a cada segundo que passava, ela parecia ainda mais irritada. Eu sabia que não era exatamente comigo e sim, com uma situação que não poderia competir.

— Doutora Nichols? — Joshua me chamou na recepção. —

Há um problema em um dos nossos hospitais vizinhos e eles estão com um paciente aguardando transplante. Ele tem oito anos de idade. Nós vamos fazer. Estão com a capacidade máxima e a UNOS quer garantir o sucesso da cirurgia.

— Tudo bem. Já falou com Sawyer? Digo, doutor Reedburn?

Ferguson riu do meu embaraço.

— Ainda não. Ele está no centro cirúrgico.

— Gosto de estudar todo o caso. Tem algum material para me passar?

— Te enviarei um e-mail no caminho. Estou indo de helicóptero buscar o paciente pessoalmente e vamos rezar para que ele não espere tanto.

Dei uma escapada para assistir a cirurgia de Sawyer. Ele estava calmo. Normalmente era arriscado e a taxa de mortalidade bem alta, porém, ele estava dando aulas, explicando o procedimento. Os internos tomavam notas e os residentes auxiliando. A galeria estava cheia. Sentei-me ao

lado de Jace e ele me ofereceu pipoca, comi algumas antes de descer para almoçar.

Ele ficaria o dia inteiro ali dentro.

No final do meu plantão eu estava exausta, mas fui convencida pelo meu novo trio de amigos a beber alguma coisa no bar do Tom antes de enfrentarmos um turno intenso.

O bar ainda não estava cheio, mas era uma questão de tempo. Jen me serviu com uma bebida colorida, refrescante e não muito forte. Os meninos bebiam cerveja e Jules pediu uísque com soda. Considerei enviar uma mensagem para Sawyer, sabendo que ele sairia faminto da sala de cirurgia, mas eu estava cansada demais para cozinhar até mesmo pra mim.

Duas bebidas depois, Jace encontrou alguém, Jules e Cooper tentaram disfarçar que não estavam indo embora juntos, paguei a minha conta e fui para casa, rindo deles. O pediatra de plantão me enviou o resultado de alguns exames e enviei o tratamento clínico de volta.

Parei na cozinha, precisando comer, sentindo o estômago roncar. Coloquei várias asinhas de frango para assar com batatas e fiz uma salada verde. Enquanto cozinhava, preparei um sanduíche que aplacou toda a minha fome. Aquilo sempre acontecia, porém, mais tarde eu comeria de novo, ou acordaria no meio da madrugada faminta.

Quando o frango ficou pronto, deixei no aquecedor e subi, tomando banho e me enrolando no roupão. Enviei uma mensagem

para Sawyer, dando o código do portão, para que ele simplesmente entrasse quando chegasse. Sorri ao perceber

que a partir daquele momento ele passaria a ter o meu número.

Imprimi o e-mail de Joshua sobre meu paciente cardíaco e tentei conter a minha excitação ao fazer o meu primeiro transplante no hospital, mas teria que fazer com Sawyer e seria melhor conversarmos antes sobre a dinâmica e como passaríamos aquilo para os internos. Deitei-me na cama com as folhas e fiquei lendo quando ouvi um barulho na porta. Sawyer subiu a escada e logo apareceu no meu quarto.

— Oi você — disse, cansado.

— Como foi a cirurgia?

— Foda. Exausto até a minha próxima vida, mas a paciente está bem, meus ombros estão doendo e preciso tomar um banho.

Só tinha água fria lá no hospital.

— Pode tomar. Tenho comida pronta, se quiser.

Sawyer balançou a cabeça e foi para o banheiro. Peguei a calça que ele usou na noite anterior e deixei em cima da pia enquanto ele estava no chuveiro. Voltei para a cama, arrumando os papéis da minha leitura e ele retornou, limpo, bem cheiroso e se jogou, deitando a cabeça no meu colo, com os braços de cada lado.

— Não quer comer?

— Uhum — murmurou e não se mexeu. Em segundos, dormiu.

Acariciei seu cabelo e ouvindo seu ressonar, voltei a estudar o paciente. Ele estava exausto, o que era bem compreensível. Não fugia da minha mente que era íntimo e rápido demais dividirmos a mesma cama após o trabalho, dando conforto um ao outro. Eu tinha certeza de que fui uma boa esposa para Chase e dei o meu máximo para ser uma mulher carinhosa, mas Sawyer fazia parecer que aquilo era totalmente natural.

Duas horas mais tarde, ele acordou e estávamos na mesma posição. Rolou para o lado, soltando um bocejo. Esfregando os

olhos, grunhiu.

— Acho que estou ficando velho — falou, olhando para o teto e virou o rosto, analisando minhas coxas. — Está vestindo alguma coisa por baixo desse roupão?

Levantei um pouco mais, quase chegando à minha virilha e abaixei novamente.

— Vamos jantar. — Saí da cama e ele olhou meus papéis. —

Sinto que teremos uma longa cirurgia amanhã cedinho.

— O transplante? Esse paciente era meu e o seguro dele não cobria a maior parte dos materiais que usamos. Tenho um bom relacionamento com médicos de lá e fiz a transferência. Mas já faz meses, eu não sei se iremos conseguir um coração tão rápido.

— Parece que o destino está lhe entregando o paciente de volta. Por que não? — Fui para a cozinha. Tirei o frango do aquecedor, peguei o molho, a salada e coloquei aparador para pratos e copos. — Quer vinho, cerveja ou suco?

— Cerveja. Se eu vou mergulhar esse frango no molho, será bebendo cerveja.

Nós jantamos e ouvi atentamente ele contar sobre a cirurgia.

Confessei a ele que se não fosse a minha ida para a África, eu teria desistido da pediatria para a cardiologia. Sawyer me garantiu que eu seria excelente, porque era capaz de memorizar cada aspecto do corpo humano, coisa que era uma alteração, afinal, meu cérebro se ocupava em registrar informações e não desvendar emoções como a maioria das pessoas normais.

Ele lavou a louça e eu sequei.

— Tenho dois pacientes com problemas. — Suspirou, encostando-se no balcão. — Um que precisa de um transplante de fígado para tratar da válvula cardíaca e outro que precisa de transplante cardiopulmonar. Ambos são ex-alcoólatras.

— E a UNOS não os liberou para a lista... — comentei com pesar, parando ao seu lado.

— O do fígado ainda há esperança que alguém da família seja compatível e nós estamos tentando, mas o outro... é angustiante não poder fazer nada. Sei que alguns médicos rejeitam pacientes alcoólatras, porém, quando se trata de um vício, não podemos negar salvar a vida de outra pessoa.

— Tenho uma paciente de dez anos de idade que teve oito internações no hospital, acredito que ela esteja com um quadro avançado da doença de crohn.

Sawyer apenas me abraçou apertado. Eu me senti bem em poder conversar. Nunca cheguei em casa e expus meus

pacientes, desabafei minha tristeza com alguns diagnósticos ou até mesmo reclamei. A sensação foi maravilhosa.

Ergui meu rosto e procurei sua boca. Começou lento, gostoso e foi aumentando de intensidade até que ele abriu meu roupão.

Estava nua como vim ao mundo, para a completa satisfação dele, e louca para subirmos, matar o desejo que nos consumia há tanto tempo.

— Nós precisamos conversar — falei entre beijos.

— Eu sei. Podemos fazer isso depois do plantão. Estaremos de folga logo em seguida. — ele sussurrou contra meus lábios. —

Agora eu acho que podemos quebrar esse jejum longo de duas semanas, transar muito e dormir.

— Transar e dormir parece uma ótima ideia.

— Eu não vou dormir no sofá — afirmou e comecei a rir.

Peguei sua mão, levando-o para o quarto.

— Nós não vamos dormir agora.

Já no quarto, empurrei-o na cama e tirei completamente o meu roupão. Sawyer me puxou bruscamente para o seu colo e eu ri, beijando-lhe a boca com toda fome que reprimi ao vê-lo todos aqueles dias sem poder extravasar meu tesão.

— Você não faz ideia do quanto senti saudade de te ver assim... — Sawyer subiu as mãos pelo meu torso, sentindo a

textura da minha pele arrepiada e puxou ambos os mamilos com uma provocação lenta, gostosa, que me aquecia toda por dentro.

— Assim como? Louca de prazer? — Chupei o lóbulo de sua orelha. — Te quero tanto que não consigo pensar. Tudo que está na minha mente é você.

— Você tem semanas de sexo para compensar.

— Eu tenho? — Soltei uma risada alta. Ele balançou a cabeça, fazendo um beicinho. — Você ficou sozinho desde a nossa primeira vez?

— Acha mesmo que fiquei correndo atrás de você só por diversão?

— Acreditei que era para provar sua inocência.

— Também. Mas eu realmente te quis a cada minuto do dia desde a primeira vez — ele garantiu e o meu sorriso foi impossível de conter. Segurei seu rosto e o beijei, extravasando tudo que sentia. Sawyer desceu as mãos para a minha bunda e apertou, dando um suave tapinha, deitando e me deixando explorá-lo com a boca.

Gemi baixinho, com minha língua aproximando-se do seu pau. Mordendo a boca, ele me deu um olhar quase implorativo para chupá-lo logo e fiz um showzinho ao levá-lo todo a boca, soltando e lambendo a cabeça em seguida.

— Ah, porra. — Sawyer agarrou meu cabelo e soltou, apertando o lençol.

Eu o chupei até o limite. Peguei a camisinha na minha gaveta, coloquei nele e, cuidadosamente, fui testando meus

movimentos, encontrando a posição que queria. Sawyer me deixou dominar.

— Você é minha deusa, me hipnotizando... e agora, rebola, baby.

Apoiei minhas mãos em seu peito, perdida no fogo que me consumia. Movi meus quadris, apertei meus seios, joguei meu cabelo para o lado. Toquei meu clitóris e ele xingou. Sawyer gemeu,

agarrando minha cintura e o abracei, beijando-lhe a boca.

Segurando-me, ele meteu gostoso, estocando firme e profundo, levando-me diretamente para um orgasmo que me deixou tonta.

Sawyer nos virou na cama e dobrei meus joelhos, recebendo-o novamente. Seus olhos encontraram os meus, eu sorri, entregue e o beijei. Meu coração parecia que ia explodir no peito por sentir tantas coisas que não podia explicar. Ele gozou e dei-lhe uma mordida no ombro. Foi muito melhor do que a primeira vez.

— Porra! — Sawyer caiu ao meu lado. Nós encaramos o teto, sem fôlego e começamos a rir.

— Eu não sei quando será menos incrível. — Suspirei, meu corpo quase soltando fogos. Ele beijou acima do meu coração.

— Você me mordeu. — Ele massageou o ombro.

— Foi o poder do orgasmo. — Abri um sorrisinho.

Deitei minha cabeça em seu peito, ouvindo os batimentos cardíacos. Estava chovendo e com o som das gotas batendo

contra o vidro das minhas grandes janelas, adormeci no meio da nossa conversa baixinha na cama. Acordei com meu telefone tocando.

Sawyer não estava na cama e eu senti cheiro de café pela casa, percebendo que era bom demais acordar daquele jeito.

Atendi a minha mãe.

— *Oi querida, como você está?* — ela perguntou alegremente, como sempre.

— Estava tentando ter meus últimos minutos de sono antes de entrar em um plantão de trinta e seis horas. — Bocejei e me sentei na cama.

— *Paul disse que te viu no seu aniversário. Foi uma festa surpresa?*

— Desde quando você e meu pai tricotam sobre minha vida?

— Eu me espreguicei. — Papai veio me ver com sua nova família e meus amigos do trabalho fizeram uma festa. Por que está tão feliz a essa hora? Eu nem consigo lembrar do meu nome.

— *Claro que estou feliz no seu aniversário, querida. Você é o meu presente* — ela disse e eu me contive para não bufar. Ouvi um choro de bebê.

— Mãe? Você voltou para aquela creche? Eu te disse que aquele lugar é simplesmente horrível. Por que não foi no balcão de empregos que papai arrumou para você?

— *Não estou na creche, querida* — Regina respondeu suavemente.

— Então quem é a criança que está chorando? — perguntei curiosamente e me levantei. Observei Sawyer fritando ovos e sorri.

Ele me deu uma piscada. *Gostoso.*

— É a Zoe.

— Está de babá nas horas vagas? Isso não toma muito do seu tempo? Olha, eu sei que você não gosta, mas o papai poderia ver um emprego bom para Keith. Sei que ele não tem muita experiência, mas ainda pode ter uma formação rápida, online, fora que a experiência dele com jogos pode ajudar bastante.

— *Estamos bem, querida. Obrigada por perguntar.*

— Então por que está de babá? É filha de algum vizinho?

— *Não, amor. Zoe é filha da sua irmã... Com Chase* — ela disse lentamente.

Desabei na cama, sem forças nas pernas e subitamente sem ar.

— *Vicky deu à luz algumas semanas atrás a uma linda e saudável garotinha. Sei que é difícil para você, acredite em mim, sinto muito com toda essa...*

Encerrei a chamada sem falar mais nada. Minhas mãos tremiam e fechei meus olhos, me concentrando, tentando não colapsar. Podia sentir a ansiedade subindo pelas minhas pernas. O

formigamento que me deixava dormente e doente.

Um bebê significava que eles ficaram juntos mesmo depois de toda aquela cena. Uma dor dilacerante rasgou meu coração e todas as minhas imagens dela agindo como uma irmãzinha

inocente, que foi corrompida pelo meu marido safado e infiel, quase me derrubaram. Suas lágrimas no passado me deixaram à beira da histeria, com vontade de me jogar do meu quarto de hotel, no décimo quinto andar, acreditando que mantive um pedófilo dentro da minha casa.

Sequei as lágrimas e me olhei no espelho. Quatro anos lutando

contra

aqueles

sentimentos.

Quatro

anos

me

restabelecendo. Eles não podiam me destruir. Eu me sentia quebrando por dentro. Passei todo esse tempo me colando e novas rachaduras subiam pelas paredes do meu coração.

— Ei, linda, hora de descer! Café da manhã pronto e se eu fosse você, esperava para tomar banho. Meus ovos apimentados são os melhores do mundo! — Sawyer falou do andar de baixo e me enrolei no roupão, tentando me conter.

Precisava seguir em frente e iria conseguir. Eles não podiam me controlar.

Desci e sorri para Sawyer, mas eu não estava conseguindo prestar atenção em sua animação matinal. Ele me chamou duas vezes e acusei a sonolência.

Eles tinham uma filha. Chase e eu planejamos um bebê por anos e estive disposta a pausar a minha carreira para ser mãe, mesmo não aceitando muito bem a ideia de ser uma mãe naquele momento. Era imposição dele. Eu faria por ele. *Por amor a ele. E*

agora, eles tinham um bebê que a minha mãe estava cuidando.

Vesti-me com uma calça pantalonada preta, uma blusa branca e sapatos altos. Soltei meu cabelo e me maquiei. Eu necessitava estar linda, me sentir bonita, mais do que nunca. Quando descii, pronta, Sawyer levantou, desligou a tevê, sorriu e esticou a mão para sairmos juntos.

Era minha chance de seguir em frente. Eu sorri e aceitei.

Capítulo Quinze

Sawyer

Liz e eu atravessamos a rua de mãos dadas e entramos no hospital sabendo que todos estavam nos olhando, mas com toda honestidade, eu não me importava. Depois da noite anterior, tive certeza de que queria aquela mulher para sempre. Nunca tive um relacionamento em que eu pudesse falar sobre o trabalho, desabafando sobre meus pacientes, sem ter que ser um robô imparcial o tempo todo.

Com Bryce em casa, fazíamos qualquer coisa, menos conversar. Principalmente sobre o trabalho. Já com Liz foi diferente, nós tivemos uma noite incrível. Mesmo com o fato de que eu dormi logo que cheguei, ela não se importou, jantamos e fizemos boas sacanagens que me deixariam sorrindo pelos próximos dias.

Pela manhã, ela acordou estranha, falou no telefone com alguém e depois desceu meio distante, porém, poderia estar sonolenta também.

Chegamos à sala dos médicos para trocar de roupa. Ela e Jules se trancaram no banheiro como faziam toda manhã, mas dessa vez não havia risadinhas ou barulhos engraçados, apenas silêncio. Cooper olhou desconfiado para a porta. Jace chegou a virar e eu me sentei, esperando. Algo estava errado. O que será que ela tinha? Liz era uma pessoa fácil de ler. Meu instinto dizia que algo estava muito errado.

Joshua entrou e me desejou sorte no transplante. Também perguntou se eu iria aguentar ficar por todo o plantão e eu disse que sim. As duas saíram do banheiro, Liz parecia em outro mundo, completamente perdida e Jules meio confusa. Elas abriram seus armários e tiraram os jalecos com suas coisas.

— Podemos conversar por um momento? — Liz perguntou e assenti. Jace, Cooper e Jules saíram. Diego entrou, encheu um copo de café, nos deu um aceno e saiu. Ela se sentou à minha frente. — Eu sei que talvez esse coração demore muito ou possa vir

rápido, estamos sempre correndo no trabalho e ontem nós tivemos outro tipo de conversa. Enfim, eu só quero ter certeza de que estaremos na mesma página.

— Você quer marcar um horário para falarmos sobre nossas maneiras de trabalhar em uma sala de cirurgia? Acho que fomos bem da primeira vez e em todas as outras.

— É um *transplante cardiopulmonar*, Sawyer.

— Eu sei, querida. Depois do almoço, na hora livre?

— Ótimo. — Ela sorriu, levantou e saiu.

Totalmente estranha. Será que ela não gostou de eu ter preparado o café da manhã? Duas noites seguidas era muito?

Estávamos indo rápido demais? Meu Deus, estava completamente perdido como uma garotinha!

Meu celular tocou e era Amber, eu já estava atrasado para as primeiras visitas. Respirei fundo e me levantei, saindo da sala e parando próximo ao elevador, quando vi Liz e Bryce juntas.

— Você está saindo com o meu marido? — Bryce perguntou e Liz riu.

— Eu não sei se você se casou tão rápido depois do divórcio, mas se está falando de Sawyer, seu *ex-marido*, nós estamos tendo muitas noites de sexo alucinante. Satisfeita? — Liz retrucou e eu ouvi Bryce grunhir.

— Sexo alucinante? — questionei atrás delas e Bryce saltou.

Liz entrou no elevador.

— Oi Sawyer. — Bryce me deu um sorriso que eu costumava adorar. Entrei no elevador sem respondê-la. Ela parou à nossa frente. As duas saíram no andar da pediatria.

— Vejo você depois, baby.

Liz olhou para trás e piscou. Eu sorri.

O elevador abriu no meu andar e Amber me deu um olhar exasperado enquanto falava com os internos.

— Quem vai apresentar o primeiro paciente?

Eles ainda estavam na fase de saltar quando ouviam a minha voz. Amber revirou os olhos.

— Ei, você! Vai apresentar! — ela disse meio irritada e eles foram buscar os prontuários. — Está namorando a doutora Nichols?

Não que seja uma coisa ruim, ela é legal, mas eu divido o apartamento com a psicopata da sua ex-mulher, que teve uma discussão horrível com a mãe ontem à noite e mal pude dormir, porque você foi visto chegando sozinho na casa da doutora Nichols.

Achei incrível que ela morasse tão perto. Será que encontro um apartamento por aqui também?

— Eu tenho um apartamento vazio. Era meu quando solteiro, aluguei por um tempo, o casal teve um bebê e eles saíram. É seu.

Fiquei em outro enquanto este ainda estava alugado...

— Eu te amo. — Amber suspirou. — Melhor chefe do mundo!

— Sei o quanto é difícil morar com Bryce — retruquei porque sabia que ela era uma “colega de quarto” realmente complicada.

— Ângela disse que era só por um tempo e a vaca foi morar com Diego, me deixando sozinha com a bruxa.

— Foi isso que ela disse para Ângela, achando que eu iria voltar atrás.

— Ela não lava as próprias calcinhas e isso está me dando nos nervos — resmungou e os internos chegaram. — Vão, gente, por tudo que é mais sagrado, tenham um pouco de ousadia!

Quando saí de casa, Bryce surtou. Ela quebrou a maior parte das coisas que tínhamos e ficou com a mãe por algumas semanas, alegando que o apartamento em que morávamos era nosso e devíamos viver juntos ali. Na mesma semana em que Whitney colocou a filha para fora para me reconquistar, Ângela e Diego decidiram morar juntos, então, ela disse a Ângela que dividia seu apartamento com Amber, e que seria apenas por algumas semanas.

O horário de visita se estendeu um pouco mais porque os internos estavam meio desfocados. A doutora Nichols iria fazer uma cirurgia que eles nunca tinham visto antes, ainda mais em uma

criança em estágio avançado. Eles pediram liberação para assistir e tomar notas.

Meu último quarto era um paciente reincidente, que estava esperando transplante de fígado para começarmos o tratamento de sua doença valvular cardíaca. Fui chamado por Liz. Ela estava precisando de mim na UTI NEO. Desci pela escada mesmo, não querendo socializar com quem poderia encontrar no caminho.

Coloquei a roupa cirúrgica e entrei.

Ela estava ao lado de uma incubadora, falando suavemente com uma enfermeira. Observei o menino recém-nascido e entubado mexer-se. Peguei o prontuário.

— Esse menino lindo nasceu essa madrugada e precisa da sua atenção.

— Estou aqui, pequeno. Vamos ver o que acontece com seu coração? — Inclinei-me sobre ele, que chorou um pouco com meu toque e Liz o acalmou, falando com calma. Fiz a consulta, pedi alguns exames e saímos juntos da UTI.

— Soube que vai fazer uma cirurgia importante agora.

— Sim e eu acho que a mãe irá processar o hospital por negligência por conta do tratamento errôneo da sua sogra.

— *Ex-sogra.*

Ela riu da minha rápida correção.

— Whitney foi negligente e infelizmente o hospital vai pagar uma parcela disso. A minha esperança é de ter sucesso nesse tratamento. A mãe não parece culpar a instituição e sim a médica, porque disse que todos os outros funcionários foram maravilhosos, exceto ela. Eu tive que afastar Bryce do caso apenas por causa do sobrenome.

Respirei fundo e encostei-me na parede, não acreditando que aquilo estava acontecendo. Nós iríamos perder muito dinheiro em processos e eu só queria estrangular a minha ex-sogra.

— Sinto muito. Tenho que me preparar para a cirurgia.

— Vamos lidar com isso. — Beijei-a rapidamente. —

Sucesso. Me chame se precisar.

Observei-a sair e fui chamado. Era tio Joshua, provavelmente para falar com nosso grupo de advogados. Seria uma longa manhã e só entraria em uma cirurgia depois do almoço. Ocupei uma cadeira e começamos a discutir os eventuais processos, como poderíamos reverter para que os danos fossem mínimos.

Meu divórcio estava custando muito mais caro, porque a mãe rancorosa da minha ex-mulher decidiu que poderia se vingar de mim através dos pacientes.

No meio da reunião, no entanto, recebi a notícia de que havia um coração a caminho para meu jovem paciente. Liz tinha razão.

Era como se ela tivesse previsto que aconteceria. Sempre positiva, sua teoria sobre energias fazia muito mais sentido do que quando estava correndo para a ala da pediatria para dar as boas novas à família e pedir que Ângela e Amber preparassem o paciente.

— A doutora Nichols ainda está em cirurgia — Ângela me informou.

— Avise-a e irei começar, assim que ela terminar deve seguir direto.

— Não dá para esperar?

— Essa criança está esperando há anos, então, não, não dá para esperar. Assim que o órgão chega, ele é preparado e a cirurgia começa. Vai dar tempo dela chegar e participar.

Ângela assentiu e saiu rapidamente. Estava tão animado e positivo que precisava me apegar àquilo para a cirurgia dar

certo.

Desci para a preparação do órgão e da sala de cirurgia. Vi que os internos estavam eufóricos e correndo para todo lado. Transplantes eram muito esperados e quando eles finalmente aconteciam, era quase como um evento entre os médicos.

A sala de observação estava cheia e a de cirurgia também.

Amber ficou de um lado e eu e Ângela do outro.

— Alguém avisou a doutora Nichols que iremos começar?

— Ela está terminando — Ângela respondeu com as mãos levantadas.

— Acionem o microfone — pedi e pude ouvir conversas da galeria. — Atenção. Hoje vocês estão assistindo ao primeiro transplante cardiopulmonar de suas carreiras, peguem seus cadernos e aprendam o máximo que puderem. Vamos começar.

Fazer parte de um hospital escola era muito mais do que competir por cirurgias. Por isso, quando abri o peito do paciente e ouvi o suspiro coletivo por nunca terem visto uma criança sendo transplantada, eu me senti orgulhoso em poder fazer parte da história de todos aqueles novos médicos, assim como eu fui alguns anos atrás. Amber e Ângela estavam atentas quando a porta abriu e Liz entrou. Amber trocou de lugar com Ângela.

— Que bom que chegou, hoje é um lindo dia. — eu disse e Liz apenas me olhou antes de assumir o seu lugar.

Nós trabalhamos em sincronia, porém, ela não parecia muito alegre comigo, respondendo apenas o necessário,

melhor dizendo, nem o necessário, olhando para as residentes para ver se elas estavam completamente afiadas. A cirurgia foi finalizada com sucesso. Ela foi à frente, livrando-se da roupa cirúrgica.

— Ei, foi tudo bem na sua primeira cirurgia?

— Foi ótimo — murmurou e lavou as mãos, tirou a máscara e a touca.

— Nós acabamos de sair de uma longa e muito boa cirurgia com um paciente que eu acompanho há anos e estou satisfeito, mas você parece estar pronta para me atacar com um bisturi.

Liz respirou fundo e abriu a boca, mas a excitação de Ângela e Amber a deixou quieta.

— Nós vamos descer para almoçar, vocês vêm?

— Claro, estou faminta e precisando de uma pausa — Liz respondeu e saiu com elas, sem olhar para trás.

Durante o almoço, ficou distante, conversando com Jules, Ângela e Amber, sem olhar em minha direção. Até entender a mente

confusa daquela mulher, que mudava de humor o tempo todo, seria tempo. No meio do almoço, nossos telefones tocaram e havia uma confusão na emergência, precisavam de mais médicos devido a uma correria no metrô que incluía pessoas pisoteadas e atropeladas.

— Espero que esse dia simplesmente melhore — Jules resmungou, meio irritada. — Perdi um paciente hoje. Estou meio chateada, então, me ignore.

— Eu perdi um bebê hoje. Isso me deixa louco de raiva, vida injusta, porra — Jace reclamou também. — A mãe caiu e o bebê de oito meses faleceu.

— Eu sinto muito, pessoal — Liz murmurou, azeda.

Estava começando a achar que meu desempenho na noite anterior foi uma tremenda merda. As portas do elevador se abriram e o caos parecia ter fixado residência na emergência.

— Ainda estou com fome. Eu deveria ter comido as batatas fritas — Liz gemeu.

Capítulo Dezesesseis

Sawyer

No caos, nos dividimos, chamando um ao outro quando as especialidades se cruzavam. Estava um barulho ensurdecedor e eu mal conseguia auscultar meus pacientes. Ouvi um grito de um homem e quando me virei, ele arremessou Liz contra a parede.

Cooper o segurou por trás e um enfermeiro conseguiu sedá-lo.

Deixei meu paciente com Amber e levantei Liz do chão. Seu rosto estava lavado de sangue.

— Estou bem! Preciso apenas de um pano. — Ela colocou a mão na testa.

— Não até ver esse corte. — Eu a levei para uma estação distante. No mesmo instante, meu paciente começou a parar e Amber me gritou. Agarrei uma enfermeira. —

Atenda a doutora Nichols — pedi e virei-me para Liz. — Faça o curativo e uma TC.

— Estou bem, Sawyer!

— É uma ordem, Elizabeth!

Corri de volta e, infelizmente, perdi o paciente. Merda.

— Diga a hora da morte e chame o necrotério.

Voltei para o próximo paciente e vi Liz atendendo uma mulher ainda com o ferimento aberto no rosto. Parei ao seu lado e verifiquei que estava apenas com um curativo acima do corte, sangrando, e precisava de pontos. Esperei que terminasse com a paciente e a arrastei pelo braço até fora da emergência, chegando ao primeiro andar, onde havia uma estação fixa de curativos. Sem paciência, sentei-a na maca e puxei a mesa preparatória.

— Isso pode esperar! Temos uma emergência cheia, é só um corte! O paciente estava assustado e o relógio dele cortou meu rosto.

— Não pode esperar. Eu vi a queda e a força que bateu contra a parede e o chão. Além do mais, seu sangue está pingando nos pacientes.

— E temos outros que foram pisoteados porque havia uma suposta bomba no metrô.

— Liz, você é médica e sabe das consequências de uma queda. Pode não sentir nada agora porque a adrenalina está correndo em seu corpo, mas o que aconteceria se relaxasse e desmaiasse dentro de uma sala de cirurgia?

— Você está um pé no saco hoje — ela reclamou e gemeu com a picada da agulha.

— Quieta. Vou começar a costurar o seu rosto.

— Não é porque nós estamos transando que você pode crescer assim pra cima de mim.

— O que eu fiz além de estar cuidando de você e tentando costurar a sua linda testa? E você não consegue ficar quieta!

— Hoje você começou *a nossa* cirurgia antes de mim. Tudo bem, conheço o protocolo, mas me deixou louca quando disse: “*Que bom que chegou para a cirurgia, hoje é um lindo dia*” como se eu fosse uma aluna atrasada e você um professor pé no saco. Era minha cirurgia também! — ela disse e segurou minha mão. —

Caralho, isso dói!

— Nunca levou pontos antes?

— Claro que não!

— Só mais dois e estará pronto. — Eu ri e voltei com a agulha, ela gemeu. — Não comecei a cirurgia sem você por falta de consideração. Você estava com outro paciente e terminando.

Chegou em um perfeito horário, ainda estava na explicação.
E

agora, estou cuidando de você. Não seja uma chata irritadinha. —

Beijei seus lábios. — Tive uma noite de sexo maravilhosa, sempre fico muito animado no dia seguinte — sussurrei, conspiratório.

Ela fez um beicinho e deitou a cabeça no meu ombro, reclamando de dor. Eu a coloquei no lugar, ainda precisando terminar.

— Estou satisfeita com todo o sexo que fizemos nessa noite, foi realmente incrível e devemos repetir em breve, antes que eu

comece a ficar ainda mais rabugenta. Acho que não estou tendo um bom dia. — Ela suspirou e se encolheu, tentando fugir da sutura.

— Eu percebi. Não desconte em mim.

— Não só em você. Descontei em um monte de gente —

murmurou e deu um gritinho com a última picada. — Vai ficar alguma cicatriz?

— Sou muito bom em suturas, obrigado — rebati sério e ela riu, relaxando. — Quer me contar o que aconteceu?

— Recebi uma notícia que me deixou confusa emocionalmente e ainda estou processando até que se torne sem importância. — Ela levantou os dedos, fazendo um sinal de algo pequeno. — Pode demorar um tempinho até me acostumar, mas não sei se vai parar de doer agora.

— Podemos conversar sobre isso depois, se quiser um bom ouvido para se abrir. Sou ótimo conselheiro — ofereci e ela me segurou pelo jaleco, me beijando. — Está bem? Sonolenta?

— Eu realmente acredito que você gosta quando te mando à merda.

Voltamos para a emergência, mas ela respeitou a minha ordem em atender somente casos leves. Quando finalmente a sala ficou vazia e os casos cirúrgicos já estavam encaminhados, decidi que podia tomar um banho e comer alguma coisa. Não a encontrei em lugar nenhum, tomei banho, comprei um lanche e fui para a sala de descanso, encontrando-a com Jules.

As duas gritaram pelos pacotes que estavam no meu braço, então dei meia volta e comprei mais comida. Liz, com um hematoma na testa, e Jules estavam deitadas na mesma cama e abriram o saco da batata e as latinhas de suco.

— Eu espero que essa cidade seja gentil essa noite. O

peçoal que saiu do plantão hoje de manhã disse que foi muito tranquilo. Quando é conosco, acontece o apocalipse. — Jules enfiou várias batatas na boca. — Precisaria de mais uma noite de sexo

para suportar isso. — Bufou e Liz riu, dando-me um rápido olhar. —

Não comecem a transar com os olhos, estou bem aqui.

— Quer que chame o Cooper? — provoquei e ela jogou um travesseiro em mim. — Em falar nisso, como estão? Dois dias seguidos é muito para vocês.

— Eu sei. Não consigo explicar. — Jules jogou-se na cama, com um bufo de frustração. — Você me conhece há seis anos e conhece Cooper a sua vida inteira, existe alguma chance de que isso possa dar certo? Por que eu me conheço o suficiente para saber que não vou perdoá-lo se ele fizer

uma merda comigo e ao mesmo tempo nós não temos nada. Foram duas noites de sexo maravilhoso! Por que estou me torturando?

— Vocês costumam torturar as garotas e caras que saem, agora vocês dois estão se torturando e isso é incrível, quase me dá vontade de andar atrás de vocês com um saco de pipoca — revelei, rindo. Ela levantou o dedo do meio.

— Diz o cara que ficou choramingando “*ela não me ligou ainda*”.

— Ei! — Liz falou de boca cheia. — Eu estava com raiva dele!

— Mas ele é quem pega o número de telefone das garotas e nunca liga. — Jules apontou em minha direção. — Foi maravilhoso vê-lo olhando o celular a cada cinco minutos.

— Eu só dei meu número de telefone para ele ontem à noite.

— Liz sorriu, parecendo muito orgulhosa de si mesma.

— Quando crescer eu quero ser como você. — Elas bateram as mãos juntas.

— Jules, você e Cooper são muito parecidos, isso pode ser muito bom ou muito ruim, mas cabe a vocês tentar. — Aconselhei minha amiga e olhei para Liz, que enfiava várias batatas na boca, olhando-me meio nervosa. — A gente tem que tentar, tentar e tentar até achar um caminho que dê certo. Não sou um homem que desiste fácil.

— Não sou boa com relacionamentos. — Jules suspirou. —

Cooper também não.

— Eu acho que vou dormir um pouco agora — Liz disse e eu bati na cama em que estava sentado. Ela riu e pulou as três camas no caminho, passou por cima de mim e deitou-se contra a parede.

Segurei seu rosto e a beijei. Ela embolou as pernas com as minhas e puxei o lençol em cima de nós dois.

— Não vão ficar se beijando aí, não, né?

— Cale a boca, Jules.

— Cheguei, criançada! E fiquem em silêncio porque eu estou morto. — Cooper deitou onde Liz estava, deu um beijo em Jules e puxou o lençol.

Por um milagre, conseguimos dormir por uma hora e meia.

Liz e eu fomos chamados por Jace, para um parto de emergência em que a mãe tinha problemas cardíacos, estava hipertensa e a criança em sofrimento fetal. Foi um parto difícil e a criança quase não resistiu. Eu vi a tristeza no olhar de Liz ao solicitar a internação na UTI. Jace terminou com a mãe e ela ficou estável, escrevi o tratamento e o acrescentei no prontuário.

Entrei no andar da cardiologia, encontrando Amber um pouco alterada com uma das enfermeiras. Como era uma ocorrência comum, não me dei ao trabalho de me intrometer. Segui direto para a minha UTI, coloquei a roupa de proteção e entrei, verificando cada paciente, conversando com os que estavam acordados e vendo que havia dois que se passassem a noite bem, o plantonista seguinte poderia dar alta para o quarto.

— Eu não acredito que terei dois dias inteiros em casa. —

Amber bocejou, esticando-se. — Falta pouco para o café da manhã.

Vai querer alguma coisa? Estou tão cansada.

— Foi tão ruim assim a discussão delas?

— Whitney foi cruel com Bryce. Ok, eu não estou defendendo a sua ex-mulher, mas a mãe dela é uma vaca. Disse que Bryce era inútil, já que foi incapaz de assegurar um casamento *lucrativo* com você.

— Me sinto um pote de ouro.

— E você é, pelo seu bolso. Olha, talvez agora tenha a chance de ter alguém que goste de você pelo que é, até porque, sabemos que dinheiro não falta na conta bancária da doutora Nichols. — Amber sorriu, me dando uma piscadinha esperta.

Audrey saiu do elevador meio agitada e me olhou. Seus olhos estavam cheios de lágrimas e parecia profundamente assustada.

Ela estava de folga naquela madrugada, mas eu vi que estava usando o *scrub* cinza dos internos. Desencostei da parede e ela veio, com as mãos tremendo.

— Foi tudo muito rápido. Ele estava bem, eu juro.

— De quem está falando, Audrey?

— Seu pai — minha prima sussurrou e me segurou. — Tia Addison não estava se sentindo bem e pediu que eu dormisse lá hoje para ajudar a olhar o tio Sawyer. Eu disse que ela poderia dormir que eu tinha que estudar, então, eu devo ter cochilado, não sei.

Segurei os ombros da minha prima.

— O que aconteceu com o meu pai?

— Ele rolou da escada. Encontrei-o desacordado e fiz os primeiros socorros...

Não ouvi mais. Empurrei a porta da escada e desci todos os andares correndo. Ouvi Audrey vindo atrás de mim e quando cheguei na emergência, encontrei minha mãe parada, falando com um enfermeiro. Ela estava chorando e secando os olhos com um lenço.

— Ah, querido. É um milagre! — Ela me abraçou apertado.

— O quê? Como assim? Cadê meu pai?

— Ele está estável agora, já fizeram uma radiografia. O ferimento não foi profundo e ele está bem.

— O que é um milagre, mãe?

— Ele lembra.

— O quê? Lembra-se de quê?

A cortina do leito que ele estava foi aberta por um enfermeiro e Liz estava sentada com ele, fazendo um curativo em sua mão.

Meu pai estava rindo, apontando algumas coisas e me deu um sorriso.

— Ele se lembra dela, Sawyer. Assim que chegou aqui, reconheceu a Liz. Isso não acontece há tanto tempo... — Mamãe fungou e sequei seu rosto, beijando a sua testa. — Foi um susto, estou um pouco emotiva. A coitada da Audrey

foi maravilhosa. Nem parece que sou uma médica também, porque quando o vi caído no chão, eu não conseguia lembrar meu nome. Ela foi ágil e maravilhosa.

Abracei Audrey e ela chorou. Era a princesinha da família.

Minha mãe não quis ter mais filhos, então meu pai era terrivelmente apegado a Audrey, que também era a filha dele.

Liz se afastou do meu pai com uma risada e veio até nós.

— Ele está bem. Incrivelmente lúcido e sem nenhum arranhão grave. A radiografia não apresentou fraturas. Podemos deixá-lo em observação por algumas horas, o que não acho uma boa ideia devido a sua agitação de ficar no hospital ou podemos deixá-lo em casa descansando. Foi só um susto.

— Prefiro levá-lo antes que levante e comece a diagnosticar os pacientes dos leitos vizinhos, como fez da última vez — mamãe retrucou com uma risada. — Obrigada pelo seu rápido atendimento, querida.

— Sorte a minha estar aqui. Cooper foi comer, ele estava irritando as enfermeiras então eu vim cobri-lo para descansar. — Ela sorriu e me deu uma piscada.

— Ei, querida, podemos ter um chá da tarde no jardim hoje?

— Meu pai perguntou à minha mãe. — Sawyer e Liz poderiam vir também.

— Eu adoraria, mas ainda tenho algumas longas horas de plantão.

Papai suspirou, com sua clássica expressão de decepção.

— Eu disse pra você ser advogado. Médicos não têm vida social.

Minha mãe pegou a mão dele e beijou. Audrey foi até ele e deu um abraço, provavelmente aliviada, e eu, nem podia descrever o que estava sentindo. Meu pai foi um homem incrível que revolucionou a medicina à sua forma. Não conseguia entender a manobra da vida ao deixá-lo tão debilitado. Era uma realidade difícil de encarar e muito complicada de conviver. Como médico, me sentia impotente ao ver meu pai tão jovem deteriorando-se diante dos meus olhos.

Senti a mãozinha de Liz pegando a minha e entrelaçando nossos dedos. Ficamos parados, olhando meu pai interagir com minha mãe e Audrey. Ele estava feliz e toda vez que ficava daquele modo, eu procurava memorizar para me dar forças.

Capítulo Dezessete

Elizabeth

Nunca fui uma pessoa de gostar do Dia de Ação de Graças, porque sempre me ocupei com o trabalho e normalmente era a escolhida para fazer o plantão noturno. Em Nova Iorque, a chefia normalmente ficava de folga, então, fui convidada para jantar na casa dos Ferguson, que iriam reunir uma boa quantidade de funcionários com suas famílias. Jules e eu éramos as únicas sem

“família”. Me recusei a passar com meu pai, a perfeita dona de casa e sua torta de abóbora.

Minha madrasta era a perfeição em pessoa. Aquele sorriso de Monalisa e cabelos divididos no meio me exasperavam. Os pais da minha nova irmã por escolha moravam na

Irlanda, eram cientistas e atualmente faziam uma pesquisa lá. Pensei em fazer um jantar para nós duas, mas isso significaria que não passaria a noite com Sawyer.

Era a minha suposta folga, estava de sobreaviso. O número de acidentes domésticos era imenso no dia em que todas as pessoas estavam assando perus. Já tinha saído do trabalho há duas horas e meu telefone não havia tocado. Sawyer estava na casa dele, uma ocorrência muito rara, considerando que eu estava parada olhando a quantidade de roupas dele no meu armário.

Como aquilo foi acontecer? Nós começamos a morar juntos sem prestar atenção? Em um mês, ele sequer foi para a casa dele.

Dormimos juntos, namoramos bastante, transamos em todos os cômodos do meu apartamento e dividimos tarefas de casa. Deveria ser um grande passo assustador e não estava sendo para mim. A ideia de fazer dele meu pau amigo morreu quando o homem acordava antes só para fazer meu café.

Ele entendia meu sentido de organização, não bagunçava minhas coisas e não invadia meu espaço. Comemos pipoca assistindo cirurgias que qualquer pessoa poderia achar repugnante, também não ligava que assistisse aos jogos, aprendi a apreciar. Ele

ficava pedindo para memorizar as estatísticas do jogo ou que fizesse a previsão.

A realidade era que o nosso relacionamento estava tão forte que me vi preparada para conversar com ele sobre aquilo.

Desci a escada e Jules estava jogada no meu sofá, olhando para o teto. Ela estava acampada comigo desde que brigou

com Cooper sobre em qual apartamento iriam morar juntos. Nós, médicos, somos intensos e loucos. Já trabalhávamos juntos, embora fosse difícil nos vermos dentro do hospital de maneira romântica. Talvez fosse por isso a enorme necessidade de juntar as escovas.

Eles queriam tanto estar juntos que brigaram sobre qual apartamento iriam viver.

— Acho que vou conversar com Sawyer sobre oficializarmos a questão de morarmos juntos — falei da cozinha e ela levantou a cabeça.

— Não era “só sexo” ? — ela retrucou, fazendo sinal de aspas.

— Essa era a intenção no começo, ele era um potencial parceiro sexual, mas também é um excelente companheiro. Eu posso contar nos dedos, nessas últimas semanas, quantas vezes ele dormiu no próprio apartamento. E em algumas delas eu dormi junto. — Encolhi os ombros e abri a geladeira. Tirei duas cervejas.

— Não cheguei aqui preparada para um relacionamento, mas estou solteira há quatro anos e sempre caçando homens, traçando perfis para serem parceiros de sexo. Acho que está na hora de evoluir e tentar um relacionamento.

— Você gosta do Sawyer? Tipo, está apaixonada por ele? —

ela perguntou e fiquei em silêncio. Abriu a cerveja e continuou me olhando, esperando por uma resposta, mas nada veio. — Eu me apaixonei por Cooper. Ele é um babaca, mas isso não importa mais.

Deixa meias espalhadas, me irrita até a morte, mas estou apaixonada por ele. Era o cara que eu mais odiava porque a

minha namorada me traiu com ele e honestamente, entendo o motivo dela

ter se sentido atraída. Somos compatíveis na cama e descobrimos um monte de coisas legais que podemos fazer juntos. Meu pai, que não gosta de ninguém, o adorou em sua última visita e o filho?

Mason dorme no meu colo e a mãe dele disse que é um sinal divino, porque ela sempre se preocupa quando o bebê está com Cooper, mas confia em mim. *E eu nem gostava de crianças!* Eu amo Mason porque ele é filho do homem por quem estou apaixonada. Quero morar com ele porque estou feliz.

— Você sabe que terão um quarto de bebê na sua casa, não sabe?

— Esse é o ponto, quando estamos apaixonados, isso não importa. É por isso que te pergunto: você está apaixonada por Sawyer ao ponto de querer não só dividir a casa, mas a bagagem que vem com ele? Não estou falando de Bryce, vai por mim.

— Ela está insuportável, mas posso lidar com ela —

murmurei, brincando com a condensação da garrafa. — É difícil explicar o quão machucada fiquei em meu último relacionamento.

Eu não confiei mais nos homens e tenho os meus motivos. Não sou boa com sentimentos. E ele me tem. Não é só o meu corpo. Ele *me tem*, entende? Estou cansada de lutar para ficar sozinha e agora, existe um homem que quer ficar comigo.

Meus olhos encheram-se de lágrimas.

— Você está apaixonada. Por que tem tanto medo?

— Eu me machuquei muito. — Sequei meu rosto e funguei.

— No fundo, minha parte racional sabe que ele não vai me machucar da mesma forma, mas eu tenho medo. Esse sentimento nunca me deixa, ele me persegue para todo o lado, sussurrando desconfiança por trás das minhas ações e alimentando a minha ansiedade.

Jules segurou minhas mãos.

— Se ficar dando corda para o seu medo, nunca vai ser feliz novamente. Sawyer te faz feliz. Se joga. Arrisque. Se não der certo, se você cair, levante, limpe os joelhos e siga em frente.

Jules me abraçou apertado e deixei minhas lágrimas bobas caírem, mas era por finalmente ter um alívio em desabafar sobre meus sentimentos. Não conversei com Sawyer sobre o que estava sentindo, mas ele sabia dos meus medos, porque sempre acalmava o pânico.

Bebemos duas cervejas cada uma e eu me senti mal por ser praticamente *nora da anfitriã* do jantar e não estar levando nada para contribuir.

Deixei Jules começar a se arrumar e saí em busca de uma confeitaria que pudesse me vender uma torta para sobremesa.

Depois de andar alguns quarteirões, encontrei uma em que ainda havia doces disponíveis e levei uma de queijo com frutas vermelhas e outra de abóbora e caramelo. Tive um pouco de dificuldade de carregar, mas cheguei a tempo de tomar banho e me arrumar. Fiz chapinha no cabelo, para

deixá-lo completamente liso e diferente do que estava acostumada a usar.

Já estava fazendo um frio terrível em Nova Iorque ou eu era que não estava acostumada por ter morado tantos anos em uma cidade quente como Los Angeles?

Queria estar bem arrumada, atraente, porque iria conhecer o restante da família de Sawyer, incluindo os avós e as irmãs mais velhas da mãe dele. Olhei-me no espelho e o meu telefone tocou, era a minha mãe. Desde a notícia que me deixou dias emocionalmente desestabilizada, não sentia a mínima vontade de falar com ela de novo. Com o passar dos dias, consegui colocar mais essa informação em uma caixinha insignificante no fundo do meu coração, esquecida e com uma pedra em cima.

— Ei, linda, cheguei! — Sawyer gritou do andar de baixo. —

Oi, encosto, você pode sair do *meu* quarto para que eu possa tomar banho? Vou chegar nu! — ele implicou com Jules, que riu, revirando os olhos. Sawyer apareceu na porta com um sorriso bobo.

Jules saiu e eu continuei me maquiando. Sawyer ficou nu, deu-me um beijo no pescoço e correu para o chuveiro.

— Por que não tomou banho na sua casa? — Fui atrás dele.

— Fiquei assistindo o jogo, aí perdi a hora e agora estamos à beira de nos atrasarmos, além do mais, não tenho mais roupas na minha casa — ele me respondeu rindo e colocou a cabeça para fora do chuveiro. — Qual xampu não posso usar?

— O vermelho.

Saí do banheiro antes que tirasse a minha roupa e entrasse naquele chuveiro com ele. Arrumei a minha bolsa e descii, para ele se arrumar em paz e não deixar Jules sozinha.

— Cooper está querendo me amolecer enviando fotos do Mason — ela murmurou com um sorrisinho e mostrou as fotos. A criança era muito gostosa. O sorriso com covinhas lembrava muito o pai. — É muito gostosa essa criança.

Sawyer desceu rapidamente, perguntando se estávamos prontas.

— Você comprou tortas? — Ele segurou as embalagens e as colocou cuidadosamente no banco de trás do carro. Jules iria assegurar que não virassem. — Não precisava. Acho que elas contrataram um buffet.

— Eu vou conhecer seus avós e suas tias, não queria ser aquela a chegar de mãos vazias. Segundo pesquisas, pessoas que chegam segurando algo como presente ou contribuição...

Ele me segurou pelo rosto e me beijou.

— Fodam-se as pesquisas. — Piscou e eu ri. — Elas vão te amar. Eu sei disso.

Como ele sabia? Por que me amava? Senti Jules me dar uma cutucada pelo banco e contive um gritinho.

Chegamos à casa de Meredith e Joshua bem rápido, a rua estava misteriosamente sem trânsito, talvez realmente fosse uma noite calma, porém, ainda estávamos longe da hora da zona e eu estava me sentindo esquisita de folgar em um feriado. Meu pai me ligou duas vezes e não atendi, porque não me interessava pela decoração ostentosa que

Sue havia feito, muito menos os pratos deliciosos que a cozinheira passou o dia inteiro cozinhando.

Sempre soube que meu pai teria que casar novamente, ter uma companhia, eu só não imaginava que seria com a mulher de um dos seus amigos próximos. Eu tinha muita irritação ao ver os filhos dela sugando meu pai. Eles não escondiam o interesse. Papai nunca me criou para dar valor ao dinheiro e sim ao que ele podia fazer para mudarmos o mundo.

Cometi um ato de puro egoísmo ao assegurar que meu pai se casasse com divisão de bens e que os herdeiros dela fossem excluídos do testamento dele, porque na época, tudo que eu conseguia pensar, era que ela casou com ele misteriosamente na mesma época em que seu marido havia falido.

Eu disse ao meu pai que se ela o amava, casaria sabendo que não teria direito ao dinheiro. Ele concordou. A cada dois meses, seu advogado me enviava uma cópia do testamento do meu pai. A cada dois meses eu me perguntava se fiz a coisa certa em ser implicante com a esposa dele.

— Sem essa carinha hoje — Sawyer me pediu e assenti.

Nada de ficar triste por causa da minha família.

Já havia muitos carros e Sawyer estacionou próximo à garagem. Jules saiu rápido quando viu Cooper se aproximar pelo jardim com Mason. Ela brigou com ele, dizendo que estava frio demais para ficar com o bebê do lado de fora. Sawyer carregou as tortas sozinho e entramos antes do casal, que discutia e flertava ao mesmo tempo. Eu peguei Mason, porque realmente estava muito frio para a criança ficar do lado de fora.

— Finalmente! Sua avó já estava me enchendo! — Addison veio para Sawyer e me abraçou apertado. — Oi querida, linda como sempre!

— Não fui eu quem o atrasou. — Apontei para o bonitão ao meu lado.

— Eu estava assistindo ao jogo e perdi a hora. — Sawyer se desculpou e ergueu as caixas. — Liz trouxe tortas.

— Não precisava, eu mesma passei o dia inteiro no salão, o buffet fez tudo. — Addison riu e mandou Sawyer colocá-las na

cozinha.

— Eu não queria chegar de mãos vazias. — Encolhi os ombros.

Mason deixou escorrer uma baba no meu casaco.

— É uma fofa — Addison retrucou e me levou para onde havia uma senhora e duas mulheres, que eu deduzi serem suas irmãs porque eram parecidas. — Mamãe, essa é Liz, namorada de Sawyer. — Apresentou-me a senhora, que me deu uma avaliada de cima a baixo. Mason sorriu sem dentes pra mim e beijei sua bochecha. — Não ligue para ela, é muito ciumenta com Sawyer e se serve de consolo, também não gosta muito de mim — Addison sussurrou e mordeu meu lábio para não rir. — Minhas irmãs mais velhas, Ivy e Carmen.

— Sawyer disse que você é uma médica excepcional, só esqueceu de dizer o quanto é linda — Ivy disse e me deu um abraço, mesmo que o bebê tenha gritado um pouco.

Fiquei sem graça. Eu não tinha traquejo social para festas.

— Vamos deixá-la curtir a festa. — Addison me salvou, dei um sorriso para elas e me afastei. Abracei Meredith e Joshua e cumprimentei o pai de Sawyer, que não parecia estar lúcido, mas não agiu como se não me conhecesse. Fugi até onde Jules estava e Cooper pegou Mason de volta.

O jantar me deu a oportunidade de perceber que Sawyer tinha muitos aspectos diferentes de mim. Ele fazia parte de uma família unida e bem estruturada. As primas foram muito simpáticas e os primos eram o tipo de caras que achavam ser a salvação do mundo para as mulheres. Dois deles, antes de saber que eu estava com Sawyer, me cantaram como se estivessem me fazendo um favor e eu devesse me sentir lisonjeada.

O segundo quase tomou um banho de vinho no rosto, que foi impedido a tempo de Sawyer chegar e me apresentar como namorada. Jules me confirmou que apesar de muito lindos, eram uns babacas. Entendi que Sawyer era mais próximo das primas,

quase que o rei da mulherada do lado paterno. Elas me contaram um monte de histórias embaraçosas dele durante a infância.

Depois da sobremesa, Jules disse que iria embora com Cooper. Ela, por fim, cedeu e iria morar no apartamento dele, porque já tinha todas as coisas de Mason montadas. Sawyer e eu nos despedimos de todo mundo. Ele perguntou se gostei da família dele. Eu me senti muito aliviada ao ser sincera e dizer que sim.

Se não precisássemos conviver com eles, encontrar em eventos estava tudo bem para mim e não desejava receber visitas.

Eu era de um círculo social pequeno e preferia continuar do mesmo modo.

Chegamos em casa tarde e eu estava cansada. Ele se jogou no sofá, tirando uma foto e implicando com Jules que graças a Deus o sofá era todo dele de volta. Revirei os olhos e subi para me desmontar. Passei tanta maquiagem que não saiu tudo no banho.

— Gostosa! Vai começar um bom filme, vem cá!

Desci a escada, com sono e me joguei ao lado dele. Minha mente estava revirando em como abordar o assunto sobre morarmos juntos. Talvez não precisasse. Ele já tinha a chave, o carro dele estava na garagem e as roupas no armário. Precisava mesmo formalizar e talvez espantá-lo?

— O que você está remoendo na sua cabecinha? Alguém fez alguma coisa que não gostou? — Ele desviou o olhar da televisão rapidamente.

— Acho que devíamos morar juntos. *Oficializar o morar juntos* — falei de uma vez, registrando a expressão surpresa.

Merda. Ele iria dizer que não e a decepção me lavou. Eu tive a certeza de que realmente queria oficializar nosso relacionamento.

— Você quer dividir, sem chance de me expulsar quando estiver irritada, com contas e todos os problemas no pacote? — Ele virou-se em seu lugar e balancei a cabeça. Mordi o lábio, incerta de sua reação.

Sawyer simplesmente me puxou para o seu colo e me beijou.

— Se você me irritar, talvez te expulse para o sofá —

sussurrei contra seus lábios.

— Sorte a sua que o sofá é muito confortável. — Ele beijou meu pescoço e olhou em meus olhos. — Eu quero morar com você, mas eu acho que vai precisar abrir um espacinho no escritório para meus livros e no armário para mais algumas coisinhas.

— Vamos nos ajustar, tem espaço o suficiente para nós dois.

Sorri e ele abriu meu roupão, beijando minha boca e arrastando os polegares nos meus mamilos. Gemi e começamos a comemorar nossa nova decisão no sofá, depois partimos para o *nosso* quarto.

Capítulo Dezoito

Elizabeth

Acordei tarde no dia seguinte. Sawyer despertou antes de mim e ficou na cama implicando com a mãe, informando-lhe que havia mudado de endereço e que “*coisas haviam acontecido*”. Eu podia imaginar Addison andando de um lado ao outro e surtando, acordando Meredith e Audrey, dizendo que “*algo aconteceu com Sawyer porque ele estava misterioso*”. Soltei várias risadas lendo as mensagens dela insistindo para que fosse mais claro, achei maldade, mas muito engraçado também.

Depois de muita tortura, ele finalmente contou que estávamos morando juntos e ela enviou várias carinhas com corações nos olhos. Aproveitando que ele anunciou para sua família, resolvi fazer o mesmo. Meu pai não se intrometia na minha vida a não ser que eu pedisse sua ajuda, o que

acontecia quase sempre. Ele não chegou a encontrar com Sawyer como meu namorado.

No meu aniversário, Sawyer estava no limbo. Paul perguntou e eu disse que não, então, não sabia como seria a reação dele. Abri o aplicativo e vi que tinha um monte de mensagens de Regina, já era o terceiro número que eu bloqueava.

Abri uma conversa com Paul. Dei bom dia e perguntei se ele estava bem, ele respondeu que sim, enviou uma foto do seu prato do jantar e outro do café da manhã. Meu pai costumava acordar com as galinhas. Ele perguntou se eu estava bem e decidi soltar a bomba de uma única vez com a seguinte frase: *Estou namorando e agora nós moramos juntos.*

Ele demorou mais de quinze minutos para responder. Sawyer e eu ficamos tensos, olhando para o aparelho até que meu pai enviou a imagem de uma carinha coçando o queixo. Perguntou quem, eu respondi que era Sawyer Reedburn, ele botou outra revirando os olhos, que me fez rir. Depois enviou outra, pensativa: *Mas já morando juntos?*

Eu sabia como quebrar os medos do meu pai sendo honesta: *Estou pronta para seguir em frente. Ele me faz feliz.* Meu telefone começou a tocar logo que Paul visualizou. Era uma chamada por vídeo.

— Vou começar o café da manhã para você conversar à vontade com seu pai. — Sawyer me deu um beijo e saiu da cama só de cueca.

— Oi, pai. Como vai?

— *Eu preciso olhar em seus olhos quando repetir exatamente o que escreveu naquela mensagem.*

— O quê? Que estou morando com Sawyer?

— *Não. A outra frase...*

— Eu me sinto pronta para ser feliz novamente.

Ele abriu um sorriso imenso.

— *Não sabe o quanto sonhei em te ouvir dizendo isso, Liz.*

Você é a garota mais bonita e mais inteligente do mundo inteiro.

Tenho muito orgulho de ser seu pai, pela força e coragem que tem em desbravar o mundo. E tenho certeza de que serão felizes. — Ele soou orgulhoso e fiquei emocionada com meu pai. — *Acho que vou organizar uma visita para o Natal.*

— Eu te aviso se estiver de folga. Tenho que descer porque estou faminta.

— *Passe o número de telefone dele por mensagem* — Papai pediu e achei que poderia ter uma conexão entre ele e meu namorado.

— Tudo bem, eu te amo.

Enrolei-me em um casaco, mesmo de pijama, sentindo um friozinho. Sawyer diminuiu o aquecedor de madrugada porque estava quente demais para nossas atividades. Desci descalça e ele estava fazendo algo maravilhoso com queijo e presunto. Beije suas costas e enchi minha caneca de café. Ele virou a omelete e colocou em um prato, começando a fazer a segunda.

Belisquei uma pontinha e decidi que a partir daquele momento a cozinha era toda dele.

— Com quem aprendeu a cozinhar? — questionei depois de ter devorado todo o meu prato. Ele sorriu e limpou a boca.
— Estou falando sério. Aprendi a cozinhar porque achava incrível poder separar todos aqueles ingredientes e o que a mistura deles resultaria. Quando Carlie tornou-se a governanta da casa, tive outra babá que me ensinou a fazer muita coisa, ela era brasileira e eles possuem versões de pratos completamente diferentes dos nossos.

Quando completei dezesseis anos, meu pai me autorizou a viajar com ela, experimentei todo tipo de prato que você possa imaginar e conheci toda a família dela. Carlie, que hoje é o braço direito e esquerdo do meu pai, foi uma segunda mãe para mim.

Aproveitamos muito.

Eu já havia contado a Sawyer sobre a minha família paterna disfuncional. Ele entendeu que Carlie, apesar de ser apenas funcionária de alto nível e confiança do meu pai, foi a mulher que me criou e me amou como filha.

— Meu pai me ensinou a cozinhar. — Sawyer contou, para minha completa surpresa. — Eu amava ficar na cozinha com ele.

Era o meu passatempo preferido. Havia dias que chegava da faculdade para o final de semana, precisando estudar e tirar dúvidas, e fazíamos isso na cozinha, livros na mesa, comida no balcão, ele me pedia para falar o que eu sabia sem tirar cola nos capítulos e assim ia me ensinando o que eu tinha dúvida. Entre uma refogada de molho de tomate caseiro com manjeriço, ia uma matéria inteira.

A relação deles era muito linda e entendia o quanto Sawyer sentia saudades. Eu o beijei para espantar a expressão de tristeza.

— Meu pai queima tudo o que faz na cozinha, até ele mesmo.

A mulher dele já me ligou desesperada que ele foi esquentar um pouco de leite e queimou a mão. Eu tive que explicar a ela que nunca deveria deixar Paul na cozinha, ainda mais sozinho.

Sawyer riu comigo.

— Minha mãe não cozinha nada. Ela é uma completa negação. Eu me lembro de chegar da escola e ela querer organizar um jantar surpresa para o meu pai. Fez coisas que não consigo nem descrever o que eram. Nós sempre moramos ao lado de tia Meredith e quando minha mãe fazia esses experimentos, eu fugia depois que ela ia para o quarto e jantava.

Nós limpamos a cozinha juntos, assistimos a um filme e preguiçosamente ficamos no sofá, até que fomos ao apartamento dele com algumas caixas, pegamos o que ele queria, enchemos o carro e voltamos para casa. Sawyer carregou o peso e enquanto ele arrumava os livros, pendurei seus diplomas na parede, espalhei algumas fotos que trouxemos dele com a família e arrumei todo o armário, porque não queria que ele alterasse a minha organização.

Tivemos que trocar a roupa de cama de lugar para alinhar seus sapatos e ficou muito no alto, teria que comprar uma escadinha porque só ele iria conseguir tirar os lençóis dali. Era injusto ser baixinha.

— O que você pensa de fazer com aquele espaço vazio? —

perguntou depois que sentamos nos banquinhos da ilha da cozinha.

No fundo da sala havia um espaço meio inútil, com uma poltrona que eu nunca sentei para tomar chá e olhar a janela. Uma parede com quadros. Era embaixo do corredor de cima, que na verdade, era apenas uma longa sacada que dava para ver as três portas dali: closet, escritório e meu quarto.

— Não sei. Não tenho nada para colocar aqui. Alguma ideia?

— Nenhuma. Só foi uma dúvida. Está vazio.

— Meio que me incomoda que esteja vazio, mas, não me vem nada à cabeça para fazer ali. — Olhei o relógio e tive uma ideia. — Acho que devemos fazer um bar. Vou olhar na internet alguma decoração que possa combinar com a sala.

— Nós quase não bebemos. — Ele riu e desanimei. Não bebíamos muito. Continuamos olhando para a parede. — Acho que devemos fazer um jantar de inauguração.

— É mesmo?

Pânico. Alerta de família conhecendo a minha casa e tendo

“acesso” livre começou a soar nos meus ouvidos. Eu tinha que ter previsto. Sawyer era filho único, o garotinho da mamãe e da tia.

Mordi o lábio sem saber o que dizer. Realmente não custava nada e até seria divertido organizar um jantar. Só tinha perdido o jeito de lidar com muitas pessoas no âmbito pessoal.

A família dele era muito sufocante, era possível imaginar quantos jantares por semana seríamos obrigados a comparecer agora que éramos um casal e quantas vezes as duas iriam me importunar querendo fazer programas maternais comigo.

Percebi que Sawyer ainda estava esperando uma resposta.

Merda.

— Acho que é uma boa ideia. Podemos nos organizar para a nossa próxima folga, o que acha?

— Tudo bem. Mas eu preciso combinar uma coisa com você.

Será o nosso pacto, ok?

— O que seria, seu bobo?

— Minha mãe e tia são impossíveis. Você já deve ter percebido que o apelido delas é “gêmeas do mal”. Elas fazem praticamente tudo juntas e são unidas ao extremo, também são intrometidas e muito, mas muito inconvenientes, não por maldade, mas porque pensam que precisam controlar o mundo. — Ele começou a falar e assenti, compreendendo seu ponto. — Então, nós iremos convidá-las para um jantar, podemos chamar os meninos, Jules e quem mais for próximo, porém, nunca dê o código do portão para elas. *Nunca*. Ou nós iremos acordar com elas mudando a decoração da sala. Nós podemos estar transando e de repente minha tia vai entrar e dizer que encontrou a roupa perfeita para você. Se você der o código ou a chave, eu juro que vou trocar, porque eu gosto de andar de cueca em casa e poder transar o tempo que quisermos. Combinado?

Porra, que alívio.

— Combinado, parceiro. Confesso que estava meio em pânico porque não estou acostumada. Cresci sozinha com Paul,

mesmo que tenha morado pouco com a minha mãe, nós nunca fomos um tipo de família barulhenta. Paul e eu somos unidos, mas ele, apesar de ter o código do portão, não vai entrar sem ser convidado. Ele só vai fazer o que eu pedir. É assim que ele é, respeita os meus espaços e decisões, me apoia sempre e quando estou errada, não tem problema nenhum em me dizer, mas não me impede para que eu possa aprender.

— Ele me enviou uma mensagem de voz mais cedo. —

Sawyer riu e não me contou.

— O que disse? — Fiquei curiosa.

— Nada de mais. Coisas entre genro e um pai bastante protetor com a filhinha. Quer sair para jantar?

— Vai me levar em algum daqueles restaurantes que me indicou no primeiro dia?

— E depois para o lugar que vende a melhor torta alemã que já experimentei nos meus trinta e cinco anos de idade.

— Ele sorriu da maneira encantadora que me fez cair de paixão. Inclinei-me para beijar seus lábios.

Não demoramos a nos vestir e nos agasalhar bem. Saímos a pé e conversamos um pouco com Jen e Tom. Sawyer soube que eles eram meus inquilinos, e que eu era proprietária de todo prédio.

Ele custou o mesmo que uma cobertura no Central Park, mas valia mais a pena e era do meu estilo.

Caminhamos pelas ruas de braços dados. Estava maravilhada com o quanto a noite era movimentada e linda, mesmo no frio que ele jurou que ainda não estava preocupante. Não precisamos de reserva e nem ficar na fila. O maitre, quando viu Sawyer, logo sinalizou para entrarmos e dois lugares foram colocados no balcão. Sawyer me explicou que ali era o melhor lugar para comermos e logo descobri o porquê.

O *chef* era amigo de Sawyer da escola, nós éramos servidos o tempo todo e eles queriam que eu provasse a maior parte do cardápio. Cada prato que vinha era mais gostoso do que o outro.

Comi sem pena. O bife com batatas e um molho especial da casa

estava muito gostoso, mas a peça de salmão assado ao molho agridoce me deixou louca e eu sabia que sempre iria querer comer aquele prato.

A casa não tinha muita especialidade em sobremesas e quando pagamos a conta, eu estava tão cheia que poderia ser confundida com uma mulher bêbada. Seguimos para a confeitaria que ainda estava aberta e com algumas mesas ocupadas. Sawyer pediu dois expressos que vieram bem quentinhos e foi maravilhoso para aquecer por dentro junto a um pedaço de torta.

— Você tem razão. É muito gostosa.

— Se tem uma coisa que eu gosto de fazer é apreciar uma boa comida. Em nossa próxima folga, vou te levar em um restaurante que é um pouquinho longe daqui, mas todos os pratos são servidos em espetinhos com alguma carne. A última vez que fui lá com Jules, nós contamos quarenta palitos de espetinhos na mesa.

Fazer planos a dois era a melhor parte de estarmos juntos.

Eu nunca tive isso com Chase, éramos muito diferentes e eu, muito cega para enxergar.

Sawyer tirou algumas fotos minhas no caminho para casa e tiramos um monte de fotos juntos. Enviei uma para o meu pai e deslizei o dedo em cima do número da minha mãe, considerando desbloquear, porque sentia a falta dela, mas a mágoa ainda era grande demais para simplesmente fingir que nada estava acontecendo. Ao retornarmos para casa, fui direto para o quarto.

Sawyer ficou em baixo, fechando as cortinas e acionando o alarme noturno. Tomei um banho quentinho e me deitei. Eu estava cheia demais para fazer sexo e ele também. Justamente por isso não demorei a dormir.

Acordei no meio da noite com a cama vazia. Levantei-me meio confusa e ele estava no closet, se vestindo.

— Foi chamado? Aconteceu alguma coisa com o plantonista?

— Parece que tem dois pacientes parando e o outro cardiologista que daria suporte está em uma cirurgia de emergência

— ele me respondeu e colocou o sapato. — Volte para a cama, volto assim que der. — Empurrou-me de volta para o quarto, deitei e me cobri. — Descanse, beicinho.

Apesar do sono, demorei a dormir, pensando muito na minha mãe. Queria conseguir perdoá-la, mas a cada vez que pensava em dizer as palavras, elas se embolavam na minha boca e meu coração se inundava em uma mágoa sem fim. Não só porque ela nunca abriu mão de Vicky e

ainda a defendeu, alegando que ela foi seduzida, mas porque em toda a minha vida ela nunca me deu atenção, nunca me compreendeu.

Regina não sabia lidar com meu jeito e não tinha paciência com a minha dificuldade de socializar, de definir meus sentimentos.

Fui uma criança incompreendida e abandonada, porque enquanto Vicky passou toda a vida sendo mimada por minha mãe, eu vivi com Carlie, que me ensinou sobre absorventes mesmo que eu já tivesse desvendado o mistério e me levou ao médico quando meu relacionamento com Chase avançou o suficiente para que ela achasse que eu deveria me prevenir.

Quando Sawyer voltou, três horas depois, estava com dor de cabeça de tanto sono. Recebi um e-mail informativo dos plantonistas, dizendo que houve muitas emergências, mas todos os pacientes estavam estáveis. Tranquila que o andar estivesse bem cuidado, rolei para o lado, sentindo que ele estava muito cheiroso.

Provavelmente tomou banho ao sair da UTI. Ele me abraçou e nos embolamos um no outro.

— E os pacientes?

— Um deles faleceu, mas era questão de tempo, já era um senhor de idade avançada. O outro estabilizou.

Fiquei ouvindo o som das batidas de seu coração e implorei internamente que nós nunca fizéssemos o outro sofrer. Era o começo de uma nova fase da minha vida e mesmo que assustada

com todas as possibilidades, eu estava incrivelmente animada.

Amar era muito bom.

Capítulo Dezenove

Sawyer

Enfrentar um plantão de trinta e seis horas em pleno começo de dezembro era quase uma tortura. Primeiro porque estava frio e a temporada de acidentes de inverno oficialmente aberta. O hospital já estava decorado para o Natal e a grande árvore erguida na recepção ampla. Todos os andares receberam decorações padrão, exceto a pediatria, que parecia a verdadeira casa do Papai Noel.

Superou a decoração de Halloween e foi divertido ver todas aquelas crianças fantasiadas, com mães segurando o suporte de soro, batendo na porta do quarto dos pacientes dos outros andares, nos quais Liz deixou um saco de doce para ser distribuído. Ela estava ensaiando com eles uma música natalina, assim cada médico que entrava no quarto dos pacientes, eles cantavam um trecho e poderiam ganhar um bastão de doce – que eu provei e não era tão doce assim, mas eles não pareciam se importar.

Não tinha um funcionário do hospital que não dava um jeito de passar um tempinho na ala da pediatria, seja para brincar com as crianças ou ver qual a nova invenção da minha namorada, que explodia criatividade pelas orelhas.

— Liz! Nós vamos chegar atrasados!

— Estou procurando um brinco! — ela gritou de volta.

Não sabia qual era a lógica de colocar um brinco se ela iria passar as próximas trinta e seis horas sem ele. Desceu a escada pronta e finalmente pudemos sair, a vantagem de morar tão perto era que não dava para se atrasar tanto. Não me considerava atrasado a um quarteirão do hospital. Liz estava falando sobre a excursão de compras com minha tia, que adorou a ideia de poder decorar a pediatria para o Natal e a árvore gigante que estava logo na entrada, quando minha prima passou por nós dois, correndo.

— Oi Liz, estou de volta para você!

— Há uma tarefa para ser entregue agora, faça isso antes de qualquer coisa. Fale com Ângela — Liz respondeu e Audrey

assentiu, quase batendo em um médico que comprava café. — Ela é uma das melhores e é sério. Parece que a medicina corre no sangue da sua família. Audrey é incrível e será ainda melhor quando se formar.

— Eu também acho. E meu pai queria que eu fosse advogado.

— Eu ficaria com você mesmo que fosse um advogado engomadinho, mas prefiro que seja esse médico bonito com cabelos de sexo — ela me provocou, beijando minha bochecha. A porta do elevador se abriu e Bryce estava lá dentro. — Bom dia, doutora Newman. — Liz deu um aceno, sempre educada com minha ex-mulher, mesmo quando recebia muitos foras de volta. Eu só balancei a cabeça.

— Bom dia *casal feliz*. — Bryce saiu para a recepção.

— Eu realmente me sinto mal quando ela nos pega em momentos assim. — Liz suspirou. — Sei que ela faz questão de me provocar na maior parte do tempo e anda atrás de

mim contando histórias de vocês dois para me fazer ciúme, mas em parte sinto muita pena, porque ela está desesperada. É triste.

— Você não tem culpa. Não tem nada a ver com o que aconteceu entre nós. Meu casamento com ela acabou e ponto. —

Olhei para o seu rosto. — Deixe isso pra lá.

Como todas as manhãs, Liz e Jules se trancaram no banheiro e ouvi as gargalhadas e outros barulhos, como se estivessem pulando. Cooper olhou para a porta e arqueou a sobancelha. Jace apenas riu e balançou a cabeça. Sentei-me, já pronto para trabalhar e recebi uma mensagem avisando para que esperássemos Joshua vir até a sala, que ele tinha coisas a nos dizer.

— Ei, baby, você pode comprar alguma coisa para o café da manhã? — Liz saiu do banheiro, vestida. — Já que você foi o primeiro a acordar, ficou enrolando e não fez café. Estou com fome.

Nós pulamos o café da manhã que envolvia comida porque eu certamente tive um café da manhã apropriado na cama. As vantagens de morar com a namorada aumentavam a cada dia.

Como nunca fiz isso antes? Bryce e eu morávamos em casas separadas até o casamento e antes dela, nunca me encontrei disposto a dividir meu espaço com alguém.

— Foi você quem se atrasou — retruquei, distraído com meu telefone e ela me deu um olhar. Minhas bolas se encolheram. —

Estou indo comprar.

— Mandado! — Cooper tossiu.

— Coop, vá com ele, por favor — Jules pediu do seu armário.

— Você tomou café da manhã. — Ele virou para ela, chocado.

— Estou com fome de novo.

— Por favor não esteja grávida — Coop implorou, me fazendo gargalhar.

Jace esticou duas notas para Cooper, que as pegou mal-humorado e saiu comigo. Descemos até a cafeteria do primeiro andar e compramos café para todos, com bolinhos e pães recheados. Levei uma salada de fruta para Liz, porque era uma coisa que ela nunca deixava de comer todas as manhãs.

— Eu estou amando esse acordo de vocês — Jace disse e parei confuso, antes de comer meu bolinho. — Vocês se tornaram casais. Eu tenho jantar sempre que quero comer algo caseiro, café da manhã quando elas não comem em casa e me sinto terrivelmente feliz sempre que vocês chegam de bom humor.

— Você perdeu o seu parceiro de caçada. Por que não procura um relacionamento e se estabelece com alguém? — Liz perguntou para Jace. — Sei que o relógio biológico dos homens demora a bater o sino.

— Doutora Nichols? — Audrey bateu na porta e Liz fez sinal para que entrasse. — Terminei meu relatório desses prontuários e tomei a liberdade de prescrever os motivos para que solicite alguns exames investigativos.

— O que está fazendo com os prontuários do meu andar? —

Jace questionou ao ver as pastas cor-de-rosa nos braços de Audrey.

— Pedi que meus internos fizessem relatórios para uma investigação de possíveis doenças genéticas nos recém-nascidos que estão na UTI — Liz respondeu e pegou o relatório de Audrey. —

Aulas de laboratório, não se intrometa.

— Audrey, quer namorar comigo? — Jace abriu um sorrisinho. Ele não cansava de cantar minha prima. Ela sempre fugia.

— Nos seus sonhos, talvez. Gosto de caras mais jovens. —

Audrey saiu correndo.

— Eu sou jovem! — Jace quase gritou.

— Que seja — Audrey falou de longe e nós rimos da expressão ultrajada dele.

Ferguson entrou, acompanhado de um homem alto e loiro que fez Liz sorrir assim que o viu, levantando e o abraçando apertado. Eu não gostei das mãos do idiota na minha namorada, mas ela parecia muito alheia e sentou-se novamente ao meu lado.

Meu tio apresentou Michael Carise, médico especializado em traumas, que trabalhou para os bombeiros, recém-chegado ao país depois de uma temporada fora como médico-fuzileiro, ajudando no resgate de imigrantes.

Ele iria ficar para conhecer o hospital e dar um curso de atendimento rápido em trauma. Liz que o conhecia e o indicou para meu tio. Ela saiu para mostrar o hospital e eu

franzi meu cenho, incomodado com a troca de olhares da minha namorada com Jules.

Cooper me deu um olhar desconfiado.

Jace era o mais lento de todos, então, ele simplesmente ficou tentando pescar o assunto. Eu precisava começar as minhas visitas, então deixei meu incômodo de lado e cheguei ao andar da cardiologia, pedindo que começassem as apresentações dos pacientes internados naquela madrugada e manhã.

— Oi, Sawyer. — Bryce parou ao meu lado. — Estou fazendo uma temporada em cada especialidade e solicitei a cardiologia para doutor Ferguson.

Ela deve ter cansado de espezinhar Liz e veio pra mim, porque viu que era difícil demais tirá-la do sério com algo em que ela era muito segura. Liz até poderia vir a sentir ciúmes de outra mulher ao longo do nosso relacionamento, mas não da minha ex-esposa. Traição era um gatilho muito forte para Elizabeth e por mais que nunca tenha me dito com todas as letras, eu sabia que ela já havia sido traída e aquilo a machucou profundamente.

Infelizmente, eu entendia. Um chifre dói. Dependendo de como foi, deve ter doído muito. Mesmo eu não amando Bryce, doeu bastante.

— Não tolero atrasos.

Ela bufou e apenas dei-lhe um olhar.

— Sim, senhor.

Amber estava olhando para a frente e apertei seu braço em um claro aviso de que ela não deveria começar a rir.

Anunciei ao meu paciente que finalmente encontramos um parente compatível para a doação do fígado e faríamos a cirurgia ainda naquele dia.

Selecionei Bryce, Amber e dois internos para participar da cirurgia.

Bryce convocou a própria equipe para fazer a remoção de parte do fígado da neta do meu paciente e eu aguardaria o órgão na sala ao lado. Antes de descer para me preparar, meu telefone apitou com uma mensagem. Liz me enviou uma foto e logo acima o pai dela me enviou sua mensagem usual de bom dia com uma ameaça sutil do que ele faria comigo se machucasse a filha dele. Ela achava que Paul me mandava mensagens de bom dia com aquelas imagens bonitas encontradas na internet. Estava muito enganada.

Abri a mensagem de Liz e era uma foto de seu peito com um chupão profundo. Ela enviou uma carinha brava logo abaixo.

Pensei no que responder com um sorriso no rosto.

“Sinto muito por ter me empolgado com meu café da manhã”.

Ela enviou o dedo do meio de volta. Decidi irritá-la.

“Não me lembro de você ter reclamado”.

Ela enviou muito mais dedinhos do meio.

“Você estava gostando muito”.

Ela tirou a foto do próprio dedo do meio, mas tinha um sorriso no fundo.

"Vou te lambar todinha mais tarde para compensar o erro" .

Se o pai dela soubesse o conteúdo das minhas mensagens com a filha, provavelmente recomendaria a castração imediata.

Desci para a sala de cirurgia e fiz sinal para que as conversas na galeria parassem imediatamente.

Comecei a mostrar o procedimento antes da cirurgia. Os internos viram tudo na faculdade, mas na prática era totalmente diferente. Só na experiência era possível entender o que fazer.

Enquanto o procedimento se desenrolava, a porta abriu e Bryce entrou com um interno e o órgão em perfeito estado.

— Doutora Newman, com quem está seu paciente?

— Doutor Archer está finalizando.

Eu não podia acreditar que ela deixou o paciente com um interno, porra.

— Doutora Newman, a paciente é sua e estamos bem aqui.

Volte à sua sala de cirurgia e termine com ela adequadamente.

Após isso, poderá assistir a esta cirurgia. — Controlei meu tom de voz para não explodir. Bryce se conteve de não jogar a pinça dentro do paciente de qualquer jeito ou talvez tenha sido Amber que segurou a sua mão com cuidado e reassumiu seu lugar.

Prossigui com a cirurgia e finalizei com o paciente estável.

Terminei minha explicação e saí para a higienização. Tirei minha touca e roupa, parando quando Bryce entrou fazendo o mesmo.

— Você quer me explicar que diabos foi aquilo? Você é uma cirurgiã formada e sabe muito bem que não pode deixar o seu paciente, sem orientação, com um residente do segundo ano.

— Ele sabia o que fazer e é um dos melhores. Eu queria terminar de assistir o transplante porque agora faço parte do caso.

— Sim, você faz, executando a sua parte. Não mostrando para os novos internos que podemos deixar o paciente que abrimos na mão de outra pessoa para fechar.

Bryce grunhiu, percebendo o erro.

— Me desculpa, ok? Só pensei que estava fazendo uma coisa boa em deixar um residente terminar uma cirurgia. — Ela gesticulou as mãos de uma forma nervosa.

— Não há problema em deixá-los, mas você tem que estar lá para fazer a supervisão.

— Sinto muito! Olha, estou perdida. Sempre achei que ser cirurgiã era tudo que eu poderia ser, que não precisava ser mais. Eu tinha você, era a sua esposa e agora estou perdida. Não tenho uma especialização, estou tentando me achar. Eu só queria conversar.

Sinto falta de conversar com você sobre o trabalho, sobre nós, agora você está com outra pessoa...

— Bryce? Pode ir parando por aí! Eu sou seu atendente, não seu psicólogo!

— Você é meu ex-marido!

— Exatamente. Quando éramos casados, você nunca quis conversar sobre sua carreira ou o que queria fazer, era só sobre jantares, festas, fotos em colunas sociais e organizar malditas festinhas com suas amigas. Não tenho tempo para isso agora e não vou ter — enfatizei, completamente abismado com seu discurso. —

Nós tivemos uma vida juntos, mas agora você só faz parte de uma porcentagem dela. Sou seu chefe, seu atendente agora e não quero mais atitudes como essa. Serei mais severo com você, porque já terminou a sua residência e os outros não. Se quiser fazer parte da cardiologia, entre na linha e não tente misturar nós dois em uma vida pessoal que não existe.

Capítulo Vinte

Sawyer

Joguei minha roupa cirúrgica no baú e saí perplexo. Ela só podia ser insana! Passei para conversar com a família, disse que eles poderiam dar uma olhada em ambos os pacientes e subi para comer, porque a hora do almoço já havia passado há muito tempo.

— Sawyer? — Jules me chamou com um olhar preocupado.

— Estive te procurando.

— Meu celular acabou a bateria antes que eu saísse da cirurgia. O que foi?

— Eu não sei. É a Liz. Acho que ela está tendo uma crise de ansiedade — ela me avisou e parei no meio do caminho. — Ângela me chamou e Audrey está com ela. Foram o mais

discretas possível, acho que ninguém percebeu — Jules sussurrou e chamei o elevador.

— O que aconteceu?

— Eu não sei. Ela não fala. Só chora e fica olhando para a parede, eu cheguei a achar que ela estivesse machucada, mas está chorando e não responde. Não sei o que fazer.

Liz deixou de tomar os remédios para ansiedade por conta própria, mesmo que minha mãe tenha aconselhado que não. Ela era médica e sabia perfeitamente os riscos. Tivemos uma discussão sobre isso. Eu entendia, eles a deixavam sonolenta, sem ânimo e atrapalhando a libido, o que para mim, nunca foi um problema.

Conversamos e discordamos, porém, ela era adulta, maior de idade, pagava as contas e principalmente, era formada em medicina.

Teria que lidar com as consequências.

Saí no andar da pediatria e Jules me seguiu até a sala onde vi Ângela segurando alguns prontuários. Fiz sinal para Audrey sair.

Tranquei a porta atrás de mim e me ajoelhei na frente de Liz. Eu nunca a vi chorar, nem no estado caótico, com o olhar perdido, tremendo da cabeça aos pés.

— Ei, meu amor, o que aconteceu com você? — Sequei suas lágrimas com meus polegares e tirei seu cabelo do rosto.

— Eu não fiz nada — ela sussurrou, olhando nos meus olhos.

— Eu não o beijei de volta.

— Não beijou de volta? Como assim? — Fiquei meio em alerta.

— Mike me beijou, mas eu não o beijei de volta. Eu o empurrei e disse que tenho um namorado. Ele pediu desculpas e se afastou, pediu desculpas de novo e eu dei as costas, me tranquei aqui, estou me sentindo...

Respirei fundo e soltei o ar pela boca. Mike, o novo médico, beijou a minha namorada. Eu simplesmente queria socar a cara dele, mas o fato dela estar tão quebrada me deixou completamente desarmado.

— Está tudo bem. Você não queria ser beijada por ele.

— Eu não te traí...

— Não me sinto traído, ainda mais com a sua honestidade.

Não quero que fique triste.

— Simplesmente surtei. Me lembrei de coisas que me fizeram perder o controle — ela sussurrou e deitou a cabeça no meu ombro.

— Mike e eu tivemos um lance, no passado, há mais de um ano, na verdade. Ele foi a última pessoa que estive antes de você. Não foi um namorado. Foi apenas...

— Sexo.

— Isso. Eu nunca gostei dele romanticamente, não queria me envolver com ninguém, mas queria ter alguém...

— Para sexo.

Ela grunhiu. Levantei seu rosto e sorri.

— Não vou dizer que sabendo desse histórico ele será a minha pessoa favorita, talvez faça a estadia dele aqui um pouquinho infernal, mas se ele ficar bem longe de você, eu posso pensar em ser bonzinho em alguns momentos.

— Combinado. Seja mal, ele merece.

— Pensei que ele fosse seu amigo?

— E é. Só não significa que eu não queira vê-lo morrendo de medo de você. Ele sempre é o cara que aterroriza todo mundo, agora é a chance da vingança. Talvez eu filme e mande para meus antigos colegas.

— Vou colocar Cooper e Jace na missão.

— Você vai me beijar agora? — Ela soou muito insegura. —

Vou entender se não quiser.

Segurei seu rosto e beijei aquela boca que tanto me deixava louco. Ela correspondeu na mesma intensidade. Empurrei seu corpo para trás e deitei-me por cima, levantando a blusa do scrub e abaixando a blusinha de baixo, revelando seu mamilo ereto. Amava seus peitos. Podia passar o dia inteiro olhando para eles. Fechei minha boca ao redor dele e suguei. Liz gemeu e eu continuei até que ela me puxou pelo cabelo.

— O que está fazendo?

— Te marcando. — Deixei outro chupão, fazendo-a gemer.

— Não podemos transar aqui. — Ela beijou minha boca. —

Você já fez isso hoje de manhã no meu outro seio e ele está sensível até agora. — Movi meu quadril, provocando. — Não

podemos transar aqui.

— Por que não? Estou com uma ereção agora e será um desperdício.

— Pense na sua avó nua. — Ela riu e rolei para o lado.

Ajeitando sua roupa, sentou-se em cima de mim. — Eu sei que não estou ajudando, mas só quero dizer obrigada.

— Estou sempre às ordens, mas precisaremos procurar um médico sobre suas crises de ansiedade, Liz.

— Cansei de deixar minhas emoções ruins me dominarem.

Eu só quero ser feliz com você, parar de analisar tudo, de ficar obcecada com a perfeição, em fazer tudo de uma única vez...

— Tudo tem um tempo e precisa ter paciência. — Sentei-me e beijei sua boca. — Estamos juntos. Te prometo que estou aqui e não vou a lugar nenhum.

Saímos do quarto de descanso direto para comer, mas tínhamos muito trabalho a fazer, então, Amber e Ângela trouxeram uma tonelada de relatórios e pesquisas médicas sobre nossos casos mais complexos. Liz ficou com Ângela de um lado, comendo, e eu separando pesquisas científicas. Logo que terminamos, fui chamado na sala do meu tio e Liz retornou para a pediatria com Ângela.

— Você precisa de mim? — Entrei, já abrindo o pote de chocolate, enfiando um monte no meu bolso. Eu vi que estava acompanhado pelo babaca do Mike.

— Liz não terminou o tour com Mike, pensei que, como anfitrião, você poderia dar continuidade.

— Desculpe, você é quem? — Mike perguntou com um ar superior.

Estiquei a minha mão com um sorriso simpático no rosto.

— Sawyer Reedburn, chefe da cardiologia. — Apertei sua mão de leve, mas fui aumentando a intensidade. — Se você beijar a minha namorada novamente, eu vou te enfiar a porrada até que fique irreconhecível.

— Eu pedi desculpas. — Ele balançou a mão. — Não sabia, foi um erro, pedi desculpas. Não vou fazer mais.

— Você pode olhar o mapa ao lado dos elevadores e conhecer o hospital. Se vira. — Apontei para a porta. Ele assentiu e saiu. — Babaca — murmurei e virei-me para o meu tio. — Precisa de algo mais?

— Esse cara é bom. Ele é ótimo em trauma e nós precisamos de um cirurgião especializado em trauma, seria bom se você fosse gentil.

— Eu *fui* gentil. — Defendi-me com veemência. Joshua arqueou a sobrancelha. — Eu poderia ter quebrado a cara dele e

não o fiz.

— Desapareça da minha sala, Sawyer. E não ameace mais ninguém.

Ergui minhas mãos e joguei um chocolate para uma enfermeira que era um amor de pessoa. Ela sorriu e agradeceu.

Entrei na primeira escada que encontrei e desci para a emergência porque eu estava sendo bipado. Havia um

paciente com PAF no peito, algumas fraturas e outras perfurações no abdômen. Liz estava montada nele.

— Tudo bem, baby. Pode sair. Continue pressionando a ferida e eu vou substituir por enxerto. — Segurei suas costas.

Na confusão, havia enfermeiro e interno para todo lado, falando ao mesmo tempo, passando luvas, abrindo pacotes, mal dava para ouvir um ao outro.

— Calem a boca! — Liz gritou. — Estou com um probleminha aqui, amor. — Ela soou meio nervosa e rodeei a maca, encontrando seu olhar. — Não tive visibilidade da ferida porque ele estava espirrando sangue e eu precisava estancar — explicou e olhei para sua mão. Ela realmente havia estancado. — Não fique bravo.

— Vamos substituir sua mão pelo...

— Meu dedo está impedindo a bala de estourar no coração dele! — Liz gritou quando o barulho voltou a ficar ensurdecedor.

Putá merda.

— Ninguém toca no paciente! — gritei e as mãos se levantaram. — Monitor portátil agora! Cuidado. Há uma bala inteira no corpo dele e ela não pode estourar.

Subi com cuidado na lateral da maca, enrolei seu cabelo e preendi a touca. Coloquei a máscara em seu rosto e dobrei as mangas do jaleco. Envolvi a roupa cirúrgica bem devagar e desci.

Começamos a empurrar lentamente para o elevador. Enviei uma mensagem para Amber, pedindo que preparasse a sala

de cirurgia.

Evitamos trepidações, mas o andar estava cheio porque a notícia se espalhou bem rápido.

Nós continuamos seguindo para a sala de cirurgia.

Eu me preparei para entrar, observando a concentração de Liz diretamente no paciente. Diego entrou antes de mim, pelo outro lado, parando na perna, onde tinha uma fratura exposta bem dolorosa. Ele informou que precisaria de muitos pinos, o que não adiantaria de nada se a bala estourasse e enchesse o coração de estilhaços. Lavei minhas mãos, pensando em como tirá-la de dentro dele.

Como um tiro pode abrir um buraco no peito? Surreal. Amber entrou com os exames de imagem que foram feitos antes que ela escorregasse a mão para dentro dele.

Voltei preparado para a sala de cirurgia.

— Está entre meus dedos — Liz sussurrou, corada. — Eu consigo tirar.

— Ela vai explodir na sua mão, espere — pedi nervoso e ela começou a se movimentar. — Liz, espere!

— Não vai explodir. — Voltou a puxar a mão lentamente. —

Está preparado? Eu vou soltar, ok? Confia em mim.

Balancei a cabeça e me posicionei. Diego parou do outro lado para ajudá-la a sair de cima do paciente. Pedi ao interno para continuar com o ultrassom para que eu pudesse acompanhar o movimento da mão dela. Com cuidado, ela pressionou os dois dedos na bala e puxou a mão para fora. A enfermeira estendeu a bandeja e ela

soltou com cuidado, mas ainda assim, a bala estourou, assustando todos nós.

Diego foi rápido em erguer Liz. Ela se afastou para trocar as luvas.

— Você está com estilhaços na mão?

Liz saiu da sala de cirurgia e eu não pude ver se a mão dela estava bem ou não. Eu esperava que sim, afinal, ela era uma cirurgiã e nada pior do que não poder operar, além do mais, ela estava com uma agenda cirúrgica bem apertada. Ela retornou para me auxiliar.

— Preparados?

Liz assentiu e Diego também. Respirei fundo e começamos.

O paciente permaneceu estável por toda a cirurgia e quando fechamos, sentimos alívio. Observei-o sair da sala e voltei para a antessala para tirar minha roupa. Liz e Diego vieram logo atrás de mim, jogamos nossas roupas no baú e higienizamos nossas mãos, em silêncio.

— Excelente cirurgia, Sawyer. — Diego bateu no meu punho e virou-se para Liz. — Você é baixinha e corajosa, garota.

Ela corou. Diego saiu e Liz encostou-se na parede, respirando fundo. Segurei seu rosto e beijei sua boca, aliviado.

— O que foi? — Ela acariciou a minha nuca.

— Estou aliviado que aquela bala não estourou na sua mão.

— Estou cansada.

Depois de uma crise de ansiedade, qualquer pessoa desejaria dormir, mas ela ficou de pé para salvar vidas. Antes de chegarmos à porta, nossos bipes tocaram novamente.

— Eu posso simplesmente cair a qualquer momento — gemeu e olhei a tela.

— É só Ferguson. Espero que seja rápido.

Quando chegamos na sala do meu tio, todos os atendentes estavam lá dentro. Podia ser um aumento de salário, o que eu duvidava muito, ou podia não ser boa coisa.

— Sei que acabaram de sair de uma cirurgia complicada e meus parabéns pelo sucesso, mas... — Ele ligou a tevê. Estava passando ao vivo um acidente entre dois trens, um de carga havia batido com outro repleto de passageiros, que vinham para a cidade.

— Fomos notificados. Estamos mais equipados e com mais leitos vagos, além de termos um centro de triagem, então, receberemos todos os pacientes, vamos liberar as internações clínicas para transferência e ficaremos com os casos mais graves. Vamos descer e seja o que Deus quiser.

— Aceitam mais uma mãozinha para ajudar? — Mike apareceu na porta. — Preciso de uma roupa.

— Toda ajuda é bem-vinda. — Ferguson bateu no ombro dele. — Estou indo trocar de roupa, as ambulâncias chegarão em até quinze minutos.

A copa entregou saladas de frutas e todos nós comemos o mais rápido que conseguimos. Fui ao banheiro e descemos com pressa para a emergência, vestindo a roupa de

proteção, aproveitei para chamar meus residentes para orientação. Seria preciso toda ajuda possível, então, a sala estava cheia de internos, residentes de todos os anos e especialidades, cirurgiões gerais e nós, atendentes.

Parei Liz antes de sairmos.

— Não segure mais nenhuma bala pronta para explodir hoje, ok? — pedi. Ela sorriu, sem fazer promessas. Minha garota adorava a adrenalina da emergência.

Capítulo Vinte e Um

Elizabeth

Estava olhando para o meu prato cheio de verduras e desejando pela primeira vez trocá-lo por uma lasanha. Jules estava comendo ao meu lado, pesquisando na internet uma academia para que pudéssemos tentar fazer algum aeróbico no tempo livre. Ergui meus olhos e vi Jace sentar ao lado de Audrey. Ela sorriu em agradecimento à bandeja de batata frita que ele lhe deu e eu roubei algumas. Se não tinha lasanha, eu tinha batatas.

— Cadê Sawyer? — Audrey perguntou e pegou todas as minhas cenouras.

— Em cirurgia. Ele está fazendo uma RM agora — respondi e vi Mike se aproximar. — Audrey, pula para a cadeira do meu lado, agora — pedi com urgência, precisando fugir dele e de suas muitas perguntas sobre meu relacionamento. Surtei, meio com razão, mas totalmente exagerado devido ao fato de que já não estava bem.

Por um momento, me vi no meio de um colapso, com a mente girando, medo de alguém ter visto, de Sawyer achar

que o traía e nesse redemoinho, percebi que precisava voltar para a terapia.

Mike não entendeu nada. Ele me beijou, não correspondi e o empurrei, mas ao achar que era brincadeira, beijou-me novamente.

Fui obrigada a recorrer ao meu usual tapa forte no rosto. Aí ele parou e ouviu *“eu tenho um namorado, nunca mais faça isso!”* e saí correndo, com minha ansiedade preparada para me paralisar.

Não conseguia fugir dos questionamentos dele. Não estava com paciência para dar satisfações, sendo que nós nunca tivemos um relacionamento na minha cabeça. Ele fazia parecer que era uma questão de ponto de vista.

Sawyer me perguntou se um dia eu deixei claro para Mike que nós não tínhamos um relacionamento e eu disse que não, porque realmente não tínhamos um. E no ponto de vista masculino dele, Mike poderia achar que era meu namorado, porque todo

homem deseja uma mulher disposta sexualmente que não se intrometa em sua vida.

Era uma solução perfeita e eu concordei que ele poderia pensar assim, porque o cérebro de azeitona era focado na medicina e não em outras coisas.

Jace pulou uma cadeira também, para ficar do lado de Audrey. Mike sentou-se na cadeira em que Jace estava sentado.

— Jace, eu posso contar para Sawyer que você está sendo gentil e galanteador com Audrey o tempo todo quando ele

não está presente? — Enfiei uma batatinha na boca, rindo para provocá-lo e Audrey o encarou.

— Talvez eu diga para Sawyer que você está flertando comigo o tempo todo. — Audrey deu um beijo na bochecha dele e se levantou, levando sua bandeja.

— Por que ela é tão difícil? — Jace perguntou, frustrado. —

Eu vou contar para o Sawyer, ok? Mas só vou dizer que me interessa por ela e que claramente não é mútuo. — ele murmurou e Jules tossiu "*pedofilia*". — Ela tem vinte e cinco anos, para com isso!

— Primeiro, Sawyer sofreu quando Liz o enrolou por semanas e agora, você está correndo atrás de Audrey. Eu acabei morando com Cooper. O que mais pode acontecer nesse hospital?

— Jules riu, saboreando a própria piada. — E você, Mike? Além de agarrar garotas comprometidas, tem alguém do seu interesse?

Ele ficou vermelho.

— Vocês vão jogar isso para sempre na minha cara, não é?

— Mike gemeu, meio irritado.

— Até você parar de perguntar a ela porque começou a namorar supostamente tão rápido sendo que vocês nunca tiveram um relacionamento — Jules retrucou e eu chutei sua canela. — O

quê? Estou fazendo o que toda colega legal faz quando um novato chega. Ensinando os lugares no refeitório, garotas proibidas, os vilões e quem é a turminha pop.

Eu queria beijar e matar Jules. Ela era terrível.

— Só fiquei surpreso que Liz estivesse em um relacionamento. — Encolheu os ombros e olhou para um lugar atrás de mim. — Mas eu já fui ameaçado o suficiente para saber que ela não está mais disponível — ele disse e eu ri. — Acho que somos amigos ainda, não somos?

— Somos. É só não me beijar de surpresa. Vou subir.

— Vai, apaixonadinha. — Mike riu e me segurou pelo braço.

— Qual o nome daquela garota loirinha que saiu com você ontem?

— Quem? Amber? A que eu fui embora ontem?

— Exatamente. O nome dela é Amber? Onde posso encontrá-la?

Pensei em avisar a Mike que Amber era o tipo de garota que o faria correr gritando, porém, me diverti tanto com a ideia que decidi não falar nada.

— No andar da cardiologia. Ela é residente do Sawyer e está em cirurgia também, então, compre uma coisinha. Já vai ser um bom começo — aconselhei e olhei para Jules, que se segurava para não rir. — Amber adora qualquer coisa com massas e carboidratos.

E, ah! Carne também!

Precisei manter minha expressão neutra para que Mike acreditasse. Queria muito vê-lo entregando um prato cheio de massa e carne para uma mulher que ingeria o mínimo de carboidrato possível e era vegetariana. Jules e eu saímos da área principal da cafeteria e entramos no elevador, rindo

como duas crianças bobas. Nunca tive uma amiga que eu pudesse ser tão livre e jovem.

Saímos no meu andar da pediatria e paramos para buscar o prontuário do paciente que tínhamos em conjunto. Jules iria reconstruir parte do rosto de um garotinho que levou umas boas mordidas de um cachorro.

A cirurgia seria longa e eu provavelmente chegaria em casa tarde para o jantar, mas estava animada demais para pensar no

cansaço. A semana foi puxada em muitos níveis e fiquei muito feliz em ter dois dias de folga. Sawyer e eu iríamos para a casa dele em Hampton. Ficaríamos lá apenas curtindo o frio, fazendo sexo gostoso e renovando as energias para as festas de fim de ano.

Ainda não sabíamos se trabalharíamos ou não, o hospital ainda estava um caos com tantos pacientes internados, porém, não fizemos planos. Meu pai planejava vir *“para conhecer Sawyer como meu namorado”*. Eles se davam bem, o que era estranho. Paul sempre ameaçava as pessoas com quem eu me envolvia.

Ângela levou os pais do menino para a sala de reunião.

Ferguson entrou para participar e apresentamos a projeção de como ficaria o rosto dele, a previsão de recuperação, o período que precisaria de cuidados extras com o rosto e como seria o desenvolvimento da pele enxertada. Era um momento difícil, porque os pais estavam fragilizados e preocupados, então, ao invés de permitir que Jules falasse de seu jeito meio brusco, tomei a frente e expliquei nos mínimos detalhes, porque se houvesse dúvidas, aquele seria o momento.

— Um dia eu terei esse jeitinho doce de falar com os pacientes — Jules disse e eu ri. Se ela soubesse que eu precisei frequentar um grupo de apoio para aprender a ler emoções e lidar com as que não conseguia identificar automaticamente, não diria aquilo. Foram anos treinando leitura corporal e pensando nos meus sentimentos para me entender e finalmente conseguir me relacionar com as pessoas. — Quando ela me perguntou se o rosto do filho ficaria tão perfeito quanto o meu, quase me perdi. As pessoas sempre me perguntam isso. A mãe de Cooper perguntou como foi fazer plástica no meu nariz. Todo mundo pensa que treino minhas cirurgias em mim mesma, mas ninguém pensa que eu nasci linda e perfeita! Eu nasci *linda e perfeita*. Tudo aqui é original de fábrica.

— Sim, doutora Perfeição. Vá se preparar para a sua cirurgia —

Ferguson disse, rindo. Jules saiu toda empinada e ainda resmungando. Ela deveria encarar as perguntas como um elogio. —

Você e Sawyer vão viajar essa noite?

— Se tudo der certo, sim. Ele vai sair antes de mim e me esperar em casa. Vou deixar meu celular desligado.

— Não tem problema, eu tenho o número da residência. —

Ele deu um tapinha na minha mão. — Vá para a cirurgia.

Alonguei-me antes de entrar e os outros médicos riram ao me ver dando pulinhos no mesmo lugar, mas estava em uma sequência louca de sair tarde todos os dias e voltar cedo. Estava acostumada a lidar com a rotina do hospital, porém, meu corpo não era o de um robô e ele estava chegando à estafa.

Nós ficamos quatorze horas dentro da sala. Quando saímos, conversamos com os pais e eu voltei para a pediatria, para conversar com o plantão noturno. Liberada, fui embora e a rua estava bem deserta então andei rápido, com frio. Meu casaco era leve e a temperatura caiu mais durante o dia. Eu realmente precisava fazer compras de roupas de frio. Se nevasse, estaria perdida.

Entrei em casa e vi que Sawyer já havia levado as bolsas para o porta-malas, porque estava aberto, então subi a escada, cansada. Ele estava deitado no sofá e foi aí que lembrei que estava chateado comigo e ainda não sabia o motivo. Passou o dia inteiro sem falar direito. Tirei meu sapato e deitei em cima dele, ganhando um beijo na testa e um afagar gostoso nas costas, mas ele ainda não estava falando e me senti perdida.

O que fiz para deixá-lo irritado? Não prestei atenção no que falou comigo antes de sairmos para trabalhar, porque estávamos atrasados.

— Você pode me ajudar?

— Não. Você vai fazer de novo. — Fiz um beicinho. — Nem adianta.

— Tudo bem então, peço desculpas, eu realmente não faço ideia.

— Você me ignorou falando essa manhã.

— Foi isso o que eu fiz? Estava atrasada e sabe que fico nervosa em não estar no hospital no horário.

— Não. Você me ignorou falando o que você fez — ele retrucou e eu bufei, o que fez com que um bocejo escapasse. —

Está muito cansada?

— Muito. Mas nós vamos hoje, porque eu estou com a sensação de que o hospital pode me sugar daqui mesmo.

— Vamos. Fiz uma lista de compras e o casal que toma conta da casa disse que já compraram, que está tudo pronto para irmos, então, se sairmos agora, chegaremos lá daqui a pouquinho — ele disse e me sentei em seu colo. Sawyer riu.

— Você fez uma lista? Por que não me deu para fazer?

Sawyer respirou fundo e eu me dei conta. *Foi isso o que eu fiz.* Decidi me defender.

— Você sabe que eu sou mais organizada e detalhista. Tenho anos de prática fazendo listas... — Fui parando de falar porque o olhar dele não era de quem estava muito convencido do meu argumento.

— Não é porque as minhas listas não estão em folhas pautadas ou enumeradas no celular que não são listas. — Ele cruzou os braços. — Elas podem ser feitas na minha cabeça, em um post it ou até na minha mão.

— Mas você não coloca nem as palavras por completo!

Esses dias você escreveu na minha lista a palavra “leite”, e tinha leite na geladeira! Eu não entendi nada.

— Era lista de compras e eu estava lembrando que precisava comprar leite. Ele iria acabar em algum momento e seria bom já ter um reserva.

— Tudo bem. Não vou mais me intrometer no seu jeito desorganizado de fazer listas. — garanti, ciente de que era

apenas da boca pra fora, não iria conseguir ficar calada quando visse uma zona daquelas na minha frente. — Podemos sair agora?

Ele terminou de levar o que faltava para o carro e saímos.

Estava com fome, mas não fiquei reclamando porque seria a nossa folga de paz. Durante o caminho, conversamos sobre o pai dele, que andava numa fase tranquila, sem grandes surtos.

Sawyer me contou que comprou a casa em Hampton imaginando que seria uma boa para o pai, que sempre adorou a praia, mas Addison ainda tinha uma carreira e não estava pronta para se aposentar, mesmo que tenha reduzido seus horários para cuidar do marido. Ela comandava toda a ala de psiquiatria do hospital.

— Só vim aqui duas vezes. A primeira foi para comprar e a segunda para ver o trabalho da minha tia em mobiliar e decorar.

Têm roupas de cama, toalha, a cozinha é bem equipada...

— Comprou há muito tempo?

Queria saber se ele foi ali em algum momento com Bryce.

— Foi durante o verão desse ano.

Ah, ótimo. Bryce não deu o ar da graça. Mas outra poderia ter tido. Fiquei pensativa, perguntando-me se eu devia ou não sanar a minha dúvida, querendo saber como me tornei uma pessoa ciumenta com possíveis mulheres que ele pode ter tido após a separação.

— Por quê?

— Eu queria saber se sou a primeira mulher a vir aqui.

— Não é — ele confessou. Merda. — Audrey veio com um monte de amigas em um final de semana “das garotas” após a formatura — completou e bati em sua coxa. Ele estava rindo. Idiota.

— Você é a primeira garota que trago aqui. E será a única.
—

Apertou minha mão. — Eu sei que tenho sido um pouco chato em relação a Mike, mas não quero que fique paranoica. Fiquei com algumas mulheres depois de Bryce, mas só depois que saí de casa, e ninguém expressivo.

— Por que você saiu de casa? Simplesmente acordou e decidiu sair?

Sawyer suspirou e ficou quieto por um tempo.

— Meu casamento não estava bom há um tempo. Bryce era uma mulher incrível e encantadora no nosso namoro, charmosa, o sexo era bom e eu estava com aquela coisa de que precisava casar.

Ela também. Mas a fantasia acabou rápido. — Ele começou a contar. — Ela era muito mimada e preguiçosa. Nossa convivência tornou-se superficial. Ficávamos bem apenas algumas horas, depois, a briga começava e não parava mais. Sabe que sou um homem que precisa estar bem em um relacionamento para ter sexo.

Dei a ele um olhar. *Sim*. Quando brigávamos, eu era capaz de transar só para satisfazer minha necessidade física. Ele, não, precisava fazer as pazes antes. Normalmente, nós dois resolvíamos nossas questões na mesma briga. Nossas diferenças pesavam e eu andava cansada demais para

fingir que nada acontecia, acabava chamando-o para um embate para poder dormir sossegada.

— No final do ano passado, coloquei uma câmera de segurança na varanda do apartamento. Ficava irritado com a comida do passarinho do vizinho e queria reclamar, mas eu só podia filmar e provar que estava sujando minha casa. Um dia qualquer, cheguei de plantão com uma lista de excelentes terapeutas para casais. Ela não estava em casa, então decidi ver se tinha um horário que mostrava a comida caindo, foi quando eu vi que às três e quarenta da tarde, Bryce transou com um dos anestesistas do hospital — ele contou e eu fiquei chocada.

Sawyer também foi traído, mas ele era diferente de mim.

Positivo e aberto. Demorei a entender porque era tão apaixonada por ele, mas devia ser porque ele era assim. Ele não perdeu a fé no amor e não tinha medo de se machucar.

— Eu a confrontei e não precisei de uma admissão. Arrumei minhas coisas e saí no mesmo dia. Não fiquei paranoico com nada, estávamos com vários problemas, mas nenhum deles lhe deu motivo, não existe motivo para traição.

— Eu sei. É simplesmente surreal achar que existe um motivo. Nunca é um motivo. Não importa o quão ruim o relacionamento esteja, eu acho que é preciso conversar, se abrir e não trair. — Apertei sua coxa. — Sinto muito que tenha passado por isso. É doloroso.

Sawyer não parecia chateado, não mais.

— Eu vi que não tínhamos amor e respeito um pelo outro.

Com toda honestidade, foi um alívio separar. Não aguentava mais, só não queria desistir, porque para mim, casamento é

para sempre.

Ainda acho que é para sempre, só não seria para sempre com ela, então lidei com isso.

Admirei-o ainda mais pela maturidade emocional em lidar com a dor do fim. Chase me destruiu em muitos aspectos, mas aprender com Sawyer estava me ajudando a colar os pedaços que meu ex-marido fez questão de estilhaçar.

Capítulo Vinte e Dois

Elizabeth

Cogitei contar a Sawyer sobre Chase, mas travei no lugar, ao ponto dos meus músculos doerem. Em algum momento, precisava me abrir. Ele tinha o direito de saber que já fui casada, mas não estava pronta. Ele merecia a minha honestidade, porque a cada dia que acordava ferida com as palavras de Chase no passado, Sawyer curava com sua ternura e seus muitos elogios.

Ele me fazia crer que era capaz de tudo, ainda dizia que amava meus cafunés na cama e que o mimava muito fazendo seus jantares favoritos ou deixando a cerveja gelada para assistir ao jogo.

Chase me fez acreditar que eu era o pior tipo de esposa. Sawyer me provava o contrário todos os dias. Não sabia como ou quando, porém, tinha que contar.

— Aconteceu algo na minha vida que me deixou muito marcada e muito magoada. É muito difícil falar sobre esse assunto, porque é a raiz de muitas mágoas que, sem querer, você acaba curando. — Entrelacei nossos dedos e ele me olhou rapidamente antes de focar na estrada. — É realmente incrível o que você faz para mim sem perceber.

Só que ainda existem coisas que não consigo falar, porque dói, tenho vergonha, medo de vocalizar e todo aquele pesadelo vir à tona.

Sawyer ficou preocupado.

— Alguém te machucou de alguma forma fisicamente?

— Não. Meu pai já o teria matado — garanti e ele relaxou. —

Só emocionalmente.

— Acho que não estou entendendo.

— Eu precisei fazer tratamento durante muitos anos, primeiro para aprender a me socializar com as pessoas, porque hoje em dia você brinca que sou fria que nem a geladeira, imagina se me conhecesse quando criança. — Fiquei triste com a lembrança de que eu não tive amigos no jardim de infância. — Fui melhorando e aprendi a entender os meus sentimentos. Quando cresci, tive uma

vida adulta normal, com um relacionamento e isso me feriu muito.

Enfrentei diversos problemas depois. Sei que tenho que te contar sobre ele, mas não me sinto pronta porque sou feliz com você.

Sinto-me amada, mimada e privilegiada, mas a partir do momento que te contar sobre, uma nuvem pesada vai pairar sobre nós e eu não quero isso agora. Não há o que se preocupar, não sou apaixonada ou amo outra pessoa, só você, mas...

— Você não quer falar sobre isso agora.

— Exatamente.

Sawyer pareceu pensar um pouco.

— Está tudo bem, pelo menos agora posso entender porque você tem tanto medo. Fiquei preocupado com o dia que chorou porque te chamei de linda. Acreditei que era apenas ceticismo, porque você é muito cínica, mas não imaginei que fosse porque não acreditava. — ele disse baixinho. — Você acredita agora?

— Sim, eu acredito! Você não para de dizer. Acho que está me fazendo uma lavagem cerebral! — Comecei a rir. Nunca me achei feia, era segura da minha aparência, dos meus defeitos e qualidades. Também nunca fui complexada com nada, mas depois que Chase me traiu, me senti insuficiente. Com o tempo, compreendi que realmente poderia ser insuficiente para ele, mas um dia eu poderia ser o suficiente para alguém.

O mais importante: *eu era mais do que suficiente para mim mesma.*

Quando Sawyer disse que eu era tudo o que ele queria, chorei muito. Foi uma emoção indescritível perceber o quanto ele me amava mesmo sem nunca ter dito um "eu te amo"

explicitamente. Queria poder contar a ele todos os detalhes, mas não estava pronta. Eram muitos sentimentos para lidar. Aceitei o amor que vivíamos diariamente, ele me bastava.

Chegamos, mas não dava para ver muita coisa do lado de fora. O som do mar me distraiu de reparar e também estava muito frio. Carregamos duas bolsas pequenas para dentro e estávamos tremendo. Sawyer acendeu as luzes e o aquecedor. A sala era

espaçosa, com um sofá e várias poltronas. Não era nada muito grande, apenas bem decorado e muito aconchegante. Subimos a escada no canto e contei três quartos, todos suíte. O maior era de frente para a praia.

— Vou lá fora buscar algumas toras para acender a lareira.

Peguei uma calça de moletom, meias e um casaquinho.

Fiquei sem sutiã porque eu precisava de um tempo com meus seios livres. Não havia nada melhor do que chegar em casa e tirá-lo.

Gostava mais ainda quando Sawyer tirava e ainda me fazia gozar, começando a provocação pelos meus seios.

Fui ao seu encontro quando estava acendendo a lareira. O

calor do fogo foi bem-vindo, fechamos as janelas mais baixas, deixando as mais altas abertas apenas para a circulação do ar.

Quando comecei a explicar sobre massas de ar frio, com densidade de ar quente e o efeito no pulmão, Sawyer cobriu minha boca e me mandou ir para a cozinha, que ele ia buscar as garrafas de vinho que estavam na mala.

— Vamos comer o quê? — Puxei um banquinho perto do balcão.

Sawyer lavou duas taças, deu-me uma garrafa de água e serviu o vinho. Ele abriu a geladeira e pegou um pacote de almôndegas, tomate, cebola, pimentão. Também tirou o espaguete do armário. Coçando a nuca, ficou olhando os ingredientes.

— Está faltando alguma coisa, não é?

— Não está *na sua lista*? — Dei um gole do vinho, me deliciando com seu olhar perdido. Ele poderia parar de me chamar de chata por ser organizada.

— Dá uma ajudinha, por favor. — Fez um beicinho.

— Extrato de tomate. — Inclinei-me sobre o balcão e o beijei.

Ele abriu os armários, procurando. — Colocou na sua lista maravilhosa?

— Eu disse a ela que era para comprar ingredientes para fazer almôndegas — Sawyer resmungou e esfregou o rosto. Pobre

menino rico.

— Podemos refogar os tomates e fazer um caseiro. Procura se ela comprou temperos. — Desci do banquinho e troquei de lado.

— Nós nunca cozinhamos juntos.

Sawyer me agarrou por trás, me dando um beijo barulhento.

Peguei a faca, tábua e o que precisava ser fatiado.

— Adoro as nossas primeiras vezes. — Ele ficou atrás de mim, cortando os tomates enquanto eu cortava as cebolas.

De vez em quando, ele parava e fazia algo pornográfico com a língua no meu pescoço ou ouvido. Minhas mãos já estavam tremendo. Era injusto estar excitada e com fome. Não sabia se queria comer ou transar logo. Quando ele jogou os tomates na panela para refogar com cebola e páprica, empurrou-me contra o balcão com uma fome como

se nós não tivéssemos feito sexo pela manhã. Eu realmente não podia reclamar da nossa vida sexual.

Fizemos o molho juntos, mas eu já estava sem o casaco e ele também. Quando o jantar ficou pronto, tornou-se um piquenique nudista na sala, em frente à lareira, onde iríamos beber mais vinho, mas só fizemos sexo até a exaustão. Sawyer jogou uma colcha sobre nós dois e ficamos ali mesmo, deitados, ressonando. No meio da noite, apaguei completamente, cansada de toda a semana.

Acordei com a luz no meu rosto.

Sawyer virou-se de lado e acabou fazendo uma sombrinha, então, abri os olhos e admirei seu rosto. Nunca imaginei que mudar para Nova Iorque me traria tantas coisas boas. Tinha amigos e um namorado incrível.

Minha sorte realmente havia mudado.

— Bom dia, meu amor — ele sussurrou, beijando meu pescoço e me agarrei todinha a ele. Dono do meu coração.

— Vamos para a cama porque eu quero dormir mais —
reclamei quando ele se movimentou para levantar.

— Nada disso, já está tarde. Não vamos perder o dia dormindo. — Ele deu um tapa na minha bunda e me puxou para
despertar.

Tomamos banho e comemos frutas. Aproveitamos que não estava tão frio quanto à noite e fizemos uma caminhada na areia.

Andamos até um restaurante à beira-mar, almoçamos e visitamos o farol de Montauk. Não voltamos pela areia porque começou a ventar e mesmo de braços dados, eu ainda não estava suportando meu cabelo voando para todo lado e o nariz congestionando.

Para minha completa felicidade, começou a chover. Voltamos correndo e rindo, não tinha nada de engraçado em estar suja de areia e molhada, mas estávamos rindo muito. O banho quentinho me deixou renovada e sonolenta. A cama parecia muito aconchegante.

— Não coloque roupas — ele pediu e me virei, com o pijama na mão.

— Por quê?

— Eu vou te aquecer. Não precisamos de roupas na cama.

—

Ele piscou e me enfiei debaixo do edredom quentinho. Ele pegou o celular e me mostrou a foto de uma criança muito familiar.

— Espera aí! Sou eu?

— Seu pai me enviou hoje cedo. Bonitinha. — Me deu um beijinho na pontinha do nariz.

— Por que ele te enviou isso?

— Coisa de genro e sogro.

— Para com essa palhaçada! Meu pai não é simpático assim!

Me dá esse telefone aqui! — Arranquei o aparelho de sua mão antes que escondesse. Não costumava mexer no celular dele, não tinha paranoias, apesar de saber a senha, não lia as conversas.

Cliquei na do meu pai e rolei até o primeiro dia. Sawyer já estava rindo antes que eu compreendesse que Paul enviava uma ameaça diferente todos os dias, incluindo castrações, estilo de vida de eunucos e era tudo relacionado a matérias jornalísticas.

Sawyer respondia sempre, fosse com um bom dia ou “muito ciente, senhor”. Meu pai era um caso sério querendo assustar meu

namorado, que estava achando graça. E pior, ele compartilhava com Cooper e Jace. Eu ri de muitas das matérias que mandou.

— Não fala nada com ele, só é engraçado.

— Você sabe que ele não está brincando, não é?

— Eu sei, mas nada disso acontecerá porque pretendo cuidar de você e não te machucar — ele me respondeu, todo galante e pegou o telefone de volta, colocando-o na mesinha. Virou e ajeitou o edredom, deitando-se em cima de mim. — Ele não precisa saber o mal que fará à sociedade e a tristeza que te dará se me castrar.

— Vou ficar muito triste. Sabe o que nós devemos fazer hoje?

— O quê?

— Um experimento científico daquele livro que você comprou esses dias.

Sawyer sorriu e me deu um beijo.

— Já memorizei as posições do livro. Quer começar agora?

— Sim, mas antes... — Apontei para baixo. — Você vai ter que visitar lá.

Sawyer desceu com muitos beijos para baixo do edredom e eu gemi quando a boca tocou exatamente onde amo, ainda mais com seus beijos e lambidas.

Eu me sentia mais sexy e muito mulher quando tinha esses momentos com Sawyer. Nossa química sexual era sem igual.

Depois que comemos e dormimos, senti-me relaxando ainda mais, adorando cada segundo daquela folga. Acordei sozinha na cama e estava escuro lá fora. Enrolei-me no edredom, não encontrando nada à vista que pudesse vestir e saí à procura de Sawyer.

Ouvi sua voz suave no corredor e parei.

— Como assim a mãe dela? Meu Deus! Sim, entendo. Sinto muito! — ele falou mais baixo. — Entendo perfeitamente. Ela está dormindo agora, mas irei acordá-la. Vou buscar alguma passagem agora, sairemos assim que possível. Não, está certo. É claro que

vou com ela, não irei deixá-la sozinha. Tudo bem, eu ligo quando ela acordar.

Voltei para a cama com o coração batendo no peito tão forte que meu ouvido zumbia. Olhei para meu celular e vi várias ligações perdidas. Sawyer entrou no quarto com uma expressão preocupada e engoli em seco, nervosa, sem

saber o que fazer, com vontade de me esconder no banheiro e não ouvir o que ele tinha a dizer.

Ele se sentou à minha frente e procurou minhas mãos, segurando-as firme.

— Seu pai acabou de me ligar — começou com um tom de voz calmo. — Ele foi informado que sua mãe sofreu um acidente de carro há algumas horas e está em estado crítico, para ser declarada morte cerebral nas próximas horas. Seu padrasto entrou em contato com ele quando não conseguiu uma resposta sua.

Fiquei estática. A informação não fazia sentido.

— Amor, você está me ouvindo?

Balancei a cabeça que sim.

— Nós podemos ir até lá. — Ele tocou meu queixo e concordei. — Podemos comprar uma passagem agora, mas seu pai disse que tem como disponibilizar um avião logo, aqui no aeroporto de Hampton. Explicou que tem um amigo que faz a locação e podemos tentar o mais rápido possível uma autorização de voo.

Você quer que eu resolva isso? — Balancei a cabeça de novo, mordendo meu lábio. — Tudo bem, eu vou ligar para Paul. Por que não vai se vestir? — sugeriu suavemente.

Meu cérebro estava em branco. Não tinha nada para pensar, queria apenas *gritar, gritar e gritar*. Dentro da minha cabeça era um silêncio limpo, eu só conseguia ouvir o som do meu coração batendo, como se eu fosse uma caixa oca e estivesse fazendo eco.

Quando Sawyer voltou para o quarto, sem ter noção de quanto tempo depois, ainda estava rígida no lugar. Ele me levantou para o chuveiro, ajudou-me no banho e me incentivou a escovar os dentes. Prendeu meu cabelo e me ajudou a me vestir, porque eu

não sabia como comandar minhas ações. Sentei e o observei falar no telefone com alguém enquanto arrumava nossas coisas.

Quando tudo ficou pronto, um táxi parou na porta. Ele colocou o carro na garagem, trancou a casa e guardou as malas no táxi, conduzindo-me para o banco de trás. Deitei minha cabeça em seu peito e ele me abraçou até chegarmos a um pequeno aeroporto.

Sawyer ficou falando com a balconista e no celular ao mesmo tempo. Um piloto conversou com ele e os dois olharam pra mim enquanto eu só olhava para o painel à minha frente. Ficamos sentados juntos por um longo tempo. Ele não perguntou se eu estava bem, o que foi um alívio, nem ficou oferecendo palavras, apenas ficou do meu lado, segurando-me, porque era tudo o que eu precisava.

Durante o voo, não fingi dormir. Fiquei quieta, encolhida, vazia e ao pousarmos, ele resolveu tudo. Fomos para um hotel.

Fazia muitos anos que não pisava em Jacksonville. Sawyer perguntou o endereço do hospital, dando o nome. O taxista nos levou bem rápido e ao chegar às portas, meus pés travaram.

Eu precisava me despedir da minha mãe.

Como médica, sabia que declarar a morte cerebral era apenas uma formalidade para a família ter tempo de digerir

e o hospital convencer da doação de órgãos.

Fiquei parada olhando a porta abrir e fechar.

— Vamos entrar. Você vai conseguir.

Eu nunca imaginei que um dia precisaria dizer adeus para minha mãe para sempre.

Fomos encaminhados ao terceiro andar. Keith estava do lado de fora quando saímos do elevador. Ele havia chorado. Seu rosto era uma única ruga de dor. Todo amassado. Olhar perdido, posição desolada. Perguntei-me se Vicky estava ali e quase dei a volta, mas a mãe era minha também e ela precisaria sair.

Keith me abraçou e eu não consegui movimentar meus braços. Ele sussurrou que eles não estavam ali, que haviam saído para que eu pudesse chegar.

Entrei no quarto sozinha. O rosto tão alegre e juvenil da minha mãe estava inchado e desconfigurado. Havia tubos e fios para todo lado. Sentei-me ao lado dela e segurei sua mão, sem saber por onde começar a falar. Ela não foi uma mãe presente ou compreensiva, ela não sabia lidar comigo e nem me dar atenção, mas era alegre, jovem e muito incentivadora.

Nunca entendeu meus planos, meus estudos ou as minhas vontades, mas sempre estava torcendo. Falava tudo errado e ao contrário, mas dizia que eu era a melhor. Nós vivemos em páginas e em mundos diferentes. Eu a amava tanto que sentia raiva que não me entendesse, que muitas vezes quando eu era criança, me deixava sozinha porque não sabia o que fazer comigo.

Beijei sua mão e deitei a testa em seu braço, sabendo que não adiantava de nada ter esperanças. Ela já não estava mais ali.

— Eu não te odeio, mãe. Eu nunca te odiei. — Segurei sua mão ainda mais apertado. — Vá em paz, seja feliz, descanse. Eu te amo.

Capítulo Vinte e Três

Sawyer

Liz raramente falava da mãe. Elas não se entendiam e minha namorada não respondia as mensagens dela. Quando recebi a notícia através de Paul, não podia prever que Liz ficaria setenta e duas horas sem abrir a boca. Praticamente agindo como uma pessoa estática. Ela se refugiou em sua mente e não se abria para falar dos sentimentos nem por um decreto.

Chegamos em Jacksonville, fizemos o check-in no hotel e seguimos para o hospital. Lá, ela entrou no quarto sozinha e conheci o padrasto, Keith. Era um homem de pouquíssima instrução e muito simples. Liz o abraçou rapidamente e ficou duas horas sentada com a mãe até que eu vi uma movimentação dos médicos.

Entrei e sussurrei em seu ouvido que era a hora da decisão.

Keith disse que a esperou chegar, porque ele não entendia nada daquilo, Liz era médica e *“sabia de todas as coisas”*. Ela autorizou a doação de órgãos e ele assinou depois que lhe expliquei detalhadamente o que aconteceria.

— Sua mãe te amava, Liz — Keith disse e ela olhou para o chão. — Ela não te compreendia e se achava burra ao seu lado, porque você é muito inteligente. Não sabia como te

consolar, porque você sabia todas as respostas. Uma vez ela me disse que a única coisa que podia te dar era alegria, pois você nasceu uma menina completa e era uma bênção, porque ela acreditava ser limitada. Nós dois sabemos que sua mãe era muito inteligente e vivaz. Ela te amava muito, só não se achava boa o suficiente para ser a mãe que você precisava, por isso achou melhor que vivesse com Paul.

Eu pensei que Liz fosse desmoronar e a abracei a tempo de cair. No quarto do hotel, ficou digitando algo em seu celular por um longo tempo.

— Meu advogado vai enviar um documento. Será que tem como você pedir para imprimir para mim? — questionou e até fiquei surpreso de ouvi-la. — Coloque isso aqui junto — pediu e tirou uma

folha de papel que estava na mesinha. Escreveu uma carta com a caneta que encontrou na gaveta com o emblema do hotel.

Abriu a carteira e tirou um cheque, preenchendo. Ela me deu o endereço de entrega. Desci e eles imprimiram. Eu li o que era. O

documento de uma casa em Jacksonville.

“Keith,

A casa está paga e as hipotecas também. Eu a comprei há alguns anos quando tive medo de que fosse a leilão no momento em que sofreram dificuldades financeiras. Não contei em detalhes para mamãe, apenas disse que daria um jeito na dívida e dei. Você deve viver nela para sempre, não tem nada a se preocupar. Estou enviando também um cheque, faça um funeral daqueles que ela sempre disse que achava chique quando via nos filmes, chame as amigas dela

e dê uma recepção. O que sobrar, e deve sobrar, é para sua sobrevivência nos próximos meses. Ligue-me se precisar de qualquer coisa, em breve, meu advogado irá entrar em contato sobre a manutenção da casa. Cuide-se. Com amor, Elizabeth”.

O cheque era de cem mil dólares.

Imaginei que iríamos para o funeral, mas ela não quis. Ficou irritada e agindo bruscamente até que garanti que iria buscar uma autorização de voo para voltarmos. Saímos do hotel sem completar uma diária e voltamos para casa. Aterrissamos em Hampton, peguei o carro e voltamos para nossa casa em Manhattan.

Liz subiu direto para o quarto, enfiou-se debaixo das cobertas e não saiu. Tentei conversar, mas ela estava em um estado que seria um catalisador para uma crise. Jules já tinha vindo e ido embora várias vezes. Cooper colocou Liz para dormir duas vezes.

Jace fez um caldo de galinha que ela comeu e repetiu, mas não falou. Não chorou. Nenhuma lágrima escorreu de seu rosto, nem mesmo quando meus tios vieram visitar.

Audrey mandou flores e depois, nossa casa ficou parecendo uma floricultura porque todo mundo estava solidarizado com sua perda. Podia sentir a dor, mas ela precisava extravasar antes que eu fosse a pessoa a perdê-la. Tive que pedir ajuda.

— Nenhuma lágrima? — Mamãe entrou e tirou suas luvas. —

Oh, querido! Você está uma zona! Vai ficar tudo bem! — Ela me abraçou. — Liz está sofrendo e não quer expressar para não perder o controle. Você sabe que ela não consegue lidar com as emoções.

Tem que ter paciência. Eu já volto.

Joguei-me no sofá, esfregando o rosto, exausto. Liz dormiu a noite inteira grudada em mim, dava para fingir que éramos um só.

Quando ouvi o som de um choro alto, saltei do sofá e subi correndo.

Liz estava agarrada a minha mãe, desesperada e em colapso. Não parou até que eu vi que realmente era um colapso. Esfreguei suas costas suavemente e minha mãe sussurrou coisas que mães dizem quando nos machucamos, deu a ela o colo que desejava: o de mãe.

— Sawyer? — Liz me chamou.

— Estou aqui, amor. — Sentei-me ao seu lado. Ela me deu um olhar devastador.

— A última vez que nos falamos, eu fui fria e cruel. Mostrei que a odiava. — Sua voz estava carregada de dor. — Pedi para nunca mais me procurar. Eu bloqueei todos os números e não ouvi mais a voz dela depois que eu disse que a odiava. Eu não odiava a minha mãe, só estava magoada, ela nunca me escolheu e eu, ainda assim, não a odiava.

— Ela sabia que você não a odiava, Liz — mamãe disse e ela apenas soluçou várias vezes. — Nós sabemos. É coisa de mãe e é por isso que ela nunca deixou de te ligar, mesmo trocando de número. Ela não iria te deixar porque sabia que você estava magoada, mas não a odiava. Nosso coração muda quando nos tornamos mães, nem sempre acertamos, erramos mais do que acertamos, ela pode ter feito muitas coisas achando que era o melhor para você. Nós desejamos o melhor e nem sempre o que pensamos é o melhor para os nossos filhos.

Enrolando-se em uma bola, ficou chorando por muito tempo até que passou a choramingar e dormiu. Puxei o edredom, cobrindo-

a e sabendo que ela acordaria com uma dor de cabeça imensa.

Minha mãe deu um beijo na testa dela e nós saímos do quarto.

— Ela vai ficar bem. Vou retornar, caso não melhore, vou prescrever sua medição novamente. Tente descansar também. —

Ela acariciou meu braço. — Foi uma surpresa traumática, vai levar tempo para ela se perdoar pelas palavras ditas à mãe. Seja um bom ouvinte, ela merece. — Mamãe beijou a minha bochecha e pegou seu casaco. — Tenho que ir, seu pai está com Audrey e eles fazem muita bagunça quando eu saio.

Tomei banho e me deitei. Ela rolou automaticamente quando me sentiu na cama, beijei sua testa e depois os lábios, logo adormecendo, muito cansado. No meio da madrugada, Liz estava acordada e me deu um sorriso tímido quando a puxei para mim.

— Obrigada. — Acariciou a minha mão. — Eu não sabia se eu tinha o direito de chorar. Fui muito cruel com a minha mãe, sem nunca imaginar que um dia ela poderia ir embora. Nunca olhei pelo ângulo que talvez ela achasse que eu era completa. Aconteceram muitas coisas, mas ela era a minha mãe e não imaginei que sentiria isso. Quando me contou o que havia acontecido, parecia que o botão mudo foi ativado e eu não sabia o que dizer, pensar ou sentir.

Era só silêncio.

— Eu sinto muito, meu amor. Me desculpe se não consegui te ajudar.

— Não, você foi ótimo. Não falava muito sobre a minha mãe porque costumava fingir que ela não existia. E agora...

— Ela sempre vai existir no seu coração. Não importa quantas palavras sejam ditas ou atitudes tomadas, ela sempre vai viver na sua memória e no seu coração.

— Quero voltar para o trabalho amanhã. Não quero me afundar na tristeza porque a única homenagem que posso fazer pela minha mãe agora é ser feliz, porque com toda certeza nesse mundo, ela era feliz. Até demais. Era irritante, mas hoje eu vejo que não há legado melhor que poderia ter me deixado além do dom de ser feliz. — Liz virou o rosto suavemente e me beijou. — Eu te amo.

Esses dias eu percebi o quanto tudo me faz te amar. Eu sei que parece que seus esforços em me consolar pareciam em vão, mas não foram. Ter você ao meu lado me impediu de afundar. Era como se a correnteza me puxasse para o fundo e a sua mão me puxasse para fora. Eu nunca entendi o amor. Mas você mudou isso, Sawyer.

Você me trouxe de volta à vida. Era como se eu estivesse morta e agora, sinto meu coração bater. — Seus olhos cheios de lágrimas eram o reflexo dos meus, que explodiram em água. — Esse tempo todo eu não sabia o que estava procurando ou quem devia procurar.

Era você. Tenho certeza que te amo.

Segurei-a apertado, ainda incapaz de falar, porque também estava chorando.

— Eu nunca desisti do amor, Liz. Cresci em um lar amoroso e sempre sonhei em ter alguém que pudesse amar para sempre.

Nunca amei antes, casei porque me convenci de que aquilo era tudo que podia conseguir e o que idealizava para um relacionamento era utopia. Uma fantasia da minha cabeça romântica — sussurrei e beijei sua boca. — Até que você chegou, uma coisinha tímida, de bochechas coradas, que se mostrou inteligente e linda. Desde a primeira noite, não queria te perder. Fiquei louco esperando a sua ligação. Foi no primeiro beijo que senti que não iria te esquecer.

Quando te vi no hospital, soube que era você a pessoa que estive esperando por toda a minha vida. É você, Liz, a minha luz do sol. Eu te amo.

Ficamos abraçados a noite inteira.

O dia amanheceu e acordamos quase ao mesmo tempo.

— Está pronta para enfrentar o mundo lá fora? — Beijei seu queixo.

— Estou. Você está?

Levantei e fui fazer o café da manhã, porque ela demoraria uma eternidade para ficar pronta, como todas as manhãs. Enviei uma mensagem ao meu tio, informando que iríamos trabalhar. Ela ganhou uma licença e eu tirei por conta própria, tendo que ter uma

vantagem em ser dono de uma parcela da fundação que administrava o hospital.

Não era segredo para ninguém que o hospital pertencia ao conglomerado empresarial do meu avô, que financiava uma

série de projetos e pesquisas para a ciência médica. Meu pai comprou o hospital quando a crise financeira abateu o último grupo de donos.

Por lei, médicos não podiam trabalhar em seus próprios hospitais, então, nós formamos um grupo de administradores, membros da família, e tínhamos uma empresa que fazia o controle de ética e ações disciplinares, que respondiam diretamente a organização de saúde do país. E mesmo assim, nunca tirei vantagem da minha posição.

— Hoje são trinta e seis. Vai encarar?

— É claro! — ela gritou de volta e eu ri.

Fiz os omeletes que ela adorava e um expresso bem forte, quadruplicando a receita para bebermos indo para o hospital.

Pronta, comemos e eu subi, não demorando nem um terço do tempo para tomar banho, me vestir e pegar nossas bolsas para o trabalho. Fiquei muito grato ao vê-la sendo paparicada do andar da recepção até a sala dos médicos. Cada médico, interno, residente e enfermeira que cruzou o nosso caminho, a encheu de carinho.

Liz ficou emocionada e foi bom ver que estava se permitindo chorar e sentir o luto.

Jules parecia muito feliz e aliviada por poder retomar a rotina de trocar de roupas juntas e fofocar. Elas demoraram uma eternidade para finalmente saírem do banheiro. Eu a deixei ir à frente, até ter certeza de que estava bem.

— É bom tê-lo de volta, doutor Reedburn. — Amber me recebeu bem animada. — Temos muito trabalho a fazer!

Amber estava tão animada que eu não contive a minha risada. Bryce passou por mim e me deu um aceno antes de se juntar à estação da enfermagem. Ela estava resistindo e não tinha nem via nenhum problema em tê-la na minha equipe se ela achava que aquilo era uma coisa boa. Tive uma longa manhã só assinando

e revisando prontuários. Minha mente estava girando com tantas informações que quando tirei minha pausa para almoçar, fui chamado por Liz por mensagem, pedindo que fosse até o andar da pediatria.

Quando cheguei lá, vi que havia outros médicos.

— Sabe o que ela quer? — Ferguson perguntou e neguei.

Audrey veio animada.

— Obrigada a todos que puderam vir, entendemos que é uma distração do tempo de vocês, mas nós acreditamos que esses cinco minutinhos tornarão o dia de vocês muito melhor. — Jace bateu palmas. Ela revirou os olhos e dei uma cotovelada nele. Jules, Cooper e Diego pararam do outro lado. Vários enfermeiros surgiram da escadaria. — Com vocês, o nosso pequeno coral!

Liz veio conduzindo as crianças junto às mães, muitas arrastando oxigênio ou suporte de soro. Outras na cadeira de rodas.

Alguns bebês também estavam no colo de suas mães. Ela ficou posicionada na frente e contou até três. Audrey soltou uma música em um rádio e as crianças cantaram junto, fazendo a coreografia que Liz estava fazendo na frente.

Era uma antiga canção natalina, todos eles estavam com gorros na cabeça e segurando meias. Audrey distribuiu

cookies no saquinho, dizendo que um era nosso e os de fita azul eram para colocar na meia deles. As crianças cantaram duas músicas e nós fomos até eles colocando biscoitos em suas sacolas. Batemos palmas e cada um a sua forma fez uma reverência.

Minha mulher parecia feliz e era bom vê-la ativa depois de vários dias em estado catatônico. A apresentação deles foi muito fofa. Nós pudemos visitar as alas e os quartos. Um Papai Noel foi contratado para buscar as cartinhas e cada médico pegou uma para tentar realizar o desejo ou financiar o que o paciente queria.

Nenhuma criança pediu presente, o que foi uma tristeza, ler pequenas pessoas tão inocentes pedindo cura foi muito para a maioria dos adultos.

Nós fomos para a sala dos médicos após a apresentação e eu não abri a minha cartinha.

— Esse menino tem o tumor de wilms. — Cooper limpou os olhos. — Eu vou pegar os exames dele e ver o que posso fazer.

— Esse pediu que a mãe dormisse em casa por uma noite, mas não tem ninguém para ficar com ele. — Jules suspirou e ficou batendo com a carta na mesa. — Vou ver se alguma enfermeira quer um extra essa noite.

Fiquei batendo minha cartinha na mesa até que Liz entrou com comida para nós dois. Ela arrumou a bandeja e me deu um garfo, rasgando a embalagem de outro.

— Não vai abrir a sua cartinha? Eles foram instruídos a não pedir brinquedos, porque o hospital não pode fornecer, eu sei que é contra a lei, mas queria que eles pudessem ter o

direito de fazer uma cartinha. — Ela me ofereceu uma mordida do frango.

Abri a minha cartinha. Foi a mãe do paciente quem escreveu.

Ele tinha gastroparesia, uma doença que demandava um longo tratamento e que apenas amenizava os sintomas. Não havia nenhum pedido, apenas um agradecimento, por romper mais um ano de vida e pelo carinho de toda a equipe médica. Li a minha cartinha para Liz e ela disse que esse paciente estava em tratamento para aliviar os vômitos e usava sonda para alimentação direta. O seguro cobria a cirurgia para colocação do neuroestimulador gástrico, mas não o aparelho.

Enviei uma mensagem para o conselho de ética solicitando a doação do aparelho. Demoraria quarenta e oito horas ou mais para uma resposta, porque eles avaliavam o paciente e a intenção médica.

— Keith não descontou o cheque — Liz disse do nada. —

Será que ele ficou ofendido?

— Acho que não, mas não o conheço.

— Ele nunca foi do tipo orgulhoso, também não é do tipo usurpador.

— Foi muito gentil da sua parte comprar a casa da sua mãe e permitir que ele vivesse lá sem preocupações. — Beije sua mão e ela desviou o olhar. — O que está sentindo?

— Tristeza e arrependimento, mas ao mesmo tempo, sei que faria tudo novamente. Se eu pudesse voltar no tempo, conhecendo-me do jeito que me conheço, sei que eu e

minha mãe teríamos as mesmas brigas e eu diria as mesmas coisas.

— Você tem que lidar com o fato de que ela te amava mesmo assim, mas também precisa entender que suas palavras pesam e nem sempre pode tirá-las de volta. — Continuei segurando sua mão. Sabia daquilo por experiência própria. — Nós brigamos essa semana e eu sinceramente não lembro mais o motivo, só lembro que fazer as pazes foi muito gostoso, mas na hora, você começou a dizer coisas que sabia que iam me tirar do sério. É a sua maneira de demonstrar o nível da sua chateação. Você joga as palavras, seja por necessidade ou para mostrar seus sentimentos.

Ela ficou em silêncio.

— Nunca pensei assim, mas tem razão. Eu queria que a minha mãe soubesse o quanto eu estava machucada, sempre estava dando um jeito de chamar a atenção dela. — Ela me olhou bem triste. — Acho que tenho mais problemas de comunicação do que imaginei.

— Podemos treinar.

— Não espere que eu não te xingue até a sua quarta geração quando ficar puta com você, porque isso não vai acontecer — ela rebateu e eu ri. Minha enfezadinha. — Em falar nisso, sei que fiquei esses dias bem mal, mas puta merda... a casa está uma zona! Nem acredito que a sua mãe foi lá e tinha tanta coisa espalhada. Espero que não tenha reparado. Você podia ter recolhido as suas cuecas!

— Eu ri bem alto, beijando sua boca. — Estou falando sério, que vergonha, ela deve pensar que somos porcos. Já é um milagre que eu não esteja esfregando cada canto da casa, estou tentando evoluir na ansiedade e no TOC, mas você precisa me ajudar!

— Vou arrumar assim que chegarmos em casa, prometo.

— Aproveite e lave as roupas — falou contra os meus lábios e voltamos a comer. De repente, ela saltou da cadeira com os olhos arregalados. — Amanhã é Natal e eu não comprei presentes para ninguém! Como pudemos esquecer?

— Todo mundo vai entender, além do mais, não precisa comprar nada.

— Uma ova que vou chegar na casa da sua mãe sem um presente para a sua avó! — Ela se levantou. Minha avó adorava pegar no pé da Liz, ela fazia aquilo com qualquer mulher ao meu redor, sendo amiga ou namorada. — Preciso dar um jeito nisso, volto mais tarde. — E saiu correndo. *Ok.* Eu também não havia comprado presentes, merda.

Capítulo Vinte e Quatro

Sawyer

Terminei de comer pensando no que comprar para ela porque sim, eu realmente me esqueci de um presente para a minha namorada. *Merda.* Subi correndo atrás de Amber, ela conseguiria entrar e sair sem ser notada. Liz amava relógios, seria mais um para a coleção que fazia, mas iria adorar de todo jeito. Encontrei minha auxiliar e pedi que saísse, descemos até a sala dos médicos para buscar meu cartão de crédito, quando Liz me ligou pedindo que pegasse o dela e levasse até ela.

Entreguei o meu para Amber. Animada por poder gastar meu dinheiro, saiu rapidamente e abri o armário de Liz com a chave extra que ficava no meu chaveiro. Peguei sua carteira e tirei o cartão, mas debaixo dele havia um guardanapo dobrado. Curioso, tirei e abri. Foi impossível não

sorrir ao ver que guardava o mapa ridículo que fiz da cidade com o número do meu telefone.

Foi a nossa primeira noite e ela mantinha a lembrança na carteira. Guardei no meu bolso e enviei uma mensagem para Amber, pedindo para comprar mais uma coisa e não embrulhar para presente.

Cheguei ao andar da pediatria e ela estava na companhia de uma mulher vestida de terninho.

— Oi, baby. Trouxe? — Esticou a mão e entreguei. — Aqui está, traga os recibos. — Ela sorriu e a mulher saiu. Fiquei sem entender nada. — É a compradora pessoal da sua mãe. Vai fazer as compras de acordo com a *minha lista muito eficiente*. — Alfinetou e belisquei sua barriga, ela saltou rindo. — Como sei que você não comprou presentes, pedi que fizesse isso e vou enviar uma mensagem à coitada da Amber, que não é a sua secretária, para voltar ao trabalho. — Ela me deu um beijo e foi para o quarto de um paciente.

— Eu também te amo!

Era odioso que ela me conhecesse como a palma de sua mão e ao mesmo tempo, uma das sensações mais incríveis do mundo. Fiquei observando-a trabalhar, apaixonado pelo seu amor e dedicação à pediatria, orgulhoso que, mesmo muito triste, com o coração partido, estava dando o seu melhor pelos pacientes.

Liz era terrível em muitos aspectos. Seus defeitos eram difíceis de lidar. A mulher me enlouquecia com as manias de limpeza, em fazer tudo de uma vez só para não deixar pontas soltas e ter tiques que estressavam muito. Ela também era maravilhosa como companheira, uma amiga dedicada e uma profissional invejável.

Desci para a cardiologia e pouco tempo depois Amber surgiu apenas com a moldura que pedi que comprasse.

— Comprei aqui na loja do hospital mesmo. — Ela me observou esticar o guardanapo ali dentro. — O que é isso?

— Uma lembrança do dia que conquistei a mulher da minha vida.

— Com um mapa? Ela caiu nessa? — Amber soou ultrajada.

Eu ri. *Sim, foi com mapa e sexo épico.* — Vocês dois são muito estranhos.

— Soube que Mike, em sua rápida passagem pelo hospital, se encantou com uma residente da cardiologia. Sabe quem é? —

Olhei-a como quem não queria nada. Amber jogou meu cartão de crédito no meu peito e saiu batendo o pé. — Vou assumir que é você! — gritei e ela andou ainda mais rápido para longe.

Devido à proximidade da ceia de Natal, a emergência estava cheia de acidentes domésticos, cortes, queimaduras, mãos cheias de farpas, decapitação de dedos — para aqueles que costumavam cortar suas próprias toras — e hipotermia. Liz ficou ocupada em várias cirurgias seguidas e eu tive avaliação dos pacientes.

O plantão não foi complicado e nem tão estressante, afinal, a maioria estava no clima natalino. Acreditava ser um sentimento geral ter aquela melancolia do Natal, mas eu estava muito cansado quando tomei banho e me arrumei para a casa dos meus pais. Liz

demorou a descer e quando desceu, ficou horas no banheiro se arrumando com Jules.

Levei todas as sacolas de presente e a pequena bolsa para passarmos a noite nos meus pais, porque eu gostaria de beber um pouco e Liz não gostava de dirigir. Ela sabia, mas eu precisava implorar para ela pegar a direção em alguns casos. Talvez ela quisesse beber também.

Chegamos na casa dos meus pais e a minha avó foi quem abriu a porta. Ela deu um aceno seco para Liz e me abraçou apertado, mesmo com as minhas mãos ocupadas.

— Você ainda está com essa garota? — questionou alto o suficiente. Eu sabia que ela não era nem um pouco surda. Liz revirou os olhos atrás dela.

— Isso foi muito rude — falei sério e minha avó bufou, saindo com a bengala.

Coloquei os presentes debaixo da árvore e ajudei Liz a tirar seu casaco confuso, ela se amarrava com um monte de botões.

— Ele fica lindo no corpo e me dá desânimo de tirar — reclamou e abri os últimos botões. *Mulheres e a moda.* — Obrigada.

— Beijou minha boca, o que fez valer à pena a tortura, e guardei nossos casacos.

— Oi, querida, estou tão feliz em te ver! — Tia Meredith abraçou Liz bem apertado. — Estou sempre aqui quando precisar.

— A nora é minha, Meredith. — Mãe passou e me deu um abraço.

— Das *duas* — corriji, para alegria delas.

— Eu não sei o quão sortuda eu sou por ter *duas* sogras —

Liz brincou, abraçando-as ao mesmo tempo. — Obrigada por tudo.

Sei que minha mãe está em um lugar tranquilo agora e meu padrasto ainda está lidando com o luto, porém, mais calmo. Eles viveram juntos muitos anos e ele está sozinho...

Paul foi até Keith. Apesar de não serem próximos, meu sogro nunca desamparou a ex-mulher e ajudou sempre que podia. Eles

mantinham uma boa relação pela Liz. Carlie ligava todos os dias, para conversar com Liz, mas a mulher que escolhi amar escondia suas emoções no fundo do oceano.

Cumprimentei toda a minha família e me sentei ao lado de Jace. Os pais dele estavam passando o Natal na casa da irmã em Londres e ele não pôde ir por conta do trabalho, mas também não pediu folga. Observei Liz cercada pelas minhas três tias enquanto minha mãe terminava de colocar a mesa com a ajuda de Audrey.

Ela não iria pegar uma bebida enquanto elas não parassem de buzinar em seu ouvido, levantei e peguei uma taça, colocando vinho branco meio seco, que era um dos seus favoritos.

— Quando você e Sawyer planejam o casamento e filhos?

Liz engessou um sorriso no rosto.

— Estamos planejando uma vida... — Eu limpei minha garganta. Ela me viu e riu, engolindo a palavra “*sexual*”. — Bem. —

Aceitou a minha taça e me segurou. — Sua tia acabou de me fazer uma pergunta interessante, amor. Quando planejamos filhos e casamento? Não é um doce?

Era só não cair no joguinho delas.

— Casamento e filhos? Em algum futuro próximo.

— Você já tem trinta e cinco anos, Sawyer. Até Cooper tem um bebê.

— Com uma garota que ele passou umas noites durante sete dias e eles não estão juntos, muito menos casados.

— Quando chegamos a essa conversa? Pensei que estivéssemos falando sobre a linda decoração de Natal — tia Meredith disse, olhando para as duas irmãs mais velhas.

— Só estamos garantindo. Gostamos da Liz e é por isso que fazemos planos.

Elizabeth sorriu e eu pedi licença, dizendo que precisávamos comer. Estava cansado, com sono e com fome. Casamento e filhos já haviam passado pela minha cabeça mais de uma vez, mas não iria meter os pés pelas mãos. Ainda era cedo para nós. Filhos

podiam acontecer a qualquer momento, talvez o casamento viesse através disso ou podíamos só casar, decidindo ter filhos depois.

Não era um assunto que gostaria que fosse discutido abertamente em uma noite de Natal. Ela deitou a cabeça

em meu ombro e observamos Jace olhar para Audrey com seu atual namoradinho, rindo um para o outro no canto.

— O que ela viu nele? É um babaca — Jace resmungou e eu ri. O cotovelo dele realmente estava doendo. — Eu sou muito mais bonito e muito mais legal.

— Dez anos mais velho também. — Liz entrou no murmúrio dele, ganhando um olhar letal. — Talvez seja isso o que a incomode.

Quando você a conheceu, ela era jovem. Bem mais jovem do que agora.

— Jace implicava com ela e a mandava sair de perto — contei e ele bufou.

— Eu era um babaca, assumo.

— Ela não quer ficar perto de você só porque você percebeu que ela cresceu e ficou linda. — Liz deu uma risadinha e ele grunhiu, ainda mais irritado. — Talvez você deva mostrar que se importa com as coisas que ela gosta, que percebeu que era um idiota e que ela é linda, inteligente, legal...

— Não dê forças a ele — reclamei e ganhei um tapinha na coxa.

— Tudo o que ele pode fazer é tentar, a gente nem sabe se ele vai conseguir.

Jace ficou ultrajado com minha namorada.

— Animador, Liz. Obrigado.

Afastei-me um pouco deles para conversar com meu pai, que estava medicado e ficou o tempo todo lendo um livro.

Ele leu vários trechos pra mim e fez seus próprios comentários, reconhecendo-me como filho e não ele mesmo mais novo. Liz se juntou a nós e ele leu para ela, dizendo que era muito bom ter um colírio para seus olhos em meio à leitura.

Um eterno galante.

Jules e Cooper chegaram mais tarde, eles passaram parte da noite na casa da mãe de Mason e mostraram várias fotos dele vestido de mini papai Noel. Os pais de Cooper eram amigos dos meus desde que éramos crianças, então, praticamente a mesma família. Jules se afastou um pouco para ficar com os pais e a irmã caçula por chamada de vídeo. Ela ficou chorando, com saudades e Cooper contou piadas para fazê-la rir.

Era interessante assistir meu melhor amigo apaixonado por uma garota que quase o castrou quando o pegou na cama com a namorada.

— Meu pai está nos convidando para o aniversário da esposa, na primeira semana de janeiro — Liz contou, olhando para o telefone. — Não quero ir. Posso te usar como desculpa? Vou dizer que já combinamos alguma coisa com seus pais e não podemos cancelar.

— Tudo bem, mas não faça isso sempre, não quero que seu pai pense que estou te afastando dele.

— Ele provavelmente vai saber que estou mentindo, mas não vai discutir. — Ela sorriu e voltou a digitar. Esticando o braço, tirou uma selfie de nós dois e enviou a ele. — Prontinho.

Mamãe fez sinal que iria servir a ceia e nós seguimos para a sala de jantar, onde trocamos amenidades de Natal e

sentamos todos à grande mesa que minha mãe conseguia aumentar a cada evento. Liz e Jules ficaram rindo de Jace sentado entre Audrey e o namorado. Minha prima deu um olhar exasperado para as meninas, enquanto meu amigo fazia o papel de durão perguntando quais eram as intenções do garoto.

Não socializei muito após o jantar porque Liz estava quase caindo de sono ao meu lado. Busquei nossa bolsa no carro e a conduzi até meu antigo quarto. Ela já o conhecia, então tomamos um banho quente e nos deitamos. Liz enfiou os pés gelados entre os meus e dormiu sem nem piscar duas vezes.

De manhã cedo acordei com ela no banheiro. Era hora de levantar também e rolei para fora da cama, juntando-me a ela no banho. Descemos para o café da manhã e para a troca de presentes, que durou uma eternidade até chegarmos aos nossos.

Ganhei tantos presentes que já estava meio tonto de tanto agradecer.

Liz amou o relógio e agradeceu os muitos presentes que ganhou também. Minha família era imensa e eu não tinha culpa que eles levavam a sério o Natal. Ela quase me matou repetindo que eu disse que ninguém iria se importar.

— Mais um? — perguntou confusa quando recebeu o quadro em suas mãos. Rasgou o embrulho e sorriu. — Ai, meu Deus! Você emoldurou o nosso primeiro dia! — Ela se emocionou e me deu um abraço apertado, fungando. Esfreguei suas costas, sem imaginar que ficaria tão feliz.

— Acho que podemos pendurar naquela parede vazia de casa — sussurrei em seu ouvido.

— Vou pendurar ao lado da porta. — Afastou o rosto e sequei suas lágrimas. Foi onde tirei a calcinha dela antes de subirmos para o quarto. Beijeí sua bochecha e olhei a hora. — Temos que ir, não é? — Seus olhos brilharam de animação. — Vou me despedir da sua mãe.

Toda reunião familiar era muito para a minha namorada. Eu não sabia se um dia ela iria se acostumar.

Capítulo Vinte e Cinco

Elizabeth

Sawyer não entendeu nada quando o arrastei para o quarto de descanso em nossa primeira hora de folga. Ele achou que minha pressa para ir embora era porque não aguentava mais estar rodeada de muitas pessoas, porém, eu queria mesmo é comemorar o lindo presente que ganhei. Nossa primeira vez foi especial por muitos motivos, não só pelo sexo incrível, como também por todo o processo que passamos para ficarmos juntos.

— Sexo no trabalho não estava na lista de coisas proibidas?
—

ele perguntou entre beijos. Tirei a minha camiseta como resposta. —

Não que seja um problema para mim.

Excitada desde cedo, empurrei-o para a pequena cama apertada, ficando nua com rapidez. Eu o beijeí do jeito intenso e provocante que o deixava de pau duro em segundos. Era nosso acordo trocarmos apenas um selinho em público, para que ele não ostentasse uma ereção no trabalho.

— Minha libido está nas alturas — falei contra sua boca. Ele gemeu, esfregando-se em minhas dobras e fechei os olhos.
— Vai ser sem camisinha aqui.

— Não me importo nem um pouco.

Montei nele, cobrindo sua boca, rebolando até derrubamos um pequeno quadrinho que ficava na parede. Tentamos ser o mais silenciosos possível. Não era profissional e não fazia parte da minha ética transar no trabalho, só não conseguia imaginar esperar mais trinta horas para tê-lo dentro de mim.

— Não sei o que deu em você, mas pode me atacar assim sempre. — Ele riu, me abraçando.

— Feliz Natal, amor. Eu te amo.

Com o olhar feliz e as bochechas coradas, ele disse que me amava também. Saímos da sala feito fugitivos e cada um correu de volta para o trabalho. Satisfeita, poderia enfrentar um exército.

Olhei para o meu saldo no banco, constatando que Keith havia sustado o cheque e meu advogado informou que ele continuava trabalhando, mas fez o velório para minha mãe da forma que pedi e foi bem bonito. Ele também pagou as dívidas e permanecia vivendo sozinho. Escrevi um e-mail para ele. Nunca tive nada contra Keith, sempre foi gentil, não quis ser meu pai e nem se intrometia na minha vida, apenas me respeitava.

Quando nova, chegava do trabalho com um pedaço de bolo pra mim. Durante toda a confusão, foi o único que disse que eu deveria acreditar no meu coração, que Vicky não era inocente como dizia e eu quase coloquei Chase atrás das

grades antes de ver que estava sendo manipulada pela minha irmã caçula.

Ele merecia ser preso mesmo assim, porém, minha irmã não foi abusada como ela o acusou. Na época, estava disposta a ir até as últimas consequências para proteger minha irmã do meu marido e no fim, eles estavam juntos o tempo todo.

Enquanto Chase corria atrás de mim, dizendo que me amava, ela me perseguia dizendo que foi abusada. Ambos não queriam perder a vida que eu lhes proporcionava. Era o meu dinheiro. Minha mãe defendia a filha caçula, dizendo que nunca confiou em Chase e que ele era mau para nós duas. Keith segurou a minha mão e disse que eu deveria confiar em mim mesma. Ele era um homem bruto pela vida, que não terminou os estudos, mas capaz de enxergar o que toda a minha inteligência me deixou cega.

Perder a minha mãe me jogou em um lugar que eu nunca quis estar. Só havia dor, tristeza e arrependimento. Com o passar dos dias, estava conseguindo organizar os meus pensamentos, sentimentos e me sentia no período probatório do luto.

Justamente pelo meu estado de espírito ainda não ser dos melhores, Sawyer declinou o convite de nossos amigos para irmos a uma festa em uma boate para comemorar o Ano Novo. Decidimos fazer uma breve *open party* até meia noite em casa e eles partiriam depois para a festa.

— Eu acho que esse vestido vai ficar ótimo em você. —

Audrey ergueu uma das opções que estavam sobre a minha cama.

— Você tem o colo dos seios bem bonito e pode usar com aquele cordão que minha mãe te deu no Natal.

Ela e Jules chegaram prontas, mas eu ainda estava sentada, de roupão e cabelos molhados, me olhando no espelho. Inventei de tirar os cabelos brancos com a pinça e esqueci de me arrumar.

Ainda não eram nove da noite, mas se eu queria curtir um pouco, eu precisava me vestir. Jules entrou com três copos de uma batida que Cooper inventou e fechou a porta com um chute.

— Eu seco o seu cabelo. — Audrey ligou o secador e começou a puxar as mechas com cuidado. Ajeitei as unhas que ficaram lascadas na arrumação de mais cedo. Quando ela terminou, ligou a chapinha. — Vocês acham que fiz errado em aceitar o convite de Jace sendo que eu terminei um relacionamento ontem?

— Um relacionamento relâmpago não conta — Jules disse do seu lugar na cama.

— Mesmo assim...

— Você gosta do Jace? — Assoprei minhas unhas.

— Romanticamente? Não. Só achei que seria uma boa curtir a noite de Ano Novo em uma boate legal e eu confio nele, sei que nada ruim vai acontecer.

— E se ele quiser ficar com você? — Jules perguntou sem tirar o canudinho da boca. — Ele quer, só para deixar claro, e obviamente, não vai te forçar, mas desde que ele te reencontrou como uma interna linda e gostosa, não pensa em outra coisa. Até diminuiu o número de garotas na roleta.

— Ele é bonito, mas é o *Jace*. Sempre encheu o saco e me expulsava de perto. Acho que essa noite vai ser o termômetro para mim. Se ele vai deixar de ser o *Jace* que conhecia ou...

— Ser o de sempre também é legal. Não pense que Cooper mudou por minha causa, ele só parou de transar com todas e agora transa comigo, dorme comigo e divide as contas comigo. — Jules riu e eu também.

Terminei de me arrumar e desci com elas, já meio alegrinha com um único copo de bebida. Sawyer me abraçou e disse que eu estava linda. Toda vez que ele dizia aquilo, tinha vontade de fazer uma dancinha.

Audrey parou para tirar uma foto nossa. Passei o dia inteiro preparando petiscos e outras comidinhas e fiquei satisfeita ao vê-los atacando tudo. Sawyer fez outra bebida pra mim enquanto atendia a ligação do meu pai. Todo mundo disse olá e vi que a casa dele estava cheia. Minha doce madrastra, a perfeita dama da sociedade, devia ter organizado um grande evento para manter-se nas colunas sociais.

Felizmente, meu pai já havia cansado de forçar uma conversa entre nós e não a colocou na ligação.

Audrey ligou a música e se existia uma coisa que pra mim era um desafio, era dançar. Era péssima em manter o ritmo, não tinha nenhum senso de direção e por isso nem me arrisquei, mesmo quando elas ficaram gritando. Dei as costas e fingi que não era comigo.

Jace e Cooper foram dançar no canto da sala com elas e eu comi as azeitonas do meu martini, observando-os. Sawyer dançava bem, às vezes ele ficava me rodeando e cantando, fazendo uns passinhos quando sabia que estava irritada e querendo me fazer sorrir.

— Vem dançar essa música comigo. — Sawyer tirou a taça da minha mão.

— O quê? Não. Você sabe que não sei dançar.

— Essa música vai tocar no nosso casamento — ele retrucou, agarrando-me pela cintura e soltei várias risadinhas como uma boba. Toda vez que ele falava “nosso casamento”, eu me sentia toda animadinha. — Vem! É só me seguir. Eu vou te conduzir.

— Estou pagando mico.

— Não está. — Ele me rodopiou.

Sawyer começou a cantar com sua voz perfeita e a se movimentar, puxando-me de um lado ao outro. Evitei olhar para os nossos pés ou ficaria tonta. De repente, ele me rodopiou e me derrubou em seu braço. Eu caí inclinada, com meu cabelo varrendo o chão e ele me puxou de volta. *Ok. Fiquei tonta. Comecei a rir.*

Outra música começou a tocar, tentei me afastar e ele não deixou. Sawyer ficou me ensinando alguns passos e estalando os dedos. Jace e Cooper estavam fazendo também e me afastei para rir dos três dançando igual. Audrey sussurrou que Meredith os obrigou a fazer aulas de dança quando ela completou vinte anos de casada com Joshua e fez uma grande festa de renovação de votos.

Bati palmas quando terminaram.

— Você é um homem de muitos talentos. — Abracei Sawyer e ele me deu um beijo que me fez entender que tinha outras muitas habilidades para mostrar mais tarde.

Audrey e Jace dançaram sozinhos e Sawyer revirou os olhos.

Ele não estava implicando tanto porque confiava no amigo, mas eu tinha a desconfiança de que o outro garoto saiu correndo depois da misteriosa ida ao lago para pesca só dos homens. Seja lá o que tenha acontecido, o menino terminou com Audrey no dia seguinte, dizendo que ele era muito imaturo para ela.

Sawyer jurava que não falou nada. Ferguson também. O pai e o primo juntos? Ele foi bem corajoso em enfrentar aquele dia.

Sentamos para jantar próximo às onze da noite. Sawyer fez salmão assado ao molho de alcaparras, eu fiz a salada e batatas bem coradas. Estava delicioso. Próximo à contagem, ficamos na janela para assistir os fogos e quando deu meia noite, beijei Sawyer.

Ele tornou meu ano muito melhor e por causa dele, tinha muito a agradecer. Sua presença transformou tudo.

Eu queria que no próximo ano realizássemos todos os planos que traçamos, incluindo a viagem de férias e tirar alguns finais de semana para sermos turistas em algum lugar próximo.

Os outros casais ainda tentaram nos convencer a ir, mas eu me animei em ficar sozinha com Sawyer, precisando que me

mostrasse algumas aventuras no nosso quarto. Assim que eles saíram, fechei a porta e me virei para ele, que estava sentado no sofá, então desci o zíper lateral do meu vestido lentamente. Por baixo, usava um conjunto de lingerie vermelha, bem pequena e transparente.

O vestido caiu em meus pés e ele assobiou, deixando o copo de lado. Ainda de salto, andei calmamente em sua

direção e dobrei meus joelhos um de cada lado das suas coxas. Sentei-me na ponta, tendo a distância perfeita para abrir sua camisa social. Livrando-me do último botão, beijei seu peito nu e o provoquei com a minha língua.

Sawyer puxou-me para si, levantando-se comigo em seu colo e subiu a escada em direção ao nosso quarto. Uma boa foda para começar o ano era indício de muitas felicidades.

Acordei de manhã cedo com meu celular tocando e era do hospital. Levantei-me correndo e me vesti, tentando estar apresentável. Não troquei de roupa para um scrub quando cheguei, precisando estar na emergência infantil o mais rápido possível e ganhei um banho de vômito de um bebê.

Nunca vi tanto embutido sair de dentro de uma criança pequena.

Dei uma ronda no andar e desejei feliz Ano Novo para todos antes de voltar para casa. Sawyer ainda estava dormindo.

Combinamos de ir para a casa dos pais dele para um almoço de primeiro dia do ano. Eu o deixei descansar enquanto limpei a bagunça da sala, lavei a louça e guardei todas as coisas que usamos, separando uma série de salgadinhos e frios que iriam estragar na geladeira, para levar. Também separei o pudim de leite.

Sawyer iria brigar comigo porque ele comia um inteiro sozinho.

Coloquei uma roupa quentinha e mais confortável, usando as minhas botas sem salto e antiderrapantes porque estava quase caindo com todo o gelo pelas ruas. Sawyer desceu sonolento e eu o ouvi arrastando as correntes que compramos para colocar nos

pneus do carro. Desde que começou a nevar, não saímos de carro, indo somente para o trabalho a pé e ele servindo de suporte para minhas escorregadas.

Tirei um cochilo durante o trajeto.

— Você trouxe o meu pudim?

— Você pode dividi-lo com as outras pessoas.

— Era só meu, por que você acha que não insisti para comerem ontem? — retrucou, mal-humorado.

— Deixa de ser bobo. Depois eu faço outro só para você, guloso.

Abrimos a porta, indo direto para a cozinha. Addison me recebeu com um sorriso materno que me deixava feliz e melancólica. Ela me entendia como ninguém. Era uma sogra muito adorável e ultimamente vinha sendo a mãe que sempre quis ter e não tive. Talvez fosse a formação em psiquiatria, porque somente uma pessoa que entendia loucos poderia me compreender. Carlie fez o melhor que pôde, mas eu fui muito mais difícil do que qualquer criança normal.

Eu entendi aquilo e não culpava mais a minha mãe. Eu deveria tê-la compreendido antes e falhei, estava aprendendo a lidar com o fato de que a minha sogra era a mãe que eu sempre pedi a Deus e Carlie foi a mãe que me ensinou a ser quem eu era.

Meredith pegou as vasilhas e começamos a separar o que poderíamos servir antes do almoço. Expliquei a elas porque Sawyer estava de bico e elas riram. Ele saiu bufando e foi ficar na sala com o pai e tio. Segundo Meredith, Audrey

estava morta, apagada e de ressaca. Ela me pediu para acordá-la.

Coloquei meu casaco e a bota de neve da minha sogra para atravessar o imenso quintal, com medo de escorregar e ir direto para a lona da piscina. Entrei pelos fundos, passando pela cozinha, subi a escada e bati na porta do quarto. Ouvi um *entre* bem baixinho.

— Foi tão bom assim?

Audrey saiu debaixo do mar de cobertas.

— Foi maravilhoso! — Ela sorriu sonolenta e se ajeitou.

Sentei-me ao seu lado. — Jace me beijou. Foi incrível, Liz! Quem beija daquele jeito? Fiquei louca! Ninguém nunca me beijou daquela forma! — ela gritou, dando pulinhos na cama e nós rimos. — Foi no meio de uma dança quando uma música bem sexy começou a tocar, ele me segurou pela nuca e me beijou. Eu me senti perdendo a virgindade da boca. Sério. Deve ser uma coisa de caras mais velhos, certo? Só fiquei com meninos mais novos que eu e agora, sei que dez anos não são muita coisa, mas fez diferença na prática.

— Eu não sei, seu primo não é tão mais velho que eu assim.

— Não conseguia conter minha risada por causa de suas bochechas coradas.

— Nós dançamos e nos beijamos muito, ele não cruzou a linha, mas já deu pra perceber que aquela carinha de anjo dele, de homem dos sonhos, é pura fachada. Ele tem uma pegada que quase esqueci meu nome — ela completou e eu ri mais ainda.

— Como vai ser agora?

— Eu vou ficar com ele, oras! Como vou deixar passar um cara que beija bem pra caramba e deve ser muito bom em todas as outras coisas, só porque não está na idade que eu planejei? Ele já chegou na minha tia?

— Não. Jules e Cooper também não.

— Vou me ajeitar.

Quando voltamos para a casa dos meus sogros, Jace já estava lá e eles trocaram olhares que deixariam qualquer outro excitado. Sawyer gemeu e escondeu o rosto no meu pescoço quando sentei-me em seu colo, aceitando a caneca de leite queimado que Joshua me ofereceu.

O pai de Sawyer estava calado, na dele, sentado com um livro no colo, olhando a neve cair. Sawyer disse que a medicação estava deixando-o sereno, mas que era complicado aceitar aquela condição porque ele sempre foi a pessoa mais animada da família nas festas, principalmente, as de fim de ano.

— Acho que alguém quer me deixar bêbada. — Dei um golinho.

Tinha conhaque demais no leite.

— Fraca.

Sawyer bebeu o restante e mordeu sua bochecha, ele riu e quase caímos da cadeira.

Cooper chegou com Mason todo empacotado, distribuindo sorrisos com o queixo babado pelos colos que passou. Jules parecia meio de ressaca, mas sempre abria um sorriso

quando o enteado se jogava em direção ao seu colo ou gritava quando ela aparecia em seu campo de visão. Ela parecia dominar os meninos Marks.

Ainda sentada no colo de Sawyer, percebi o quanto já me sentia parte daquela família e o quanto eles me acolheram. Tirando a avó e as tias mais velhas, todo restante sempre me recebeu de braços abertos, falavam dos problemas familiares na minha frente e me faziam sentir como se a minha opinião importasse.

Pensei no meu pai e no quanto não participava efetivamente de sua vida por causa da família dele. Nós nos falávamos todos os dias, conversávamos muito, sabia dos seus planos, dos objetivos de trabalho, da rotina, quais medicamentos tomava toda manhã e toda noite... Mas eu me recusava a saber sobre a nova família dele. Eu não conseguia aceitá-los como família.

Tentava olhar para eles e sentir sinceridade em suas ações, mas não conseguia. Meu sexto sentido sempre me dizia que aquela felicidade forçada e amor ao meu pai tinha muito mais a ver com o quanto ele poderia oferecer do que por quem ele realmente era. Se eu sentisse que os enteados dele o amavam pelo pai incrível que era, até os aceitaria como meus possíveis irmãos. Mas não sentia e não aceitava. Não gostava de pessoas interesseiras.

Almoçamos e ficamos na sala ouvindo o pai de Sawyer ler o capítulo de um romance de época. Era difícil demais acreditar que a grande mente de um dos médicos mais falados da minha faculdade estava com Alzheimer.

Foi uma tarde bem gostosa, mas Sawyer quis vir embora para que pudéssemos dormir bastante. O sono não veio tão fácil assim. Sawyer estava lendo anotações de uma

pesquisa científica que o pai nunca terminou e eu estava navegando pelo meu computador até que encontrei fotos minhas do Ano Novo anterior, na casa do meu pai, totalmente deslocada e infeliz. Comparei com as fotos atuais, notando como a minha antiga aparência era de uma mulher abandonada e amarga.

Nova Iorque realmente foi uma excelente decisão.

Capítulo Vinte e Seis

Elizabeth

As semanas se passaram e eu mergulhei em uma rotina meio insana, assumindo plantões noturnos para cobrir as férias do plantonista e também trabalhando no meu turno normalmente.

Quase não vi Sawyer, o que significava que nós pouco conversávamos, apenas transávamos a cada momento possível e ficávamos grudados como chicletes para matar a saudade.

Quando o período encerrou, tirei dois dias somente para dormir e retornei ao trabalho com mais um paciente em estado grave. A operação foi um sucesso e o garoto se recuperou bem.

Meu trabalho era emocionante, mesmo que extremamente cansativo.

No meio de janeiro, o tão famoso e falado baile da oncologia finalmente estava para acontecer. Como o tema era “*Black And White*”, precisei ir a uma longa jornada de compras para encontrar o perfeito vestido preto. Comprei sandálias e joias que combinassem.

Passei o dia inteiro no salão fazendo o meu cabelo, tratando dos fios, cortando pontas duplas e deixando-o em um penteado diferente do que estava acostumada a usar no dia-a-dia.

Fiz as minhas unhas e voltei para casa, onde fiz a minha própria maquiagem. Haveria um tapete vermelho e eu estaria entrando com um dos netos do homenageado da noite.

— Ei, linda! Vai demorar ainda mais? — Sawyer gritou impaciente do andar de baixo.

— Colocando o vestido!

Desci pronta, conferindo se estava com saldo liberado para fazer uma doação. Sawyer ficou de pé, assobiou e pediu uma voltinha. A maneira como seus olhos brilhavam por mim me fez sentir mais do que lisonjeada.

— Você está maravilhosa!

Agradei, dando-lhe um beijo cuidadoso e nós descemos para a limusine que nos aguardava na calçada. Sawyer prendeu meu casaco bem firme e seguimos para o local do evento. Ficamos meia hora na fila e quando Sawyer me ajudou a sair do carro, tiramos algumas fotos somente nós dois e outras acompanhados de Addison. Por motivos óbvios, o pai dele não estava presente e foi chato fugir das perguntas sobre a presença dele, já que pouquíssimas pessoas sabiam da doença.

O salão de festas do hotel era incrível, tinha lustres de cristal e estava lotado de gente bem vestida. Garçons mascarados serviam a todos e havia um ar de mistério que deixava tudo ainda mais interessante. Encontramos Jules e Cooper com Audrey e Jace na mesa a que fomos nomeados.

Sawyer pegou bebida para nós dois e passamos quase duas horas cumprimentando as muitas pessoas que passavam e queriam conversar.

— Você não me disse que seu pai viria — Sawyer sussurrou em meu ouvido e virei-me na direção em que ele olhava. Paul estava de braços dados com Suellen, a enteada e o namorado dela logo atrás.

— Eu não sabia que eles vinham. — Abri um sorriso para o meu pai. Ele me abraçou apertado. — Por que não me contou que viria?

— Para que não arrumasse um jeito de fugir de mim — ele sussurrou no meu ouvido e se afastou. — Você está linda, querida!

Sabe que apesar dos olhos e do cabelo, seu sorriso é igual ao da sua mãe. — Ele acariciou meu rosto com cuidado e me emocionei.

— Como vai, Sawyer? É bom te ver!

— Olá! Estão muito bonitas. — Dei um aceno distante para a esposa dele e a filha.

Elas acenaram de volta com sorrisos igualmente falsos.

Addison ajustou que Paul sentasse na mesma mesa que a minha. A cerimônia começou e todos os homens solteiros desapareceram do salão. Estava pronta para lutar pelo meu

namorado, porque não iria deixar ninguém ter um jantar com ele, não importava se era por uma boa causa ou não.

Depois que Joshua discursou e o avô de Sawyer também, começou o leilão.

Eu dei lances pequenos nos meus colegas plantonistas. Jules deu vários lances para Cooper e quase o perdeu para uma médica residente com quem ele já teve um caso, mas no fim, ela o comprou. Audrey perdeu Jace para a enfermeira chefe, mas nós fizemos de propósito, ela não deu mais lances até a senhora ganhar, ninguém conseguia conter a risada. Quando chegou a vez de Sawyer, várias plaquinhas levantaram e eu memorizei o rosto de cada uma.

Eu ia picotar todas elas com um bisturi.

Amber me deu um sorriso antes de levantar uma de cinco dólares. Era só aquilo que ela pagaria por ele? Coitado! Havia uma médica convidada de outro hospital que estava apostando alto.

— Cem mil dólares! — ela gritou o lance mais alto da noite e sorriu pra mim, orgulhosa e provocante. Sawyer estava adorando cada segundo. Quase o deixei ir com ela só por estar se achando, mas meu orgulho era muito maior.

— Um milhão de dólares. — Levantei minha plaquinha e foi um ofego geral.

O salão rompeu em palmas e o avô de Sawyer ria de se acabar.

— Senhoras e senhores, essa é a minha futura neta, doutora Elizabeth Nichols — ele disse ao microfone e eu sorri para as palmas. — Vá, filho. Sua namorada comprou encontros o suficiente para uma vida inteira. O anel da sua avó já está polido e disponível.

Eu podia sentir o chão me engolindo. Sawyer estava vermelho como um pimentão.

— É bom que ele tenha um anel — Paul resmungou atrás de mim e eu engoli meu champanhe todo. — Está tudo bem, querida.

Só estou deliciado em te ver tão ciumenta.

Sawyer me deu um beijo indiscreto, coisa que nunca fizemos em público e eu arrisquei uma olhada para tripudiar da outra médica, sentindo-me imatura demais, quase a nível colegial. Ele voltou para sua cadeira e a festa continuou com música e conversa.

Meu pai provocou Sawyer impiedosamente, até mesmo quando preenchi o cheque e entreguei para o mestre de cerimônias.

Originalmente, eu tinha planejado doar aquele dinheiro de forma anônima ou pela empresa do meu pai. Carlie achou que, como médica, eu poderia gerar um conflito de interesses. Então, comprei meu namorado por esse valor. Ele iria lavar a roupa e o banheiro o ano inteiro.

— Vem dançar comigo. — Sawyer se levantou e eu nem tentei negar, ele iria insistir até alguém vir me chamar também e eu ficaria sem graça. — É uma música lenta, dois passinhos para lá, dois passinhos para cá.

A orquestra tocou uma linda música suave e não tirei os olhos do rosto de Sawyer.

— Sabe o que nós vamos fazer quando chegarmos em casa?

— Alguma coisa que custe um milhão de dólares?

Não podia perder a piada.

— Mais do que isso. Vamos fazer amor a noite inteira — ele sussurrou e beijei sua boca. — Eu te amo.

— Eu também te amo, meu namorado caro.

— Posso interromper? Devido ao histórico de não dançar, faz tempo que não danço com a minha filha. — Paul sorriu e fui para seus braços. Sawyer buscou a mãe, que estava sentada com Meredith e a puxou para dançar. — Você está realmente feliz —

papai disse e assenti. — Apaixonada. — Concordei com orgulho. —

E bem acolhida em sua nova família. — Balancei a cabeça de novo.

— Bem, meu coração de pai não poderia estar mais tranquilo. Ele sabe sobre...

— Não. Ainda não.

— É hora de deixar isso para trás e agarrar a chance que está tendo.

— Estou planejando contar, mas cada vez que sinto que é o momento, fraquejo. Só não quero que ele sinta pena. Não vou suportar o olhar.

Papai me encarou, preocupado.

— Está planejando contar tudo? *Todos* os detalhes?

— Ele merece saber de tudo, não acho justo contar a história pela metade.

Minha respiração acelerou só com a ideia de abrir meu passado para o meu namorado.

— Vai ficar tudo bem, ele vai entender. Sawyer é um homem muito íntegro e tem a minha aprovação. — Papai beijou minha testa.

— A sua opinião e aceitação é mais importante do que tudo.

— A sua também. Por mais que eu tente, não entendo a sua rejeição à minha esposa. Eu não sei mais o que posso fazer para que goste dela.

Fiz uma careta. Não queria falar sobre meus sentimentos pela família dele.

— Não há nada que possa fazer, só não me force. Enquanto ela te fizer feliz e você estiver saudável, eu irei respeitá-la, mas não serei a melhor amiga. — Fui honesta e a música parou. — Vai ficar na cidade até quando?

— Dois dias. Podemos jantar juntos amanhã à noite?

— Vou adorar, que tal lá em casa? Viu só, eu posso ser uma boa anfitriã e receber as duas senhoras perfeitinhas com educação.

Paul riu, como se quisesse pagar para ver.

O jantar foi servido e depois, vários doces deliciosos. Sawyer e eu andamos um pouco pela festa e até nos encontramos com a doutora Newman, que deu as costas quando nos viu. Já Bryce, nos deu um aceno. Fingi que não vi e segui em frente.

— Nós vamos jantar na Liz amanhã? Você disse que íamos à ópera! — A enteada do meu pai choramingou. Suellen fingiu que não estava ouvindo e eu me virei, olhando aquela garota resmungar no ouvido do meu pai.

Foi difícil fingir que não ouvi e lhe dei uma expressão nojenta.

Sawyer me deu um olhar digno de imaginar o inferno congelado apenas com a sua força. Entramos na limusine e esperei ele vir com o famoso discurso de que eu deveria ser menos grosseira com a minha família. Discutimos por duas pessoas que não perdiam o sono por nossa causa e muito menos deixavam de usar seus cartões de créditos ao fazerem compras repetidamente.

Sawyer estava fazendo meus ouvidos sangrarem com a história de que eu deveria dar mais valor às pessoas que eram próximas a mim.

— Elas não são próximas. Nunca foram. — Perdi minha paciência quando chegamos em casa. Ele bateu a porta. — Eu a conheci como esposa de um dos amigos de pesca do meu pai. Ela sempre tinha aquela cara lá, sorriso no rosto, cabelo repartido ao meio e uma bolsa cara pendurada no ombro. A filha foi uma garota irritante que ficava gritando “papai” para tudo, pedindo dinheiro, pedindo o cartão de crédito ou para trocar o motorista.

— E daí?

— E quando o homem tem seus bens congelados por conta de uma investigação errônea, adivinha o que acontece? Ela pede o divórcio. Os filhos nunca mais procuraram o pai. E o que acontece depois? A mulher perfeita aparece na vida do *meu pai* justamente no ano em que ele lançou um novo software para levar mantimentos aos soldados em zonas distantes. Quem é o papai da garotinha mimada agora? O meu pai! O mundo delas poderia ficar perfeito novamente, se não fosse por mim. Você acha que elas me tratariam bem se tivessem acesso ao dinheiro? Se soubessem que

poderiam receber qualquer coisa se meu pai morresse? É claro que não! Eu sou um empecilho e sempre vou ser!

— E se você morrer amanhã? Antes do seu pai e de todo mundo? Para quem você acha que vai todo esse dinheiro?

E Sawyer achava mesmo que eu não tinha pensado naquilo?

— Para um projeto que ajuda famílias que possuem crianças desaparecidas ou sequestradas. — Abri um sorriso e ele bufou, jogando-se no sofá. — Sawyer, eu entendo tudo isso que está tentando me dizer e aprecio. Mas você é assim. Eu não sou. Não tenho facilidade de amar as pessoas e não confio nelas se eu não sentir que devo. Sua avó não gosta de mim e mesmo assim eu a adoro, porque sei que ela está tentando te proteger de outro relacionamento ruim. Eu sinto. É isso que me conduz. Não sinto nada bom além do meu ciúme.

— Amor...

— Eu não confio nelas. Em todos esses anos, elas nunca tomaram uma atitude que me fizesse confiar nelas, então, eu não confio. Não vou mentir para você, tento ser educada e nem sempre consigo. — Joguei minha bolsinha ao lado dele, tirando meu colar e os brincos.

— Você pode ao menos *tentar*?

— Você vai ver que estou certa. Sempre estou — afirmei e ele continuou me olhando. — Tudo bem.

— Agora nós chegamos a um consenso.

— Você fica buzinando na minha cabeça até que eu me sinta tonta e nós dois sabemos que meu cérebro é bem grande —

reclamei e ele riu, cruzando os tornozelos. — Esse assunto está me cansando. Não imaginei que terminaria a minha noite assim.

Comprei um cara e ele me prometeu uma longa noite de amor de forma ininterrupta. Isso não está acontecendo!

— Baby, cale a boca e tira a roupa — ele disse tranquilamente. Abri a minha boca, em choque. Chutei sua canela e dei as costas, subindo a escada para o closet.

Sawyer veio atrás de mim rindo e eu tirei meu vestido, revelando o espartilho que deixou meus peitos para cima e apertou

a minha barriga para o vestido fechar.

— Deus salve a América! Acho que a casa vai pegar fogo hoje!

Eu ri. Ele era tão idiota!

— Não chegue perto de mim, seu bobo.

— Eu sou o cara de um milhão de dólares. — Ele me abraçou e encostei-me na parede, passando meus braços por seu pescoço.

— É melhor você fazer valer a pena ou eu vou te vender para aquela outra médica.

Ele me ergueu no colo.

— Você não faria isso.

— Não, eu não faria.

Sawyer me colocou na cama e começou a se despir na minha frente, revelando cada pedaço do corpo que tanto amava.

Quando ficou só de cueca, separou meus joelhos e começou a provar que valia muito mais do que um milhão de dólares.

Capítulo Vinte e Sete

Sawyer

Olhei o jornal e vi a minha foto com Liz em destaque na coluna social. A jornalista comentou a escolha do vestido, dizendo que ela era linda e foi um dos alvos da noite por ter comprado o namorado solteiro por um milhão, com o avô aumentando os rumores de um possível casamento nos próximos meses. Foi mencionado meu casamento com Bryce e o tempo de separação, informando que ela também estava na festa e desacompanhada.

Eles também tinham um histórico de Liz, mas nada relevante, mencionando sua carreira e trabalhos, além de, claro, ser filha de Paul. Guardei o jornal na minha pasta, ainda rindo da ligação do meu avô. Ele estava muito idoso e se sentia no direito de falar o que bem entendesse.

Ele gostava da Liz. Já a minha avó, gostava de tirar a Liz do sério.

Amber me entregou uns prontuários para assinar rapidamente. Despedi-me, olhando em meu relógio e constatando que estava há meia hora atrasado do horário que prometi a Liz que estaria em casa. Ela conseguiu sair duas horas mais cedo do hospital para poder preparar o jantar e eu disse que a ajudaria quando percebi que ela estava no modo organização total e cheia de listas.

Nós precisávamos ir ao mercado, mas eu dei uma fugidinha na hora do almoço para poder comprar todas as coisas que ela listou detalhadamente, com gramas e marcas. *Muito chata, porra.*

Paul adorava carne, então, ela fazia uma entrada com filé mignon e o jantar com alcatra na pressão e molho de amêndoas, legumes cozidos, purê de batata e salada.

Entrei em casa, deixei minha pasta no quarto e desci novamente, lavei as mãos no banheiro e beijei sua bochecha. Ela estava preparando as entradas com um vestido preto, salto alto e os cabelos presos em coque. Pedi que colocasse a mesa com pratos,

talheres e taças para vinho, copo para suco, taça de água. Arrumei do jeito que a minha mãe sempre ensinou, dobrando os guardanapos com cuidado e posicionando os aquecedores bem longe do alcance das mãos para ninguém se queimar.

— Será que devemos servir as entradas na bandeja ou deixar na mesinha de centro com taças de licor e assim cada um se serve à vontade? O que foi? Estou bem?

— Acho que podemos servir primeiro e depois deixamos à vontade na mesa.

— Deixou alguma coisa espalhada lá em cima? Vou mostrar a casa ao meu pai. Viu só? Estou tentando. — Ela sorriu e deu uma voltinha. O temporizador do forno apitou. — Entradas prontinhas.

Escolhe o vinho?

Eu deveria ter dito que ela não precisava tentar demais porque iria explodir bem rápido. Considerei tirar as facas da

mesa.

Coloquei o aparador de bambu na mesinha e separei o licor de framboesa no aparador ao lado das taças. Liz veio e arrumou tudo do jeito dela. Revirei os olhos e peguei o controle da tevê. Escolhi uma lista de reprodução tranquila, que começou a tocar, e para irritá-la, dancei ao seu redor e ganhei uma porrada com o socador de alho no braço, pelo qual revidei com um tapa em sua bunda.

Ela gritou e tentou me morder. Paramos nossa guerra com o som do interfone tocando.

— Você desce e abre o portão. Meu pai vai fazer uma inspeção na garagem e eu só puxei o carro para frente para esconder as roupas que ainda não avisei à sua mãe que ela pode vir buscar para levar para a passadeira. — Ajeitou a roupa bem rápido. — Vai.

Desci a escada correndo e abri o portão para Paul, Suellen e a filha. Cumprimentei a todos e os conduzi para a escada. Liz estava na porta, sorridente, agarrou o pai e fez o progresso de estender a mão para cumprimentar as demais.

— Então aqui é o seu lugarzinho feliz? É enorme, muito maior do que nas fotos! — Paul comentou, olhando ao redor. — O que

significa esse quadrinho?

— Foi no dia que Sawyer e eu nos conhecemos. Ele queria bancar o guia turístico pra mim — Liz respondeu e segurei sua cintura.

— Não se conheceram no trabalho? — Suellen perguntou e vi que Liz estava com a língua presa. Apertei sua cintura.

— Não. Alguns dias antes nós nos conhecemos no bar aqui atrás, eu fui conhecer melhor meus inquilinos e ele chegou depois, todo simpático. Foi uma coincidência saber que trabalharíamos juntos depois. — Liz esfregou as mãos juntas.

— O teto é tão alto. Gostei. Lembra-me de um loft que morei na faculdade, pouco antes de me alistar — Paul elogiou e abriu um sorriso. — Sua mãe adorava — completou e eu vi que Suellen revirou os olhos discretamente.

— Você comprou esse lugar? — Letty, enteada do Paul, perguntou com um ar de admiração. — Deve ser legal ser médica e ganhar muito.

Liz apenas me deu um olhar e eu tive que concordar que foi um comentário estranho.

— Lá em cima fica o closet, escritório e o nosso quarto.

Depois faço um tour com calma, por que a gente não senta e vocês me contam como foi o dia hoje? — Liz apontou para o sofá. Servi o licor e ela pegou a bandeja de torradas com filé e molho. Estava uma delícia.

— Eu trabalhei o dia inteiro, querida. Tive duas reuniões produtivas, mas vou pedir que dê uma olhada nos contratos, adoro as suas opiniões — Paul disse e Liz assentiu. A linda relação deles me inspirava a ser igual com minha futura filha. Eu sentia falta de poder ter uma conversa com meu pai.

— Eu e mamãe fizemos compras. Não tem melhor lugar no mundo do que Nova Iorque para fazer compras. Talvez Paris ou Milão — Letty respondeu e eu quase podia ver Liz gritando em sua cabeça *“eu te disse”*. Estiquei uma taça de licor para ela. — E

vocês?

— Dei aulas o dia inteiro — respondi e peguei uma torrada.

— E eu fiz a retirada de um tumor do tamanho de uma bolinha de golfe da medula de um paciente de quinze anos de idade com paralisia. Foi um sucesso — Liz retrucou. Como ela jogava pesado! Letty não parecia interessada, então, ela se virou pra mim.

Deus, não.

Foque em outra pessoa, garota.

— Você é professor? Disse que deu aulas o dia inteiro.

— Não. Eu sou cardiologista e atendente, o hospital onde trabalhamos também é uma escola para médicos recém-formados, então, eu quis dizer que passei o dia inteiro ensinando esses jovens médicos a fazer procedimentos cardiológicos.

— Ah, isso sim é muito interessante. — Ela inclinou-se ao ponto do decote ficar um pouco caído. Suellen a chutou gentilmente.

Paul levantou e ficou na cozinha com Liz, ajudando-a. Eu fiquei com a difícil tarefa de conversar com duas mulheres que não tinham nenhum assunto para oferecer. Felizmente, Paul e Liz voltaram e a conversa ficou em um terreno seguro sobre a adaptação dela à cidade, lugares que conhecemos, nossa casa em Hampton e o trabalho. Eu não sabia que a maior parte dos clientes de Paul era do lado de cá do país e ele continuava morando em Seattle.

Era uma pergunta que nem Liz sabia responder por não entender direito. Por que ele morava longe? O que tinha em

Seattle? Liz os convidou para a mesa quando o assado de legumes ficou pronto. Eu a ajudei a levar todas as coisas quentes, servi vinho e água nas taças indicadas e começamos a comer.

— Está maravilhoso, querida — Paul disse, orgulhoso. — Liz já te contou com quem aprendeu a cozinhar, Sawyer?

— Sim, com a Carlie.

— Carlie chegou lá em casa ainda bem menina, ela primeiro foi babá de Liz, depois a nossa governanta, terminou os estudos e se tornou minha assistente pessoal. Hoje é a minha secretária

executiva — Paul abriu um sorriso encantador. — Uma das melhores pessoas que conheço na vida.

— Carlie é ótima — Liz concordou e eu sabia que devia ser, porque ela sempre falava dela com carinho. Suellen permaneceu com o sorriso no rosto, mesmo comendo e me perguntei se ela tinha um procedimento errado no botox ou se era assim mesmo. — E

então, Letty. Quais seus planos para a faculdade?

— Estou vindo estudar na Columbia. Papai já entrou em contato com a direção e minha vaga está garantida. Só estou convencendo-o de me dar um apartamento — Letty respondeu.

— Que bom que você e seu pai estão próximos de novo —
Liz retrucou e Suellen olhou para baixo.

— Não é o meu pai, eu não falo com ele. Estou falando de Paul — Letty respondeu e eu senti que ela teve prazer em pronunciar as palavras.

Liz continuou comendo, sem olhar para o pai, que estava analisando a expressão de Letty e fez uma menção de confusão.

Ele olhou profundamente para Suellen, que parecia meio perdida, tentando sorrir e acalmar os ânimos. Segurei a mão de Liz gentilmente. Ela iria explodir e nada a impediria, eu só teria que apreciar o show.

E seria um daqueles.

— Letty, seu pai te criou e amou. Não é porque o casamento dos seus pais acabou que você tem o direito de deixá-lo para trás.

Já que insiste tanto, aqui vai um conselho de uma irmã mais velha, não deixe *o seu pai* para trás. Você vai se arrepender quando perdê-lo — Liz disse enfaticamente. Letty revirou os olhos.

— Você não é minha irmã.

— Exatamente. Não sou irmã porque você não é filha do meu pai. Você tem o *seu pai* e o despreza porque é uma garota mimada, muito interesseira e que gosta do *meu pai* pelo que ele pode te dar.

Qual a comida favorita dele? Quando é o aniversário? Qual é o lugar favorito de pesca? Do que ele tem alergia? Você sabe? — Liz insistiu e eu vi Letty olhar para a mãe, desesperada.

— Letty sabe que Paul não é o pai dela, não precisa sentir ciúmes, Liz. Seu lugar no coração dele é intocável — Suellen disse gentilmente e eu ouvi uma pontada de alfinetada. — Ela só tem carinho por ele.

Liz abriu um sorriso lento, frio e perigoso.

— Nós conversamos sobre Columbia, você vai morar no alojamento como todos os estudantes. O seu pai me procurou e disse que arcaria com seus estudos, mesmo contra a sua vontade

— Paul disse calmamente. — Gosto muito de você, Letty. É uma menina muito querida, mas eu não vou fazer o que jamais permitiria que fizessem comigo.

Suellen apenas apertou a mão de Letty, provavelmente para mantê-la calada.

— Vou buscar a sobremesa. — Liz sorriu, animadinha e gentil. Ela era o diabo. — Você me ajuda, amor?

Graças ao layout aberto da cozinha, não dissemos nada, mas seu olhar podia falar muito mais do que a boca. Eu respondi a minha versão de *“Ok. Eu entendi, mas você está sendo petulante e barraqueira”*. Ela bateu com a espátula

em mim e agiu como se tivesse sido sem querer. Pegamos a torta de framboesa e servimos na mesa.

Paul ajudou recolhendo os pratos da comida mal tocada.

Assim que eles saíssem, eu iria fazer meu prato novamente e jantar como uma pessoa normal, até o fim.

— Adoro suas tortas, Carlie faz uma exatamente como essa.

— Paul provou um pedaço.

A torta estava deliciosa. Liz era muito boa com doces e eu era louco por eles.

— Eu liguei para ela hoje cedo. A receita é da sua avó, segredo de família.

Depois da sobremesa, Paul me contou histórias constrangedoras da minha namorada quando criança, e eu guardei várias para me vingar de todas aquelas que minhas tias contaram e

ela ficava me enchendo o saco. Suellen e Letty não participaram mais e quando a garota começou a bocejar, Paul marcou de almoçar com Liz no dia seguinte antes de irem embora.

Putá que pariu, foi uma tortura do caralho jantar com eles. Eu nunca mais iria discutir com Liz sobre a família dela. E eu achava que a minha era louca e disfuncional. Assim que ela subiu e fechou a porta, joguei-me no sofá.

— Eu te avisei. — Foi para a cozinha. Ela começou a limpar os pratos e os arrumou na máquina que havíamos comprado recentemente. Limpei a mesa e lavei as taças,

secando e guardando. Logo que terminamos de limpar, fez dois pratos e esquentou no micro-ondas. — E eu tentei.

— Você tentou — concordei e servi vinho para nós dois. —

Suellen pode amar seu pai. Tirando o fato de que a filha dela é vazia e fútil, ela pode amar seu pai.

— Eu realmente não sei. — Encolheu os ombros.

Continuamos comendo e quando terminamos, limpou os pratos e colocou na pia. Virou o meu banquinho para frente e me deu um sorriso. — Espere um minutinho.

Rápido, foi até o segundo andar e voltou com um pano na mão. Ainda sorrindo, amarrou no meu rosto e me deu um beijo. Ouvi que pegou alguma coisa, com vidro, e colocou no balcão, abriu a geladeira e fechou. Algo metálico também raspou no balcão.

— Ok. Abra a boca — pediu e abri. Confiava nela cegamente.

Ela passou algo nos meus lábios e antes que eu pudesse provar, lambeu. Estava gostando daquele jogo. — De novo. — Senti a colher. Ela colocou com cuidado e o gosto do creme delicioso espalhou-se na minha boca. — Consegue adivinhar o que é?

— Parece um mousse... — Refleti e ganhei um beijo com um gosto cítrico e ao mesmo tempo bem doce. — Não conheço. O que é?

— Prove sozinho. — Ela me deu outra colherada e enquanto experimentava, sua língua desenhava círculos em minha garganta.

Sua mãozinha subiu da minha coxa e brincou com o fecho da minha

calça, os nós dos dedos arrastavam em meu pau já animado. —

Gostou?

— É bom. Mas eu preciso provar de novo na sua boca para ter certeza. — Tentei segurá-la, mas ela fugiu dos meus braços. —

Volte aqui, gostosa.

— Espere. Não tire a venda.

Ouvi o som de um zíper e um baque surdo no chão.

Aproximou-se e passei a mão em sua bunda, coberta apenas com uma pequena calcinha.

— Vem aqui. — Senti sua mão na minha nuca e descí meu rosto para onde estava me conduzindo. O mamilo ereto roçou contra os meus lábios e eu o suguei, lambendo e limpando toda a calda. —

É romã.

— Baby, eu não preciso de romã para nada.

— Eu sei, mas eu achei a receita bem afrodisíaca.

Tirei a minha venda e apertei sua bunda, beijando-a e saindo do banquinho. Peguei o pote com a cobertura e ela me conduziu para o quarto. Quase tropecei porque só conseguia olhar para aquela bunda perfeita com uma calcinha preta pequena e empinada devido ao salto alto.

Chegamos ao quarto e aponte para a cama em uma ordem silenciosa.

Pinguei pequenas gotas entre seus seios até o umbigo, lambendo até a sua calcinha.

Capítulo Vinte e Oito

Sawyer

Nós dormimos após o banho. Ela culpou a romã duas vezes antes disso e eu fui obrigado a mostrar que não precisava de nenhuma fruta afrodisíaca para me deixar excitado. Ela sabia que aquelas provocações me pegavam, não era nada engraçadinha. No meio da noite, meu celular recebeu a chamada de um número desconhecido que me deixou em alerta, quase deixei passar, mas sendo médico, eu não me dava ao direito de perder ligações.

— Senhor Reedburn? O senhor ainda não me conhece, eu sou William Scott, segurança pessoal do senhor Nichols. Nós acabamos de dar entrada na emergência, o senhor Paul esteve sentindo fortes dores no peito e no braço nessa madrugada, eu o trouxe o mais rápido que consegui. O hospital ligará para Liz e ele não quer que ela se assuste — ele disse e me sentei na cama.

Eram três da manhã.

— Você pode me colocar com quem está atendendo? — pedi e meu plantonista noturno atendeu o telefonema. — Ele é o pai da Liz. Remova-o para a sala trauma quatro, eu estou a caminho. Não deixe meu sogro morrer. — Finalizei a ligação e virei-me para Liz, apagada. — Ei, baby. Acorde — chamei suavemente duas vezes e ela gemeu, tentando virar e fugir das minhas mãos. — Amor, olha pra mim. — Ganhei sua

atenção. — Paul deu entrada na emergência, precisamos nos vestir.

Com um pulo da cama, completamente histérica, muito diferente da reação com a mãe, correu para se vestir. Troquei de roupa, enfiando meus tênis no pé, puxando uma camiseta que não tinha certeza se vesti do lado certo, peguei as chaves e desci correndo atrás dela, que já estava atravessando a rua e mal tinha visto um ônibus que estava passando. Puxei-a de volta pelo casaco e ela repetia sem parar *“está tudo bem, está tudo bem”* .

Atravessamos a rua e entrei direto na emergência.

— Não! Me deixe ir lá! Me solta, William! — ela gritou para um homem negro corpulento que estava segurando-a. Cheguei na recepção. — Sawyer! É meu pai, me deixa ir, é meu pai!

Eu tive que ignorar seu lamento. Ela não podia entrar e vê-lo morrer.

— Como ele está? — Entrei na sala e peguei um par de luvas. A enfermeira estava realizando o ECG. — Oi, Paul. — Sorri ao vê-lo de olhos abertos. — Ainda com dor no peito? — Ele balançou a cabeça. — O quanto foi administrado de morfina?

Trabalhar com meu próprio sogro foi uma experiência bem apavorante. Paul estava mal, mas felizmente, reagindo. Antes de colocá-lo para descansar, ele tirou a máscara de oxigênio e sussurrou no meu ouvido algo que me deixou encucado. Abri a porta e William estava nela. Apenas repeti o que me foi dito

“Pelicano, diga a William”.

Estabilizado, abri a porta e Liz veio correndo. Ela apenas me olhou, praticamente implorando por uma boa notícia. Balancei a cabeça e abri um sorriso, ela suspirou e segurou a minha mão.

— Está estável. Ele parecia muito nervoso com todo mundo ao redor dele. Algum histórico?

— Hipertensão. Ele nunca me deu um susto desses.

— Eu acredito que ele seja um potencial paciente para RM.

Vou transferi-lo para a intensiva essa noite, dependendo de como for, amanhã para o quarto e logo que estiver o máximo recuperado, vou realizar os exames investigativos das artérias — expliquei e ela chorou, concordando. — Ele vai ficar bem.

— O que falou com William que ele saiu daqui como um furacão? — Liz secou os olhos, usando um lenço de papel.

— “Pelicano”. William mencionou algo?

— Faz sentido. — Ela olhou para porta com pesar.

— Estou perdido, amor. O que faz sentido?

— Você está vendo Suellen ou Letty aqui? Eu vou caçar essa mulher até no inferno se ela causou esse infarto no meu pai.

Beijei sua testa, esfregando os braços e ela se acalmou contra mim.

— Eu vou subir com ele, assim que arrumá-lo lá, te chamo para que possa vê-lo. Ele vai acordar e vai querer te ver.

— Vou fazer umas ligações e vou comprar um café, minha cabeça está explodindo.

Beijei seus lábios e fiz sinal para meu plantonista me ajudar a levá-lo.

— Ele chegou aqui à beira da morte — ele murmurou no elevador. — Mandei fazer um toxicológico. O segurança disse que ele apenas toma remédio para pressão, então, achei realmente muito estranho. Sei que é comum, mas me bateu essa sensação.

— Fez bem. Não podemos ignorar nosso instinto. — Olhei para o painel. — Horas atrás ele estava jantando lá em casa.

Empurrei Paul para uma unidade intensiva privativa e ajudei a enfermagem a ligá-lo nas máquinas. Meu sogro parecia saudável no jantar, só podia ter acontecido depois, porque eu teria percebido a mudança da coloração de sua pele ou das suas veias salientes no nariz.

Liz surgiu no meu campo de visão, falando ao celular.

— Em quanto tempo você consegue chegar ao hotel? — Ela empurrou um copo de café na minha direção. — William está bloqueando a porta. Elas não podem entrar. Ele está recolhendo todas as coisas dele e eu já pedi que o hotel encerrasse a conta em nome do meu pai, informei ao piloto que ela não tem mais autorização para solicitar voo e acionei o cartão de crédito, bloqueando o dela e o da filha — disse e eu sinalizei para Liz parar, mas ela ergueu a mão pedindo um minuto. — Ele deu o código, Carlie. Então, alguma coisa aconteceu. — Que porra ela estava fazendo? — Tire todas as coisas delas. Roupas, livros, qualquer coisa que pertença a elas da casa. Verifique se tem alguma joia da minha avó no meio de suas coisas e retire. Ela costumava usar sem a minha autorização. Assim que terminar, troque os códigos da casa

e me informe, o piloto estará à sua disposição. Ele vai precisar de você aqui.

Liz encerrou a ligação.

— Que porra foi essa? Como você simplesmente vai deixar a mulher do seu pai na rua? Não sabe o que aconteceu!

— Ele deu o código. — Liz encolheu os ombros. — Eu não sei o que ela fez ao ponto dele ser radical e dar o código, mas ele deu e é isso que temos que fazer quando ele o dá. Recolher tudo, marcar um ponto de encontro, o restante fui eu que aproveitei o momento e mandei mesmo.

— Que código?

— Meu pai é um homem do exército. William é seu segurança pessoal, eles provocam a ira de muita gente, mais vezes do que posso contar, então, temos um código. Pelicano é o código.

Eles agem assim. — Ela passou os braços pela minha cintura. —

Obrigada por cuidar tão bem dele e não me deixar chegar perto. Eu poderia ter infartado também. Meu coração bateu muito forte no peito e minhas pernas falharam.

— Não brinque com isso, eu não tenho estrutura. Esse café está maravilhoso, mas eu preciso de mais.

— Temos que começar a trabalhar em breve. — Ela bocejou.

— Eu preciso, você não. É filha do paciente.

— Vou enlouquecer se ficar parada o tempo todo aqui, então vou trabalhar e ficar vindo vê-lo. Não entrarei em

nenhuma cirurgia, porque confesso que posso me distrair.

— Fique com ele. Vou comprar nosso café da manhã.

— Obrigada, eu te amo. — Beijou-me e foi para o quarto, sentando-se na poltrona ao lado da cama. Fechei as portas e os deixei sozinhos.

Joshua me abordou no meio do caminho, perguntando se era verdade. A imprensa estava enlouquecida porque Suellen os chamou ao hotel para dizer que Liz foi a causadora do mal súbito do pai e eles discutiram porque ela não aceitava o casamento e nem a

relação de Letty com Paul, que bastou o pai passar mal para bloquear todos os bens e não permitir a presença dela como esposa no hospital, porque mesmo com o casamento, ela tinha direitos.

Eu vi o vídeo pelo celular e aprendi, pela última vez, a não questionar os sentimentos de Liz quando ela dizia que não confiava em uma pessoa.

Neguei e pedi que não falassem com ela sobre o assunto, porque estava muito alterada. Solicitei que fosse reforçada a segurança no andar da pediatria e na intensiva em que Paul estava internado. Não podia subir ninguém. Entrei em contato com a administração e listei Paul como privado, assim a imprensa não poderia ter acesso ao laudo médico dele.

A assessora de imprensa da minha família me ligou, ela conhecia Liz pessoalmente, porque o filho teve um tratamento clínico durante o Natal e ela se encantou com a minha namorada.

Ela leu o texto simples, direto, negando o ocorrido e informando que a família estava focada no tratamento de Paul, e não em responder

“fofocas”.

Assim que encerrei e entrei na cafeteria, comprei nosso café da manhã e subi. Minha mãe me ligou, minha Tia Meredith também, depois Audrey e quase fui atropelado por Jules, querendo saber onde Paul estava. Cooper e Jace mostraram mais declarações que saíram e eu estava pronto para estrangular um. Enquanto troquei de roupa, Cooper disse que mais um vídeo havia sido atualizado. Era um circo.

Voltei para o quarto de Paul e Liz estavam no celular, do lado de fora, falando de um lado ao outro, nervosa, completamente vermelha. Ela parecia *“Carrie, A Estranha”*, mas em uma versão bem mais macabra. Normalmente, evitava ficar na presença dela quando seu humor atingia um nível perigoso.

Solicitei à manutenção que retirasse a televisão do quarto e pedi a Amber, logo que ela chegou e veio ver Liz, que orientasse todas as enfermeiras, residentes e internos que não mencionassem o assunto no alcance dos ouvidos do paciente.

— Tenho que trocar de roupa. — Liz bateu a mão no balcão de mármore.

— Você não vai trabalhar hoje — Joshua disse atrás de nós.

— Folga. Fique e cuide do seu pai.

Liz fez um beicinho, mas concordou. Ela estava agitada demais para trabalhar.

— Eu venho te ver daqui a pouco. Tenho que começar o dia.

Comecei a trabalhar e tentei ficar concentrado. Não queria entrar em nenhuma cirurgia, porque no fim, sabia que minha mente estava dispersa demais. Fui bipado porque Paul havia acordado. Liz estava debruçada sobre o pai e Amber trocou a máscara de oxigênio para que ele falasse melhor.

— Estou aqui, pai. — Liz beijou sua mão.

— *Suellen*.

— Ela não está aqui.

— Eu sei que não. Pedi o divórcio.

Liz e eu trocamos um olhar.

— Ela queria a anulação do acordo pré-nupcial, disse que eu tinha que escolher entre você e ela. Eu te escolhi.

— Ah, papai. — Liz chorou, ainda segurando a mão dele. —

Eu sou bem grandinha, sei que não gosto dela, mas você a amava.

Não precisava passar por isso.

— Não, não. Amor não te coloca contra a parede.

Aquilo era triste. Uma mulher pedindo para um pai escolher entre ela e a filha? Perigoso. Uma situação, que no lugar dele, eu sabia que escolheria minha filha.

— Está tudo bem. William está cuidando de tudo e eu estou aqui com você. Não precisamos conversar sobre isso agora.

— Liz o acalmou.

— Eu quero a Carlie.

— Ela chegará em breve, eu prometo.

Paul ainda ficou acordado, mas em silêncio, hora ele cochilava ou segurava a mão de Liz. Com o decorrer do dia, foi melhorando, ficando mais disposto. À noite ele jantou dentro da receita da nutricionista, sem reclamar. Quando entrei no quarto após o horário, Liz estava dormindo, toda encolhida, com o celular no peito e meu casaco da cintura para baixo.

— Leve essa garota daqui — Paul disse assim que me viu. —

Ela não me deixou comer um pudim e não quis me deixar usar o telefone.

— Ainda não está autorizado a usar seu telefone. Sou seu médico e pode ficar chateado comigo, mas você vai poder comer o pudim.

— Sempre soube que você sabia fazer negócios. — Ele me deu um sorriso indulgente e olhou para a filha. — Leve-a para casa.

William vai ficar comigo essa noite e ela precisa estar descansada para trabalhar amanhã.

— Joshua deu folga a ela.

— Eu vou estar aqui, ela pode muito bem trabalhar e vir me ver de tempos em tempos. Leve essa garota para casa.

— Paul, você é insuportável — Liz murmurou e se espreguiçou. — A sua sorte é que estou realmente cansada e menos preocupada. E adivinha só? A dois minutos e quinze segundos do hospital, mas se vir correndo, chego em

trinta segundos — ela sussurrou conspiratória. Ele sorriu. — Fique bem, tá? Peça para a enfermeira me ligar se precisar de algo. Eu amo você.

Saímos do quarto quando William chegou. Ele trouxe pijamas para Paul e livros. Liz reforçou que não queria que ele visse as matérias, pelo menos não naquela noite. Achei engraçado que William revirou os olhos e a empurrou em direção ao elevador.

Subimos para a sala dos médicos e encontramos Jules, Jace e Cooper terminando de se arrumar para sair. Diego estava no banheiro, então, eu troquei de roupa ali fora e deixei para tomar banho em casa, porque estava cansado, só queria comer e dormir.

— Descanse, Liz. Vai ficar tudo bem com Paul. — Jules a abraçou.

— Ei, espere! — Diego saiu do banheiro todo arrumado. —

Estou bem, meninas? — ele perguntou nervoso e elas assentiram.

Liz ajustou a gravata dele e Jules arrumou o cabelo. — Olha só! —

Tirou do bolso uma caixinha e revelou um anel. — Vou propor a Ângela hoje.

Nós gritamos... bem, as meninas gritaram e nós, os caras, rimos. Demos um abraço em grupo. Diego estava nervoso, mas todos sabíamos que Ângela diria sim, ela era doce e perfeita para ele. Liz ficou toda boba, mal contendo a felicidade. Jules apenas olhou para Cooper, que encolheu os ombros.

— Parece que não é só Sawyer que tem o anel polido —

Jace brincou e minha linda garota me deu um olhar. —
Quantos casamentos teremos esse ano?

— Não sei, mas o meu é certo. — Diego sorriu todo animado.

— Desejem-me sorte.

Diego podia ter certeza de que teríamos mais um.

Capítulo Vinte e Nove

Elizabeth

Depois que Paul ficou quase quinze dias internado, eu estava precisando de uma pausa de muitas informações na minha cabeça.

Ele fez um cateterismo e uma angioplastia. Papai ainda tinha chances de mudar seus hábitos alimentares e inserir um pouco de exercícios no dia-a-dia. Teve alta repleto de recomendações e foi muito bem instalado em um hotel próximo à minha casa. Fiquei triste em não ter espaço para receber meu próprio pai, mas eu nunca pensei que aquilo algum dia fosse ser necessário.

Sawyer e eu consideramos dormir em um sofá cama, mas Paul não era um só. Ele vinha acompanhado de Carlie e William.

Logo que recebeu alta, papai rebateu as acusações da esposa e com um trabalho da assessoria de imprensa, o assunto morreu. Eu realmente não sabia por onde elas andavam, mas Paul botou a casa que eles moravam à venda e por enquanto, ia ficar no hotel, mas nós estávamos

procurando por alguma casa em um local próximo a Addison e Meredith.

Ele decidiu mudar-se para perto de mim e também porque a maior parte dos seus clientes estava na região. Ele sempre morou em Seattle, assim como toda a família, talvez tenha sido por isso que nunca abriu mão daquela cidade cinza e chuvosa. Visitei-o logo cedo, tomamos café e caminhei para o hospital, sendo surpreendida por um mar de corações e um ar romântico para todo lado.

Passei meu cartão e antes de entrar no elevador...

— Correio do amor! — Um rapaz fantasiado de um coração gigante me abordou.

Eu o conhecia da lanchonete.

— Desculpa, mas eu não estou solteira.

— Está listada como solteira, sua foto está no quadro.

Casada? Noiva? — questionou, neguei e ele sorriu. — Todas suas.

— Encheu-me de cartinhas em papel rosa. — Uma das mais concorridas, doutora Nichols.

Era melhor que todas fossem do meu namorado.

Segurando uma infinidade de cartas, cheguei à sala dos médicos encontrando meus amigos na agitação matinal de trocar de roupa, mexer em seus armários e tomar café da manhã. Despejei todas as minhas cartas em cima da mesa, enchi um copo de café e comecei a beber, indo para os armários. Sawyer estava amarrando o tênis, peguei meu scrub e entrei no banheiro. Jules estava de calça e sutiã,

fazendo uma trança no cabelo. Troquei de roupa ainda pensando nas cartas.

— Recebeu alguma cartinha?

— *Várias.*

— Eu também — resmunguei nada feliz e ela sorriu.

— Addison gosta de provocar Sawyer.

Saímos do banheiro e ouvi as risadas de Cooper.

— *“Doutora Nichols, você tem lindos olhos e uma incrível pele de porcelana. Com amor, do seu admirador secreto”* .

— Ele leu uma das cartas e Sawyer bufou, mas riu no fim das contas. — Essa é melhor, ouça: *“Quando você passa, fico louco com seu cheiro”* .

Parece que tem gente tocando punheta só com o cheiro da Liz.

— Grosseiro, Coop! — Jules puxou as cartas da mão dele. —

Conheço essa letra! É de um enfermeiro desse andar. Aquele baixinho com olhos risonhos.

— Por que Liz está recebendo essas cartas? Ângela não está. — Diego perguntou, terminando de se vestir.

— Não sou noiva e muito menos casada, fui listada como solteira pela minha sogra. — Peguei mais café. — Em todas essas cartas, não tem uma do meu namorado, não é?

Sawyer encolheu os ombros e coçou a cabeça com um sorrisinho sem graça. Revirei os olhos e saí, precisando começar a trabalhar. Passei pela recepção do andar e vi que

meu painel já estava cheio de cartas novamente, ou seja, em algum momento,

aquele coração gigante iria me encontrar. Pedi a Sawyer para não fazer reserva em nenhum lugar, não queria enfrentar filas e um local cheio, mas ele disse que tinha uma surpresa. Não sabia se disse apenas porque foi pego pelo momento ou se realmente tinha uma.

Ele não era do tipo atento a datas.

Eu estava muito estressada para comemorar qualquer coisa.

Todos os dias com meu pai no hospital me deixou emocionalmente abalada. Perder minha mãe ainda era um buraco fresco no meu peito e o susto com Paul só piorou meu desequilíbrio.

Passei por Addison e ela estava com Meredith, provavelmente arrumando encontros para as pessoas solteiras.

Minha sogra não podia ser uma pessoa normal. Ela já me fez passar por muitas situações constrangedoras e outras que preferia fingir que nunca existiram, mas Addison Reedburn superou na arte de aprontar comigo na semana do Dia dos Namorados.

Como crianças deveriam ser crianças, não havia absolutamente nada romântico no meu andar, apenas a usual brincadeira e brinquedos espalhados do dia-a-dia. Ângela me deu um sorriso animado e me passou os relatórios dos residentes da noite. Ela me mostrou as cores que escolheu para seu casamento no verão e achei o tom de azul muito bonito e suave, combinava bem para os dois.

— Como está seu pai hoje? — Audrey passou por mim rapidamente. Ela estava com Jules agora e eu sentia falta dos meus internos favoritos.

— Ele está bem, já está trabalhando, mas Carlie vai cuidar dele. Ele tem medo quando ela está irritada.

— Eu a achei tão linda! Quando eu crescer, quero ser como ela, ainda mais dominando tanto os homens como ela faz.

—

Audrey riu e foi bipada. — Gosto mais da Jules fora do trabalho.

Aqui ela é totalmente uma vaca.

Gargalhei, prometendo que não iria contar aquilo e continuei lendo quando uma sombra me atrapalhou.

— Correio do amor! — O maldito coração estava de volta. —

Alguém te deu chocolates! — Ele explodiu confetes em cima de mim e deixou as cartas com uma caixa de chocolate.

Se ele aparecesse novamente, eu o chutaria na bunda. Não existiria mais coração para o Dia dos Namorados de ninguém, inferno.

— Alguém está popular aqui. — Bryce passou por mim em direção a UTI. — Doutor Marks me pediu para levar os exames do bebê com APGAR 3 desta madrugada.

Ignorei-a e voltei a analisar os prontuários, pedindo correção de medicação quando uma intercorrência com uma criança que sofreu um acidente de carro com os pais naquela madrugada me fez parar tudo e sair correndo. Chamei Cooper e nós concordamos com o tratamento.

Ao retornar para o meu lugarzinho na sala de descanso para terminar os prontuários, ouvi um assobio conhecido. Olhei para cima e Mike estava se aproximando, usando o scrub azul do hospital e um jaleco. *Ele voltou de vez.*

— Ei, Mike.

— Ei, senhorita Popular do Correio do Amor. — Ele sorriu de seu jeito galante e pegou um chocolate, começando a comer. —

Estou sabendo que está bem requisitada.

— Bobeira. Como está sendo seu primeiro dia?

— A emergência está tranquila e o quadro de cirurgia em perfeita sincronia, então, tudo bem até agora.

— Em que posso te ajudar?

— Não posso vir conversar com uma velha amiga?

— Você não é louco. Antigamente, só me procurava no hospital para um propósito e nós dois sabemos que ainda não tem o desejo de morte de vir até aqui para isso.

— Não. Estive pensando se você poderia falar sobre mim para a Amber? — Ele souou esperançoso e eu o encarei, incrédulo.

— Enviei uma dessas cartinhas e assinei meu nome, mas a minha fonte disse que ela amassou e enfiou no bolso.

— Pelo menos não jogou fora. Foi o que fiz com todas as cartas da primeira leva.

— Você podia dizer a ela que sou um cara legal, bom de cama, que o sexo é incrível, essas coisas. Só para que

talvez ela se anime um pouquinho comigo.

— É claro que eu não vou falar todas essas coisas para ela, você é louco? Amber trabalha com meu namorado, isso é impróprio

— praticamente gritei e ele bufou. *Ele enfiou a noção no rabo?* —

Além do mais, por que vou mentir dessa forma? Eu só ficava com você porque não tinha ninguém melhor.

— *Ouch!* Não precisa ferir minha masculinidade dessa forma.

— Sawyer é muito melhor. — Fui honesta e ele revirou os olhos.

— Ah, qual é Liz amor, vamos lá... — Mike tentou me seduzir e foi tão engraçado perceber que eu caía naquilo antes, que ri e tapei minha boca.

— Eu não caio nessa.

— Não é o que parece — Sawyer disse atrás de mim e Mike se afastou. — Muito legal, *vocês dois*. Ficam assim sempre ou tive o prazer da primeira vez? — Ele deu as costas e bateu a porta da escada. Ele estava segurando um buquê de flores.

— Sawyer? — Suspirei e virei-me para Mike. — Desapareça da minha frente.

Ele pegou meus chocolates e saiu correndo. Decidi ir atrás de Sawyer, mas fui bipada na UTI. Não tive mais tempo para vê-lo, no almoço, o idiota se escondeu em algum lugar, não respondeu minhas chamadas e nem mensagens. Quando

cheguei à sala dos médicos, Cooper me disse que ele saiu mais cedo e foi para casa.

Estava carregando uma caixa de cartas, odiando cada uma delas e joguei no lixo do lado de fora do hospital depois que tive o trabalho de ler todas e descobrir que nenhuma era dele.

Capítulo Trinta

Elizabeth

Atravessei a rua e entrei em casa, subindo a escada. A sala estava escura, apenas a lâmpada em cima da ilha da cozinha acesa. Deixei minhas chaves e tirei o casaco, sapato e subi em direção ao quarto. Ele estava lendo, com uma expressão aborrecida. Tirei seu livro e coloquei de lado. Sentei-me em seu colo e ele continuou de braços cruzados.

— Mike estava tentando me convencer a falar dele para Amber — falei suavemente e ele grunhiu. — É sério! Ele queria que eu falasse coisas boas dele para ela, apenas isso. Ele flerta o tempo todo e com todo mundo. Eu ri porque achei engraçado que antigamente eu era tão carente que acabei ficando com ele.

Sawyer continuou em silêncio.

— Você não tem motivos e não precisa sentir ciúme. Eu amei que foi até lá com flores e iria amar mais ainda recebê-las sem você dar as costas. Nunca foi inseguro assim, o que está acontecendo?

— Duzentas cartas! Há *duzentos* funcionários tarados que são seus admiradores secretos. *Duzentos*. E ainda tem o babaca do Mike! — Ele arregalou os olhos. Comecei a rir, não tinha como me conter. Agarrei o rosto dele e o beijei.

— Estou sentada no colo do único que importa! Eu passei o dia inteiro desejando receber uma carta sua e não pense que me senti lisonjeada com aquilo, só me deixou completamente irritada. —

Beijei seus lábios repetidamente até ele ceder, me segurar mais apertado e me beijar de volta. — Sua mãe está tentando te pressionar, você sabe que ela faz isso. Nós combinamos não ceder à pressão até a hora em que estivermos prontos. Só cabe a nós decidir quando vamos casar. Vamos ignorar a sua mãe.

— Eu casaria com você amanhã. — Ele sorriu e soltou meu cabelo.

— Eu também. Eu te amo, sabe disso.

— Desculpa por hoje. Eu te amo muito.

— Sabe o que eu queria muito agora? — Esfreguei meu nariz no dele. — Sexo.

Meu cabelo ainda estava meio molhado do banho no hospital.

Sawyer sorriu de lado, observando-me tirar a roupa. Eu estava ficando muito rápida em ficar nua para transar. Rolando na cama, ficou por cima e não levou dois segundos para expulsar a calça do pijama do corpo. Ao invés de um preparo romântico, eu o queria exatamente daquela maneira.

Beijos incríveis, que me aqueciam por dentro, sua boca maravilhosa marcando minha pele, minha boceta molhada engolindo seu pau e os movimentos deliciosos que faziam com que a cama batesse contra a parede. Depois de um dia

particularmente difícil, tê-lo tão intensamente renovava as minhas energias.

Depois de fazermos as pazes com sexo maravilhoso, descemos e pedimos comida chinesa, comemos na frente da televisão assistindo a um documentário sobre obesidade infantil e cirurgias bariátricas. Fomos dormir tarde, despreocupados que com a volta de Mike, a emergência estaria supervisionada e poderíamos ser chamados apenas quando necessário.

Nossa alegria durou pouco quando fui acordada de manhã cedo e a emergência estava sem supervisão porque Mike foi admitido no meio da madrugada com desidratação aguda, flatulência, falta de sais minerais e diarreia. Levantei correndo e me arrumei, deixando Sawyer descansar um pouco mais. Cheguei ao hospital, já trocando de roupa e descendo para a emergência, organizando leitos, enfermeiros e internos. Dei alta a pacientes de observação e quando fiquei livre, um interno me chamou.

Amber estava pálida, sendo escorada por uma senhora idosa.

— Ela é minha vizinha, sei que é médica aqui — a mulher disse, nervosa. — Eu costumo deixar café todo dia na casa dela e a encontrei caída no banheiro.

— Amber! O que aconteceu? — Eu me assustei com seu estado. Ela virou para o lado e vomitou. — Está tudo bem, muito obrigado, nós vamos cuidar dela agora.

Amber estava com os mesmos sintomas que Mike. Talvez ela tenha aceitado a oferta dele e os dois estavam com algum efeito colateral do que comeram juntos.

— Estou assim desde que comi o chocolate daquele babaca e só piorei durante a noite — Amber disse, suando frio. Limpei sua testa.

Meus sentidos ficaram em alerta. *Chocolate? Oh, merda.*

— Mike te deu chocolate ontem? Antes do almoço?

— Depois que me enviou a estúpida carta, apareceu com um chocolate. Ele estava comendo um igual. Aceitei porque estava com fome, droga.

— Tudo bem, sem mais esforço agora, eu vou te colocar para descansar.

Pedi que fosse feito um exame toxicológico com urgência nos dois. Se Mike deu a Amber um dos chocolates que eu recebi naquele maldito correio de forma anônima, significava que alguém havia me enviado um presentinho batizado com uma dose alta o suficiente para colocar duas pessoas adultas e saudáveis de cama.

O resultado chegou algumas horas depois e eu levei para a sala de Joshua. Ele ainda estava colocando o jaleco quando invadi, completamente nervosa.

— Alguém tentou me envenenar. — Entreguei os exames e expliquei toda a história.

Joshua desceu comigo até Mike, que disse que não comeu nada depois do chocolate por ter começado com sintomas de diarreia, enjoo e vômito esporadicamente, até que foi piorando durante a noite. Quando ele viu que não era normal para uma intoxicação alimentar simples, retornou para o hospital.

Sawyer me encontrou com Joshua e nós seguimos para a sala de segurança enquanto explicava o que havia acontecido. Nós

nunca andamos de mãos dadas no hospital, mas naquele momento, eu precisava segurá-lo. Dois médicos intoxicados. Era grave.

O segurança estava demorando para identificar quem colocou os chocolates na minha caixinha, tanto Sawyer quanto eu precisávamos estar em nossos andares e por isso deixamos Joshua sozinho. Não conseguia expressar meu choque e surpresa de ser tão odiada ao ponto de decidirem me deixar de cama ou desidratada e até precisar de uma internação clínica.

Minha cabeça não estava no trabalho, fiquei preocupada com Amber, que não melhorava.

Ferguson informou que já sabia quem havia me dado o chocolate. A pessoa que colocou recebeu de outra e assim chegou até a mim.

Sawyer e eu subimos quando seu tio nos chamou e ao chegarmos lá, havia dois policiais do lado de fora. Eles estavam informais, mas era possível ver o distintivo e a arma. Sawyer abriu a porta e não pude ver quem estava lá dentro primeiro.

Eu não sabia se fiquei surpresa ou desapontada ao ver Bryce.

Seu rosto estava inchado e manchado de lágrimas.

— O quê? Que porra é essa? — Sawyer gritou e ela chorou ainda mais. — Foi você quem colocou veneno no chocolate para a Liz?

— Não foi veneno, era apenas uma dose de laxante — ela sussurrou e olhou para o chão. — Só queria que ela deixasse de ser perfeita por um único maldito dia. Todos a adoram e reverenciam, ela recebeu milhões de cartas, você me deixou por ela...

— Você é louca! — Sawyer explodiu e eu me encolhi no lugar, sem saber como reagir.

Bryce continuou chorando e não havia uma mísera parte do meu coração capaz de sentir pena dela.

— Não imaginei que causaria tanto! Segui as instruções da embalagem, era para ser uma traquinagem.

Ela era inacreditável.

— Uma traquinagem que deixou duas pessoas em estado grave de desidratação e uma delas começando a ter insuficiência renal! Você colocou além do que um corpo humano pode aguentar!

— Eu dei um passo à frente, completamente chocada com o quão longe ela foi para me atingir. — Sawyer já estava separado quando o conheci. Ficamos juntos, oficialmente, após o divórcio. Não servi de cama para a sua separação.

— Essa sua *traquinagem* te custou o seu lugar neste hospital

— Joshua disse calmamente. — Doutora Bryce Newman, você está demitida do programa de residência. Iniciaremos um processo de punição junto ao conselho médico pelos danos físicos causados a dois médicos deste hospital. A doutora Nichols está livre para tomar as medidas necessárias na justiça, caso seja do interesse dela.

Bryce chorou ainda mais, implorando que não fosse demitida, que aceitaria qualquer outra punição. Fui bipada com um SOS para o quarto de Amber.

— É melhor começar a rezar para que Amber se recupere, porque eu vou caçar você. — Ameacei e olhei para Sawyer. Ele estava tão vermelho que decidi puxá-lo comigo caso decidisse fazer justiça com as próprias mãos.

Como ela teve coragem de arriscar a carreira médica apenas para me ver de cama?

Chegamos ao quarto de Amber e estava uma confusão.

Sawyer contornou a situação e quando ela acordou, vomitou bastante, mas ao final do dia, ela estava mais controlada. A notícia do que Bryce havia feito se espalhou de tal forma que já estavam dizendo que foi uma tentativa de assassinato. Ela não teve uma despedida com tristeza, assisti sua saída carregando suas coisas com a cabeça baixa, ao lado dos policiais de mais cedo.

Sempre que pensava que o ser humano não podia me surpreender mais, alguém cometia algo épico ao meu lado.

— Isso que eu chamo de chegar ao fundo do poço. — Jules parou do meu lado. — O desespero é uma desgraça.

— Não posso acreditar. Não sei o que causo nas pessoas, ou elas me amam ou me odeiam muito. Na maior parte dos casos, quando me odeiam, buscam me machucar profundamente. —

Encolhi os ombros, sentindo uma súbita vontade de chorar.

— Eu nunca me interesso por alguém o suficiente para desejar seu mal. Quando percebo que não tenho muito em

comum, essa pessoa é indiferente. — Jules virou-se para mim. — Ah, querida. Não chore, não por aquela vaca. — Ela me abraçou quando as lágrimas caíram.

Amber estava mal e poderia ter sido eu.

Senti Sawyer me abraçar. O cheiro dele era inconfundível.

— Não chore, vai ficar tudo bem. — Ele secou meu rosto. —

Vamos para casa descansar.

Passamos para ver Amber uma última vez depois que tomamos banho e trocamos de roupa. Cheguei em casa e só me enrolei no roupão, querendo ficar sem nada, porque estava irritada e incomodada.

Sawyer foi para a cozinha fazer o nosso jantar. Tínhamos pulado o almoço, comi barrinhas de cereal e batatinhas o dia inteiro, precisava de algo com mais sustância. Fiquei jogada no sofá para fazer uma meia companhia. Ele abriu as janelas para grelhar o frango.

— Vem, linda. Está pronto.

Meu homem fez um delicioso sanduíche de frango. Tão bom que eu poderia comer dois, mas um já havia sido o suficiente para me deixar pronta para a cama. Coloquei uma calcinha limpa e um pijama, deitei e ganhei um abraço apertado. A sensação de que poderia ter sido eu estava pairando sobre nós dois e sabe-se lá o que aconteceria comigo, se eu comesse todos os chocolates sozinha.

Estava tão cansada que não liguei para o meu pai, como fazia todas as noites. Ele estava um pouco deprimido, assumiu que não queria enxergar que Suellen era quem eu

dizia que era. Eles brigaram feio logo que saíram da minha casa no dia do jantar.

Letty deu um ataque no carro e Paul me defendeu, não permitindo que falasse sobre mim. Ao chegar em seu quarto, ela o pressionou, dizendo que eu dominava o casamento deles, que era submetida às minhas humilhações e ele teria que escolher.

Ele me escolheu porque há meses percebeu que Suellen estava desviando o dinheiro que depositava em sua conta para outra com seu nome de solteira. Uma atitude que poderia ser normal se ela não ficasse dizendo que havia gastado com coisas da Letty, da casa e precisava de mais. Em seguida, pediu que houvesse alteração do acordo nupcial e sem Paul saber, solicitou uma cópia do testamento.

Naquela mesma noite, eles brigaram sobre o fato de que ele poderia morrer a qualquer momento e ela ficaria desamparada. Paul não a deixaria desamparada, óbvio que não, mas aquilo não era algo de se jogar na cara. Eu não entendi direito o que exatamente ela queria, mas eles estavam separados e eu, aliviada.

Dormi mal a noite inteira, um sono agitado que toda hora que eu me mexia, acordava e demorava a pegar no sono de novo.

Sonhei com coisas bizarras que meu cérebro computava quando ficava nervosa. Desisti de ter uma noite normal quando me peguei calculando a tabela periódica em uma equação de química que não via há séculos.

Acordei sentindo beijos nas minhas costas e me virei devagar. Sawyer sorriu e afagou minha bochecha. Olhei para o pé da cama e havia uma bandeja ali.

— Café da manhã? — Me sentei, faminta. Ele puxou a bandeja para o meu colo. Sawyer fez omelete de queijo e presunto e um iogurte grego com frutas e calda. Colocou um vasinho de flor e dois copos de suco de laranja. — Meu namorado todo romântico. —

Eu o beijei, profundamente apaixonada. — Feliz Dia dos Namorados, homem da minha vida.

— Viu como posso ser romântico? — ele falou contra os meus lábios e me mordeu suavemente. — Eu não fiz reservas em lugar nenhum, mas eu quero te levar a um lugar hoje.

— Tenho que vestir que tipo de roupa?

— Seu scrub está bom. Não iremos muito longe do hospital.

Terminamos de comer e achei fofo que ele tivesse acordado mais cedo só para preparar o café da manhã pra mim, ainda pegou algumas flores do vaso do prédio ao lado. Vestimo-nos e ao chegar ao hospital, fui direto trocar de roupa. Desci para ver Amber, sem socializar com os outros atendentes como normalmente. Ela estava melhor e com a mãe.

— Prazer em conhecê-la. — Sorri para a mulher alta, loira e com a pele tão esticada que eu estava nervosa. Quis tocar para ver se era bem resistente.

— Sabe me dizer se o doutor Reedburn está solteiro?

Eu fiquei surpresa e ri.

— Mãe, ela é a namorada dele — Amber grunhiu da cama.

— *Tão jovem assim?*

Ah, ela estava falando do meu sogro.

— Não. Meu sogro continua bem casado com a minha sogra, a doutora Addison Reedburn.

— Que pena. — Ela deu de ombros e foi até Amber. — Ah, querida, você vai ficar com essa cara de doente? Vamos passar uma maquiagem?

— Mãe, por favor, vá embora — Amber disse meio cansada.

— Foi você quem mandou chamá-la?

— Eu? Não. — Encolhi os ombros, olhando para a mulher peculiar. — O hospital sempre localiza o familiar do internado.

— Eu não sou uma paciente, eu sou médica aqui e isso é traição — Amber respondeu, batendo nas mãos da mãe dela, que insistia em passar um pouco de sombra.

— O que você fez com a minha filha? — Saltei no lugar com a voz potente de um homem atrás de mim. Ele era imenso. Quase disse que não fiz nada quando percebi que ele estava gritando com

a mãe dela, a ex-mulher. — Eu deixo Amber sozinha por uns dias e você faz logo alguma coisa!

— Moro sozinha. Vivo sozinha. — Amber cantou, meio irritada. — Pai, por favor, fale baixo.

— Se você fosse um pai presente, ela não estaria aqui. Foi um chocolate que a deixou assim. Onde você estava que não a impediu de comer chocolates? Sabe por que ela conhece o sabor de um? Porque você sempre deu doce a ela!

— Eu tenho vinte e sete anos, caso alguém tenha dúvidas —

Amber gemeu, mas era inútil. Seus pais estavam gritando um com o outro. Ela cobriu os ouvidos e escondeu o rosto no travesseiro.

A gritaria foi me dando um pânico e eu me lembrei da porcentagem de casais que não sobreviviam aos primeiros anos de casamento, mesmo após o nascimento de um filho, e eram obrigados a conviver um com o outro pelo resto da vida, arrastando uma série de mágoa e culpa sobre o outro. Crianças de pais divorciados que se odiavam, se tornavam adultos exatamente como Amber, frios, competitivos, que repeliam relacionamentos, que evitavam conflitos e tinham dificuldade de socialização.

Minha paciência se esgotou quando bati com o prontuário bruscamente na mesinha.

— Calem a boca! — gritei e eles pararam. — Isso aqui é um hospital. Amber é uma paciente e devem ficar em silêncio. Vocês dois estão proibidos de estarem aqui juntos. Saiam agora e só voltem um de cada vez ou eu vou proibir visitas para este quarto.

Fui clara?

Amber murmurou um obrigada e eu esperei que eles saíssem.

— É por isso que eu os evito. Misericórdia — ela murmurou e fechou os olhos.

Prescrevi um calmante e segui para a pediatria. O hospital ainda estava tomado por cartinhas de amor, mas, alguém fez a gentileza de tirar a minha foto, então, o coração ambulante estava a salvo de ganhar um chute na bunda.

— Diego esqueceu que hoje era o Dia dos Namorados e me deu a desculpa de que somos noivos. — Ângela disse e nós rimos.

— Nunca ligamos para essas datas.

— Sawyer trouxe café na cama. Eu dormi mal a noite inteira, ainda estou cansada, fiquei realmente preocupada com Amber e triste. Mike está estável e bem. Ele deve receber alta hoje. Ainda quero que Amber fique em observação. — Encostamos no balcão.

— Como alguém pode ter coragem de fazer isso, mesmo que a intenção seja de "brincadeira"?

— Ela é desequilibrada. Com uma mãe daquelas, eu também seria. Bryce sempre foi pressionada para ser a melhor, ter o melhor casamento e no baile, quando o avô de Sawyer disse que o anel estava polido, Whitney apertou o braço dela tão forte que ela gritou.

Foi uma cena.

Ângela confidenciou.

— Tudo isso para um casamento aparentemente lucrativo?

Não vale a pena.

Estava fazendo um curativo em uma paciente que não precisava de sutura quando fui bipada, era um SOS de Sawyer.

Deixei a enfermeira terminando e entrei no elevador, seguindo a instrução dele até o último andar que tinha funcionando, subindo de escada para o andar do arquivo morto, onde ficavam as peças antigas do hospital.

Empurrei a porta meio com medo de ser mais uma pessoa destilando sua raiva sobre mim e usando o número de Sawyer para me chamar, mas fiquei aliviada ao vê-lo segurando um saco de papel nos braços.

— Por que estamos aqui?

— Quando eu era criança, brincava nesse andar, minha mãe demorava horas para me chamar e eu ainda me escondia.

— Ele sorriu e cheguei mais perto. — Quero te mostrar uma coisa.

Nós subimos uma escada estreita e escura até que ele empurrou uma porta grossa de ferro, pintada de cinza. Saímos em um terraço amplo, do lado oposto do heliporto. Era possível ver toda

a cidade, vários prédios, mas o que deixava o lugar de tirar o fôlego era a impressão de como se estivéssemos no céu. Olhei para o alto, maravilhada. Mesmo com o vento gelado e forte, ainda era um lugar perfeito de se estar.

Sawyer me puxou para um lado onde tinha dois cobertores.

Ele se sentou, colocou a sacola de papel madeira de um lado, fiquei entre suas pernas e nos cobriu com o outro cobertor. Beijou meu pescoço e me virei, segurando seu rosto e dominando sua boca. O

beijo aqueceu o suficiente para que virasse e montasse em seu colo. Ele enfiou as mãos por baixo das minhas duas blusas e puxou meu sutiã para baixo, beliscando meus mamilos.

Gemi e ele se afastou, mas não me importei.

— Espere. Eu não te trouxe aqui para isso. — Ele nos parou e fiquei confusa.

Se ele não queria dar um amasso em um lugar exótico, o que queria? Sawyer apontou para o lado e eu vi. O sol se pondo era como uma gigante bola de fogo no horizonte e foi incrível ver a coloração do céu mudando lentamente, do azul intenso, passando pelo amarelo, rosado, ficando laranja e refletindo em todas as janelas de vidro ao redor. Apesar do hospital ser mais alto, era uma mistura de deixar de boca aberta. Um verdadeiro espetáculo.

Sawyer tirou copos de chocolate quente e dois bolinhos do saco.

— Piquenique ao pôr do sol? Está se superando, Sawyer Reedburn.

Ele sorriu, todo bobo. Aquele momento, por mais inusitado que fosse, acabou se tornando especial para mim. Depois do meu pai internado e o que Bryce havia aprontado, saber que independentemente do que fosse acontecer, ele estaria comigo, tornou o Dia dos Namorados ainda melhor.

— Obrigada por sempre pensar em todos os detalhes, mesmo os mais simples. Preciso disso em você, o quanto me completa e me faz acreditar que o amor está em todos os pedaços da nossa vida.

A linguagem de amor de Sawyer era perfeita.

Capítulo Trinta e Um

Sawyer

É um mentiroso quem diz que se relacionar é fácil. Mente mais ainda quem for capaz de duvidar o quanto Elizabeth

podia ser chata.

— Amor, o quanto você me ama? — Liz gritou do banheiro do andar de cima.

— Não vou lavar roupa de novo! — gritei de volta, atento à televisão.

— O quanto me ama? — Ela tentou novamente e ouvi sua risadinha insolente.

— Não vou descer para buscar uma calcinha limpa —

retruquei e xinguei o jogador por ter errado o passe da bola.

— Vai, filho da puta!

— Mas que merda, Sawyer! *O quanto me ama?* — Ela se irritou.

— Pra caralho! Mas eu *NÃO VOU SAIR DO SOFÁ PARA NADA!*

— Aumentei o som do jogo. Ela sempre queria alguma coisa na hora do jogo, fosse água ou ter que descer para a garagem nos melhores momentos.

— Nem mesmo se eu te chamar para tomar banho comigo?

— ela perguntou da porta do quarto.

— Você está menstruada. Não vou cair nessa — retruquei e enfiei a mão no meu pote de pipoca.

— Droga, amor, por favor! — reclamou e eu decidi não dar confiança. — Está bem. Eu não vou ficar menstruada para sempre, essa merda desse jogo vai acabar e você vai querer fazer sexo em algum momento da sua vida. Aguarde-me, Sawyer Reedburn! —

Ameaçou furiosinha. Ignorei e bebi minha cerveja.

Ela passou por mim, vestida, e na minha mente confusa com sua rapidez, vi que pegou a chave do carro. *Ah, merda.* Ela dirigia mal. Meu carro, porra! Levantei-me correndo e quando desci, já estava com a metade do veículo para fora, arrancando numa

velocidade que quase bateu com o para-choque no chão e saiu arrastando minha calota da frente novinha no meio fio da calçada.

Liz acionou para fechar o portão e cantou pneus quando o sinal abriu. Era melhor eu ter levantado. Fiquei sem graça de perguntar se o pai dela comprou a sua habilitação, porque não era normal uma pessoa que fez as aulas corretamente dirigir daquele jeito. Ela dizia que estava há quatro anos sem dirigir.

Voltei para a sala no meio de um ponto. Cesta! Pelo menos uma coisa boa. Abri mais uma cerveja e fiquei olhando para as janelas da frente para checar se ela estava voltando e ao mesmo tempo, prestando atenção na tevê. Liguei para o seu celular e ela desligou, deixando para a caixa postal. Já estava quase ligando para a empresa do seguro do carro para pedir que me enviassem a localização quando ouvi o portão abrir e ela entrar com o carro.

Bateu a porta tão forte que senti dor. Desci para vê-la, tirando várias sacolas do banco de trás, mas não vi o que era. Deixou em cima da ilha da cozinha e bateu a porta do banheiro da sala. Saiu me dando um olhar mortal que até saí do caminho.

Olhando-me, pegou uma sacola cheia de doces, subiu a escada e bateu a porta do quarto com força. Claramente não estava convidado para a festinha lá em cima. Era melhor dar um tempinho para que a cabeça dela esfriasse,

ela comesse todos os doces, fizesse efeito e aí subiria para pedir desculpas. Voltei a assistir televisão.

A TPM dela estava com força e eficiência.

Mais tarde, descobri que a porta do quarto estava trancada.

Não me dei ao trabalho de bater porque ela não iria abrir. Peguei uma toalha, roupas e tomei banho no banheiro da sala, me arrumando para o primeiro jantar na nova casa de Paul. Ele finalmente conseguiu se mudar depois de um mês vivendo em um hotel.

Liz e Carlie chegaram ao acordo da casa perfeita e ele concordou. Ainda não tinha visto a casa, só deixei Liz lá várias vezes durante a semana e fui trabalhar. Ela desceu de banho

tomado, pronta e de beicinho, braços cruzados e ficou em silêncio por todo o caminho. Estacionei no portão e esperamos William abrir, parei por fim na garagem.

Ela passou direto por William, deu um beijo em Paul e entrou sem descruzar os braços.

— TPM. Acordou bem e de repente... — Gesticulei com o braço e encolhi os ombros.

— Só dar chocolate a ela e deixá-la quieta — Paul me explicou.

— Está pior do que nos outros meses.

Liz ficou na cozinha com Carlie e depois de cumprimentar a mulher alta e loira, fiquei na sala com Peter, o filho dela de dez anos, fruto de seu casamento. Descobri que Carlie, a mulher assustadora, que basicamente comandava a vida de

Paul e criou Liz, foi casada por seis anos e o marido faleceu, vítima de um ataque cardíaco em uma briga no trabalho.
Triste.

Ela criava o menino com a ajuda de Paul. Liz não implicava com Peter, pelo contrário, ela brincava com ele com muito afeto.

Paul e Carlie dariam um excelente casal, mas, segundo a minha namorada, eles não se viam de forma romântica.

Era uma pena. Carlie era linda, calorosa e bem mais natural que Suellen.

Paul me deu um tour pela casa, mostrou-me o quarto que montou para nós, o de hóspedes, o quarto dele e o escritório.

Passamos pela sala de visitas, sala de televisão, uma pequena biblioteca com todos os seus livros antigos e diplomas na parede.

Ele tinha fotos com todos os últimos presidentes. Achei bem legal.

Inclusive, uma foto com o atual presidente em um churrasco que ele disse ter sido em sua casa de Seattle.

— Quintal grande com piscina. Netos. — Paul me deu um tapinha. — Quase morri. Vocês precisam me dar um neto. Não se esqueça de que eu quase morri.

— Não esquecer que você quase morreu, certo. — Comecei a rir. Como se ter um filho fosse fácil. Dias atrás, minha mãe me deu o anel da minha avó polido e ainda entregou uma cartinha dela dizendo que Liz aguentou firme a provocação e merecia usar a sua primeira aliança.

Voltamos para o interior da casa e ele me serviu com cerveja.

Liz estava bebendo vinho e comendo uns pãezinhos de alho que Carlie serviu.

— Ela não é mais a sua cozinheira e muito menos sua assistente pessoal — Liz disse assim que Paul entrou na cozinha.

— Ela quis cozinhar o primeiro jantar. Eu ia mandar trazer de um restaurante — Paul retrucou e puxou o cabelo da filha. Ela grunhiu. — Está tudo bem, filha? Precisa de uma focinheira hoje?

Ela só enfiou um pedaço de pão na boca e mastigou, olhando para o pai com a mesma fúria que me olhou o dia inteiro.

O jantar foi engraçado. Mesmo com Liz irritada, Paul e Carlie contaram as aventuras dele saindo para comprar remédio para cólica e absorventes na primeira menstruação da filha; Ele ligou para Carlie, que estava de folga, porque não fazia ideia do que comprar e Liz só gritava ao fundo sobre uma pesquisa que havia lido que meninas podiam morrer em suas primeiras menstruações, com embolia e até mesmo ter endometriose.

Eu ri tanto que precisei beber água. Liz estava ficando cada vez mais puta, mas depois ela foi relaxando, ou foi a sobremesa de chocolate que foi servida.

— Tem certeza de que é aqui que quer viver, papai? — Liz perguntou suavemente. — Sua vida toda viveu em Seattle, exceto quando esteve fora pelo exército.

— Você está aqui. A filha de William agora mora aqui. Carlie estava desejando mudar-se para cá e abrir uma filial fixa na cidade, além do mais, aqui tem a melhor escola para Peter. Minha família são vocês e eu só estava adiando o inevitável, seja pelo divórcio, ou pela mudança. Quase morri. Agora vou viver do jeito que eu quero, sem me apegar a coisas que podem ser superadas. — Ele pegou a

mão dela. — Você está começando de novo, tendo a chance de ter uma nova família. Não vou ficar longe enquanto isso acontece.

Liz me deu um sorriso tímido.

— Falta ele me pedir em casamento.

Eu percebi que, finalmente, tinha o sinal verde para seguir adiante.

Sorri e beijei sua bochecha. Carlie limpou a garganta ruidosamente e olhou incisivamente para Paul.

— O que você não está me contando? — Liz ficou preocupada e, imediatamente, agarrou minha mão. Seus nervos andavam à flor da pele com os últimos acontecimentos. Eu só queria um pouco de paz. Paul revirou os olhos como um adolescente, o que me fez rir.

— Suellen entrou com uma ação judicial de adultério, alegando ter provas de que Carlie e eu temos um caso. Ela está pedindo duzentos milhões de indenização.

Liz deu um gole do vinho e então explodiu em uma gargalhada.

— Você e Carlie? Sério? — Ela riu histericamente. Ninguém riu. — Ai, meu Deus! Ela tem provas? Vocês ficaram? Como

não fiquei sabendo disso antes? Vão se casar agora?

Carlie ficou vermelha e Paul também.

— O quê? Me expliquem!

— Bem que Paul gostaria... — William tossiu e ganhou um chute de algum deles por baixo da mesa.

— Ela tem chance de provar e ganhar esse dinheiro? — Liz voltou a parecer o monstrinho irritado novamente.

— Definitivamente não, Liz. Mas achei que Paul tinha que lhe contar antes que soubesse por algum jornal de fofoca — Carlie disse tranquilamente, dando um sorriso para Paul.

Tarde da noite voltamos para casa, ela estava menos emburrada e bicuda, porém, muito pensativa. Brincando com os

dedos, abriu e fechou a boca diversas vezes.

— Eu já fui casada. — Ela contou e eu pisei no freio bruscamente tamanho meu susto. Esperava que falasse qualquer coisa, menos que um dia foi casada. — Estive em um matrimônio dos meus vinte um aos vinte e seis anos — completou com calma, como se eu não tivesse quase matado nós dois. — Ele me traiu. Eu o peguei na cama com outra pessoa. Depois, ele também disse coisas horríveis, como que arquitetou um sequestro para me assustar. Eu vivi um ano no inferno.

O quê? Caralho? Eu ia matar o filho da puta!

— O desgraçado está morto?

— Não. Ele não faz parte da minha vida e não o vejo há anos. Apenas... foi horrível, Sawyer. Muito ruim. — Liz engoliu em seco, nervosa com a minha reação. Mas eu sabia que existia uma parte da vida dela que ainda não conseguia me contar.

— Eu sinto muito, Liz. Quer falar sobre isso agora?

— Pensei que eu nunca mais fosse amar alguém. Muito menos o suficiente para desejar passar a vida inteira ao lado, com muitos sonhos. — Ela olhou para a janela. — Mas eu encontrei você e tudo mudou.

Peguei a sua mão e beijei. Ela também me transformou.

— Eu não tenho muito o que falar sobre Chase, apenas que acabou e não sei da vida dele. Só sei que foi um dos motivos pelos quais me afastei da minha família materna e que meu pai seja ainda mais protetor comigo, mas hoje, quando eu te vi rindo com meu pai no quintal, senti uma paz que eu nunca senti nem com ele, nem antes dele e nem depois dele. Estou sentindo agora — ela continuou falando e torcendo os dedos em seu colo. — É você o dono dessa paz. Eu não entendo como uma pessoa pode transformar tudo e ao mesmo tempo sei que é o conjunto da obra.

Eu me sinto mais bonita, mais confiante, mais segura e mais amada.

E nem sabia que era possível. Poderia passar o dia inteiro listando todos os motivos pelos quais eu amo você. Só queria te dizer isso.

Sorri, emocionado com aquela declaração. Ela estava muito diferente de quando a conheci e se já era atraente naquela época, apenas tinha certeza de que precisava amarrá-la antes que outro a pescasse.

— Eu também te amo e quero casar com você, mas se eu te pedir agora, vai ser muito clichê. Tem que ser surpresa. — Nós trocamos um olhar e rimos. — E quanto ao seu casamento, sinto muito que tenha se machucado tanto.

— Há mais — confessou e percebi que ficou muito tensa. —

Essa parte é mais difícil do que falar da traição em si, então vamos por partes. E é melhor você não estar dirigindo. — Abriu um sorriso gentil. — Não quero falar sobre isso hoje porque estou muito emocional e vou acabar passando a imagem errada. Não me importo com Chase, na verdade, eu não sei te dizer se ele está vivo ou morto agora, mas a pessoa com quem ele se envolveu é que eu não superei. Não consigo *falar dela*.

A traição foi com alguém muito próximo, talvez, uma melhor amiga. Se minha suposição estivesse certa, não era de se admirar que ela não confiasse em ninguém. Ela não falava de nenhuma amiga, ninguém da faculdade, ninguém da infância. Essa pessoa que Liz não conseguia falar deveria ser alguém próximo ao ponto de que ela tivesse decidido se fechar para a vida.

Elizabeth era como uma flor desabrochando novamente.

— Isso significa que estou perdoado por mais cedo?

— Claro que não. Você foi um idiota em não comprar um mísero chocolate para mim, poxa vida! Estou sangrando!

Dramática.

— Não acredito que estou com cólica. Tem como parar em uma farmácia? Quero comprar aquelas bolsas térmicas e algum remédio.

Paramos em uma farmácia vinte e quatro horas e descemos.

Ela me deu a mão, o que significava que não queria me jogar da ponte. Entramos e compramos remédios para dor de cabeça, cólica, bolsa térmica e ela encheu a cestinha de maquiagens. Ela tinha

duas gavetas imensas só com coisas de passar no rosto. Não era possível que precisasse de mais. Também comprou cílios postiços e riu da minha cara quando eu disse que não sabia que ela usava de vez em quando.

Chegamos em casa e esquentei um pouco de água, coloquei na bolsa térmica, e subi com água e remédio. Troquei de roupa e deitei-me ao lado dela. Ela se posicionou de forma que a bolsa ficasse na base das minhas costas e em seu ventre, com as pernas encaixadas entre as minhas. Segurei a sua mãozinha na minha barriga e ela ficou dando beijos nas minhas costas repetidas vezes, me fazendo rir e, por incrível que pareça, me ninando.

Não havia sensação melhor do que dormir se sentindo amado.

De manhã cedo, ela ainda estava gemendo de dor e rolando na cama.

— Eu não tenho cólica há anos! — gritou e peguei seu remédio. — Só pode ser a merda desse anticoncepcional.

— Eu não tenho culpa.

— Tem, sim! Foi você quem disse que não queria mais transar com camisinha.

— Foi você, Liz! — argumentei inutilmente.

— Você deveria ter dito que não — gemeu e me encarou com os olhos cheios de lágrimas. — Você podia puxar fora.

— Agora eu sei que está realmente com muita dor, porque nós dois sabemos que poderíamos estar com um bebê a caminho se fosse por esse método.

— Converse comigo e me distraia.

— Você amava seu marido?

— *Ex-marido* — ela corrigiu e se ajeitou na cama. — Por um tempo? Sim. Não hoje, não mais. Também não o odeio, eu só não penso nele, simplesmente o tirei da minha mente e, principalmente, do coração. Eu não podia mais deixar que a crueldade daquela história me dominasse.

— O que te prende a essa história? Por que não superou?

Ela ficou pensativa.

— O casamento, eu superei. Demorou um pouco, mas eu superei porque decidi que não queria viver aquilo. Eu não sou o que ele disse. Não sou entediante, feia, frígida, confusa e amarga. — Liz entrelaçou nossos dedos e beijei, pensativo. — A única parte que concordo é que sou meio grossa e fria, mas não há nada que eu possa fazer quanto a isso. Ele disse que eu era ruim de cama, que sexo comigo era um sacrifício e ele fazia por caridade, o que eu nunca desconfiei de Chase. Demorei a entender que ele era a minha insistência de ter uma família.

Aquele cara sabia como acabar com a autoestima de uma mulher.

Capítulo Trinta e Dois

Sawyer

— Uma família? — pedi que continuasse o assunto.

— Meus pais se separaram quando eu era criança, sempre tive a ideia de que eu não iria me separar, que viveria para sempre com meu marido e teria filhos. Ainda bem que não tivemos, mas o ponto é que eu era uma estudante de medicina, interna em um hospital muito concorrido e não tinha tempo como outras pessoas.

— Ela se deitou novamente, com cólica e coloquei a bolsa térmica em seu ventre. — Não percebi que todo aquele jeito compreensivo e apaixonado era porque...

— O quê?

— Eu era uma garota rica, muito ocupada, que dava a ele acesso livre a minha conta para que gastasse como quisesse, como uma mãe que sente culpa por estar ausente na vida do filho. Criei um marido monstro — contou com pesar e compreendi seus sentimentos. — Achei que poderia levar uma vida inteira daquela forma até que, um dia, cheguei em casa e o encontrei na cama com outra. Nunca desconfiei que ele me traísse, nunca pensei que ele fosse menos do que perfeito, mas naquele dia, eu senti que meu mundo não só desabou, mas se despedaçou em muitos, mas muitos pedaços.

— Relacionamentos não são perfeitos. Nós não somos perfeitos. Você colocou todas as suas expectativas em um casamento e não é assim que funciona, acredite em mim, eu sei agora — ela concordou comigo. — Traição nunca é o remédio e eu entendo a sua dor, mas é hora de deixar isso pra lá.

— E eu deixei. A parte que cabe a Chase, eu deixei. A outra que eu não consigo é porque foi com a minha...

Nossos telefones tocaram ao mesmo tempo.

— É Meredith.

— É do hospital, pedindo que vá até lá.

— Meredith? Sim? Está sentado na minha frente — disse lentamente e ficou em silêncio. — Ah, certo. Agora? Não estou calma, Meredith! Apenas fale logo! — ela grunhiu irritada. — Oh, Deus, estamos indo!

— O que aconteceu?

Fiquei nervoso só com a expressão que ela fez.

— Seu pai, amor. Ele teve um surto. Sua mãe o internou para observação, mas ele está andando pelo hospital como se ainda fosse o chefe da cardiologia e está exigindo a presença do tal do doutor Reedburn que anda assinando os prontuários sem a autorização dele, dizendo que se você não aparecer, ele vai chamar a polícia — ela falou lentamente e eu comecei a rir. Era tão trágico que chegava a ser muito engraçado. — Acho que nós temos que ir até lá antes que você seja processado pelo seu próprio pai por falsidade ideológica.

Não nos arrumamos com pressa, sempre que minha mãe internava meu pai era porque ele estava no ápice, isso significava lembrar momentos da vida nos quais ele viveu com intensidade.

Atravessamos a rua juntos e fomos direto para a cardiologia. Nós nunca tivemos uma folga sem estarmos no

hospital, então, era normal nos ver passando por lá em roupas que não eram um scrub com jaleco.

Minha mãe e minha tia estavam em um canto enquanto meu pai, de óculos, lia um prontuário.

— O tratamento médico do impostor é muito bom, ele é um bom médico, mas por que assinar com meu nome? — questionou para elas e minha mãe estava tensa no canto. Liz e eu rimos. —

Quem é você? — ele perguntou a Liz.

— Sou a doutora Elizabeth Nichols. Chefe da Pediatria.

— Meu sogro está contratando crianças agora? — Papai analisou o rosto da Liz. — Você parece com alguém que eu conheço. É a namorada de alguém que eu conheço.

— Sim, você me conhece. — Liz sorriu.

— Eu sou casado, você sabe?

— Sim, eu sei. Eu também sou comprometida com um médico daqui.

— Com quem? Estou perdido com esses novos médicos!

— Doutor Sawyer Reedburn.

— Ah, você é comprometida com o impostor! — Ele abaixou o prontuário.

— Esse impostor seria eu, pai? — Apareci em seu campo de visão e ele ficou me olhando, sem entender muito, até ficar emocionado.

— Você cresceu, filho! Como você pode ter crescido tão rápido? — Segurou meus ombros. — Sua mãe sempre teve razão, você se tornaria um homem lindo. E é parecido comigo! Você é cardiologista também? O que eu disse sobre ser um advogado? Se quiser ter a chance de uma vida calma com aquela garota bonita, advocacia é o melhor caminho.

— Vamos tomar um café e eu te conto tudo — ofereci e ele tirou os óculos.

— Tenho um quarto aqui agora, sua mãe preparou para que eu possa descansar.

Meu pai me conduziu para a ala da psiquiatria, onde ele ficava internado sempre que tinha esses surtos. Sentamos cada um em uma poltrona e eu podia ter falado por horas sobre a minha vida.

Ele ouviu atentamente e interferiu em vários momentos, fazendo perguntas sobre momentos que viveu. Parte de mim acreditava que seu cérebro inseria as memórias e por isso se sentia confuso quando as ouvia.

Em algum momento, ele simplesmente ficou parado e depois perguntou se eu conhecia seu filho Sawyer, porque eu era muito parecido com ele. Mamãe aproveitou o momento para se aproximar e dizer que era hora de dormir. Como uma criança obediente, ele foi para a cama e deitou. Ela apagou a luz e o cobriu, deixando-o de touca cirúrgica e scrub.

— Vem, filho — ela sussurrou e eu fiz sinal, pedindo para ficar mais um minuto. Ao sair, ela se juntou a Tia Meredith e Liz. As três estavam paradas e me olhando com expectativa. Virei para o meu pai, sereno, dormindo, cansado porque não estava mais acostumado a se agitar e

percebi o quanto a vida podia escorregar entre nossos dedos.

Levantei-me e ignorei o chamado da minha mãe e tia, passando direto. Ouvi Liz se despedir rapidamente delas e vir correndo atrás de mim.

— Podemos pedir pizza para o jantar? — Sugeri e ela quase tropeçou ao meu lado, sem me responder. — O que acha, amor?

Pizza?

— Você quer pizza? Claro! Ótima ideia! — Tentou acompanhar meu ritmo. — Amor, ande devagar, suas pernas são enormes e as minhas não — gritou atrás de mim e eu parei. —

Obrigada.

Andei no ritmo dela, ansioso para chegar em casa. Estava perdendo o meu controle. Digitei o código de acesso e entrei, subindo a escada correndo. Abri a porta e ela bateu contra a parede, subi metade da escada e me sentei ali mesmo. Eu odiava perder o controle dos meus sentimentos. Odiava chorar.

— Ei, está tudo bem. — Liz sentou atrás de mim e puxou minha cabeça para o seu colo. — Fale sobre o seu pai. Você faz isso comigo e funciona, vamos lá, fale algo que não sei sobre meu sogro. Serei uma Reedburn um dia. Tenho que saber histórias sobre a minha família. — Senti um beijo no meu cabelo.

— Ele era animado. No trabalho o chamavam de *O Mágico de Oz* porque, às vezes, ele parecia meio surtado, mas a sala de cirurgia dele era sempre cheia. Assisti à primeira

cirurgia do meu pai pela galeria quando eu tinha dez anos e foi nesse dia que decidi ser médico. Eu amei vê-lo e quis ser como ele — contei e sequei meu rosto. — Era como um herói.

— Ele ainda é o seu herói, sempre será.

— Ele tinha a mania de assobiar pela casa. Era irritante acordar com ele assobiando, minha mãe o proibiu de entrar no meu quarto de manhã cedo, então ele ficava andando no corredor e assobiando para que eu acordasse e tomasse café com ele porque poderíamos ficar sem nos ver por dias. Às vezes, ele me fazia sair da escola no meio de uma aula, o motorista me levava para o hospital e ele ficava comigo por quinze minutos. Era o tempo que ele tinha livre e escolhia ficar comigo.

— Tenho certeza de que faremos ainda melhor com nossos filhos.

— Sabe o que acho engraçado? Meses atrás nós evitávamos falar sobre filhos e casamento. O que aconteceu conosco?

Ela riu profundamente.

— Eu sinceramente não sei. Quando cheguei a Nova Iorque, estava triste e amargurada, desenvolvendo uma obsessão com um monte de coisas, até que um idiota de cabelos bagunçados entrou na minha vida. — Liz me deu um sorriso charmoso. — Mas eu não atribuo toda essa mudança a você e também a mim. Vou fazer trinta e dois anos, pelo amor de Deus, em algum momento minha vida teria que mudar! A vida muda, certo?

— Não faço a mínima ideia de como chegamos a um acordo sobre o assunto, mas não me importo. Vai acontecer quando

estivermos prontos, totalmente prontos, o importante é que concordamos sobre isso.

— Eu acho que é uma coisa de idade, sabe? Aquela brincadeira do Jace deve estar certa. — Ajeitou seu cabelo que estava caindo no meu rosto. — Nosso relógio biológico está batendo. Eu li uma pesquisa uma vez que...

— Vamos pedir pizza. — Levantei-me e ela riu.

— Sempre sei como te fazer correr.

— Amo ouvir as suas pesquisas, amor. O histórico do nosso computador é variado. — Fui até a cozinha e peguei o caderno em que ela anotou todos os nossos restaurantes favoritos. — Mas se vamos falar sobre relógio biológico e idade, eu preciso comer.

— Por quê? Só porque está a quatro anos de fazer quarenta?

— Isso me dá quatorze anos antes dos cinquenta. — Parei para calcular. — O que significa que precisamos ter um bebê antes dos meus trinta e oito e o caçula até os meus quarenta e quatro.

Não quero ser um pai velho.

— Você não vai ser. A nossa geração tem filhos um pouco mais tarde.

Eu estava falando sério. A idade e os cálculos estavam me assustando. Como não me dei conta daquilo antes?

— Uma ova! Vamos fazer um bebê agora!

— Não podemos fazer um bebê agora, acalme-se. Você vai ser um pai velho e ativo.

— Porcaria nenhuma. Um bebê. Agora. — Tirei minha camisa.

— Ok. Mas eu estou menstruada, quando começar a ovular, nós conversamos sobre isso. — Liz ficou de pé e me abraçou. — Eu sei que ver seu pai dessa forma te deixa paranoico, mas ei, não estamos velhos. Vamos ter um bebê no momento certo, agora estou muito bem em podermos transar quando quisermos e onde quisermos. Será só nós dois por enquanto e vamos ficar bem.

Deitei minha cabeça em seu ombro.

— Eu não quero que meu filho sofra comigo — murmurei, pensando no meu pai. — Há grandes chances de que eu também tenha Alzheimer quando envelhecer. E se isso acontecer na mesma idade do meu pai? Meu filho poderia ter dez anos ou menos. Ele não vai ter bons momentos comigo e eu vou esquecer todos com ele. Eu nem vou reconhecê-lo, Liz.

— Pare com isso, Sawyer. Eu sei que é doloroso, dói em mim também, porque de alguma forma me afeiçoei ao seu pai, mas baby, você não tem o gene.

— Você mais do que ninguém sabe as porcentagens...

— Eu sei das porcentagens e as suas são mínimas.

Sentei-me no sofá e ela sentou-se ao meu lado. Irritado por ainda estar chorando, sequei meu rosto e ela enfiou a mão no meu bolso, pegando meu telefone e digitando uma mensagem para o número da pizza.

— O que você está fazendo? Isso é pizza demais para nós dois. — Ela se intrometeu.

— Não encha o saco. Nós vamos comer muita pizza, beber todas as cervejas da geladeira, ficar bêbados, falar besteira e dormir.

— Esse é seu tipo de terapia?

— Sim! Não estamos velhos, apenas chegando lá, temos tempo ainda para sermos inconsequentes. Vamos trabalhar amanhã de ressaca.

Liz pulou nas minhas costas.

— Como nos tempos da faculdade. — Beijou a minha bochecha. — Quando tivermos um filho, faremos de tudo para que ele tenha as melhores memórias possíveis. Não vamos ficar paranoicos. Já sou paranoica, obsessiva, controladora, com transtornos e completamente histérica em alguns momentos por nós dois.

Eu não aguentei e ri. Era verdade.

— Nós vamos ficar bem, não vamos?

— Sim, nós vamos — garanti com muita certeza.

Naquele momento, percebi que não me importava se ela já havia sido casada. Não importava os motivos pelos quais ela estava mudando. *Nós* estávamos mudando. Por nós mesmos, pelos outros, por amor. *No fim do dia*, ela estava comigo, segura de que iríamos ficar bem. Então, eu simplesmente sabia que iríamos ficar bem.

Capítulo Trinta e Três

Elizabeth

— Sua boca está inchada. — Jules apontou quando entrei no banheiro para nossa troca matinal. — Está com alguma reação alérgica?

— Não.

— O que aconteceu? — Ela estava genuinamente preocupada.

— Estava transando com meu futuro marido na sala de descanso porque eu estava excitada e decidi que ele poderia cuidar do assunto — ofereci com honestidade.

Jules soltou uma gargalhada e de repente, parou, arregalando os olhos.

— Estão noivos? — Soltou um gritinho.

— Não. Ainda não! Mas nós vamos nos casar!

Jules ficou confusa.

— Deixe-me entender, vocês concordaram que vão casar, mas Sawyer não te pediu? — Jules conferiu com o cenho franzido.

— Nós percebemos que queremos casar, o que não significa que ele irá me pedir agora, mas vai ser em algum momento.

Também decidimos ter filhos.

Jules me deu um abraço, muito feliz por mim. A irmã que a vida me deu era a minha maior parceira.

— Isso é muito bom. Quando chegou aqui, estava apavorada e com medo de ter seu coração partido. Sinto orgulho da sua evolução. — Jules apertou minhas bochechas. — Cooper e eu queremos um casamento

simples, algo na prefeitura, um jantar entre amigos e fotos com Mason.

— Meu pai está próximo e eu acho que existe alguma coisa entre ele e a mulher que me criou. — Coloquei minhas calças. — Eu tenho uma melhor amiga, uma irmã que eu pude escolher, tenho Cooper como meu irmão, ele é um cara incrível e o adoro. Jace é

um bom amigo e ótimo em competir. Tenho Audrey também, ela é fofa. Eu nunca acho as pessoas fofas, normalmente elas me irritam.

— Parei na frente do espelho. — Tenho meu próprio andar. Eu sou a chefe. Acho que eu só parei de sonhar e realizei tudo que tenho agora. Estou muito feliz, Jules. Eu me sinto tão feliz que quero chorar.

— Eu te entendo. Ano passado eu sofri muito e culpei Cooper. Agora ele é quem me faz feliz. Isso não é insano?

— Muita loucura. Faz parte da nossa vida espetacular.

— Ah, antes que se sinta estranha, nós também falamos sobre casamento, mas algo como uma formalidade, como médicos, porque você sabe, com meus pais na Irlanda e os dele totalmente loucos, seria bom ter alguém decidindo se deveriam desligar meus aparelhos ou não.

Parei para pensar no quão aquilo era importante depois de ter passado por aquela situação dolorosa com a minha mãe.

— Sawyer e eu conversamos sobre ele ter Alzheimer.

Compramos uma câmera fotográfica e agora filmamos muitas coisas que achamos importantes.

— Alguém anda praticando sex tape — Jules brincou e eu ri.

— A ideia passou pela minha cabeça. — Olhei para Jules e me inclinei, para falar mais baixo. — Sawyer está realmente paranoico, mais do que eu quando encontro bolinhas vermelhas na minha pele e acho que estou com lúpus. Nada de brincadeiras sobre isso.

— Vou falar com Cooper também, ele fica insuportável no aniversário das pessoas — ela garantiu e respirei fundo. — O quê?

O que mais?

— Faz duas semanas que contei a Sawyer sobre meu casamento — confessei e Jules abriu a boca, chocada. — Eu já fui casada. Não gosto de falar sobre isso e não vou, mas eu não quero que pense que não dou valor a nossa amizade.

— Quando estiver pronta para falar mais sobre, estou aqui para te ouvir.

Era por isso que eu a amava.

Durante o café da manhã, pensei no quão longe cheguei.

Não conseguia pensar na possibilidade de falar sobre meu casamento, mas já não doía mais. Era como se eu pudesse levantar a casca de uma ferida curada. Chase não me afetava como antes.

Mas Vicky sim, por alguma razão inexplicável, sentia vergonha de contar para as pessoas que foi com ela que meu marido me traiu.

Ainda tinha medo de ouvir *“por que você deixou a sua irmã, com hormônios à flor da pele, viver com seu marido solitário e com tesão?”* ou *“você tem certeza de que era uma relação consensual, querida? Sua irmã pode estar vivendo um relacionamento abusivo e você pode salvá-la”*. Eu já tinha ouvido essas frases antes e me culpei por anos.

Era bom estar livre da culpa. Um dos motivos que gostaria de contar a Sawyer era para provar que estava livre do meu passado.

Porém, o medo de trazer a história pesada era o que mantinha meus pés presos no chão. Não podia continuar assim. Não mais.

Era necessário exterminar a nuvem negra e me libertar.

Eu tinha o direito de me sentir livre de uma dor que não causei.

Realmente queria uma vida com Sawyer. O que sentia por ele não chegava aos pés do que um dia achei sentir por Chase. Tudo que sonhava com Sawyer era lindo. Eu não precisava me preocupar em estar sendo ausente, porque ele entendia meus horários confusos, afinal, ele também tinha horários loucos. Nós fazíamos planos a dois, eu fazia minhas listas e ele ria delas, fazendo as dele em qualquer lugar pela casa, incluindo nas paredes.

Nós irritávamos um ao outro, e no fim, mesmo brigando, mesmo querendo explodir o outro com uma granada, ficávamos bem.

Eu idealizei Chase. Ele foi um cara bonito que conseguiu a atenção da garota nerd, pediu-a em casamento após um ano de

namoro e casou-se no ano seguinte, morando em uma enorme mansão, com vários carros importados na garagem e cartão de crédito ilimitado. Antes dele, nunca liguei para o dinheiro, mas ele me fez aprender que pessoas são capazes de tudo por ele.

Sawyer era real. O amor dele por mim era real.

— Ei, baby, será que podemos cancelar com Audrey e Jace essa noite? — Ele parou e sorriu. — Eu realmente queria terminar aquele assunto que começamos há duas semanas, você lembra?

Sawyer segurou meu rosto com carinho.

— Você quer terminar de me contar hoje?

— Não quero, mas eu preciso.

— Eu vou estar com você, amor. Vamos seguir em frente. —

Beijou-me gentilmente. — Vou cancelar com Jace.

— Obrigada.

Animada e completamente nervosa ao ponto de quase vomitar, todas as memórias que enfiiei em uma caixinha estavam explodindo através dos meus olhos. Me senti tonta, precisando parar duas vezes antes que caísse. Não podia ter um ataque de pânico.

— Ei, você está bem? Está pálida. — Ângela passou por mim e parou. — Caramba, Liz! Vem sentar.

— É só meu corpo idiota me traindo.

— Está acontecendo algo? Quer que chame Sawyer?

— Não! — gritei e a coitada deu um salto. — Quando estou ansiosa, fico nervosa, começo a entrar em pânico. Se eu começar a falar disparadamente, dê um jeito de me parar, senão o dia pode ser um completo desastre.

— Tudo bem, tome um tempo, temos uma hora antes das visitas. Sua dose de cafeína está completa?

— Não.

— Vamos sequestrar Audrey de Diego e beber um bom café antes de tudo. — Ela piscou e saímos correndo para ninguém

perceber que iríamos passear e parecer uma emergência.

Audrey adorou ser roubada e mesmo que as duas estivessem falando sem parar sobre o casamento, minha cabeça estava girando em uma única pessoa: Vicky. Eu não pensava nela há muito tempo. Desde a morte da minha mãe, não sabia por onde andava ou o que estava fazendo. Keith estava bem, mas ele não falava com a filha e muito menos sobre ela. Era como se Vicky não existisse. Para mim, por muitos meses, foi fácil fingir que não tinha uma irmã. Mas precisava enfrentar aquilo. Mesmo que não a visse nunca mais.

— Tudo bem, Liz. Uma hora você está quase desmaiando, na outra você está viajando. O que está acontecendo com você hoje?

— Ângela me perguntou de seu jeitinho cuidadoso.

— Muito tensa. Hoje à noite Sawyer e eu teremos uma conversa sobre algo importante e é por isso que estou quase vomitando meu estômago.

— Você e Sawyer se dão super bem. — Audrey afagou minha mão.

— Como tem coragem de dizer isso depois que nos viu brigando daquele jeito? — Eu ri. Audrey presenciou, infelizmente, uma das nossas brigas épicas. Depois que passou, nós dois rimos.

Esperava que a gente sempre terminasse nossas brigas rindo.

— Ah, foi incrível vê-la gritando com ele. Ninguém grita com Sawyer.

— Por que vocês brigaram? — Ângela quis saber.

— Ele quer me dar aulas de direção. Eu sou habilitada!

— Você dirige mal, Liz. — Audrey encolheu os ombros e eu bufei. — Talvez seja melhor ter umas aulinhas.

— Assim você me mata, Audrey.

Terminamos nosso café e eu já estava mais calma.

— Doutora Nichols? — A recepcionista do primeiro andar me chamou. — Há uma mulher querendo vê-la. Ela insiste ser mãe de uma das suas pacientes, mas não se identificou.

— Tudo bem, estou indo.

Muitas mães ficavam nervosas quando havia algo errado com seus bebês e acabavam sendo grosseiras com as atendentes.

Ângela e Audrey subiram sem mim e mudei minha rota para a entrada do hospital. Parei, procurando a mãe, quando a figura que me assolava há anos sorriu na minha frente.

— Oi, irmã.

Vicky.

Anos antes.

Pontos pretos invadiram a minha visão.

Segurei o volante com mais força, tentando enxergar à minha frente, mas estava tudo nublado e minhas mãos tremiam tanto quanto as minhas pernas. Olhei ao redor e não sabia onde estava.

Perdida.

Total e completamente perdida.

Minha mente era uma confusão grande que não conseguia me localizar. Uma buzina forte na minha direção me fez virar o volante. O carro sacolejou e bateu. Meu rosto foi direto ao encontro do volante e ali fiquei.

Chase e Vicky.

Alguém abriu a porta do meu carro. Luzes explodiram em meus olhos. Fui puxada, esticada, apertada e furada. Estava em alta velocidade, tudo girando, tudo indo rápido. Um rosto conhecido apareceu na minha frente.

Meu chefe.

Ele estava falando, eu ouvia, mas não compreendia. Meu cérebro estava tomado por minha irmã montada no pênis do meu marido, no meu quarto, na minha cama.

— Liz, estou aqui, vida. — Chase segurou a minha mão.

Nojo. Pânico. Gritei.

Gritei até sentir várias mãos em mim, me segurando no lugar.

Em minha mente, continuei gritando até tudo ficar escuro.

— Ela não reage, Paul. Fisicamente, os ferimentos são leves.

Eu não posso dizer psicologicamente. Cinco dias desde que acordou e ela não deu uma única palavra. — Ouvi a voz do meu chefe. — Algo grave aconteceu. Ela reage muito mal com o marido e a irmã por perto. Está catatônica. Irei transferi-la para a psiquiatria.

Não. Não! Eles não podiam permanecer perto de mim!

— Pai? — sussurrei querendo vê-lo. — Papai?

— Oi, amor. Oi, filha. Vai ficar tudo bem. — Paul segurou minhas mãos.

— Pelicano — murmurei e ele ficou parado, me olhando. —

Chase. Pelicano — repeti e ele olhou para outro lugar, ouvimos o som da porta. — Ele e Vicky estavam juntos.

— O quê? Não estou entendendo.

— *Transando.*

Paul desapareceu do meu campo de visão. Fechei meus olhos ouvindo o bipe do monitor aumentar cada vez mais. Alguém estava falando comigo, mas eram como ruídos. Nada fazia sentido.

O que mais poderia fazer sentido naquele momento? Tudo ficou escuro novamente.

O tempo passou e finalmente tive a minha alta hospitalar.

William me levou para casa, que estava vazia. Fiquei quarenta minutos parada na porta do meu quarto. Foi ali. No centro da minha cama que ela gemeu alto, dizendo que estava “*gostoso assim mesmo*”. Minha irmãzinha.

Aquela que eu colocava para dormir quando minha mãe pegava o turno da noite na lanchonete. A menininha ruiva que fugia para a minha cama. A garotinha que eu levei para Disney aos dez anos de idade e seus olhos brilhavam tanto que eu pensei que até valia a pena gostar da Disneylândia. O meu bebê.

O bebê estava transando com o meu marido.

Meu pai fez o que ele tinha que fazer, tirou Chase da casa e limpou sua existência, bloqueou a sua presença. Senti um afago nas minhas costas e olhei para o lado. Minha mãe parecia tão pequena com seu cabelo ruivo, preso em um rabo de cavalo e vestida de preto como se alguém tivesse morrido. Virei e permiti que ela me abraçasse, porque tudo que eu queria era chorar. Sentamos no chão por horas, sem trocar uma única palavra.

— Você pode fazer as minhas malas? Não consigo entrar lá.

— Claro. — Regina sorriu e entrou suavemente no quarto.

Ela jogou duas grandes malas na cama e com cuidado, dobrou todas as minhas roupas. A cada peça que esvaziava meu armário, meu coração quebrava em mais um pedaço.

*

— Você precisa ouvi-la, filha. Eu li os estudos. — Regina andou de um lado ao outro. — Vicky está disposta a ir à polícia para dar queixa. Ela quer fazer tratamento — ela disse e eu neguei. —

Como você pode não acreditar? É a Vicky, Liz. O nosso bebezinho.

Ela jamais faria algo do tipo para te machucar. Ela foi abusada. Foi seduzida e abusada. Eu nunca confiei em Chase, você sabe disso, amor. Ele te machucou e agora corrompeu a nossa caçulinha.

Minha caçulinha. O bebê que me aproximou da minha mãe.

Eu adorava cuidar daquela criança ruivinha e sorridente, que me seguia para todo lado, chamando-me com seus dedinhos gordinhos.

— Ela é sua irmã, Liz. Sua irmã precisa de você — Regina insistiu. — É uma criança e ele um homem experiente.

Minha irmãzinha.

— Vocês são melhores amigas, não acredite que ela seria capaz de fazer algo do tipo. Não acredite. Vicky nunca seria capaz.

Deitei e olhei para o teto.

*

— Irmã. — Vicky ajoelhou à minha frente. — Eu nunca faria isso. Ele dizia que ia me matar se eu contasse. Todos os dias ele sussurrava que ia me matar e passava com uma faca no meu quarto.

“Isso. Continua. Está gostoso assim”. ela gemeu para ele, rebolando em seu colo.

— Eu quero ir à delegacia, estou livre agora, estamos livres.

Nós podemos superar isso, mas, por favor, não me deixe. — Ela beijou minhas mãos e vi seu rosto, banhado de lágrimas. A minha menininha. — Juro pela minha vida.

— Liz, ouça a sua irmã. Ela tinha marcas no corpo quando a encontrei — Regina disse de algum lugar do quarto.

Eram chupões.

Deitei e olhei para o teto. Eu queria que ele desabasse verdadeiramente sobre a minha cabeça.

*

Abri a porta da minha casa. A sala estava completamente vazia, poucos móveis cobertos com tecidos escuros. A cozinha ainda estava com os vidros que quebrei da última vez. Parei no meio da sala e soltei um grito quando ouvi um barulho atrás de mim.

Senti uma dor aguda na minha nuca e tudo ficou escuro.

Abri os olhos sonolentos.

Estava amarrada em uma cadeira e senti que ali seria o meu fim.

Era Chase.

Vê-lo depois de oito semanas doeu do mesmo jeito que vê-lo na cama com a minha irmã.

— Eu não vou sair dessa história como vilão. Você tem se recusado a me ouvir, dando corda para as mentiras da sua irmã.

Fechei meus olhos e ignorei a sua voz. Concentrei-me no meu íntimo. Pensei no meu pai, na medicina, nos meus

pacientes, fiquei vagando pelas informações que preenchiam meu cérebro.

Tudo estava um silêncio limpo e abri os olhos.

Estava sozinha na sala, ainda amarrada, mas não havia sinal de alguém na casa. Meu pai demorou horas para me encontrar e eu disse a ele que foi Chase, mas ninguém o viu entrar ou sair da casa.

Mesmo que tivesse me recusado a vê-lo novamente, que o divórcio saiu sem reclamações de sua parte, ele fez questão de ser ouvido.

Melhor, lido.

Enviou para o meu e-mail todas as conversas deles. *Todos os e-mails trocados*. Tudo. Ela dizia que eu nunca iria descobrir porque era patética e certinha demais para desconfiar. Ela dizia que era mais mulher do que eu e poderia dar a ele tudo o que eu nunca poderia dar. Eu vi fotos e vídeos dela se masturbando para o meu marido e enviando mensagens dizendo que a noite foi maravilhosa.

Minha irmãzinha que chorou no meu colo, dizendo que foi abusada, me traiu.

Meu marido, que tanto dizia que me amava, quebrou seus juramentos. Ele me traiu. Ele respondia que eu era entediante e frígida, sexo era quase um sacrifício, estar casado comigo era uma escolha para a vida inteira, porque havia benefícios, que ele me amava muito, mas precisava de uma vida sexual mais divertida. Ele ficaria comigo para sempre, porque eu era a esposa perfeita fora da cama, mesmo que ocupada e muito negligente, eu podia oferecer a ele um mundo que nunca alcançaria sozinho.

Os dois saíam nas minhas costas, viajavam quando eu estava fora e gastavam meu dinheiro. Eles me traíram.

*

— Você é uma boa menina. — Keith deu tapinhas no meu joelho.

— Eu não sei mais.

— Não acredite na sua irmã. Ela está manipulando a sua mãe, que é inocente e acredita que Vicky é um anjo. Amo a minha filha, mas ela é tão culpada quanto Chase. Não foi seduzida, muito menos abusada. Quer conquistar seu perdão porque se deu conta que perdeu tudo.

— Era tudo sobre o dinheiro, não era? — Eu me balancei para frente e para trás.

— Infelizmente, eu te avisei, Liz. Vicky é um monstrinho criado em um estilo de vida que não a pertencia.

— Só queria que a minha irmã pudesse estudar em uma boa escola, tivesse chances de um futuro bom.

— Entendo. E o carro, cartões de crédito, viagens com as amigas?

— Era para ela se socializar. Estudar em um colégio particular e não poder ir às compras com as amigas era um suicídio

social — murmurei, ainda me balançando. — Eu a estraguei. Criei uma cobra que me mordeu.

— Você vai se levantar. Apoio a sua decisão de nunca mais vê-la.

— A mamãe a escolheu.

— Ela acredita na inocência da Vicky e quando não acreditar mais, será tarde, já estará feito. Eu lamento, Liz. Sinto muito pela sua dor.

— Eu não sei se vou conseguir superar isso, porque dói muito.

— Vai doer muito ainda, vai parecer que é o fim do mundo, mas você é a pessoa mais inteligente que eu conheço nessa vida.

Vai sair dessa. No futuro, sei que vai se lembrar disso. Não sou um homem estudado, mas entendo da vida. Vai chegar o tempo em que esse momento será apenas uma mancha no seu passado.

— Não existe nenhuma chance de ser mentira, não é?

— Não. — Keith segurou minha mão. — Não é um pesadelo, mas você vai sobreviver.

Eu não tinha tanta certeza sobre isso.

Capítulo Trinta e Quatro

Elizabeth

Anos depois

Vicky estava parada na minha frente, de saltos altos, uma saia jeans curta, blusa rosa e bolsa azul berrante. Ela ficou sorrindo como se estivesse feliz em me ver. Como se eu não tivesse gritado com ela feito uma louca e dito para nunca mais aparecer na minha frente enquanto a nossa mãe a

defendia e a puxava para longe de mim, que segundo todos, estava descontrolada e mal amada.

Minhas pernas pareciam engessadas no chão, mas o meu bipe começou a tocar. Dei as costas e ela pulou na minha frente.

— Eu sei que você não quer me ver, mas acredite em mim, por mais que eu sofra com isso, preciso da sua ajuda. Ajuda como médica e como irmã mais velha.

— Vá para o inferno. Desapareça da minha vida! — Dei a volta e ela segurou meu braço.

— É para a minha filha. Por favor, Liz. Eu não te pediria se não fosse importante, ela precisa de ajuda. Ela é só um bebê de sete meses de idade, por favor — ela disse, me apertando ainda mais. Arranquei meu braço com força.

Entrei no hospital calmamente. Eu não queria correr, mesmo que precisasse. Chamei o elevador e quando as portas se abriram, me refugiei no fundo. Cheguei ao andar da pediatria e não conseguia pensar em nada. Ângela estava me esperando na porta do elevador e meu paciente pronto para a cirurgia.

Parei por um momento.

Eu tinha duas opções: sair do hospital e ficar escondida na minha cama até esquecer o encontro como se ele nunca tivesse acontecido ou seguir com meu trabalho, que era mais importante do que tudo. Pedi um minuto para lavar meu rosto antes de falar com os pais do paciente.

A minha chance de esquecer era com meu trabalho, mas eu ainda tinha que enfrentar Sawyer à noite e contar tudo, inclusive que minha irmã, muito cara de pau, teve a

coragem de simplesmente aparecer e me pedir ajuda como se eu realmente fosse ajudá-la.

Assim que as visitas acabaram, revisei os prontuários da UTI.

— Liz? Você não vem almoçar? — Ângela me chamou, segurando a porta do elevador. Entreguei o último prontuário assinado. — Melhor comer bem.

Ela parecia nervosa com o atendimento que faria sozinha.

— Está ansiosa? É um procedimento simples e vai tirar de letra. Acredito que indo bem hoje, poderemos te liberar para fazer a próxima sozinha e quem sabe Joshua acrescenta esse procedimento à sua prova final. — Enfiei minhas mãos nos bolsos.

— Chamou Diego para almoçar? Ele está com Sawyer, talvez venha junto.

— Diego venha junto ou Sawyer? Por que você não o chama?

— Quem?

— Liz, você tem certeza de que está bem hoje? Olha, eu não quero ser intrometida, mas eu te considero minha amiga, você vai ser minha madrinha, eu só estou te achando completamente distraída, está pálida e tremendo. Durante as visitas, perguntou três vezes a mesma coisa para cada interno, como se não estivesse ouvindo. — Ela me deu um sorriso carinhoso.

— Achei que estava bem, mas acho que não estou depois de ouvir isso. — Fiquei meio sem jeito. — Encontrei alguém do meu passado que eu nunca gostaria de ver novamente,

terei uma conversa importante com Sawyer, estou nervosa e distraída com tudo isso. Mas vou ficar bem, sempre melhora depois que consigo comer.

Encontramos Sawyer sentado com Diego e Jace. Eles tinham acabado de sair de uma cirurgia de emergência e meu namorado sinalizou que já estava com nosso almoço.

— Isso cheira àquela lasanha maravilhosa.

— Pedi que entregasse aqui como um favor para fazer seu dia melhor. — Ele piscou e beijei sua bochecha. Como o amava! —

Mas nós vamos dividir, só para constar.

Audrey juntou-se a nós, dizendo que Cooper estava enlouquecendo-a. Jules estava em cirurgia e provavelmente sairia faminta. Conversamos durante nosso curto almoço e cada um seguiu para seu lado.

Esfreguei bem as minhas mãos depois de sair de uma cirurgia exaustiva. O procedimento foi incrível e o outro pediatra estava se sentindo muito orgulhoso, mas eu já estava cansada dele ficar me agradecendo por ajudar em sua pesquisa. Eu era boa em juntar peças e definitivamente memorizava dados como ninguém, mas não entendia por que precisava ficar me agradecendo.

— Sawyer deixou um recado, ele disse que Mike estava com problemas na emergência e convocou uma reunião com os residentes de trauma. Ele pediu para descermos assim que pudermos.

— Eu realmente preciso tomar banho. — Cheirei minha roupa.

— Acho que temos dez minutinhos.

Ângela seguiu para o quarto dos residentes e eu fui para a sala dos médicos, encontrando Jules lá dentro se alongando. Ela tinha pacotes de salgadinhos em cima do balcão e abriu um de batata, enquanto separava um scrub limpo e roupas íntimas. Jules contou sobre a cirurgia e o quanto a família do paciente era muito insana. Ela fez a implantação de glúteos em um homem de cinquenta anos que estava cansado de ser chamado de sem bunda.

— Ele colocou silicone na bunda? Eu preciso colocar?

— Você tem bunda, já Audrey eu acho que posso colocar um enxerto. — Ela riu tão alto que fez eco no chuveiro. — Meredith tem silicone na bunda e nos seios. Já Addison nasceu perfeita. Só dei uma ajeitadinha no nariz para as duas ficarem ainda mais parecidas.

— Se não fosse o cabelo e algumas curvas sutis no corpo, eu realmente não saberia diferenciá-las.

— Quando eu as conheci, as duas eram loiras. Tinham o mesmo corte de cabelo. Joshua diz que é impossível confundir as duas porque Addison é insuportável.

— De boca fechada as duas são iguais — brinquei e meu bipe apitou. — Gostava mais quando não tinha que andar com o celular e esse bipe maldito também.

Vesti-me rápido e muito mais disposta. Rezei que fosse uma emergência cirúrgica, assim poderia adiar minha conversa com Sawyer. Corri até o chamado e havia uma criança de quatro anos de idade, com um ferimento no joelho e o ombro deslocado. Chamei Diego e levei a criança para o raio-x. A mãe disse que ele havia caído do segundo andar para a grama do quintal. Estava brincando de luta com

amigos quando tropeçou no chão molhado e escorregou pela parte da varanda que estava em obras.

Pedi que fizessem uma tomografia, porque o menino reclamava de muitas dores na cabeça. Também pedi que chamassem a neurologia e me biparam de novo.

Fui para o leito indicado.

— O que temos aqui? — Abri a cortina, pegando a prancheta.

— Criança de sete meses de idade. — A enfermeira estava séria. — Sinal de agressão, manchas roxas, óbvia desidratação e resposta motora lenta. Chamei o doutora Reedburn também. Os sinais vitais estão baixos.

— Chame a polícia e a assistente social. Onde estão os pais?

— Estão com a doutora Webber.

— Qual o nome?

— Zoe Hunt. Pais Chase e Vicky. — Ela leu no prontuário e senti um arrepio descer pela minha espinha. Virei-me para frente, pronta para fugir dali e dei de cara com Vicky segurando o braço de Chase, que olhava para qualquer lugar, menos pra mim. No leito, Ângela estava debruçada em uma criança magra, ruiva e muito doente.

O que eles fizeram? Mataram um bebê? Eu não podia lidar com aquilo.

— Liz, por favor, olhe para ela. Me ajuda.

— Saiam daqui. Vão embora! Eu vou chamar a polícia!

— Não, por favor. Eu sei que você me odeia, mas, por favor, eu não sei o que está acontecendo com ela. Ela come, fica no chão, sei lá. Ela amanheceu assim e nem chorou. Ela chora o tempo todo, toda hora está gritando — Vicky implorou com as mãos unidas.

— Liz, preciso de você aqui. — Ângela me chamou suavemente. — Liz?

— Por favor, irmã. Dê uma medicação a ela. Qualquer coisa.

— Vicky tentou me abraçar e dei dois passos para trás.

— Eu não sou sua irmã!

— Vicky, baby. Vamos sair para que elas possam trabalhar —

Chase disse e puxou-a pelo braço bruscamente, ela continuou parada.

— Nós não temos dinheiro para pagar isso, me ajuda —

Vicky insistiu e saiu rebocada por Chase.

Eu queria vomitar.

— Liz? — Ângela me chamou, desesperada.

— O que temos? — Sawyer entrou e foi direto para o leito. —

Monitor, oxigênio, preciso de uma ultrassom aqui! — ele gritou e me olhou. — Liz? — chamou, esperando que eu fizesse alguma coisa.

— O que aconteceu?

— Eu não entendi. Parece que essa criança é sobrinha dela

— Ângela respondeu.

— *Sobrinha?* — ele perguntou, confuso. — Liz? Reaja!

Responda-me! Nós precisamos de você aqui.

— Ela não pode morrer. Eles terão matado um bebê. — Perdi meu controle, começando a tremer e chorar. — Tire eles daqui, Sawyer.

— Eu não posso tirar essa criança daqui, ela está morrendo

— ele me respondeu e vários internos invadiram a sala. — Chamem a polícia.

— O quê? — Eu estava desorientada.

— Ela está morrendo, Liz. Eles precisam ser presos —

Ângela disse com uma revolta quase que descontrolada.

Eles mataram uma criança.

Virei e fui até a sala de visitas. Vicky estava lá, parada, olhando para a parede de vidro, do lado oposto da sala de trauma em que a filha estava lutando para viver.

— O que vocês fizeram com ela? — gritei, empurrando-a. Dei um tapa em seu rosto. — Uma criança! Como puderam fazer isso com um bebê? Você é um monstro!

— Eu não fiz nada! — Vicky gritou de volta, defendendo-se do meu ataque. — Eu nem queria ter um bebê, a mamãe me obrigou a parir! Zoe só chora, o tempo todo gritando e eu não sei de nada. Desde que a mamãe morreu, eu não sei o que fazer com ela!

— Ela está morrendo e o hospital vai chamar a polícia.

Destruir a minha vida é uma coisa. Destruir a vida de uma criança?

Você é pior do que eu pensava! Um lixo! E eu vou pessoalmente falar com a polícia agora!

— Eu não destruí a vida dela! — Vicky soou ofendida. — Eu lhe dei uma vida, poderia ter abortado!

— Você é insana? Ela está desidratada e sem resposta motora! O que deram a ela?

— A mãe cuidava dela! Não me interessa quem você acha que eu sou. Eu te pedi perdão. A mãe...

— Não fale da minha mãe como se você se importasse com ela. Você é uma vadia sem coração, Vicky. Você entrou na minha casa e destruiu a minha vida. — Eu a interrompi, pronta para gritar.

— Não fale da mãe porque ela foi enganada. Ela *morreu* achando que você era manipulada por Chase e que tem medo dele.

Você rompeu meu relacionamento com a minha mãe porque é uma

piranha sem limites que deslizou para a minha cama com o filho da puta do meu marido.

— Não vim aqui para você chamar a polícia, se não me importasse com Zoe, deixava ela em casa do jeito que estava. Ela não vai morrer, deve ser uma febre ou algo assim.

Puxei meu cabelo, nervosa.

— Quando foi a última vez que você deu água e comida a ela?

— Acho que Chase deu umas salsichas enlatadas pela manhã.

— Eu espero que exista um lugar muito pior do que o inferno para vocês dois.

Voltei para o posto da emergência e eles não estavam mais lá. Zoe estava sendo levada para a UTI. Eu não tive coragem de entrar, porque esperariam que eu pudesse ajudar e não podia. Não queria pensar como médica ao redor dela. Não queria ser obrigada a vê-la morrer. Eu não queria que Sawyer aceitasse a internação.

— Ela precisa ir. — Parei Sawyer no meio do caminho.

— Ela é sua sobrinha? Você tem um irmão ou irmã?

— Ela é filha da minha irmã caçula com meu ex-marido — falei a verdade e Sawyer recuou, assustado.

— *Foi com a sua irmã que seu marido te traiu?* — ele gaguejou, chocado e balançou a cabeça. — Essa criança claramente sofre maus tratos e negligência. Eu chamei a polícia, Liz.

Sua irmã vai ser detida.

— Eu não me importo. Não me interessa o que vai acontecer com nenhum deles. Não posso lidar com isso. Passei o dia inteiro quase vomitando porque teria que te contar que era

com a minha irmã que meu marido transava. — Eu o segurei pelo jaleco. —

Mande-os embora. Não quero lidar com isso.

— Eu não posso botar uma criança daquela idade para fora.

Eu fiz um juramento de salvar vidas, inclusive, você também, mas eu não vou te obrigar a atendê-la. Só não vou colocá-la para fora.

Quanto à sua irmã, faço questão de que ela seja presa por cada ferimento naquele bebê. — Ele olhou dentro dos meus olhos. — Vá para casa. Eu cuido disso e quando chegar, nós conversamos com calma. Você está nervosa e tremendo. Fique longe deles em casa. A polícia vai resolver isso.

— Não quero ir embora sozinha. Não com Chase lá fora e podendo me seguir e descobrir onde eu moro. A última vez que nos vimos, ele me deixou amarrada em uma cadeira por uma noite inteira.

— Ele vai ser um homem morto se encostar em você novamente. — Sawyer respirou fundo, com seu bipe tocando. — É

ela. Ela pode morrer, Liz.

Ele coçou a cabeça, tenso.

— Vá trocando de roupa que alguém vai embora com você, ok?

— Sawyer? Você vai me deixar sozinha? Eu preciso de você!

— Eu não vou deixar aquela criança morrer. — Ele foi enfático.

Frustrada, dei as costas e troquei de roupa. Jules encontrou comigo e disse que estaria em cinco minutos na entrada. Desci sem ela, porque não queria ficar disponível no hospital para Vicky me encontrar. Parei na calçada, esperando e olhei para o lado. Chase estava fumando. Ele me deu um olhar e virou para frente.

— Eu não queria vir aqui. Sei a merda que fiz e o quanto te machuquei, mas quando cheguei da rua, ela já estava aqui. Não podia fazer nada. — Ele jogou o cigarro no chão, pisando em cima.

— Não vim atrás de você. Não quero te causar problemas e nem ter problemas. Eu disse pros caras que teu pai mandou atrás de mim que iria ficar longe e fiquei. Não tô fazendo nada, nem te pedindo nada.

Balancei a cabeça, incrédula e com ódio. Olhei em seus olhos e soquei seu rosto. Chutei suas pernas e bati com meu punho onde consegui. Chase estava só se esquivando. Minhas mãos doíam muito, mas eu não queria parar de socá-lo com toda a força

que tinha. Não podia começar a definir o quanto eu queria que ele se ferisse profundamente.

— Liz, para! Solte-o, pare! — Tom me puxou para longe. —

Sai daqui. Agora! — ele gritou para Chase.

— Olhe as suas mãos. — Jules tocou meus punhos.

— Nada quebrado. — Eu tremia da cabeça aos pés.

— Vamos fazer...

— Eu quero beber, Jules. Não fazer um raio-x. Gelo e álcool vão resolver.

Jules olhou para Tom, sem saber o que fazer.

Dei as costas, atravessando a rua. Eles me seguiram e logo que entramos, Tom me deu um pano e um balde de gelo. Duas doses de uísque. Não gostava e não costumava beber uísque, mas eu só precisava de um lugar de paz para entorpecer toda a minha dor.

Capítulo Trinta e Cinco

Sawyer

A sujeira era maior do que eu imaginava e havia um pequeno anjo machucado no meio. Eu não estava falando da minha namorada surtada e profundamente machucada, que havia acabado de agredir o pai de uma paciente e ex-marido na calçada em frente ao hospital. O pediatra de plantão estava me atualizando sobre os exames de Zoe e a situação dela era preocupante.

Não encontramos nenhum sinal de problemas cardíacos, ela precisava de um longo e intenso tratamento clínico. Era só um bebê de sete meses, cujos pais não foram mais vistos depois que Liz socou o rosto de um deles. Ela ficou completamente descontrolada.

— Quero monitoramento a cada hora — pedi à enfermagem.

— Como faremos com o formulário do seguro ou pagamento?

— Amanhã eu resolvo isso — retruquei e acariciei a cabecinha ruiva dela. Era incrível como ela não era filha da Liz.

Eram muito parecidas. — Preciso conversar com Liz. Se os pais voltarem, me avise na hora e deixe a polícia de plantão.

Tomei banho e troquei de roupa bem rápido. Jules estava com Liz no bar e suas mensagens sobre o estado dela não eram animadoras. Atravessei a rua correndo. Jen estava segurando uma bolsa de gelo na mão esquerda de Liz, que estava com a cabeça jogada no balcão, e Jules ao lado, olhando para frente. Assim que Jen me viu, disse algo e Liz levantou a cabeça, completamente embriagada.

— Olha ele aí, o homem da minha vida.

Totalmente bêbada.

— Oi, amor. Vamos para casa?

— Graças a Deus. Jules não quer me deixar beber mais. —

Liz soluçou e bateu com a cabeça no balcão de novo. — Estou com fome.

Ajudei-a a ficar de pé e virei para pegar sua bolsa e casaco.

Ela desabou no chão. Segurei-a a tempo de não bater com o rosto no balcão.

— O quanto vocês beberam?

— O suficiente — Jules respondeu e eu vi que ela estava usando o que restou de sobriedade para manter a postura.

— Estou esperando Cooper, vou ficar bem. Pode ir.

Peguei Liz no colo e ela riu em um estado alcoólico onde tudo era engraçado, inclusive ser carregada pelo namorado até em casa.

Abri o portão com dificuldade e o fechei com um chute. O alarme disparou com brutalidade e ela gritou com as sirenes. Coloquei meu dedo no leitor digital para parar o alarme e subi a escada com ela.

— Você tem razão, engordou.

— Eu te disse. — Ela riu e eu a joguei no sofá.

Abri a geladeira, lhei uma garrafa de suco e enchi um pote com sorvete e calda. Ela comeu tudo e repetiu. Encontrei um pedaço de pizza na geladeira, esquentei e ela comeu sem reclamar.

Parei com as mãos na cintura, pensando. Não havia chance de nenhuma conversa, sem que ela vomitasse, dormisse ou não me respondesse corretamente, porque estava muito bêbada. O jeito seria ir para a cama.

Melhor, ela precisava dormir porque eu não tinha condições de deitar. Minha mente estava completamente cheia de muitas teorias e poucas informações.

Levei-a para o quarto, tirei a sua roupa e ela se enrolou no roupão sozinha. Por via das dúvidas, deixei um balde pequeno ao lado da cama. Deixei a luz do abajur na mais fraca e encostei a porta do quarto, descendo a escada. Considerei beber um uísque, mas eu precisava ficar sóbrio. Mas não rejeitei a cerveja. Uma não me faria mal.

Não estava com raiva e muito menos magoado, apenas chateado. Liz não era de mentir. Ela avisou que era feio e não tinha coragem de me contar. Porra...

O marido e a irmã. Pela aparência, havia uma diferença de idade. Se pudesse calcular, Liz teve seu coração e confiança esmagados por duas pessoas que devia confiar cegamente.

Elizabeth era diferente. Não só das outras mulheres, ela era diferente de todos os outros seres humanos. Era um dicionário ambulante, um armazém de informações e tão inteligente que não conseguia acompanhar seus pensamentos. Era boa, muitas vezes inocente. Suas emoções eram egoístas, centrada, reconhecia que estava aprendendo e mudando a cada dia sobre os sentimentos dos outros. Principalmente os meus.

Quando brigávamos, ela jogava palavras pesadas, que sabia que iriam me magoar e era a sua maneira de mostrar quão ferida estava com algo que fiz. Sua razão sempre entrava em choque com a emoção.

No meio daquele pronto socorro, conheci o seu lado mais puro. O medo, a impotência e principalmente, o egoísmo acima do juramento de salvar vidas. Ela travou diante de uma situação que não podia calcular uma saída. Entrou em pânico. Apesar de não saber detalhes da história, não precisava deles para entender o tamanho do dano.

Era a irmã caçula dela. Com acesso ao prontuário, vi a idade de Vicky quando Liz descobriu. Uma criança de dezoito anos de idade e um homem de trinta e dois.

Sua irmãzinha e o seu marido. Nada podia ser mais fodido.

Não era à toa a insanidade e desconfiança.

Minha doce Liz agrediu um homem por pura raiva. Estava esperando que o ex-marido dela não aparecesse na minha frente, porque eu iria bater tanto nele que perderia a minha licença médica com prazer. Primeiro por Liz e depois por Zoe. Aquela criança não merecia estar no meio daquela bagunça. Era um bebê que ainda corria risco de vida. Desnutrida, desidratada e com hematomas profundos.

Terminei minha cerveja e não bebi outra. Estava muito cansado, precisando dormir. Subi para o closet, peguei um pijama

limpo e botei minha roupa do dia para lavar. Entrei no quarto de fininho e ela estava dormindo. Beije seu rosto e percebi que estava molhado, como um rio de lágrimas escorrendo por seus olhos fechados. Ela virou e se encolheu toda em meus braços, tremendo.

— Vai ficar tudo bem, amor. Tudo bem. Não sinta medo.

Esperava que tudo ficasse bem.

No meio da madrugada, acordei com o som do chuveiro e meu telefone tocando. Liz estava nua, segurando a mão completamente roxa e inchada.

— Puta merda! Você deve ter quebrado alguma coisa! —

Fiquei chocado. Ela assentiu, debaixo da água quente, provavelmente para aliviar a dor da mão. — Vamos para o hospital cuidar disso agora.

Peguei sua toalha e ela se vestiu. Li a mensagem de Mike e me sentei na cama. Parecia que o pesadelo não iria acabar.

Esperei-a terminar de se vestir e ajudei com a blusa. Ela estava em silêncio, com muita dor. Ficaria longe da sala de cirurgia por muito tempo.

— Isso foi estupidez, sabia disso?

— Não imaginei que fosse ficar assim.

A emergência estava tranquila e eu registrei os olhares que deram para ela. De longe, vi Mike trabalhar em uma pessoa

na sala de trauma. Só podia ser ela. Vicky. Sentei Liz em uma maca e uma enfermeira veio com um kit para limpeza. Deu-lhe remédio para dor e apliquei o anti-inflamatório no local. Fiz o curativo com cuidado e enrolei sua mão em uma faixa para manter a pomada cicatrizante que passei.

Mike saiu de uma sala e entrou em outra. Ele fez o sinal com o polegar para baixo.

— Amor? Olha pra mim — pedi gentilmente.

Ela me fitou com os olhos cheios de água.

— Zoe morreu? Não me diga que ela morreu, Sawyer. Ela é só um bebê. — As lágrimas caíram dos seus olhos.

— Não. Ela estava bem quando saí.

— O que aconteceu, Sawyer? Eu conheço as suas expressões. Quem morreu?

— Chase e Vicky sofreram um gravíssimo acidente de carro

— contei e ela mordeu o lábio. — Chase faleceu no local. Vicky está em estado grave no trauma. Ela está acordada, mas é questão de tempo. Será um milagre se sobreviver na sala de cirurgia. Está sendo preparada agora. Você gostaria de ir lá ver a sua irmã antes que seja tarde demais?

— Sawyer...

— Liz, lembre como foi difícil com a sua mãe.

— Eu sei. Eu amava a minha mãe. — Ela olhou para onde Mike estava.

— E você odeia a sua irmã?

— Eu não sei o que sinto. — Encolheu os ombros e brincou com a sua faixa.

— Na dúvida, vamos até lá. Eu vou estar do seu lado, segurando a sua mão. Essa pode ser a sua chance de limpar o quadro e começar uma nova história.

Peguei sua mão boa e a puxei gentilmente para onde Vicky estava sendo empurrada. Liz avançou sozinha e olhou para a irmã.

Não havia nenhuma expressão de ternura ou amor. Era apenas um vazio.

— Liz? — Vicky chamou e minha mulher deu um passo à frente. — Eu vou morrer, não é?

— Vai para a cirurgia e os médicos são os melhores aqui.

Eles vão cuidar de você — Liz garantiu, com a voz embargada. —

Você é forte.

— A mamãe foi atrás de mim naquela noite e sofreu o acidente. Ela queria buscar a Zoe...

Ah, puta merda!

— Não se esforce, Vicky — Liz pediu, fungando. — Apenas vá para a cirurgia.

— Cuide da Zoe. Eu não sei quem poderá cuidar dela...

Liz ficou congelada no lugar. Mike começou a empurrar a maca quando os monitores começaram a disparar. Puxei Elizabeth para fora. Ela não precisava ver a irmã morrer. Com brusquidão, me empurrou e saiu correndo em direção

à saída. Ela foi andando pela calçada até o estacionamento das ambulâncias.

Mike tocou meu ombro e pela expressão dele, sabia que Vicky não conseguiu sobreviver. Na esquina, de braços cruzados, ela gritou forte e tão alto que os cachorros ao redor começaram a latir. Chutou as lixeiras com raiva e eu a segurei, impedindo que quebrasse mais alguma parte de seu corpo.

— O que eu faço, Sawyer? O que eu faço? Eu não consigo respirar! Eu... — Seu coração batia tão forte que sentia em minha mão. — Chama a sua mãe. Eu preciso da sua mãe, agora!

Voltei para o hospital com ela e subimos até a sala dos médicos. Sentei-a em um sofá e ela ficou se balançando, repetindo a letra de uma música e os olhos ficando cada vez mais desfocados.

Em meu colo, ficou falando baixinho, agarrada em mim e percebi que estava ainda mais distante.

— Não! Não se esconda na sua mente. Liz! Volta! — Sacudi seus ombros e ela falou mais alto, me bloqueando.

— Vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem. — Ela continuou se balançando.

Liguei para minha mãe e ela disse que chegaria o mais rápido possível. Liz continuou cantarolando que *ficaria tudo bem*.

Segurando a minha gola, percebi que estava lutando contra o ataque de pânico, mesmo estando no meio de um. Fazendo de tudo para manter o controle, ela ficou cansada.

Assim que minha mãe chegou, contei baixinho sua última reação antes de ficar daquele jeito.

— Liz está se protegendo.

— O que eu faço, mãe? Ela está sofrendo!

— Eu sei, filho. Ela tem você aqui e agora, segure a mão dela porque vou colocá-la para dormir. Vou mantê-la sedada, acordando-a lentamente para que consiga ficar controlada sozinha.

— Ela te chamou.

— Porque ela sabia que eu faria isso.

— Como?

— É como ela é, querido. Liz conhece cada um de nós da sua maneira.

Observei minha mãe cuidar de Liz, que lentamente parou com a agonia até que sua expressão suavizou. Diminuí a luz do quarto e a cobri, saindo para assinar sua internação e autorização de tratamento. Decidi esperar até amanhecer para ligar para Paul ou ele tomaria um susto, mas achei justo ligar para Keith.

Keith perdeu a esposa e a filha no mesmo ano. Ele recebeu a notícia em completo choque e silêncio. Por fim, me agradeceu pela gentileza e encerrou a chamada.

Mamãe se aproximou.

— O que aconteceu? Você parece destruído.

— Eu não sei se ela quer que todo mundo saiba, mas eu vou te falar o que esse hospital inteiro ouviu. Liz tinha uma irmã

caçula, ela chegou aqui mais cedo com uma criança de sete meses, a filha, que se chama Zoe. Ela é filha do ex-marido da Liz. Os dois tinham um caso — contei e mamãe olhou para minha namorada, adormecida. — Quando a irmã apareceu aqui hoje, Liz surtou, mandou irem embora, gritou coisas bem horríveis e pessoais no saguão da emergência e depois bateu no ex-marido. Acordei com a notícia de que eles haviam morrido. A criança ainda está internada e não sei o que vai ser dela, vou ter que esperar amanhecer. Só tem dois parentes vivos, o avô e a tia.

— O estado não vai considerar o avô como apto para a criança. A primeira opção será Liz e a segunda, um lar adotivo. Vai

ser difícil para ela lidar com isso. Criar o bebê do ex-marido com a irmã.

— Ela não pode deixar essa criança com qualquer pessoa.

— Se ela quiser, ela vai deixar com o estado. Ela não é obrigada.

Zoe era tão vítima quanto Liz.

— Não vou permitir, porque sei que vai se arrepender.

— Você não pode obrigá-la, filho.

— Eu não quero que ela sofra mais. Liz precisa de um encerramento e a criança não tem culpa. As duas não merecem sofrer ainda mais com isso e agora eles se foram. Para sempre.

Acabou.

Mamãe me abraçou, dizendo baixinho que eu tinha que me acalmar. Era difícil ver a mulher que amava no leito de um hospital depois de perder mais uma pessoa da família.

— Vai ser difícil para ela, ok? Tenha paciência.

Concordei e aproveitando que estava no hospital, fui até o andar da pediatria. O plantonista da noite, doutor Evans, estava anotando alguma coisa no prontuário de Zoe, encostado no berço e olhando-a. Ele checkou os monitores e me deu um aceno. Como ela estava dormindo, decidi não entrar.

— Os pais não voltaram e um oficial veio me dizer que eles foram pegos em alta velocidade em uma estrada no sentido de Maryland. Foram perseguidos pela polícia até que bateram de frente com um caminhão de carga — disse e abriu o prontuário, atualizando-me dos dados e dos últimos exames. — O restante ainda vai ser um longo processo, mas já é uma vitória não ser um caso cirúrgico.

— Obrigado, Evans. Mantenha-me informado.

Resolvi começar o meu turno mais cedo, para que pudesse sair assim que Liz acordasse. Era preciso estarmos em casa. Além de conversarmos, queria mantê-la em um ambiente calmo para falarmos sobre Zoe. Em algum momento, a assistência social iria

procurá-la e nós teríamos que tomar uma decisão. Não ia permitir que ela desistisse. Ela iria passar a vida inteira se perguntando se tomou a decisão correta ao deixar Zoe ir.

Troquei de roupa e Amber chegou. Era seu primeiro dia de retorno após aquele susto e estava disposta a trabalhar. Jules me cercou e ela nem tinha trocado de roupa. Indiquei o leito que Liz estava na ala da psiquiatria e ela saiu

correndo sem nem dar mais uma palavra. Não adiantava correr, ela estava apagada.

Depois de conversar com Cooper e Jace, liguei para Paul, porque já era um horário socialmente aceitável. Ele ficou nervoso e mal me deixou explicar. Avisou que estava vindo e desligou. Pedi que me informassem quando ele entrasse no hospital e deixei liberada a sua entrada. Voltei para o quarto de Liz e fiquei parado, observando-a dormir com Jules sentada ao lado dela. Eu nunca a vi daquela maneira. E não veria nunca mais.

Seu coração precisava de paz.

E eu ia me certificar que toda sua alegria e bondade predominassem a dor do passado.

Capítulo Trinta e Seis

Sawyer

Paul estava parado, muito sério, olhando Liz pelo vidro. Carlie estava mais atrás. Ambos de braços cruzados, observando-a dormir.

Aproximei-me e parei ao seu lado. Ele suspirou, demonstrando muita preocupação.

— O que aconteceu?

— Chase e Vicky apareceram aqui ontem — contei finalmente e ele virou-se para mim, ficando repentinamente vermelho.

— Aquele bastardo encostou na minha filha de novo?

— Não! Ela quem o agrediu, em todo caso...

Precisei falar a história com todo cuidado e detalhes. Paul me ouviu com atenção, olhando-me com sua preocupação de pai explodindo. Carlie se aproximou para ouvir melhor.

— Oh, puta merda. Ela teve outro surto?

— Ela já teve um antes?

— Sim, e dirigindo. Quando ela os pegou na cama, teve um surto de ansiedade dirigindo e sofreu um acidente. Bateu com o carro e ficou vários dias no hospital. — Carlie tocou o ombro de Paul, que só secava o suor, nervoso. Eu o levei para sentar antes que tivesse outro ataque cardíaco.

— Ela pediu que chamasse a minha mãe antes disso.

— Liz nunca foi boa em lidar com essa situação. Ela não sabe se grita, se chora, se quebra alguma coisa e na dúvida de como agir, perde o controle — Paul confidenciou. — Ela estava tão feliz e agora acontece isso... — ele disse e virou-se para mim. —

Não deixe a minha filha por causa disso. Ela te ama, está feliz, mas a relação dela com Vicky era linda. Ela amava aquela irmã.

Idolatrava e cuidava como um bebê. Ela também colocou Chase em um pedestal. Elizabeth se tornou um robô infeliz, fazendo de tudo

para agradá-los e por isso que eu digo, não duvide do amor dela.

Ela te ama.

— Eu não vou deixá-la, Paul. Essa possibilidade não existe.

Ela é a mulher da minha vida. É uma fase ruim e nós vamos superar juntos.

Ele assentiu e virou-se para a frente novamente.

— Que horas ela vai despertar?

— Minha mãe vai diminuir os sedativos no começo da tarde.

Até umas quatro horas ela já acordou...

— Eu vou embora, não gosto de invadir o espaço dela.

Quando ela me ligar, eu volto. Mantenha-me avisado por fora.

Despedi-me de Carlie e William e fui bipado no meu andar para resolver um problema com a família do paciente. Não entrei em nenhuma cirurgia porque não tinha condições mentais de operar ninguém. Acabei precisando entrar em uma reunião com meus residentes para falar sobre um paciente que a família era o verdadeiro problema e precisaríamos saber como lidar com as interrupções constantes.

Quando saí, eu tinha dezoito ligações perdidas da minha mãe. Fui correndo no andar onde Liz estava e encontrei o quarto vazio. Corri pelas escadas até a pediatria. Mamãe estava encostada na parede, vendo Liz parada contra o vidro do quarto de Zoe.

— Ela não sabe que a segui. — Mamãe me segurou quando fiz menção de ir até Liz. — Acordou, pediu água, me abraçou, chorou e agradeceu. Ela veio andando sozinha e eu só a segui de longe.

Liz tocou o vidro e ficou olhando até que virou de costas e escorregou pela parede, chorando.

— Deixe-a chorar sozinha. Dê a ela um momento. — Mamãe me segurou de novo.

Vê-la sozinha e chorando muito era demais pra mim. Soltei a mão da minha mãe do meu braço delicadamente, beijei sua

bochecha e fui até Liz, ajoelhando-me à sua frente. Ela levantou o olhar, quebrada, com medo e me abraçou apertado.

— Como ela está?

— Respondendo muito bem ao tratamento. Quer conhecê-la?

— Está dormindo, não quero que acorde. — Liz encolheu os ombros. — Me leva para casa, por favor — ela pediu e fiquei de pé.

— Precisamos conversar.

Tomamos um banho separadamente, porque eu tive contato com pacientes, troquei de roupa e saímos sem falar com ninguém, descendo pela escada e saindo pela lateral para não encontrarmos com qualquer pessoa que pudesse nos prender mais um pouco ali.

Chegamos em casa e sentamos no sofá. Eu não quis ser aquele a oferecer um assunto porque era ela quem tinha muito o que dizer, por isso, recostei e esperei o tempo que precisou para reorganizar seus pensamentos.

— Em primeiro lugar, eu preciso te pedir perdão — ela começou baixinho e tentou controlar o choro. Foi uma surpresa, porque eu não esperava que ela achasse que me devia desculpas.

— Eu tinha que ter me enfrentado e contado tudo. No fundo, eu sabia que no momento em que abrisse a minha boca, a merda iria explodir no meu rosto. Era mais fácil fingir que nunca aconteceu.

— Você me contou sobre seu marido. Eu assumo que não saberia lidar se me falasse no momento em que eles estavam lá na emergência. — Esfreguei suas costas, preocupado com o choro. —

Nunca me escondeu que havia uma parte da sua vida que você não conseguia contar. Só não imaginava que era tão...

— Sujo, não é? — Ela riu sombriamente e detalhou sobre as denúncias de abuso, o sequestro, as mentiras da irmã, os e-mails e mensagens que descobriu. A traição não foi apenas o sexo na cama dela. Foi um jogo perverso para enrolar a garota rica. — Não sabia que estavam por perto. Não sei deles há anos. Às vezes, Regina deixava escapar alguma informação...

— Você sabia da existência da Zoe?

— Sim. Foi por ter ouvido o choro dela durante uma ligação que eu não falei mais com a minha mãe. — Liz chorou de soluçar e a puxei para os meus braços. — Fiquei com tanta raiva que minha mãe estivesse acalentando o bebê da minha irmã e não ficava comigo. Fiquei tão magoada que mais uma vez não fui escolhida pela minha mãe...

— Zoe é só um bebê. — Beijei seus cabelos.

— Eu sei que ela não tem culpa. Como eles puderam fazer aquilo com ela? Eu entendo me ferir, era sobre dinheiro, uma vida luxuosa... mas um *bebê*? Sawyer, eu perdi a minha mãe e a minha irmã em uma história de desgraça!

Liz relatou detalhadamente cada momento, coisas que eu não gostaria de ter uma imagem mental. Entre soluços e muitas lágrimas, o pesadelo que sua vida se tornou após o flagra. Durante a fase inicial da internação pelo acidente, Chase ainda ficou ao lado dela, agindo como um marido preocupado, sem dizer a Paul o que tinha acontecido até que Liz resistiu e chamou o pai, contando.

Paul perseguiu Chase na rua e jogou todas as coisas dele pela janela, queimando suas roupas e joias na calçada. Chase ficou com medo, sumiu por várias semanas e Vicky reapareceu, pedindo para ver a irmã, convencendo a mãe de que foi abusada, seduzida, que vivia um relacionamento abusivo, que sabia que Chase era um homem ruim.

Ela contou que esse cabo de guerra durou meses, até que Chase decidiu se defender enviando a Liz provas de que o relacionamento com Vicky era puramente consensual. Com pesar, falou sobre como era seu casamento e a vida com a irmã. Eles não só a traíram, como a arrastaram para um redemoinho de mentiras, impedindo-a de viver a dor e principalmente de seguir em frente.

Elizabeth ergueu o rosto vermelho, molhado, com os olhos inchados e devastada.

— Eu não quero que isso fique entre nós ou que você sinta, que de alguma forma, eles possuem mais importância do que você.

Estou feliz e te amo. Quero continuar feliz e te amando, mas eu

preciso saber que você entende que no momento não estou bem.

Minha irmã morreu e eu não sei o que sentir. Que tipo de pessoa eu sou?

— Uma pessoa que sofreu muito e encontrou a oportunidade do fim. Sua história com a sua irmã acabou. Esse "não" sentimento é a sua chance de enterrar o assunto e perdoar.

— *Perdoar?* — Liz repetiu, incrédula. — Ela me feriu e machucou profundamente uma garotinha. Como eu posso perdoá-la?

— Talvez venha com o tempo. É importante que não arraste isso para a nossa vida.

— Não quero pensar nisso agora.

— Está tudo bem sentir o luto da morte da sua irmã. É o fim de um ciclo e o começo de outro.

— O que vou fazer com a criança?

— Zoe. O nome dela é Zoe. Tente chamá-la pelo nome.

Ela me ignorou.

— Será que Keith gostaria de criá-la?

— Eu não sei, amor. Acho que primeiro temos que focar no fato de que ela é nossa responsabilidade agora.

— *Nossa?*

— Eu não vou te deixar sozinha. Não estou te deixando por causa disso — eu disse e lentamente, ela foi virando seu

rosto de encontro ao meu. — Eu te amo, Liz. É só o seu passado. Nós somos o presente e o futuro. Você vai superar.

— Eu não sei se posso criá-la. Não a conheço. Ela é filha do meu ex-marido.

— Sim. Ela é a filha da sua irmã com seu ex-marido.

— Como você acha que isso poderia ser fácil para mim?

— Não é. Ela não pediu para nascer. Foi maltratada e negligenciada até agora. Essa criança não sabe o que é ser amada,

Liz. Zoe é meramente fruto deles, mas não um fruto de amor. Se você vê-la...

Ela mastigou o lábio com força.

— Vai mudar toda a nossa vida, todos os nossos planos...

— Não precisamos decidir nada agora, eu sei que é uma criança, é uma pessoinha estranha. Vamos cuidar da saúde dela, pagar por isso, assumir a responsabilidade pela melhora. Vamos conhecê-la e esquecer quem são seus pais biológicos. Eles não vão voltar para buscá-la.

Torcendo os dedos, assentiu.

— Tenho que ligar para Keith. Não sei como dizer para ele que perdeu a filha seis meses depois de perder a esposa. —

Elizabeth fechou os olhos, deitando a cabeça no meu ombro. —

Sawyer...

— Eu já fiz isso, ele agradeceu a gentileza de ter contado.

— Tenho que fazer um funeral?

— Eu acredito que vê-los sendo enterrados é a melhor maneira de te ajudar a acreditar que acabou. Precisa aceitar que eles se foram, Liz.

Ela tremeu, pensando na irmã. Não conseguia conceber o quanto deveria estar sendo difícil para ela entender a perda com toda a amargura do relacionamento delas.

— Tem razão. Você cuida disso pra mim? Eu posso pedir a William.

— Vamos pedir a ele. Seu pai foi te ver e pediu que ligasse assim que se sentisse confortável. — Penteei seus cabelos com meus dedos. Liz continuou grudada no meu colo.

— É difícil acreditar que acabou. Eu não irei vê-los nunca mais — ela disse depois de um bom tempo, que até pensei que estivesse dormindo. — Eu desejei ter sido mais forte para enfrentar com eles vivos.

— Não é porque eles morreram que você tem que deixar para lá. Conserte isso no seu coração.

— Vai ser cruel dizer que a traição dela é o que ainda me dói? Eu acho que perdoei Chase em algum momento no caminho.

Ele errou, foi cruel, sujo, baixo e desagradável. Mas ele era uma pessoa que chegou na minha vida. Vicky estava nela o tempo todo.

Ele a conheceu quando ela era criança, então, houve um momento em que realmente acreditei que ela estivesse sendo usada por ele.

Eu briguei por ela como uma vítima. Chamei meus advogados e pedi que fizessem de tudo para que ele pagasse por seus erros.

— Ela era sua irmã. É normal doer tanto. Se você me traísse com Cooper eu não sei o que seria de mim. Ele é o mais próximo que tenho de um irmão.

— Vicky se foi. Minha mãe se foi. Estou aqui. A geração de mulheres da minha família morreu e eu estou aqui.

— Há mais uma. Cabe a você não deixá-la ir também — falei contra sua testa e ela suspirou, cansada. — Vamos comer.

Precisamos nos alimentar e eu sinceramente preciso dormir.

Liz foi tomar banho enquanto preparei um jantar leve para nós dois. Dispensei a bebida alcoólica para ambos e com a comida quentinha, comemos em silêncio. Ela lavou os pratos, eu sequei.

Ficamos parados, olhando um para o outro um tempão. Memorizei cada pedacinho de seu rosto inchado, as sardas espalhadas pelo nariz pequeno e perfeito, a boca carnuda que era suave de beijar, o queixo que fazia um furinho sempre que ela sorria e seus olhos, grandes e expressivos.

Devagar, abriu cada botão da minha camisa e a tirou de dentro da calça. Delicadamente, me deu um beijo em cima do coração.

— Vamos para a cama.

— Eu preciso de você agora — confessei.

Com cuidado, fizemos sexo por quase toda a noite, porque mesmo em meio à tempestade, haveria um lugar de paz

para nós dois. Um refúgio. E fazendo amor, o encontramos.

Capítulo Trinta e Sete

Elizabeth

Eu estava sentada na cama, olhando para a janela aberta do meu quarto há horas. O dia estava apenas começando no mundo lá fora, mas ainda não tinha acabado o anterior para mim. Sawyer estava tão cansado que não demorou a dormir logo que viemos deitar. O homem se esgotou. Ele era perfeito por ter segurado as pontas quando eu mesma não conseguia mais me segurar.

Respirei fundo.

Olhei para minha mão enfaixada, dolorida e latejante de toda a porrada que dei em Chase, que agora estava morto e não poderia apanhar nem metade do que merecia por aquela garotinha. Vicky morreu. Eu não sabia o que sentir. Eu era um monstro. Odiei tanto a minha irmã que, para mim, ela estar morta não fazia sentido. Tinha esperança de nunca mais sofrer da mesma forma. Eu devia estar sentindo um pouco de pesar.

Eu deveria chorar pela minha irmã, o bebê que eu ajudei a criar, mas o monstro que ela se tornou me fez perceber que já vinha chorando a morte dela há muito tempo.

Sawyer grunhiu na cama, o som que sempre me fazia sorrir pela manhã, e não foi diferente. Ele estava se espreguiçando, e não precisava olhar para saber o que fazia quando acordava, porque todos os dias estávamos juntos. Senti sua mão em minha cintura e o colchão afundou mais do meu lado. Fui puxada e deitei com minhas costas em sua barriga.

Enfieei a mão em seu cabelo. Ele ainda estava muito sonolento, provavelmente muito cansado de toda a maratona que foi o dia anterior. Se pudesse, ficaria em casa, mas havia tanta coisa para resolver lá fora e trabalhar que não existia a possibilidade de nos escondermos na cama. Mas aquela era a minha vontade.

Ficar debaixo das cobertas.

— Como está a sua mão?

— Dolorida e latejante.

— Vou pedir para Diego dar uma olhada. Não tem um osso quebrado. — Ele bocejou. — Como está se sentindo essa manhã?

Encolhi os ombros. Não poderia explicar.

— Vou fazer o café — avisei e olhei para a minha mão. — Só o líquido, sabe? Vamos comer no hospital.

— Eu preparo algo para comermos.

— Não precisa, fique descansando mais um pouco...

— Melhor levantar ou eu nunca vou conseguir. — Ele estava só de cueca e saiu do quarto, se esticando por completo. Fui atrás, envolvida no roupão. — Quer omeletes? Dá tempo de fazer.

— Eu nunca recuso sua omelete. — Beijeii suas costas, passando para a máquina de café. Ele parou atrás de mim e me abraçou, acariciando minha barriga.

— Vamos fazer do dia de hoje algo bom.

Virei-me de frente para ele, derretida, com um sorriso no rosto e o beijei. Ele me empurrou contra o balcão e me ergueu sentada ali, cruzei minhas pernas em sua cintura e cheguei um pouco mais para frente.

— Estou nervosa — assumi sem coragem de encarar seu rosto. — Nervosa com tudo. Você liga para William para cuidar daquele assunto? Não quero falar com meu pai agora.

— Eu vou cuidar de tudo, só trabalhe no laboratório, cuide da sua mão e quando estiver pronta, em algum momento desse dia, nós vamos entrar e conhecer Zoe. Quando a assistente social te procurar, você me chama.

— Claro. Obrigada. — Beijei seus lábios repetidas vezes.

— Você está me seduzindo.

— Está dando certo? — Esfreguei-me suavemente nele.

— Sempre dá. Se você não quer que eu te coma de café da manhã é melhor parar.

— Vamos para o sofá — sugeri. Sorrindo, ele me pegou no colo e me levou para a sala.

Ele tirou a cueca, me beijando e descendo a boca pelo meu pescoço. Nua por baixo do roupão e excitada, fiquei molhada com a chupada espetacular em minha boceta. Sorrindo para minha expressão afetada de tanto tesão, montei-o, rebolando com seu pau todo dentro. Sawyer gemeu, jogou a cabeça para trás, gemendo e segurou minha cintura.

Desci suas mãos para a minha bunda, mordendo seu queixo.

— Porra, Liz! — Estapeou minha nádega.

— Gostoso... eu te amo. — Encostei minha testa na dele.

— Minha deliciosa, eu amo você.

Sawyer nos tombou no sofá, eu ri e a risada morreu com o orgasmo que ele me provocou. Foi intenso e ainda mais incrível assisti-lo gozar.

— Você está bem agora? — ele parecia arrogante.

— Estou incrível. — Beijei-o e olhei a hora. — Temos que ir.

Chegamos ao hospital e recebi algumas condolências que me deixaram um pouco irritada. Na hora que gritei com Vicky, não pensei em várias enfermeiras que estavam próximas e o quanto a fofoca iria se espalhar pelos corredores. Só existia uma coisa que corria mais rápido do que um vírus dentro de um hospital: *a fofoca*.

Os olhares, já estava acostumada. Eles me olhavam torto, mas a lista de gente que gostaria de ser transferida para a pediatria não parava de crescer.

Todo mundo amava aquele lugar e sabia que era graças ao meu trabalho. Olhar não me incomodava. A fofoca, sim. Foi um escândalo, eu gritei com a minha irmã, me recusei a atender um paciente e depois bati no meu ex-marido.

De todas as pessoas, estava fugindo de Joshua. Rezei para que não estivesse na sala dos médicos quando entramos. Ele não estava, para meu alívio.

— *Liz Tyson* chegando na área. — Cooper veio quicando no lugar e fingindo estar preparado para uma luta. — Como foi que acertou ele?

— De algum mau jeito. A mão dela está parecendo uma beterraba — Sawyer respondeu secamente e empurrou Cooper. —

Como está Mason?

— É o dente. A mãe dele está desesperada. Eu não tive paciência com ela e Jules surtando por um dente.

— Bebês têm febre quando está nascendo o dentinho, é normal. — Sorri, achando fofa a preocupação delas com Mason.

— Eu sei. — Cooper revirou os olhos. — Jules também sabe, mas ela esquece que é uma médica renomada e fica falando na minha cabeça. Eu adoro que as duas se deem bem. Meu relacionamento com Lisa é ótimo, ela tem o namorado dela, que é um cara muito gente boa e eu tenho a Jules. Elas só podiam *se dar menos bem*. Lisa chama Jules de mamãe dois. Está ensinando Mason a chamá-la de Mammy e Jules de Mamma.

— Qual o problema dele ter duas mães? É porque ele pode ter dois pais?

— Não. Lisa disse que ele não está interessado em ser pai, não agora, ele curte o Mason, brinca, toma conta e é legal com meu filho, mas não quer a responsabilidade de ser pai.

— Ele quer ser um *padrasto* legal. Eu tive um legal. Keith nunca foi muito certo da cabeça e nunca agiu como meu pai, ele só era um cara legal que me deixava passar os cremes que eu inventava nele.

Sawyer me mandou para o consultório de Diego e desceu para comprar nosso café da manhã, que devido às nossas atividades matinais, não deu tempo de comer. Nunca tinha

ido até a ortopedia. Soube que o andar era todo novo, porque até o ano anterior, não existia internações cirúrgicas para ortopedia, antes era apenas um atendimento atrás da emergência, até que o número foi crescendo graças à insistência de Diego.

Joshua lhe deu a oportunidade e ele cresceu muito. Andei ao redor, observando os quartos e vi que havia um paciente famoso, um jogador de futebol. Um residente me abordou e disse que Diego estava me esperando em uma das salas dos fundos.

— Olha a pessoinha feliz. — Diego sorriu quando empurrei a porta.

— Eu sou uma pediatra, seu bobo. As crianças gostam de ver sorrisos — retruquei. Os outros atendentes implicavam com a minha regra de felicidade do andar. Algumas enfermeiras reclamaram que não queriam trabalhar sorrindo e foram trocadas por pessoas felizes. Desde então, pegavam no meu pé.

Sawyer entrou com nosso café.

— Deixe-me ver sua mão. Senta aqui. — Ele me conduziu para uma cadeira e tirou a faixa. — Você deveria ter feito um raio-x.

— Não tem nada quebrado — reclamei, meio petulante.

Minha mão estava horrível.

— Precisa aprender a bater se vai continuar socando os outros por aí.

Diego nos levou para outra sala e fizemos a radiografia. Não tinha nada quebrado, porém, eu tinha que tomar muito

cuidado.

Precisaria ficar longe da sala de cirurgia por algumas semanas.

Segurei minha vontade de chorar na frente de Diego quando ele sinalizou para uma enfermeira vir fazer o tratamento de inflamação nos cortes e aplicar ao redor dos ossinhos.

— Quero uma tipoia rosa.

— Eu vou ter que colocar esse dedinho no lugar. Posso fazer com anestesia na sala de cirurgia ou aqui. Você escolhe.

— Aqui será sem anestesia?

— Sim, se eu te anestesiarmos, você vai ter que ficar em casa hoje e amanhã. É por causa dos efeitos colaterais. Aqui, vai doer muito na hora e vai ficar dolorido depois, mas com um analgésico forte, eu te libero para serviços administrativos a fim de cumprir sua carga horária.

— O nível de dor é de gritar muito? Eu nunca desloquei nada e já está doendo muito agora, mais do que no dia.

— Mais? De zero a dez, quanto?

— Doze.

— Estou preocupado que você tenha rompido algum nervo.

— Tudo bem, eu aguento.

— Vamos fazer uns testes de movimento e depois você pode gritar o quanto quiser. Estou à prova de gritos desde que pedi a Ângela em casamento — ele brincou e pediu para repetir alguns movimentos que doeram. Passou uma faixa que prendia minha cintura no banco e meus ombros

no encosto. Outras duas seguravam minhas pernas. — Vou começar.

Doeu tanto que foi impossível não chorar, mas logo que terminou, senti um alívio muito grande, mesmo que ainda estivesse dolorido, não era a mesma coisa que antes.

— O que foi, Sawyer? — Diego perguntou, rindo.

— Não estou preparado para vê-la sentir dor. Não zoa — ele rebateu irritado e olhei para o seu rosto. — Sinto muito, amor. —

Beijou minha testa, nervoso, e eu suspirei com os movimentos dolorosos que Diego fazia com meus dedos.

— Vou colocar uma tala rosa. — Diego se afastou para o fundo da sala.

Saí da ortopedia com uma tala na mão. Sawyer começou a trabalhar e eu fui dar a notícia a Joshua, que já sabia de quase toda a história, primeiro porque ela já estava rolando pelo hospital e depois por Addison ter mencionado. Ele dispensou minhas desculpas e perguntou se eu queria ter aconselhamento com a psicóloga do hospital. Naquele momento eu rejeitei, porque tinha muita coisa para assimilar ao ponto de ficar falando com outra pessoa.

— Nós somos uma família agora, Liz. Outro pediatra vai assumir suas cirurgias, você pode orientá-lo e assistir sempre que achar necessário. — Ele se levantou da cadeira atrás da mesa e

sentou-se na do meu lado. — Tem certeza de que não precisa de um tempo?

— Eu tenho, estou bem, vou trabalhar e manter minhas folgas do mesmo jeito. Eu assumi uma pesquisa, talvez seja até melhor para que eu possa me dedicar a ela.

— Se mudar de ideia, estou aqui. A assistente social está te esperando na sala dela.

— Pode pedir para Sawyer me encontrar lá?

Joshua me abraçou apertado e as lágrimas que eu estava segurando quase caíram. Segui as instruções até o primeiro andar e sentei-me nas cadeiras do lado de fora, esperando Sawyer. Não queria entrar e ouvir o que ela provavelmente iria me dizer. Eu não queria ficar com a criança. Era muita responsabilidade e iria alterar todo o curso da minha vida.

Além do mais, ela era filha *deles*. Que ironia do destino era aquela que decidiu brincar comigo dessa forma? Criar a filha de duas pessoas que me magoaram muito e tinham morrido? Era a piada do século. Eu não era boa a esse ponto.

Em compensação... era um bebê.

Sawyer apareceu meio que correndo.

— Desculpe o atraso. Ela já está nos aguardando?

— Sim. Não quero tomar nenhuma decisão sem você. Vai afetar a nossa vida.

— Eu sei, nós vamos conseguir — ele prometeu e odiei que estivesse tão positivo. Eu era médica, *pediatra*, e estava apavorada com uma criança. Outra ironia e dessa vez, um pouco engraçada.

Sawyer bateu na porta suavemente e ouvimos um clique.

Uma mulher baixinha de pele clara, cabelos castanhos escuros longos e olhos azuis brilhantes, sorriu gentilmente e se apresentou como Brenna. Ela indicou duas cadeiras e assumiu a dela, começando a falar sobre o que sabia de Chase e Vicky. Eles haviam alugado há duas semanas um apartamento em Nova Jérsei e a polícia já havia disponibilizado a chave para que eu pudesse ir lá

fazer a retirada dos pertences pessoais deles e devolver ao locatário.

Ela esticou um papel com o endereço. Aquilo era uma coisa que, sendo a única parente por perto, também não tinha como fugir.

Tive vontade de me jogar pela janela.

Olhei para Sawyer e ele pegou as chaves e o papel.

Brenna era muito gentil, eu que estava sendo ranzinza e não respondendo suas perguntas direito. Deixei claro que, apesar de saber da existência da criança, nunca a tinha visto antes e não tinha um bom relacionamento com Vicky. Até abri o motivo.

Ela fez uma expressão chocada e meio de pesar, pareceu compreender por um segundo e então sorriu e nos informou que Keith não era apto para receber a guarda da menina. Ele era um homem desempregado, coisa que eu não sabia, e estava apenas vivendo com uma quantia que tinha em sua conta, provavelmente a que eu mandei. Ela me informou que havia registros dele procurando emprego, que estava inscrito em vários sites e fiz a anotação mental de pedir que meu pai falasse com seus contatos.

— A loja que ele trabalhava fechou poucos meses após o falecimento da sua mãe.

— O que mais você conseguiu pesquisar em tão pouco tempo?

— A polícia que me deu essas informações, para falar a verdade, eu não sei se posso falar sobre, mas parece que os pais de Zoe já estavam sendo procurados por eles por motivos que não me foram revelados.

— Só melhora a cada item que você avança, não é? — Tentei fazer graça. Olhei para Sawyer. — Quais são as minhas opções?

— Ficar com Zoe — Brenna disse incisivamente. — Liz, eu entendo seu sentimento, você está passando por um momento muito difícil. Não te conheço pessoalmente, mas você cuidou do meu sobrinho e eu vou ser eternamente grata, porque todos os hospitais o mandaram para casa. Foram quinze anos sofrendo.

Você foi sincera com a minha irmã, disse que poderia não conseguir

e que a sua prioridade seria mantê-lo vivo, mesmo que paralítico.

Mas você conseguiu. Ele está andando. — Ela foi franca e eu não me segurei mais. Sawyer pegou uma caixa de lenços e afagou minhas costas. — Sei que é uma boa pessoa, uma mulher que nunca desiste dos seus pacientes e se entrega de corpo e alma para a pediatria. Entendo que deva sentir muita raiva da sua irmã, mas Zoe não pediu por isso. Ela é outra vítima que está sofrendo fisicamente. Você pode cuidar e mostrar que é melhor do que os pais dela — disse e sequei meu rosto. — No momento, o estado já te deu a guarda da Zoe.

— Por que tão rápido? — Sawyer perguntou.

— O sistema de adoção do país é eficaz, porém, há mais crianças do que famílias dispostas a recebê-las. Estamos à beira de um colapso. — Ela esticou um folheto em nossa direção. —

Fazemos campanhas e, mensalmente, este hospital ajuda vários orfanatos e lares provisórios para que essas crianças não parem em centros de detenção. Hoje pela manhã, falei com a minha superiora e ela falou com o dela. A resposta do juiz foi emitir a guarda sem delongas. Não há casa para Zoe no momento ou uma família que custeie seu tratamento, que será muito caro. A primeira opção nesses casos, é o parente mais próximo e mais apto para receber uma criança. Você é uma médica bem conceituada, jovem, com um relacionamento estável e aparentemente saudável, além de uma vida financeira segura. Você é a única e melhor opção para Zoe.

Senti que meu coração poderia pular pela minha boca.

— Me dá uns segundinhos, por favor.

Levantei-me e corri para o corredor, precisando respirar e não entrar em outra crise de pânico.

Capítulo Trinta e Oito

Elizabeth

Era muito para digerir. Respirei fundo e me fiz as perguntas: *Queria que ela fosse para um lar adotivo?* Não.

Queria que ela tivesse um bom futuro? Sim.

Ela tinha culpa? Não.

Eu podia fazer aquilo? Não.

Estava em pânico? Totalmente.

Sawyer iria me ajudar? Olhei para o homem da minha vida, que segurava minha mão, sem diminuir o aperto.

Com toda certeza ele iria.

Voltei para a sala e sentei-me na cadeira novamente.

— Eu posso trocar o sobrenome dela? — questionei e fechei os olhos ao ouvir o suspiro aliviado de Sawyer. Ele queria muito ajudá-la.

Brenna analisou bem a minha expressão.

— Pode. Vou entrar com o processo de troca de nome enquanto ela ainda está internada. Qual seria o sobrenome?

— O meu.

Eu não queria nem ouvir o sobrenome do pai dela.

— Entendo. Você quer uma certidão e os documentos de adoção no seu nome?

— No *nosso* nome — Sawyer corrigiu e olhei para ele.

— Tem certeza? — Era um momento crucial.

— Se você vai fazer isso, eu também vou — ele afirmou e apertei seus dedos. — Nós não somos casados, isso é um problema?

— Vocês não precisam se casar para adotá-la, mas...

Ela explicou detalhadamente como funcionava o processo e eu fiquei um pouco tonta, precisando acompanhar e anotar

mentalmente tudo que precisava fazer. Sawyer me deu um olhar, concordando com as condições e também assenti.

— Vou falar com meu advogado para redigir os documentos, diga-me o que precisa e eu trarei o mais rápido possível — ele respondeu a ela e me senti um pouco oprimida.

Sawyer e eu tínhamos pensado em um contrato de união estável há um tempo, quando analisamos uns imóveis que poderíamos comprar por questão de investimento. Meu pai achou uma boa ideia fazer aplicação de bens e ele ficou de resolver, talvez já tivesse o contrato pronto, só não finalizou o restante.

A assistente social sorriu animada e entregou a Sawyer uma lista de coisas. A maioria nós tínhamos em casa, no nosso escritório, graças à minha mania de organização. Eu disse a ele onde estavam e ele se comprometeu a buscar.

— Você está tomando um grande passo, mas eu te garanto, foi uma decisão linda.

— Você tem filhos adotivos? — perguntei curiosamente.

— Tenho. Meu marido é estéril e eu também. Nós amamos nossos filhos e somos felizes. Vocês poderão ter os seus próprios e serão felizes com a Zoe.

Eu voltei a chorar. Sawyer me abraçou apertado por um longo momento e secou meu rosto. Joshua tinha razão, eu não tinha condições de trabalhar. Enquanto Sawyer foi em casa, ele mesmo ligou para o meu pai, porque eu não conseguia abrir a boca sem soluçar. Brenna me abraçou porque eu estava em frangalhos em seu escritório enquanto assinava os muitos documentos.

Como podia ser mãe daquele bebê? Não tinha só a guarda, como estava adotando-a para ter o meu sobrenome. Foram muitos passos em um único dia e me sentia dividida. Meu lado racional dizia que não devia dar corda aos sentimentos de raiva e vingança e sim os de amor, mas eles estavam perdendo feio .

Eu não podia maltratar uma criança porque os pais dela fizeram o mesmo comigo.

Sawyer voltou com o que restava e confirmou que o advogado do meu pai já tinha enviado o contrato de união, só faltava assinar. Paul estava trazendo pessoalmente. *Deus me salve.*

Brenna nos liberou para irmos.

— Tenho que preencher os documentos do seguro — Sawyer disse gentilmente.

— Somos pais — sussurrei no elevador, entrando em choque. — Não estamos prontos, vamos estragar isso, eu não estou pronta. Sawyer, o que fizemos?

— Ei, calma! Nós vamos conseguir! Não entre em pânico, nós vamos conseguir.

— Temos um bebê. — Eu surtei e ele riu. Sawyer RIU. Era inacreditável.

Saí do elevador no andar da pediatria. Já havia passado da hora do almoço e eu nem apareci por ali. Totalmente perdida, fiz a rotina que eu deveria ter feito pela manhã, participei das visitas e deixei que alguns pacientes assinassem na minha tala. Uns desenharam qualquer coisa porque não sabiam escrever.

Jules estava me enchendo de mensagens de texto e Audrey apelou para o choro. Elas eram amigas muito leais e estavam preocupadas, com toda razão.

Enfiei minhas mãos nos bolsos e como quem não queria nada, esperei a enfermeira sair do quarto de Zoe para entrar. Ela estava chorando. Fiquei parada, chocada com o quanto parecia comigo quando criança. Vicky nasceu parecida comigo, porque eu tinha traços fortes da Regina, só cabelo e olhos do meu pai, mas até o meu corpo era igual ao da minha mãe.

Conforme Vicky foi crescendo, seu nariz despontou para frente e a face mudou mais para as feições de sua avó paterna.

O cabelo era ruivinho, liso e ainda curtinho, mas dava para prender em algumas partes. Cheguei mais perto, com cuidado e meu coração explodia no meu peito. Ela devia estar assustada com tanta gente desconhecida, sozinha em um quarto que não era o dela. O olharzinho era triste. Ela tinha lindos olhos castanhos.

Ela era minha. O que iria fazer com aquele bebê?

Sequei meu rosto e com cuidado, peguei-a no colo, porque não podia deixá-la chorar. A saúde emocional dos bebês influenciava todo o tratamento clínico. Sentei-me na poltrona e ela ficou me olhando, desconfiada e com medo. Ela precisava engordar, era muito leve, suas bochechas eram finas.

— Oi! Eu não te vi aí. — A enfermeira Lucy se assustou. —

Ela passou a noite e o dia muito bem, respondendo à medicação e ao tratamento. Só rejeitou a mamadeira.

— A nutricionista veio aqui? — Acariciei as costinhas dela.

— Passou suplemento e comida apenas pastosa.

— Você pode trazer a mamadeira de novo e chamar o pediatra para mim? — pedi e ela saiu. Olhei para Zoe. — Oi, menina. Você não me conhece, não é? Está assustada? Eu estou.

— Ela ficou olhando para a minha boca. — Não está acostumada que falem com você? — Zoe tocou meus lábios, curiosa. — Não está — concluí e Lucy voltou com uma mamadeira morna. — É o seguinte, você precisa comer. Não sei se esse negócio é gostoso, mas é bom para a sua saúde — completei e arrumei de modo que ficasse em meus braços, deitada. Quando notei que estava confortável, arrastei a mamadeira em seus lábios.

Ela segurou de um lado e começou a sugar. Talvez ela só quisesse um pouco de conforto para comer.

— Ei, Liz! Vou ter que adiar hoje. Diego tem uma cirurgia de emergência. — Ângela entrou no quarto e aponte para a cadeira. —

Sinto muito por tudo.

— Eu sei, também sinto. — Olhei para Zoe. Como podia ser tão linda? Estava ferida, precisava de amor e atenção. — É a primeira vez que a seguro e ela já está mamando. É um bom sinal, certo?

— Um *ótimo* sinal. Ela gritou e chorou com todo mundo. O que vai fazer?

— Nós a adotamos. — Ângela abriu a boca em choque. —

Sawyer e eu somos pais. — Encolhi os ombros e expliquei tudo o que a assistente social me informou.

— Não encare como uma falta de alternativa. É uma benção e a sua chance de começar de novo. É um presente, Liz. Encare dessa forma. Diego é adotado e os pais dele são incríveis. Você pode transformar o futuro dela. — Ela esticou a mão e apertou meus dedos. Eu concordei. Zoe continuava mamando.

Doutor Robbins bateu na porta e entrou.

— Oh, querida. Você está bem?

— Não. Você pediu para se aposentar e eu não gostei —

acusei e ele riu, sentando-se na ponta da poltrona. — Acho melhor solicitar um berço mais alto. Ela pode rolar, não é?

— Não sabemos se ela senta sozinha ou se as funções motoras ainda estão voltando lentamente. Fiz outra TC com ela hoje e por enquanto, está tudo bem. Talvez ela só não tenha sido estimulada corretamente — Ângela informou. *Ela seria uma ótima pediatra.*

— Entendo. Eu não li nada do prontuário dela porque não tive coragem e agora não posso mais. Conte-me tudo. Eu surtei ontem, como devem saber, então, preciso de uma detalhada atualização —

pedi e Zoe soltou o bico da mamadeira. Ela bebeu tudo.

Coloquei-a apoiada em meus braços e sua cabecinha no meu ombro. Fiz muitos filhos de pacientes arrotarem e chegou a vez de fazer na minha.

Robbins falou tudo, não me poupou de nada, mostrou-me exames da perícia, raio-x, as duas tomografias e todos os de sangue. Ela estava com as bochechas avermelhadas e eu não sabia se era uma causa natural por ser ruiva ou reação do remédio. Ela não teve mais febre depois das nove da manhã e comeu bem pouco durante o dia, sendo sustentada pelo soro. Eles saíram e me deixaram sozinha, com uma Zoe ainda acordada, me olhando.

— Aí está você! — Sawyer entrou no quarto.

— Dei mamadeira e ela bebeu tudo — contei baixinho e ele não conseguia esconder a excitação. Queria bater nele. — Estou preocupada com as funções hepáticas. Antes de morrer, Vicky disse que a última refeição dela foi salsicha enlatada. Acha que devemos fazer algum exame invasivo?

— Apresentou alguma alteração no hemograma além da anemia?

— Nada relevante, mas...

Sawyer sentou-se no braço da poltrona, com uma expressão carinhosa.

— Vamos esperar os exames de amanhã e pensaremos melhor. — Ele acariciou a cabecinha dela. — Posso? Seu pai está ali, ele quer entrar, mas é melhor conversarem antes.

Deixei Sawyer no quarto com Zoe e saí. Meu pai estava no balcão. Ele me abraçou bem apertado e chorei de novo. Meu rosto já estava ardendo e o nariz também.

— Sawyer me contou tudo.

Agradei mentalmente, porque eu não tinha mais condições.

— Você tomou a decisão certa, filha. Todos nós vamos te ajudar.

— Você não se importa que ela seja filha deles?

— Ela é sua filha agora.

— Eu ia dizer que não.

Papai acariciou meu rosto.

— E por que não disse?

— Eu sei que não sou como eles.

— *Você é muito melhor* que eles. — Papai beijou minha testa e apontou para um papel no balcão. — Sawyer já assinou. Ele está com você nessa. — Peguei a caneta e assinei também. —

Lembrando que isso não te faz uma mulher casada. É melhor que ele corrija isso rápido.

— Quer conhecê-la? — Segurei o papel, olhando para o relógio. Sawyer tinha que correr para entregar aqueles documentos.

Paul assentiu, animado. — Você e Sawyer parece que ganharam um presente de Natal.

— Ela é melhor do que um presente de Natal e você vai perceber isso.

Quando

entramos,

pegamos

Sawyer

conversando

animadamente com Zoe e ela ria. Era um som muito tímido, suave e baixinho. Ela franziu o cenho, olhando para Paul e Sawyer levantou com ela, tomando cuidado com o suporte do soro. Paul a pegou no colo e a primeira coisa que fez foi apertar o nariz do meu pai com força.

Entreguei a Sawyer nosso contrato e o beijei suavemente.

— Você tem como ir em casa buscar uma roupa mais confortável para mim? — pedi antes que ele saísse. — Eu vou ficar.

— Claro que trarei. Eu já volto.

Sentei-me com Paul e Zoe por horas. Ele brincou com ela como fazia comigo quando eu era criança. Ter o apoio do meu pai era muito importante e só Deus sabia o que seria daquela criança quando as *gêmeas* descobrissem. Pediria a Sawyer para contar somente no dia seguinte. Enquanto meu pai estava distraído, respondi todas as mensagens de Jules, prometendo que contaria tudo depois. Não tinha mais condições de conversar com ninguém.

Aproveitei que ela estava acompanhada para descer e tomar banho, porque quando Sawyer chegasse, era só trocar de roupa.

Chorei no chuveiro, sentindo que aquilo tudo ainda era muito pra mim e me permiti derramar todas as lágrimas. Era tudo o que eu podia fazer: *Chorar*.

Sawyer retornou com uma pequena mala e eu já estava no quarto novamente. Meu pai se despediu, era hora de dormir

e eu me troquei, reparando que meu namorado também estava com uma roupa confortável. Abri o pequeno armário e vi que o hospital disponibilizou fraldas, mas eu teria que comprar mais. Como ainda era cedo, decidi fazer aquilo.

— Você pode ficar com ela por uns instantes? Preciso resolver algo no mercado e comprar um lanche, alguma comida saudável, meu estômago está doendo com o remédio para dor.

Sawyer dobrou as roupas, deixando tudo arrumado.

— Tem certeza de que quer ir sozinha?

— Ela já ficou sozinha demais. — Apontei para o berço e ele concordou.

Calcei meus tênis, estava de legging e uma camiseta imensa do Sawyer, que eu adorava usar e ele trouxe, provavelmente para me dar um pouco de conforto. Saí do hospital e caminhei na calçada, entrei em uma farmácia e comprei tudo que um bebê precisava. Zoe não tinha nada, itens de higiene e muito menos brinquedos.

O hospital fornecia alimento prescrito pela nutricionista, mas eu entrei no mercado e comprei frutas. Comprei biscoitos pra mim, um pacote de bala de café e suco em caixa. Na saída do mercado, havia uma loja de roupas e eu me dei conta de que ela não tinha nada para vestir. Nenhuma roupa, meia ou casaco.

Entre na loja e pedi tanta coisa que a menina ficou me olhando desconfiada, mas se Zoe era minha responsabilidade, ninguém iria me acusar de ter uma criança mal cuidada. Paguei minhas compras e fui carregando um monte de bolsas pesadas. O

segurança do hospital, quando me viu, correu para me ajudar, estava com a mão machucada com muito peso.

Ele pegou tudo e senti alívio, subimos juntos e ignorei os olhares. Sawyer viu as sacolas e começou a rir.

— Eu sabia que não conseguiria se conter. — Ele ficou de pé, pegando as sacolas do segurança. — Obrigado. Aqui, tome um café por minha conta. — Tirou uma nota e deu a ele. Sawyer começou a abrir as sacolas. — Vou te ajudar a arrumar tudo.

Tirei os brinquedos das caixinhas, lavei-os no banheiro e sequei com papel toalha. Deixei todos no berço enquanto ela estava acordada, olhando-os com curiosidade. Sawyer apertou o patinho e ele soltou um som de “Quack”. Ela não sorriu, mas seu olhar

suavizou e se esticou para pegar. Notei que sua dificuldade era preocupante.

Dobrei todas as roupinhas, preocupada que ela teria que usar algumas sem lavar antes e Sawyer separou umas peças para lavar em casa. Ainda faltava um tempinho para a hora do jantar, então, eu decidi que poderia dar a ela um suco de laranja. Perguntei para Lucy se eu podia usar a pequena cozinha que eles utilizavam para fazer café e ela permitiu. Usei o aparelho de alguém, lavei e guardei no lugar.

— Doutora Nichols. É verdade? Ela é sua filha agora? A assistente social atualizou os arquivos dela ainda agora.

— Agora ela é.

— Você vai se sair muito bem. — Lucy sorriu e fechei a mamadeira.

Zoe demorou um pouquinho para beber, bateu na mamadeira diversas vezes e fez cara de desgosto mais vezes do que o normal.

Não era permitido dar alimentos a crianças dentro do hospital, sem ser a comida que a nutricionista fornecia, mas eu trabalhava ali e decidi fazer as minhas regras. Além do mais, se o governo achava que eu estava apta para adotar uma criança, eu podia fazer o que eu quisesse.

Relutante, Zoe continuou negando. Azar o dela, porque eu também era insistente e paciente. Ela cedeu, provando e fazendo caretas. Limpei sua boca com um dos paninhos que trouxe da rua.

Troquei sua fralda cheia.

— A próxima é dele, certifique-se de fazer a sua *caquinha* quando Sawyer chegar — brinquei com a sua barriga. Ela não riu, mas seus lábios formaram um sorriso. — Você não deve ter brincado muito, não é?

Ela precisava se transformar em uma criança feliz. Terminei a sua fralda e fechei a roupa que ela ainda usava.

— Eu preciso decorar seu quarto, comprar um berço e vários brinquedos, mas só vou fazer isso quando você sair daqui.
—

Inclinei-me sobre o berço e ela apertou o pato novamente.
— Tudo

vai ser diferente em nossas vidas agora. — Suspirei, me sentindo perdida e percebi que ela não falava a língua do bebê ou, se falava, estava tímida. — Isso é um pato. Quack. Quack — brinquei e ela mostrou os dentinhos. — Fale, é a sua vez.

Nada.

— Ok. Não vou te forçar.

Sawyer voltou com roupas limpas e secas. Ele tinha mais intimidade com a nossa máquina de lavar e secar do que eu. A menina da copa entrou com o jantar e Sawyer se animou em dar.

Foi engraçado, porque era uma colher na boca, outra na roupa, outra ela cuspiu, outra ela negava, outra ela ameaçava chorar e mais uma na boca.

Meus hormônios já estavam confusos, eu já estava emocionada à toa, muito abalada psicologicamente e ao ver Sawyer fazendo aviãozinho, quase me joguei no chão para não derreter como manteiga. Tive que parar de olhar para não chorar. Deixando um pouco no pratinho, Zoe comeu mais do que no dia anterior.

A enfermeira disse que deu banho nela no berço, porque ela se debatia e gritava, então, eu consegui uma banheira na UTI e liguei a água quentinha do chuveiro. Tirei sua roupa com cuidado e a segurei, levando-a para o banheiro. Sawyer andou atrás de mim com o suporte. Lavei suas pernas com cuidado, porque as feridas ainda estavam cicatrizando, e o cabelinho. Ela choramingou um pouco, mas estava precisando.

A água chegou a ficar marrom. Quanto tempo a criança não era lavada corretamente? Penteei seu cabelo para o lado e ela ficou sentada, se mexendo, dificultando o trabalho. Sawyer passou a pomada cicatrizante nas feridas e eu a vesti com fralda limpa e um novo pijama de ursinhos.

Nós contamos os hematomas, assaduras e marcas de queimado. Ele precisou me segurar, mas eu podia sentir seu

tremor.

Era muito difícil vê-la ferida. Doía muito.

— Melhor fazê-la dormir — Sawyer disse quando a vimos coçar seus olhos e choramingar.

Sentei-me na poltrona com ela no colo. Ele arrumou o suporte e seu bracinho de forma que a agulha não a machucasse ainda mais. Esterilizamos a chupeta junto às mamadeiras e ela aceitou. Com dor no coração, lembrei-me de uma cantiga de ninar que Carlie cantava para mim. Foi impossível não cantar com as lágrimas escorrendo no rosto e quando ela dormiu, olhei para Sawyer. Pela manhã, eu estava nervosa, à noite, me sentia simplesmente *apavorada*.

Capítulo Trinta e Nove

Sawyer

Estiquei minhas pernas na poltrona e vi Liz se mexer no outro sofá, puxando a colcha. Zoe estava dormindo no berço. Ela acordou várias vezes durante a madrugada, mas deu para dormir bem.

Estava mais descansado e menos nervoso. Liz seguia surtando, então eu tive que me deitar com ela para que dormisse. Tomamos uma decisão muito rápida, mas o resultado tinha que ser esse devido às nossas opções e eu estava determinado a não deixar aquela criança sofrer mais do que já sofreu em sua pouca vida.

Ela poderia encontrar uma boa família ou não. Nós poderíamos ser uma boa família. Ela merecia ter a vida que podíamos proporcionar. Liz iria se arrepender para sempre, porque se fosse filho de Jules ou o próprio Mason, ela não

pensaria duas vezes antes de acolher. Quando a tempestade passasse, ela iria enxergar.

Voltei minha atenção para a tela do computador, corriji a última página do meu relatório semanal e enviei para a administração, para que fosse impresso e entregue a Joshua.

Desliguei meu computador, pois tinha que sair com Liz em pouco tempo e informei ao meu tio assim que recebi as instruções de William sobre o velório.

Parecia terrorismo e até mesmo uma tortura passar por aquilo, mas não havia outra forma da Liz entender que finalmente havia acabado. Guardei minhas coisas na pasta e ela se espreguiçou, jogando o cobertor para o lado e tirando o celular do bolso.

— Sua mãe está me ligando — ela sussurrou do outro lado do quarto. — Conte a ela antes que eu me sinta culpada e comece a chorar. — Espreguiçou-se e levantou, andando com cuidado e sentando em meu colo. — Entendo o esgotamento de todas as mães que ficam aqui. Uma noite e eu estou completamente acabada. Minha coluna parece pegar fogo.

— Estamos vivendo uma maratona.

— Eu acho que vou ter que pedir licença maternidade a Joshua. — Escondeu o rosto em meu pescoço. — Como vou fazer isso? Não quero deixar a minha carreira, tenho muitos planos e uma agenda apertada.

— Vamos pensar. Acho que podemos lidar enquanto ela estiver internada, depois podemos ver como funciona a creche, o hospital não tem uma, mas sei que a maioria aqui coloca os filhos em uma bem perto. Vamos ficar bem —

garanti e ela me deu um beijo, mas seu telefone continuou vibrando. — Minha mãe é insistente.

Contei à minha mãe o que aconteceu depois que nos falamos e ela soltou diversos gritos, de alegria, raiva e surpresa. Tia Meredith falou junto e Audrey também gritava. Liz riu, mas se afastou quando Zoe chorou do berço.

— Eu não queria que ela ficasse sozinha, então, pedi para Jules passar a manhã com ela. Ela está de folga e disse que vinha sem problemas. Ela não entendeu nada, mas aceitou vir mesmo assim — Liz disse e ficou parada. Zoe estava choramingando e ela me impediu de segurá-la. — Não. Deixe-a tomar seu tempo para acordar.

— O quê? Por quê?

— Tocá-la pode assustá-la. Ela está choramingando, pode estar sonhando ou em processo de acordar. Ela precisa confiar em nós dois ainda — sussurrou e parei observando. Zoe rolou para o lado e choramingou mais uma vez, ficando quietinha. — Talvez ela não acorde agora.

— Tem certeza de que está com medo?

— Muito. Estou apavorada. — Liz passou a pontinha do dedo em um hematoma que estava muito feio. — Esses ferimentos me preocupam tanto.

— Você é muito boa nisso, amor.

— Eu sou uma pediatra, entendo sobre crianças, mas não entendo nada sobre ser mãe.

— Você não nasceu pediatra. Vai aprender a ser mãe.

Zoe abriu os olhos e soltou o bocejo mais fofo que vi na vida.

Ela esticou o bracinho e as duas pernas e se encolheu todinha, olhando em nossa direção. Liz abriu um sorriso de volta, tranquilizando-a e eu acariciei seus cabelos ruivinhos.

— Sua vez com as fraldas, eu vou pedir para a enfermeira trazer o café da manhã dela. — Liz me deu um tapinha no braço e se afastou.

Zoe ficou olhando Liz ir e fez menção de chorar.

— Está tudo bem, ela vai voltar — falei gentilmente e puxei a calça de seu pijama. Eu não sabia definir se a fralda estava cheia ou não. Peguei o trocador de plástico que Liz comprou, fralda, lenços e pomada. Ia deixar o restante para ela. Troquei a fralda só de xixi e coloquei sua roupa novamente. — Você dormiu bem? Eu dormi, apesar da poltrona, mas consigo dormir em qualquer lugar. —

Tagarelei e ela virou a cabecinha para o lado. — Liz saiu para encontrar algo para que possamos engordar essas perninhas.

— Posso entrar? — Joshua bateu na porta. Eu sorri. — Essa é a pequena coisinha que deixou toda a família agitada em menos de meia hora? — Ele se inclinou no berço. Zoe ficou quieta, desconfiada. — Sua tia me ligou aos gritos. — Tirou um ursinho da bolsa que segurava. — Comprei na lojinha daqui, com calma compro algo melhor. — Ele sorriu para Zoe. — Eu sou seu Vovô Joshua.

— Tio.

— Tio é muito impessoal. Audrey vai demorar anos para me dar netos, me deixe curtir isso — ele reclamou e me afastei.

Liz voltou com uma papinha laranja.

— Essa criança tem mais avós do que pais — sussurrei e ela riu, olhando Joshua brincar com Zoe, que parecia estar se divertindo, mesmo sem rir. — Ela não deu uma risada até agora, não é?

— Só aquela com você. Acho que não era uma criança que brincava muito.

— Ela vai ser sufocada.

— As gêmeas devem estar loucas — disse, meio desesperada.

— Não desenvolva outro TOC, estou tentando lidar com os que você já tem. — Segurei seus ombros. Ela fez uma careta e entrou no quarto.

Zoe fez uma carinha fofa quando a viu.

— Você está de folga, Liz — Joshua anunciou, sem desviar os olhos de Zoe.

— O quê? Por quê? Ainda estou no horário de começar a trabalhar!

— Eu sou obrigado a te dar quinze dias, mas se você quiser fazer a rotina administrativa e o controle clínico enquanto estiver aqui, tudo bem. Você sai o horário que for preciso e conversamos sobre esses dias ou a licença maternidade quando for a hora. —

Joshua foi mais rápido que eu em aplacar o desespero dela. — Não vai deixar de ser uma ótima cirurgiã pediátrica se tirar um tempo para a família. Você é mãe agora, esse é um dever maior do que ser médica.

Joshua nos deixou sozinhos para a hora da comida.

Liz deu a papinha e Zoe aceitou na primeira colher.

— Caramba, ela não cuspiu! — Trocamos um olhar e sorrimos, era um alívio vê-la comer. — Estou feliz que a nutricionista tenha ouvido os meus conselhos.

— Achei que você estava brincando quando disse que estudou nutrição.

— Foram só dois anos. Queria entender mais sobre comida.

Na época, meu pai ficou doente, eu tinha vinte anos e inventei de fazer um curso de culinária com Carlie para cuidarmos dele. Sou curiosa e costumo querer saber o porquê das coisas, eu estava no terceiro ano da pré-medicina e encontrei um tempinho livre.

— Cabeçuda. Eu, no terceiro ano da pré-medicina, não sabia nem o meu nome. Não tinha tempo para dormir. Você montou o cardápio com a doutora Huilen? Ela não deixa que ninguém chegue perto dos cardápios dela.

— Cheguei com jeitinho. Fui falando sobre os pratos, o que ela queria mudar, dei umas sugestões e convenci Joshua a dar-lhe um consultório maior. Aí ela me deixou opinar em tudo.

— Você não tem seu próprio departamento para cuidar não?

Já se meteu na nutrição, na enfermagem e na obstetrícia.

— Vou passar na plástica e neurologia antes de chegar em você. — Ela piscou e eu ri. Liz se metia em tudo. — Vou deixar Diego por último, ele é muito ranzinza com mudanças.

— Não é engraçado.

Era bom vê-la bem. Ainda não estava totalmente bem, mas a sua risada era música para os meus ouvidos. Liz limpou a boquinha de Zoe e ela ficou sentadinha, mexendo nos seus próprios pés.

— E agora?

— E agora? — repetiu e ficamos pensando. Liz se levantou e tentou soar o mais animada possível. — Vamos trocar de roupa!

Você trocou a fralda dela? — Assenti e ela abriu o armário. — Bem, Zoe. Suas novas avós irão te conhecer hoje. Você tem duas de um lado, porque Meredith não vai aceitar ser tia, então, tem a vovó Addison, que vai ser um pouquinho surtada, mas é gente boa, e a vovó Meredith. Uma é tão surtada quanto a outra. — Ela pegou uma calça rosa, um par de meias brancas e me apontou duas blusas.

Uma rosinha e outra Azul. Apontei para a azul com algumas coisas que não sabia descrever. — Você tem o vovô Joshua, o cara de bobo que ficou balançando o urso na sua frente e o seu especial e incrível Vovô Sawyer. Além do vovô Paul, que vai te mimar muito.

Vai se acostumando. — Ri, cruzando meus braços e deixando-a falar.

Era melhor quando ela disparava a falar do que quando surtava e se escondia em si mesma.

— Eu não sei se azul combina com rosa.

— Combina. Mas temos que comprar mais roupas.

Ela usava qualquer desculpa para fazer compras e manter tudo organizado.

Liz deitou Zoe gentilmente e ficamos perdidos com o que ela precisaria usar de imediato. Revisamos uma lista de itens e começamos a trocar as roupas.

— Você sujou a fralda de novo. É a vez dele.

— Toda vez é a minha vez?

— Claro! Quero ver as suas habilidades de trocar uma fralda!

— ela me provocou e eu peguei tudo, mostrando o quanto era bom.

— Até que foi bom.

— Certo. Especialista.

Liz começou a trocar a roupa e me ensinou o esquema de passar a blusa pela cabeça e depois colocar os bracinhos. O

segundo era apenas fechado com um botão. Com a escova, penteou o cabelo, mas parecia que Zoe estava mais acordada agora, porque estava para todo lado, quase arrebentou o *scalp*.

— Alguém está com mais energia hoje — comentei, segurando-a no lugar para Liz colocar as meias. — Parece que a comida está fazendo efeito.

— Ou a medicação que fez as enfermeiras entrarem aqui centenas de vezes na madrugada.

Doutor Robbins entrou com Ângela, os residentes do terceiro ano para baixo e os novos internos da pediatria.

— Vocês me conhecem e conhecem o doutor Reedburn.

Provavelmente ouviram milhões de rumores pelo hospital. Este bebê agora é nosso. Zoe é a nossa filha e hoje vou agir como mãe de um paciente, assim como irei avaliá-los da mesma forma, mas não vou corrigi-los.

— E se um de nós estiver errado?

— Ângela irá conversar com vocês. — Parei atrás dela, de braços cruzados. — Ok. Estou no meu papel de mãe e vou fazer perguntas, provavelmente muitas mães não vão fazer assim, porém,

eu aprendi isso da pior forma, porque um dia, uma mãe me encheu delas. Preparados?

Capítulo Quarenta

Sawyer

Os internos estavam prontos para vomitar e alguns residentes mais confiantes. Ângela limpou a garganta e um deles começou a visita, relatando o estado clínico que Zoe entrou, os primeiros exames, a melhora e o tratamento clínico. Liz foi nada além de cruel. Perfeitamente malvada. Ela fez perguntas que eu tinha certeza de que nunca saberia responder quando era um interno.

Assim que os internos saíram, eles riram. *Cruel*. Achei que Amber fosse o diabo. A pediatria parecia um pedacinho do céu, mas os médicos eram a encarnação do diabo.

— Ok! Cheguei! — Jules entrou no quarto e abraçou Liz bem apertado. — Uma hora de atraso, mas Mason dormiu lá em casa hoje e a coisa do dente não nos deixou dormir, mas

consegui fazer Cooper confessar que estava nervoso também.

— Um picolé de leite materno ajuda — Liz murmurou no abraço.

— Sério? Por que não me disse antes? — Jules se afastou, exausta.

— Eu? Você é uma médica, se vira — Liz respondeu com uma risada.

Elas eram muito carinhosas.

— Enfim, sei que não estão com tempo, mas Audrey já me contou tudo, então, parabéns! — Jules bateu palminhas e ficamos olhando-a. — Tudo bem que não é um momento para fazer festa, mas vocês decidiram casar e conversaram sobre bebês, veio um mais cedo, fora da barriga, nada de resguardo, as vantagens só aumentam.

— Jules? Cale a boca. — Liz suspirou e pegou sua bolsa. —

Ela tem que mamar daqui a uma hora e meia. É o suplemento,

então, dê tudo. Segure-a no colo ou eu acho que ela não vai beber.

Funcionou comigo ontem.

— Sei cuidar de um bebê. — Jules cobriu a boca de Liz.

— Mason pode responder a isso melhor — Liz murmurou e mordeu a mão de Jules. Eu apontei para o relógio. — Ela gosta quando o patinho faz Quack e não sei mais nada sobre ela. —

Encolheu os ombros e começou a chorar. *De novo.* — Sinto muito.

— Sua menstruação está atrasada? — Jules perguntou e eu me sentei, porque não queria cair com a resposta.

— Não, idiota. Você quer que eu comece a listar os motivos pelos quais estou chorando?

— Não seja uma vaca comigo, estou cuidando de você.

Elas estavam prontas para discutir.

— Ok! Chega vocês duas! — interrompi e elas pararam. —

Obrigado por vir cuidar dela, em algum momento pagaremos com Mason, mas não tão cedo, ok? — Peguei a bolsa e Jules sorriu. —

E você, vamos tomar café e sair.

Nos despedimos de Zoe. Ela ficou parada olhando, provavelmente sem entender, e saímos. Parei em uma cafeteria, comprei café e bolinhos, que comemos no carro a caminho de um cemitério em Nova Jérsei onde William e Paul estariam nos aguardando para o sepultamento. Liz comeu em silêncio, observando o caminho, oferecia-me alguns pedaços e segurava meu copo de café. Estacionei na área central do cemitério e ela embalou nosso lixo, saindo do carro e jogando fora.

Ficamos parados olhando o caminho. Segurei sua mão e segui até onde William disse que seria o local. Não havia ninguém além deles lá. Não havia flores. Nada. Apenas dois caixões e dois buracos na grama. Liz apertou meus dedos.

— Você quer dizer alguma coisa? — perguntei.

Negando, ficou em silêncio por quase uma hora, parada, olhando para frente, mas os meus dedos estavam bem apertados

em sua mão. Depois de mais vinte minutos, deu um passo para a frente.

— Não sei quem você é, Chase. Nunca soube. Acho que nunca prestei atenção em quem você foi.

Virando para o caixão de Vicky, ela deitou a cabeça na madeira.

— Eu só quero me lembrar de você como meu bebê. Aquela garotinha tagarela que vestia meus saltos e andava atrás de mim.

Eu não sei como você se tornou aquela pessoa, mas eu te amei muito. Foi o meu primeiro bebê. Quero sempre me lembrar da minha irmãzinha. — ela sussurrou e se afastou, abri meus braços para recebê-la de volta.

William fez o sinal e dois rapazes apareceram para descer os caixões. Paul afagou as costas dela, mas ela olhou. Eu a conhecia.

Sabia que iria olhar para ter certeza.

Logo que os caixões desceram, voltamos de mãos dadas.

Não havia muito o que dizer. Ela se despediu de Paul e ele prometeu aparecer no hospital na hora da visita, então, entramos no carro e seguimos para o apartamento que Vicky e Chase haviam alugado, em um lugar bem perigoso,

mas William estava nos seguindo e eu não me senti inseguro.

Parei em frente ao prédio, peguei as chaves do saco e ela quis ir comigo, para olhar. O locatário nos recebeu na porta e subimos a escada até o último andar.

Não havia muita coisa dentro, apenas comida podre. Nenhum brinquedo, nada que pudéssemos recuperar para Zoe. Roupas espalhadas. A mobília era do apartamento. William disse que encontraria alguém para tirar tudo ou ele mesmo faria, liberando-o para o dono. Acertei o que eles estavam devendo em dinheiro. Liz pegou uma foto que estava em cima de uma televisão velha. Era de uma mulher ruiva com um bebê no colo.

— Minha mãe e Zoe — ela disse baixinho.

— Sua mãe era uma mulher linda. Não há nada aqui. Pronta para ir?

— Sim. Eu achei que fosse ser mais difícil. Você tinha razão.

Eu tinha que deixá-los ir para me sentir livre.

— Nem sempre tenho razão, mas quando se trata de conhecer você, tento sempre estar certo. — Eu sorri e ganhei um abraço muito gostoso.

A viagem de volta para casa foi feita em silêncio, mesmo no trânsito caótico que enfrentamos apenas para entrar em nossa garagem. Liz saiu, dizendo que iria aproveitar para tomar banho, comermos alguma coisa e levar roupas para o hospital. Ela disse que eu tinha que aproveitar e ficar em casa para dormir, mas eu não faria isso.

Elizabeth foi para o chuveiro e eu tirei da minha gaveta o anel da minha avó. Peguei um colarzinho em sua caixa de jóias, passei pela aliança e pendurei em um botão da cabeceira da cama. *Bem no centro*. Liz saiu do chuveiro enrolada no roupão, com cabelo molhado e vestiu a calcinha. Depois, puxou o sutiã e colocou uma calça de moletom, meias e tênis, indo para o closet procurar mais alguma coisa.

Voltou com outras roupas e uma bolsa. Aproveitei para pegar roupas também.

— Podemos almoçar depois? Quero ter certeza de que Zoe almoçou, caso ela tenha rejeitado a mamadeira. Precisamos ver os resultados dos exames desta manhã.

Ela respirou fundo e parou.

— O que é aquilo? — Apontou para a cabeceira da cama.

— Sua aliança de noivado.

— Eu sei, vi na gaveta. O que ela está fazendo pendurada na nossa cama?

— Esse é o meu pedido de casamento. — Ela abriu a boca e fechou, virando-se, completamente chocada. — Eu te amo.

Adotamos uma criança e estamos começando a nossa família. Não me interessa de quem ela é filha biológica, *ela é nossa filha agora*.

Conversamos sobre casamento e filhos, planejamos casar no

começo do ano que vem e ter bebês no outro. Falamos sobre viajar nas férias e esquiar em Aspen no inverno.

Fizemos planos e podemos continuar com os mesmos, faremos minha mãe de babá e viajaremos ou a levaremos conosco. Pessoas fazem isso o tempo todo, Liz. Não vou desistir de você, da minha carreira, da nossa vida, só porque agora temos um bebê. Esse é o começo do que sonhamos juntos. Eu quero casar com você, mas você está com medo e eu entendo.

— Como você pode não estar?

— Nós somos diferentes nisso. Você surta com suas emoções e é racional. Eu sou só emoção — brinquei e ela riu suavemente. — Essa é a minha prova de que estou com você.

— Por que diabos você não está de joelhos?

— Você vai colocar essa aliança quando deixar de sentir medo ou, pelo menos, quando acreditar em mim que vamos fazer isso perfeitamente. Pode ser com muitas brigas no caminho, desentendimentos, mas vamos estar juntos. O dia que sentir que está pronta, coloque a aliança e venha falar comigo. Ok?

— Ok! Eu te amo! — Ela sorriu e se jogou em cima de mim.

Bateu com sua mão machucada na cama e gemeu de dor, mas depois sorriu. — Te amo tanto!

— Confie em mim, não estou prometendo o impossível.

— Eu prometo, que quando toda essa confusão sentimental passar, eu vou aparecer com a data do casamento e as cores. E ah, os convites das madrinhas. Também se vamos ter...

Cobri sua boca.

— Deixa essa parte para depois que você colocar a aliança, eu já estou enlouquecendo com Ângela correndo atrás de mim com tecidos de cores diferentes pra ver se combina com meus olhos.

Nossa prioridade é Zoe.

Liz foi terminar de arrumar as coisas e eu tomei um banho rápido. Quando chegamos ao hospital, Jules estava do lado de fora, conversando com Cooper e o quarto de Zoe parecia uma festa.

— Quem encheu o quarto de balões? — Liz perguntou. Zoe estava dormindo.

— Eu os coloquei lá dentro porque não tinha mais espaço nos meus braços para segurar todos os presentes e balões que o pessoal do hospital está entregando. Todos possuem um cartão e vocês se virem agradecendo depois — Jules respondeu, entregando uma caixa lotada. — Aquele urso gigante, que está ocupando o sofá, foi o sem noção do meu namorado.

— Ela vai adorar. — Cooper sorriu, empolgado. — E como você está? Foi tudo bem?

— Eu achei que fosse pior, mas estou me sentindo melhor. E como foi aqui?

— Ela chorou muito depois que vocês saíram, tipo, muito mesmo. Ficou no colo mexendo nos meus dedos, dormiu, não mamou muito, só enrolou e empurrou a mamadeira. Ela deve acordar com fome. Troquei a fralda. Ah! As gêmeas do mal estão chegando, já sinto o chão tremendo.

— Ah, droga. Esqueci-me de comprar a banheira. — Liz bateu a mão na testa. — Peguei a da UTI emprestada.

— Tem mais alguma coisa? Eu compro e volto aqui. Tenho que ir ao shopping.

— Vou fazer uma lista.

Liz entrou e os dois me olharam.

— Ela está tentando. Chorou muito, mas está tentando. Pelo menos, se despediu. Deem uma chance e não fiquem olhando como se ela fosse surtar novamente.

— Aqui está. São só umas coisinhas. — Liz deu a lista e o cartão de crédito. Jules devolveu o cartão e guardou a lista.
— Eu vou ver o almoço dela e já volto.

— Ela realmente está tentando — Cooper disse ao observá-la sair pelo corredor. — Vai dar tudo certo, nós vamos ao shopping e voltamos.

Jules e Cooper saíram por um elevador. No outro, Addison e Meredith saíram com bolsas de lojas nos braços. Muitas bolsas.

Havia um rapaz atrás delas carregando mais. Audrey, vestida com seu uniforme do hospital, também segurava algumas. Não iria caber tudo naquele quarto. Parei na porta, impedindo-as.

— Vamos com calma. — Ergui minhas mãos e elas estavam olhando sobre meu ombro. — O que é exatamente isso tudo?

— Roupas, brinquedos, fraldas, chupetas, presilhas de cabelo, lindos vestidinhos e sapatinhos. — Mamãe sorriu,

animada.

Tudo era motivo de comemoração. — Sou uma avó. Eu não esperava dormir e acordar avó. Incrível, certo?

— Mãe. As circunstâncias...

— Danem-se as circunstâncias. Vocês adotaram um bebê e eu sou a sua mãe, significa que essa criança é minha neta. Saia da minha frente.

Zoe chorou e sentou-se no berço. Entrei com calma e a peguei no colo, acalmando, mas ela não parava de chorar e olhar ao redor. Tia Meredith e minha mãe pararam ao meu lado, mas não avançaram feito loucas. Liz voltou com uma bandeja e ficou sem entender o que estava acontecendo.

— Não consigo fazê-la parar.

— São os balões. Tem muitos. — Liz a pegou e esfregou as costas. — Tire todos os balões daqui. Ela está assustada. — Abri a porta da sala da frente e os coloquei lá. — Oi vocês. Zoe, essa é a Vovó Addison que te falei mais cedo e a Vovó Meredith. Cadê Audrey?

— Cooper está de folga e o residente da neurologia pega no pé — Addison respondeu. — Volta depois. Posso?

— Ainda não. Ela está nervosa. O que é isso tudo? — Liz perguntou e Tia Meredith passou a abrir todas as sacolas, tirando cada roupinha. — Vamos continuar com isso depois, ela precisa comer. Ela vai ser furada novamente e imagino que ficará um pouco irritada.

Sentei com Zoe e arrumei seu scalp. Liz estava olhando para o bracinho dela e provavelmente pensando a mesma coisa que eu.

Era horrível ver um bebê no hospital. Ela puxou a bandeja para mais perto e ofereceu suco na mamadeira. Zoe olhou desconfiada, bateu e virou o rosto.

Liz ficou insistindo até que ela provou o suco de laranja e deu um longo gole.

— Você estava com sede? — Liz brincou com ela.

Ofereci uma colher. Ela cuspiu tudo.

— A cor não é animadora — falei baixinho.

Um flash e nós viramos. Tia Meredith estava tirando fotos.

— É importante registrar todos os momentos. — Ela sorriu e eu ri. Era melhor que Zoe se acostumasse com a nova família.

O quarto teve muitas idas e vindas durante todo o dia. Muitos presentes. Já nem sabia a quem agradecer. Cooper deu a ideia de fazer uma mensagem padrão e eu o coloquei para ficar sentado e digitar para quem mandou presentes.

— Ontem ela não tinha ninguém — Liz sussurrou, com o olhar cheio de emoção. — Agora ela tem tanta gente.

— E ainda não veio a família inteira — brinquei e ela sorriu ainda mais. — Ela vai ser feliz conosco. Terá o amor que merece.

— O amor que eu ganhei de você, ela terá agora e é assim que tem que ser.

À noite, recebemos a boa notícia de que ela estava melhorando. Ela foi pesada e ganhou um quilo em dois dias de tratamento. Devido ao baixo peso, ainda precisava de

mais cuidados. Liz insistiu que eu fosse para casa descansar, mas se eu fosse para casa, não iria dormir.

Tivemos a mesma rotina que na noite anterior, exceto que eu dei o banho, coloquei a fralda e tentei pará-la para pentear seu cabelo. Ela ficou acordada o suficiente para aceitar uma mamadeira morninha e provavelmente muito satisfeita, começou a reclamar de

sono. Sentei-me na poltrona e observei Liz cantar a mesma canção, porém, daquela vez, sem chorar.

Eu senti muito orgulho da mulher que amava.

Capítulo Quarenta e Um

Elizabeth

Levantei-me para esticar as costas e olhei para Zoe dormindo. Minha mão ainda estava dolorida, mas bem menos do que nos outros dias. A fisioterapia ajudava muito e eu prometi nunca mais socar alguém, porque realmente precisava voltar a operar.

Passava mal a cada cirurgia que entrava no quadro, a cada emergência que chegava ao hospital, mas toda vez que eu me animava de ficar uma horinha dentro do centro cirúrgico, Zoe chorava, ou alguma mãe queria conversar comigo. Ainda tinha os advogados da família de Sawyer me procurando para atualizar o testamento. Todos eles decidiram que iriam incluir a nova “adição”

da família em suas heranças.

Sem contar que sempre tinha alguém querendo falar comigo sobre Zoe. Meredith e Addison estavam me

perseguindo pelo hospital por causa da decoração do quarto que eu queria escolher.

Esticar as minhas costas era tudo que eu podia fazer. Cansei de chorar. Não devia ter mais lágrimas disponíveis e eu realmente estava cansada de chorar. Fazia cinco dias que Sawyer me pediu em casamento e eu ainda não havia colocado aquela aliança no meu dedo, porque não tive tempo para pensar se estava surtando, calma ou se vivendo em um universo paralelo. Eu realmente não sabia onde estava em minha própria vida.

Queria voltar no tempo, fazer pipoca, beber um vinho e ficar de roupão sem calcinha no sofá. Mas eu não podia mais. Não tinha tempo. Sawyer estava fazendo o melhor que podia, porém, um dos médicos estava doente.

Saí rapidamente do quarto de Zoe para beber um café e conversar com alguma pessoa adulta. Cheguei ao andar da cirurgia plástica. Ali era o verdadeiro templo de adoração ao corpo. Havia estátuas lindas e torneadas para todo lado, exemplos de seios de silicone e Jules estava em um quarto, pegando na bunda de um paciente. O trabalho dela era bizarro. Eu achava engraçado que ela

fosse livre para simplesmente apertar seios alheios e apalpar bundas.

Assim que me viu, fez o sinal em direção a sua sala e entrei lá. O cheirinho de café me deu toda a sensação de conforto que precisava. Enchi dois copos porque há dias não dormia bem, entrei na primeira porta que dava para a escada e descii alguns andares, parando entre a pediatria e obstetrícia. Ninguém usava escada.

Exceto, Sawyer e eu para trocar uns beijinhos.

Consegui beber um copo inteiro e organizar um item que deveria pensar antes do meu bipe tocar. Joguei um copo fora e comecei a beber o outro, voltando para a pediatria. O doutor Robbins queria uma orientação da cardiologia e me chamou antes para dar uma olhada nos exames.

— O tumor está no pericárdio. É muito avançado. Ela só tem seis anos.

— Um milagre estar viva — ele falou com pesar.

— Não temos as primeiras imagens? — Olhei o prontuário.

— Ela não começou o tratamento conosco.

— Temos que analisar em quanto tempo esse tumor cresceu.

Ele está consumindo-a e quase ganhando vida própria. Peça para Ângela solicitar ao primeiro médico os exames primários, fale com Sawyer sobre a cirurgia, mas nós teremos que estudar.

Conversamos sobre mais dois casos complicados e a quantidade de café no meu estômago me deu mais energia. Ao mesmo tempo, eu me sentia pronta para desmaiar. Era difícil dormir com o corredor movimentado. Quando Zoe finalmente dormia, alguém entrava, ela chorava e eu começava tudo de novo, ou Sawyer ficava andando com ela pelo corredor para que pudesse cochilar.

— Por que você não aproveita que ela está dormindo e descansa? Essa maratona acabou — doutor Robbins anunciou.

— Ela terá alta amanhã?

— Os exames estão ótimos, ela pode continuar o tratamento em casa, com um acompanhamento de perto. Quero vê-la toda semana, ainda temos um caminho a seguir, mas podem descansar em casa.

Eu abri o sorriso mais verdadeiro da semana. As perninhas de Zoe já possuíam adoráveis dobrinhas e os braços também.

— Não posso acreditar que é a minha última noite dormindo aqui — disse com alegria e parei. — Ai, meu Deus! Ela não tem berço em casa!

Liguei para Sawyer.

— Você vai ter que ficar com ela — sussurrei no telefone, andando com cuidado no banheiro para não fazer barulhos que a acordassem.

— *Amor, eu vou entrar em cirurgia agora* — ele me respondeu com um tom cansado.

— Mas eu preciso sair, Sawyer — insisti, porque não havia nenhuma maneira que conseguisse ficar sem resolver aquele problema. — É importante. Arrume alguém que tome conta dela e não a deixe completamente agitada.

— *O que você vai fazer de tão urgente?*

— Compras.

— *É uma brincadeira, certo? Não é possível.*

— Robbins vai dar alta a Zoe amanhã. Ela não tem berço, eu tenho que comprar alguma coisa para ela dormir.

— *É verdade, merda.* — Ele bocejou.

— Você está bem para operar? Estamos morando no hospital...

— *Eu não vou operar, só avaliar o trabalho do novo cardiologista. Estou quase caindo, não posso nem sonhar em segurar um bisturi.*

— Eu sei. Hoje à noite, você dorme em casa.

— *Compre as coisas, deixe escrito o que tenho que fazer, eu monto e durmo com o tempo que sobrar, ok? Vou ver se Jace pode ficar com ela.*

— Eu te amo.

Fui andando para o shopping e pedi ajuda para o meu pai.

Ele foi o mestre em organizar as compras e ainda negociar as entregas, para que ela tivesse o necessário para ficar confortável.

Tive orientação da mãe de Mason para comprar alguns brinquedos e o cercadinho. Eu já sabia que crianças precisavam de muita coisa, só não imaginava que era tanto. Muito mais do que planejei.

Quando chegou a parte da proteção da casa, eu me sentei no chão. Porra. Faltava muita coisa. Sempre fui uma mulher que gostava de tomar conta de tudo, manter as coisas organizadas, meu TOC não me permitia sossegar. Cansada, a história havia mudado.

Eu queria colocá-la dormindo entre nós e trocando a fralda no sofá mesmo.

A Elizabeth que chegou em Nova Iorque e organizou uma mudança em cinco dias ficaria decepcionada com a Liz

sentada no shopping com um lenço, secando o rosto, querendo colo do pai.

Quando Paul chegou, pediu para William chamar outro carro porque as coisas não dariam.

— Você está a ponto de cair de sono — Paul disse depois que colocou o último mobiliário desmontado no carro.

— Estou exausta.

— Vai passar, vou adiantar o que puder com William. Eu vi como é o quarto montado, posso fazer isso.

— Ah, não, pai. Fure as paredes onde tiver que furar, coloque todas as coisas de segurança, deixa assim meio caminho andado, mas desmontado para que Sawyer não perceba muito, ele está com sono, não vai reparar. — Parei de falar para bocejar. — Eu o conheço, ele vai querer montar o quarto e se sentir orgulhoso disso.

— Conte comigo. — Paul sorriu e o abracei apertado. — Eu te amo, filhinha.

— Também te amo, papai.

Deixei que Paul fosse para casa e voltei para o hospital. Jace estava andando com Zoe pelo corredor e ela estava com os olhos e nariz vermelhos, provavelmente de tanto chorar. Era perceptível seu ganho de peso e eu vi seus olhos me reconhecerem quando me aproximei por trás de Jace, que contava a ela uma história animadamente.

Zoe começou a se agitar, querendo se jogar em minha direção e eu ri de seu desespero. Meu coração se encheu de amor.

Ela me reconhecia como conforto. Jace virou, me viu e seu olhar de alívio foi impagável.

— Ela chorou.

— Eu sei, sinto muito, mas acho que tudo é muito novo. —

Peguei Zoe. Ela deitou a cabecinha no meu ombro. — E então?

Como você está?

— Estou bem, gosto de ser o tio babá, estou convencido de que ela para de chorar mais rápido comigo do que com Cooper. —

Jace sorriu orgulhoso. Seu bipe tocou, ele me deu um beijo na bochecha e partiu correndo para o elevador.

Zoe comeu tudo e ficou brincando no berço enquanto eu lia um dos trabalhos de Ângela. Ela estava tão estressada por ainda não ter definido a cor do casamento que eu não sabia como estava conseguindo sair tão bem nos trabalhos finais. Tenho certeza de que ela sairia bem na prova. Joshua bateu na porta e abriu, sorrindo para Zoe. Ela deu um olharzinho engraçado para ele. Ele se sentou em uma poltrona do outro lado do berço e me deu um sorriso antes de começar a brincar com ela.

Esticou um envelope na minha direção. Peguei e abri.

Currículos.

Droga.

— O relatório da sua pesquisa está bem promissor. — Ele apertou o patinho que ela adorava. — Esses são os

melhores virologistas que me foram apresentados, escolha um deles e chamarei para a entrevista.

— Ah, que rápido! Obrigada.

— Andou trabalhando na sua pesquisa?

— Estou fazendo o serviço administrativo e a minha pesquisa. Passei a tarde com ela ontem no laboratório. — Eu comecei a ler os currículos. — Você conversou com Robbins? Ele vai mesmo me abandonar?

— Converse com ele.

— Estamos sem nos falar sobre isso. Não quero que ele se aposente.

— Ele quer. Ela receberá alta amanhã?

— Sim, sim e sim!

— Também não quero te ver aqui.

— Isso significa que Sawyer vai tirar folga?

— Darei a ele mais de um dia, está virando mais do que o conselho aprova e o RH me liga a cada hora que ele passa dentro do hospital. Estava preocupada com ele?

— Sawyer lida bem com privação de sono, mas esses últimos dias foram insanos para nós dois.

Antes que Joshua pudesse responder, seu telefone tocou e ele olhou a mensagem, virando a tela pra mim. Meredith e Addison estavam querendo fazer um jantar para comemorar a alta de Zoe.

Sawyer deve ter falado para a mãe. Balancei a cabeça negativamente. Não tinha condições psicológicas para aguentar um jantar.

Audrey apareceu para brincar com Zoe um pouco e aproveitei para descer, tomar banho, ficar um tempo debaixo do chuveiro quente. Pela primeira vez, não chorei. Lavei o cabelo e coloquei uma roupa limpa. Ainda fiquei com meu jaleco caso acontecesse alguma coisa. Sawyer passou por mim dizendo que ele estava com Zoe. Me deu um beijo e saiu tão rápido que não me deu tempo de ver se meu pai já tinha terminado as coisas lá.

Putá merda! Eu ia para casa com uma criança!

Capítulo Quarenta e Dois

Elizabeth

— Você quer dar a mamadeira? — ofereci a Meredith. Ela sorriu animada e pegou Zoe. — Eu sei do jantar surpresa. — Soltei, porque não estava me aguentando. — Estou muito cansada, Meredith. Desculpa.

Só queria ir para casa e dormir. Ambientar Zoe parecia ser uma tarefa muito difícil.

— Vamos fazer no fim de semana, vai ser uma festa na piscina. — Ela sorriu e ofereceu a mamadeira que Zoe já não negava mais quando sentia o cheiro.

Agradei, aliviada. Elas queriam agradecer. Estavam felizes com a bebê e desejavam fazer parte, mas eu ainda não estava bem.

Vi Sawyer sair do elevador com uma mala vazia e fiquei confusa.

— Achei que seria ideal adiantar, levando a maior parte das coisas hoje, para amanhã sairmos só com o que pudermos levar na mão — ele explicou e assenti, olhando para o seu rosto. Ele estava chateado. — Seu pai estava lá com William... montando o quarto dela.

— Não bem *montando*. Queria que eles disfarçassem e deixassem o mais fácil porque você está cansado. Não queria que ficasse à noite acordado, entendeu?

— Mas eu queria fazer isso — ele falou baixinho e eu suspirei. — Entendi que quer cuidar de mim, mas eu posso fazer isso, porém, imaginei que fosse um berço e não um quarto inteiro.

— Sawyer encostou a testa na minha. — Pedi reforços — confessou com um sorrisinho. — Seu pai, William e eu não vamos dar conta.

Jace, Diego e Cooper irão para casa. Cerveja, jogo, montar móveis e um quarto de bebê até amanhã.

— Eu quero uma festinha também. — Abracei-o apertado e beijei seu pescoço. — Só me prometa que vai dormir? Nós dois com privação de sono é muito. — Fechei meus olhos por um momento e ele me sacudiu. — Desculpe. Cochilei.

Sawyer riu e eu comecei a rir também. Ficamos abraçados, rindo como dois bobos no corredor e depois entramos. Zoe nos olhou com sua expressão suave e fez questão de dar-lhe um sorriso grande, para estimular sua alegria. Comecei a dobrar as roupinhas, deixando seu pijama, dois conjuntos de roupas limpas, trocas de fralda e itens de banho. Abri a mala enquanto Sawyer brincava com ela.

Meu coração derretia de amor cada vez que ele era um bobo com Zoe.

Meredith e Audrey precisaram ir embora. Assim que guardei tudo, me deu vontade de chorar de novo. Não tinha mais lágrimas no meu reservatório. Passar por aquela experiência foi traumatizante e esperava que nunca mais, qualquer bebê próximo a mim precisasse ficar internado. Zoe ainda tinha um longo caminho, sua recuperação demandava amor e carinho, além dos cuidados médicos.

Sawyer foi embora levando as coisas e Zoe chorou quando o viu sair. Achava bonitinho que ela sentisse a nossa falta. Ainda não me sentia mãe, mesmo que tivesse um papel a caminho que me certificava daquilo. Estava cuidando dela. Queria muito que fosse saudável e feliz, mas dentro de mim, ainda não fazia sentido a palavra mãe.

Não era pelos pais biológicos dela. Era por mim, mas talvez, minha sogra tivesse razão ao dizer que meu lado maternal estava florescendo e iria tomar forma conforme a adoção de Zoe fizesse sentido na minha cabeça.

Sawyer tinha razão, enterrar minha irmã foi como tirar bolas de peso dos meus pés que me mantinham no mesmo lugar. Estava mais leve. Livre de toda raiva e mágoa. No entanto, ainda não conseguia perdoar o que fizeram com Zoe. A negligência deles foi ainda mais cruel ao ponto de errarem a data de nascimento dela.

Keith disse que mamãe cuidava de Zoe desde o primeiro dia, que Vicky sequer quis amamentar.

Eu me perguntei como foi o desenvolvimento dessa criança.

Ela estava retraída, doente e atrasada. Eles nem deviam ter respeitado o tempo da introdução alimentar. Era doloroso saber que um bebê indefeso ficou à mercê de tanta irresponsabilidade. Foi ruim saber da existência dela, mas

nunca imaginei que, apesar de tudo que fizeram comigo, seriam capazes de tamanha desumanidade.

Infelizmente, para minha teimosia, eu gostava de Zoe. Era uma criança impossível de não se derreter, querer dar carinho e cuidar. Uma criança que precisava de amor e eu esperava poder dar-lhe o mundo.

— Você quer um pouco de água, bebê? — Beijeí sua cabecinha. Ela deitou em mim, dengosa. Adorava ficar no colo. Ela não tremia ou chorava quando ficava em nossos braços. Saber que era o porto seguro de uma criança me enchia o peito de orgulho.

Zoe ficou no meu colo, querendo rasgar o papel da minha pesquisa e enfiando na boca as pontas que conseguia segurar.

Desisti de ler e peguei a girafinha, brincando enquanto ainda tinha energia para gastar. Como não havia nenhuma criança viral internada, decidi que poderíamos visitar a sala dos brinquedos.

Caminhei com ela no colo, e suas pernas sacudiam, animada por todas as coisas coloridas que via na frente. Nunca imaginei que a *minha própria filha* aproveitaria a energia alegre do andar da pediatria.

Sentei-me no tapete, perto de outra mãe que tinha um bebê no oxigênio. Ele tinha mais de um ano e estava no topo da lista de transplante. O pequeno Richard era um herói por aguentar tanto tempo. Zoe sorriu para ele, puxou os fios de suporte, jogou bichos de pelúcia longe e tentou enfiar todas as coisas na boca. Só não foi um pesadelo porque apesar dela sentar direitinho, ela não engatinhava ainda.

Quando retornei para o quarto, ele estava cheio. Jules, Audrey e Ângela estavam lá. Elas fecharam a porta quando entrei e balançaram uma garrafa de vinho, fechando as persianas para que

as enfermeiras não nos delatassem para a direção. Ângela tirou um prato de frios da bolsa.

— Por que isso tudo?

— Os meninos estão lá e nós estamos aqui — Jules disse, desembalando as taças.

— Você precisa conversar, Liz. Muita coisa aconteceu e nós estamos aqui para te ouvir. Nada de guardar as coisas aí dentro e implodir. — Ângela abriu o lacre do pratinho e colocou entre nós.

Zoe quase agarrou um pedaço de queijo. — Ela está tão esperta!

Não lembra mais o bebê que chegou aqui.

Eu olhei para Zoe e a apertei, me sentindo protetora. Lembrá-la na emergência era um gatilho muito grande e eu precisaria lidar com aquela memória. Audrey percebeu minha expressão e me deu um abraço gostoso. *Ah, como ela era especial para mim!*

— Você vai se deliciar com o vinho que roubei da adega especial do papai. Também vai relaxar e dormir lá no quarto de descanso porque eu vim para passar a noite com a Zoe. Jace também vai garantir que Sawyer durma. Vocês dois estão por um fio, então, vamos consertar isso.

— Eu passei uma semana chorando, não quero chorar mais, aí vêm vocês e fazem isso. — Funguei e Zoe olhou para

mim, ameaçando chorar também. Seu beicinho era fofo. Apertei sua bochechinha. — Ah, não. Está tudo bem. Não precisa chorar...

Conversar com as meninas foi o alívio que eu precisava para ser honesta com meus sentimentos. Elas não me julgaram, mas pediram que eu desse tempo para mim mesma, porque nem todas as respostas da vida eram tão rápidas quanto as que meu cérebro exigia.

Dei o jantar de Zoe e fiz planos mentais de comprar biscoitos de dentição. Limpei seus dentinhos depois que comeu e dei seu banho, já bem relaxada com o vinho. Jules e Ângela foram embora no momento em que sentei para fazê-la dormir. Coloquei-a no berço e Audrey me empurrou para fora do quarto.

Não fiz cerimônia ao me jogar na cama da sala de descanso.

Enviei uma mensagem para Jace e ele me garantiu que Sawyer estava dormindo. Eles já tinham montado o berço e estavam terminando o armário. A cômoda, meu pai montou. Addison nos deu vários conjuntinhos de berço na expectativa de me fazer aceitar ajuda para decorar o quarto, mas eu prometi a Sawyer que não daria tanta liberdade à mãe dele. Ele disse que não queria e eu tinha que respeitar, a casa era dele também e limites eram uma coisa que a minha sogra desconhecia.

Fechei meus olhos e dormi, completamente esgotada.

Acordei cinco e meia da manhã sem acreditar que Audrey passou a noite inteira sem me chamar. Ela era perfeita. Lavei meu rosto e fui ao banheiro, voltando para o quarto. Zoe estava no berço e Audrey brincava com ela, com a girafinha.

— Você poderia dormir mais.

— Acordei renovada e não tenho palavras para te agradecer.

Ela te deixou dormir?

— Não acordou até quarenta minutos atrás. Bloqueei a porta e a enfermeira não entrou. Ela está de alta, a noite foi só observação e eu sou uma boa médica. — Audrey piscou. Zoe ganhou a melhor família.

— Você é um anjo! Vou aproveitar e arrumar minhas coisas que estão no armário lá na sala dos médicos. Volto com nosso café da manhã.

Fiz tudo bem rápido e evitei conversar, porque eu queria estar lá na hora da visita para que ela recebesse alta. Quando voltei para o quarto, Sawyer estava brincando com Zoe. Ele trocou a fralda dela e a roupinha, deixando-a pronta para irmos embora a qualquer momento. Guardei tudo que era nosso e arrumei as coisinhas dela na bolsa de bebê que Audrey nos deu.

Não era toda enfeitada, era marrom, de couro e Sawyer poderia carregar sem ter um monte de ursinhos prendendo em sua roupa. A alça era rosa e tinha desenhos de girafinhas cor de rosa bem delicadas, como se fossem de aquarela, por toda a bolsa.

Zoe estava linda com um vestidinho azul claro, com detalhes em branco e uma presilha branca em sua franjinha que eu sabia que ela iria arrancar assim que percebesse que tinha algo no cabelo.

Doutor Robbins entrou sozinho com os papéis da alta e eu assinei, animada por finalmente ir embora. Sawyer e eu

batemos nossas mãos, sem acreditar que iríamos para casa por alguns dias.

Nos despedimos da equipe de enfermagem e agradei profundamente por todo o cuidado com Zoe nos dias mais críticos, comigo também. Eu fui a típica mãe de primeira viagem, perdida, esquecendo até que era pediatra.

Audrey foi embora conosco. Acabei me esquecendo de comprar nosso café da manhã e quando chegamos em casa, Sawyer apontou os protetores de tomada, onde os fios estavam presos e escondidos. Ele tirou todas as coisas que eram de vidro do alcance das mãos dela e substituiu por outras que não quebravam e não a machucariam.

O quartinho dela ficou lindo, melhor do que na loja. O tapete redondo no meio ainda estava no plástico, assim como a poltrona e eu percebi que o quarto estava sujo. Deixei Zoe com Audrey enquanto Sawyer resgatava o que ainda tinha na geladeira para comer. Ele parecia bem descansado. Contou que os meninos o enrolaram, o encheram de cerveja até ele apagar no quarto e terminaram sozinhos.

Eu me sentia muito feliz por termos amigos queridos e preocupados. Nunca fui uma garota de muitos amigos. Na escola, eu era esquisita, não fui chamada para festas ou bailes, não era convidada para nada.

Limpei todo o quarto dela, tirei a poeira, passei pano e vi que Sawyer deixou todas as coisinhas novas dela, que eram muitas, no closet. Eu tinha que dar um jeito naquilo. Comemos e Audrey se despediu, indo para a casa de Jace porque prometeu ajudar a sogra dela em alguma coisa. O namoro deles estava bem sério, para a infelicidade de Joshua.

— Não dá para entrar no closet, temos que arrumar aquilo lá.

— Sentei-me ao lado de Sawyer no sofá. Zoe estava escalando o peito dele, apoiando as mãozinhas no cabelo, com uma expressão sapeca, mas ainda sem sorrir.

— Temos que ir ao mercado. Não tem nem uma garrafa de água ou qualquer coisa para comer. — Ele beijou a barriga dela. —

O que faremos primeiro? Mercado ou arrumar a casa antes que comece a espirrar?

Fiz um beicinho. Queria dormir, mas teria crise alérgica se a casa continuasse suja. Caramba... alguém precisava vender um manual sobre adotar um bebê recém-saído do hospital. Zoe puxou meu cabelo e a peguei, beijando seu pescocinho. Ela adorava meu cordão e ficou enrolando-o em seu dedinho.

— Podemos ir ao mercado, aproveitar enquanto é cedo, e ao voltar, estreamos o cercadinho dela enquanto o chão ainda não está limpo. Vamos dividir e conquistar. Que tal?

— Depois que terminarmos, vamos dormir.

Estava ansiosa para cozinhar, tomar banho e apagar.

— É um excelente plano. — Eu sorri e peguei a minha bolsa.

— Você já instalou a cadeirinha?

— William colocou. Estava ficando tonto com tanto manual na minha frente.

Zoe não gostou muito de estar presa na cadeirinha e no banco de trás. O mercado que gostávamos de ir, por ter produtos orgânicos, era um pouco longe e Sawyer parou no meio do caminho para que eu ficasse no banco de trás com ela, o que a acalmou bastante. Até dormiu. Meus ouvidos agradeceram. Com cuidado, ele a carregou apagada no colo e nós começamos as compras.

A lista era imensa, porque conseguimos chegar ao ponto de acabar tudo. Quando ela acordou, quarenta minutos depois, ficou completamente alerta e querendo pegar tudo. Inclusive, puxou o meu cabelo várias vezes. Foi uma aventura com suas mãos ágeis.

Ela gostou de ficar no carrinho. Sawyer empurrou o cheio e eu fiquei com o vazio.

Zoe rasgou várias folhas de alface e tentou pegar os tomates cereja do pote a todo custo. Havia uma bancada de frutas orgânicas, peguei um morango e dei a ela, não me importando dela ter babado ele todo, esfregando na roupa, no rosto e no carrinho.

Sawyer parou para tirar uma foto, porque havia fruta até no cabelo. Quando acabou, dei outra. Ela ficou quieta, tentando morder e babando ao mesmo tempo.

— Precisaremos de uma nova câmera. Eu quero registrar cada segundo da vida dela. — Admirei a foto, apaixonada pelo olhar dele por ela. Sawyer me deu um beijo. — Ela vai ser feliz conosco.

— Ela já é feliz conosco, amor — Sawyer garantiu e eu o abracei. — Obrigado por enfrentar isso comigo. Eu sei que você estava com medo e não queria.

— Eu iria me arrepender. Ainda estou confusa, mas sei que iria me arrepender. Obrigada por estar sempre ao meu lado.

Ao chegar em casa, eu ainda estava pensativa. Aquela era a nossa vida agora. Nos tornamos uma família.

Meu Deus.

Eu tenho uma família! Realizei meu sonho sem buscar por ele. Aconteceu com uma manobra do destino que não calculei.

Sawyer ficou no andar de baixo com Zoe. Ele conversava com ela no cercadinho cheio de brinquedos moles e pequenos. Eu vi do segundo andar que ela se apoiou na rede e ficou em pé, olhando para Sawyer distraído com as compras e falando algo aleatório. Ele era ótimo em tagarelar com crianças, impressionante. Desconhecia aquele lado e me apaixonei ainda mais.

Zoe soltou um gritinho engraçado para que ele olhasse.

Sawyer riu e ela caiu de bunda novamente, voltando a brincar. Ela queria que ele a olhasse.

Acabamos precisando ajustar a casa, o que tinha no escritório ficou de baixo da escada e eu lavei mais roupas do que uma lavanderia faria por ano. Ao secar, me recusei a passar, dobrei

do jeito que estava e guardei no armário. Quem se incomodasse com a roupa amarrotada, que ficasse à vontade com o ferro.

— Tem certeza de que não está com febre? — Sawyer colocou a mão na minha testa, me fazendo rir. Ele me

conhecia. A Liz com mania de organização não deixaria roupas não engomadas no armário.

— Efeito Sawyer.

— Eu não sou bagunceiro, safada. — Ele me agarrou e deu um aperto em minha bunda. — Estou muito feliz de estarmos em casa.

— Eu nem consigo mensurar minha alegria de poder dormir na minha cama essa noite e mais ainda, agarradinha com meu futuro marido.

Sawyer abriu um sorriso apaixonado.

— Futuro marido, é?

— É isso mesmo, papai. — Esfreguei meu nariz no dele antes de beijá-lo na boca.

Comecei o preparo do almoço, com saudades do meu próprio tempero. Arrumamos a mesa e percebi que não tínhamos uma cadeira alta para dar comida a Zoe. Tentar alimentá-la no colo era um caso sério. Ela fugia e batia na colher com força. Foi complicado comer e alimentar. Sawyer a colocou sentada na mesa, ela pegava coisas do meu prato e enfiava na boca, comendo a papinha quando queria.

— Olha que espertinha. — Eu sorri, derretida, quando ela enfiou um pedaço de tomate na boca. — Está testando o sabor do que ela acha interessante. Gostou da batata.

Sawyer deu outra batata e ela comeu, deixando cair vários pedaços. Não me importava que o almoço fosse uma zona, contanto que eu conseguisse comer e ela também. O importante era deixar tudo limpo depois. Como Sawyer me conhecia, limpou a mesa, o chão e a cozinha enquanto subi

com Zoe, que tinha muitos pedaços de alimentos pelo corpinho.

Enchi a banheira, tirei nossas roupas e entramos juntas na água. Ela bateu as pernas e fez uma bagunça. Fiquei parada, observando sua alegria e fui contagiada por sua inocência, os olhos brilhantes e o rosto pronto para aprender a sorrir.

— Você é um bebê feliz agora, minha mocinha? — Comecei a lavar seu cabelo. — Sem chorar, não arde. — Eu me lavei também, mas com o chuveirinho, para não encher demais a banheira com ela dentro. Sequei-a e estreei o mini roupão que Jules comprou. Coloquei o meu também. Parei na frente do espelho, sem acreditar que tinha uma criança pendurada em mim. — Banheiro livre! — disse para Sawyer.

Ele me deu um beijo e apertou a minha bunda antes de entrar para o banho.

Deitei Zoe na cama e ela rolou, tentando fugir de mim. Era difícil colocar a fralda quando ela parecia disposta a lutar. Quando finalmente fechei, estava ofegante e ri porque uma criança pequena estava tentando vencer a minha determinação. Vesti nossas roupas e descii com ela no colo para diminuir o som do interfone. Ele era muito alto e eu não queria ser incomodada. Fechei as cortinas e deixei a luz do abajur acesa para a casa não ficar totalmente escura.

— Ei, vem deitar. — Sawyer já estava na cama e debaixo das cobertas. — Diminuiu o som do interfone?

Não estava disposta a simplesmente fazer Zoe dormir e deixá-la no berço. Sawyer esqueceu de comprar as pilhas da babá eletrônica, então, não iria fazê-la dormir lá sem ter certeza de que ouviria caso acordasse. Deitei-a entre nós dois. Ela estava calminha, ainda mais com a chupeta. Para

minha grande surpresa, se aconchegou em mim. Sua mãozinha ficou no meu pescoço. Olhei para Sawyer e ele só me deu um sorriso carinhoso, cobrindo nós duas.

Não demorei dez minutos acordada. Tomada por exaustão mental e física. Quando acordei, já estava de noite, mas os dois ainda dormiam pacificamente. Descansada, levantei e substituí o

meu espaço com travesseiros. Desci a escada para beber água e sentei-me no banquinho, olhando para o cercadinho com brinquedos.

Minha vida estava de cabeça para baixo.

Sawyer me deu tempo o suficiente para que eu pudesse entender o quanto enterrar minha irmã me fez bem. Nunca iria esquecer o que ela fez comigo, mas não arrastaria mais aquele peso. A sensação de estar leve era impagável. Eu estava feliz, livre e perdidamente apaixonada pelo homem que me pediu em casamento. Eu o amava e queria ser ainda mais feliz com ele.

Com Zoe, era esquisito pensar o quanto ela significava um pedaço importante da nossa vida, sem que nós dois estivéssemos esperando por aquilo. E era só o começo.

Peguei um bloco de papel e olhei o calendário na parede.

Contei mentalmente alguns finais de semana e decidi que no auge do verão, após o aniversário de Sawyer, seria uma boa data. Escrevi na folha em letras grandes, e coloquei com um ímã na geladeira.

Voltei para o quarto e tirei o cordão do botão, deslizando a aliança com cuidado em meu dedo.

Estava pronta para começar minha vida com ele como esposa.

Elizabeth Nichols-Reedburn.

Ocupei meu lugar na cama e Zoe começou a choramingar, esfregando o rosto. Sawyer abriu os olhos, preocupado e imediatamente colocou a mão nela.

Zoe ganhou um pai muito atento.

— Ela deve estar com fome. Dormimos por cinco horas —

avisei e ele gemeu. Ela não dormiria tão cedo e nós também não.

— Vou descer.

Ela rolou pro meu lado, com um suspiro, fez um bico e abriu os olhos. Fiquei encantada, acariciei sua bochecha e de chamego, nós ficamos na cama. Sawyer inclinou-se e me deu um beijo suave,

que repetiu duas vezes e eu sorri. Ele não percebeu o anel, mas iria perceber a data na geladeira.

Eu estava pronta. Era isso.

Capítulo Quarenta e Três

Sawyer

27 de agosto — SIM! Eu amo você!

Toda vez que parava em frente à geladeira e via o bilhete, tinha vontade de agarrá-la novamente e fazer outra festa. Ela não só disse sim, como colocou a aliança e escolheu a data.

Provavelmente, tinha a lista de convidados também. A primeira vez que li, foi há dois dias, o primeiro dia de Zoe em casa, quando tivemos uma manhã agitada para podermos descansar à tarde. Liz pediu que eu descesse e fizesse a mamadeira. Eu fui, sonolento, também com fome e parei, tentando entender o que diabos significava aquilo escrito na geladeira.

Fiz a mamadeira me sentindo zozzo.

E só quando estava subindo a escada foi que entendi. Ela aceitou. *Disse sim* e marcou a data!

Foi simplesmente um surto. Cheguei no quarto alterado e ela estava rindo. Eu me joguei em cima dela, ganhando uma gargalhada e um gritinho. Beije-a de forma indecente para fazer com uma criança no quarto, mas eu não me importava. Beije a mão dela com a aliança repetidas vezes. Liz ficou rindo até cair em um choro emocionado, que fez com que Zoe chorasse também. Nós voltamos a fazer uma festa, comemorando e mostrando a bebê que estava tudo bem, até que ouvimos uma risadinha do nosso lado.

Zoe deu a primeira risada conosco, que não foi tímida e nem rápida. Liz deu um salto na cama e gritou para pegar a câmera e eu, fui correndo, quase tropeçando. Zoe achou incrível a bagunça, continuou gargalhando enquanto a gente ria e pude filmar, porque se um dia viesse a esquecer, poderia ver novamente. Rezava para que nunca esquecesse o primeiro dia de felicidade da minha menininha.

Nós não saímos da cama naquela noite. Pedi pizza e Zoe jantou papinha, que dessa vez Liz colocou pedaços pequenos de cenoura. Foi importante ficarmos sozinhos nos últimos dias e atingi

a tolerância dos nossos pais em nos deixar quietos. Trabalhei meu turno normalmente e iria ficar um tempo sem pegar grandes plantões, porque o hospital estava me perseguindo com as horas extras.

Abri a geladeira e tirei os ovos para fazer a omelete que a minha noiva manhosa pediu para o café da manhã. Zoe ainda estava dormindo em seu berço, a primeira noite foi bem difícil, ela acordava a cada hora e chorava quando não nos via. No dia seguinte, Liz disse que a deixou o dia inteiro no quarto, brincando, lendo historinhas e na hora da soneca, colocou-a no berço e ela ficou. Funcionou e ela só acordou uma vez no meio da madrugada e depois, às seis horas em ponto.

Adaptar um bebê em casa era mais difícil do que os livros diziam. Liz e eu estávamos com olheiras, cansados, preocupados e um tanto divertidos com as descobertas.

Carlie nos enviou uma cadeira alta, berço portátil e um canguru. Ela também aproveitou para comprar pequenos biquínis e maiôs bonitinhos e fraldas para piscina. Sorte a nossa termos uma família participativa, porque mesmo sendo médicos e ela especificamente uma pediatra, ficamos um pouco perdidos em ter um bebê vinte e quatro horas por dia dependendo de nós.

Ouvi Zoe chorar do berço e Liz saiu do quarto, de camisola, bocejando com os cabelos completamente em pé e embolados de um único lado.

Bati os ovos, olhando-a se inclinar para tirar Zoe do berço e tive a visão de sua bunda sem calcinha. A noite anterior foi feliz de muitos modos: não só porque a criança dormiu o tempo todo, mas também porque pudemos ter o nosso

primeiro sexo de noivado. Foi ainda mais gostoso. Ainda não tínhamos dado a notícia a ninguém.

Liz desceu com Zoe, as duas estavam com o cabelo descontrolado e olhei meu próprio reflexo, constatando que também tinha o meu de pé.

— Estou com muita fome — Liz murmurou e colocou Zoe na cadeirinha alta, dando-lhe o patinho para que ela mordesse. Pegou

uma banana e amassou.

— Ela tomou a mamadeira toda de madrugada e ainda pareceu que queria mais.

Liz bufou.

— Comeu pouco no jantar para fazer bagunça com você.

— Encontrei ervilha no meu cabelo durante o banho. — Eu sorri e comecei a fritar as omeletes. Liz sentou-se no banquinho e ofereceu uma colher a Zoe. Ela não negou o café da manhã. Minha comilona. Foquei minha atenção na frigideira para não queimar e senti um cutucão no braço.

Zoe estava toda mergulhada na papinha. Ela enfiou o rosto dentro da vasilha e levantou, com as bochechas tomadas pela fruta.

— Ai, meu Deus! Você é fofa demais! — Liz limpou ao redor do rosto e lhe ofereceu mais, até que o pratinho estava limpo. —

Nesse ritmo, ela não vai precisar mais de tanto suplemento.

Comemos e começou a correria para sairmos. Liz ficou com Zoe na cozinha enquanto eu descia com as bolsas prontas para colocar na mala do carro. Só faltava a bolsa em que ela iria separar as vasilhas de acordo com as refeições programadas. Antes era apenas uma pequena mala, agora parecia que iríamos viajar para um lugar longe e ficar dias fora de casa. E seria apenas uma noite na casa dos meus pais.

Uma criança precisava de tanta coisa que meu porta-malas ficou cheio. Se tivéssemos mais um filho, teríamos que comprar um caminhão.

Enquanto se arrumavam, ouvi Zoe falar em sua língua estranha de bebê e foi impossível não sorrir. Foi a primeira vez. Liz estava conversando com ela, sempre dizendo o que iria fazer a seguir. Amável, educada, sempre gentil. Como ela podia duvidar que seria uma boa mãe?

— Agora vamos lavar os pés. — Abri a porta do banheiro e Liz segurou os dois pés dela. — Muito bem, estão limpinhos. — Zoe se empolgou e jogou água para o alto. — E o cabelinho?

Ela era boa com crianças e ótima com a Zoe. Tomada por compaixão, nunca deixava de se dedicar a nada integralmente. Era uma das muitas coisas que mais amava nela.

— Muito bem. Você está muito linda, menina. É a hora da nossa foto. — Liz sorriu e tirei meu celular. Parei de um lado, ela sustentou Zoe em pé e olhamos para a câmera. — Um milagre ter ficado boa de primeira.

— Eu não pisquei!

Aprendemos na primeira viagem que não dava para deixá-la sozinha no banco de trás. O novo médico estava com algumas dúvidas e eu pedi para Liz digitar conforme as ditei. Ela enviou e não devolveu o telefone. Conhecendo-a, estava lendo minhas mensagens e fez isso porque alguma delas chamou sua atenção.

— Quem é esse número aqui que falou *“Oi Sawyer, muito tempo que não nos encontramos!”*?

Eu decidi que minha vida estava tediosa e poderia irritá-la um pouco.

— Seria pior se ela tivesse falado: *“Foi bom te ver ontem à noite”*. Certo? — falei com um risinho e ganhei um beliscão.
— Eu não sei. Tenho esse número há anos e eu não faço ideia de quem seja essa pessoa.

— Ela pode ter sido caso de mais de uma noite. Pelo seu histórico, era você quem pegava os números e não ligava de volta.

E se ligou, é porque teve mais de uma vez. Olha, tem mais!
— Oh, merda. Podia ver o tempo fechando ao fundo e não estava falando do sol. — *“Sou muito grata por ter cuidado tão bem do meu pai, o levarei para sempre no meu coração”*. Ah, por favor, usando o pai como desculpa! Safadinha! — Eu ri alto. — Não faça isso, Zoe —

disse e olhei pelo retrovisor, Liz ajeitou o cabelo dela. — Ih, eu sabia que ia encontrar mais. Essa tem registrado na agenda e histórico de mensagem. Dúvidas, dúvidas, tirando dúvidas, ela não tem acesso à internet para pesquisar no google e pergunta para o colega da faculdade. E ah, olha a última mensagem que você visualizou e não

respondeu “*E aí, quando podemos marcar aquela bebida de reencontro?*” . Ah sexo de reencontro!

— Amor, você pode parar com isso?

— Está preocupado? — Ela arqueou a sobrancelha de um jeito assustador que eu nunca iria assumir que fazia com que minhas bolas encolhessem. — Vou colocar no seu status aqui

“*Noivo, pai e feliz!*” — ela me provocou. — Estou brincando. Eu não falei nada. — Devolveu o meu aparelho.

Elizabeth sabia que não precisava duvidar da minha palavra.

Ela era única e eu a amava. Trair nunca seria uma opção para nós.

Chegamos à casa dos meus pais. Cooper já estava com Mason e Jules. Minha amiga segurava o bebê, então, ele me ajudou descarregando todas as coisas e subindo para o meu quarto. Liz estava com Zoe na varanda, tentando fazer com que ela e Mason se enturmassem, porém, eles não estavam interessados um no outro.

Mason virou e escondeu o rosto em Jules. Zoe continuou brincando com o botão da blusa de Liz.

— Acho que está muito cedo para fazer amizades — Jules brincou. — Addison está surtando querendo ficar com a neta a todo custo.

Fomos para a cozinha e eu abri a geladeira, guardando as muitas vasilhas de comida de Zoe e alinhando as mamadeiras dela no balcão.

— Olha quem chegou! — Mãe entrou na cozinha, animada. Ela estava só com a parte de cima do biquíni e uma calça branca. Tirou o chapéu e os óculos. — Oi, docinho. Vem com a vovó. Eu não acredito que sou uma avó agora!

Zoe riu e aceitou o colo.

— E ela foi com a criança sem falar comigo — Liz disse, olhando para minha mãe que saiu da cozinha com Zoe e foi imediatamente cercada por Joshua, tia Meredith e Paul. Meu pai e Carlie continuaram sentados. — Eu quero saber quando que meu pai vai assumir o romance com Carlie. Nunca reparei o quanto eles se olhavam cheios de sentimentos...

— Eles totalmente se pegam — Jules disse atrás de nós e eu ri, concordando. Então ela soltou um grito. — Me mostre a sua mão agora! — ela gritou e Liz, que já estava sem a tala, levantou a mão esquerda. — Você está noiva! Awn, o anel é lindo! Como foi o pedido?

— Ele pendurou o anel na cama e disse que quando eu quisesse dizer sim era só colocar.

Bufei. Porra, não tinha sido daquela maneira. Foi mais intenso e poético para o momento caótico que estávamos vivendo.

— Não foi nada romântico? — Jules questionou, decepcionada.

— Você quer que eu entre em detalhes do nosso tipo de romance? — Liz retrucou e deu uma piscada marota junto a um balançar de sobrancelhas. — Foi perfeito do jeitinho que nós somos.

Saímos para a área da piscina. Zoe estava no colo da minha avó e meu avô estava pendurado no ombro dela, soltando uma série de arrulhos. Ela só estava olhando para o rosto deles com o cenho franzido e um dedo na boca.

— Oi, gente! Zoe não veio sozinha! — Liz brincou e olhou para o pai dela. — Pai! Estou aqui!

— Eu sei, querida.

Nós soltamos uma gargalhada, mas ficamos felizes que Zoe tinha amor de sobra com os avós.

Capítulo Quarenta e Quatro

Sawyer

Assim que Liz passou por Zoe, ela se jogou em sua direção, chamando e sorrindo. Era um sinal claro de que não queria ficar com pessoas estranhas. Liz a pegou e subiu com a minha mãe para trocar de roupa. Soltei um bocejo que arrancou ainda mais risadas.

Nenhum deles parecia se compadecer da minha recente paternidade com privação de sono.

— Como foram esses dois dias? — Tia Meredith me perguntou e Jace me deu uma cerveja.

— O primeiro dia nós dormimos o tempo todo e de madrugada Zoe teve dificuldade com o berço, chorou muitas vezes.

Na última, ela dormiu por pura exaustão. Até agora está tudo bem.

Meu pai me olhou, sem me reconhecer por um momento e depois sorriu, dizendo “oi”. Nem sempre ele se lembrava de quem eu era. Sorri de volta. Deixá-lo quieto era a melhor opção. Não conversei com a minha mãe sobre o humor dele. Minha família me convenceu a trocar de roupa, para ficar fresco e brincar na piscina, me divertir um pouco.

Parei na porta do meu quarto para bater, sem saber o que estava acontecendo lá dentro até que ouvi um choro. Abri a porta e minha mãe estava abraçando Liz. Zoe estava entre elas e não parecia feliz ao ver Liz chorar.

Bati na soleira e elas se afastaram. Mamãe sorriu e se levantou.

— Está tudo bem, Zoe. Sem chorar — Liz sussurrou e a deitou na cama.

— Vou deixá-los se trocar. — Addison saiu e fechou a porta.

— Eu estou bem, é que a sua mãe vem com esses abraços, eu simplesmente desmorono. Ela ficou feliz ao ver o anel da sua avó e disse que somos uma família linda.

— Ela não está errada. — Roubei um beijo gostoso.

Troquei de roupa no banheiro e quando saí, Liz estava de maiô, inclinada. A visão de sua bunda me fez ficar parado na porta do banheiro, olhando e babando um pouco. Eu nunca deixaria de tarar minha futura esposa.

A piscina parecia tentadora para brincar com minha bebezinha. Ela enfiou o dedo no meu nariz enquanto estava no meu colo e fingi comê-lo. Tia Meredith reparou a aliança e levantou para nos abraçar. Depois de mais uma comemoração pelo nosso noivado, sentamos e a minha avó puxou a mão da Liz.

— Ficou muito mais bonita em você do que na minha mão.
—

Ela analisou os dedos de Liz. — Quando Arnold me deu essa aliança, ele disse que não podia me abater se o problema fosse a minha mão feia — contou e eu pulverizei a minha cerveja, rindo. —

Casei com ele. A gente sempre encontra aquela pessoa que nos coloca no lugar que devemos estar. Vocês serão felizes.

— Obrigada. — Liz sorriu toda boba.

Observei Zoe se esticar para Mason e tentar pegar o brinquedo dele.

— Será que eles serão melhores amigos?

— Ela vai ser mais sociável do que eu — Liz garantiu e colocamos os dois bebês juntos para incentivar uma brincadeira.

Zoe chamou por Liz e minha noiva suspirou, sem conseguir derreter a expressão de pura fofura. — Você quer me dar seu brinquedo? É

isso mesmo?

Eu teria cinco filhos com aquela mulher.

A tarde na piscina foi muito agradável, Zoe dormiu, então a deixamos no berço, de fralda e com uma camisetinha. Montei o berço na sala de televisão, assim ela e Mason puderam dormir enquanto ainda conversávamos. Carlie era uma mulher incrível, ativa, fácil de conversar e conhecia muito sobre Liz.

Nós anunciamos a data do casamento e foi outro alvoroço, porém, informamos que apenas convidaríamos a família próxima e alguns amigos, ninguém mais. Liz escolheu uma cerimônia com um

representante da lei em nossa casa em Hampton e um almoço em seguida.

— Casamento pequeno está na moda — vovó disse e tirou o telefone da bolsa, abrindo uma foto de uma noiva. — Minha vizinha convidou cinquenta pessoas. Foi íntimo, acolhedor e muito bonito.

Arnold e eu dançamos muito. — Ela mostrou os vídeos. Vovó era a

“senhora tecnologia” em pessoa.

— Acho que teremos em torno disso... — Liz comentou, olhando os vídeos. — Jules, Audrey e Ângela serão minhas madrinhas e eu vou chamar Amber para ser minha dama. Se Peter concordar, ele pode carregar Zoe com as alianças — ela disse e eu sorri. Peter ergueu o olhar de seu livro, nos deu um sorriso e voltou para seu mundinho.

Elizabeth pegou minha mão e entrelaçou nossos dedos. Ela ia causar um delírio na minha mãe.

— Vou precisar da ajuda das minhas duas sogras para organizar o casamento, mas deixo bem claro que o vestido eu escolho com Carlie e vocês cuidam de todo o restante. Os vestidos e a roupa de Sawyer, faço questão de escolher.

— Combinado! — Tia Meredith parecia estar em posse de um pote de ouro. Minha mãe já estava no telefone.

— É sábado, seja quem você estiver importunando, deixe para segunda-feira, mãe.

— Tenho três meses para organizar esse casamento, por favor, me dê um tempo aqui.

O dia foi mais divertido do que eu previ. Estava meio preocupado em ser um show de alfinetadas pela nossa decisão, mas parecia que toda a nossa família estava aceitando perfeitamente bem a chegada de Zoe. À noite, minhas tias chegaram com seus filhos e maridos. Zoe acordou muito disposta de seu cochilo, tomamos banho e descemos para o jantar.

Zoe beliscou as minhas batatas, comendo partes e amassando o restante na mão. Ela me ofereceu algumas partes também.

Depois do jantar, todos se espalharam pela sala, conversando sobre o casamento, sobre Zoe e eu não vi mais Liz.

Paul e Carlie foram embora à tarde e eu não fazia ideia de onde ela estava com Zoe. Já era tarde, provavelmente subiu para fazê-la dormir. Despedi-me de todos, cansado para socializar. Peguei um vinho na adega e duas taças.

Não queria mais conversar com o restante da família, mas poderia beber um pouco com Liz. Entrei no quarto e tranquei a porta atrás de mim. Ela estava sentada na cadeira da varanda, dando mamadeira para Zoe.

— Eu não te achei — explicou assim que me viu. — Ela estava muito agitada e com todo sol e piscina, eu me encontrei cansada e querendo dormir.

— Já me despedi de todo mundo. Trouxe vinho.

— Coloque um pouco pra mim. Ela está sonolenta, mas não quer soltar a mamadeira.

Servi as duas taças e puxei a outra cadeira para perto, colocando uma mesinha entre nós dois. Zoe parou de mamar para me olhar e me deu um sorriso, voltando a pegar o bico e fechar os olhos. Liz estava olhando-a fixamente.

— Até agora, você se arrepende? — Dei um gole no meu vinho.

— Não. — Ela sorriu docemente. — Nos últimos quatro anos, meu foco era ganhar o prêmio Nobel, eu estudei, pesquisei e pensei

“Nova lorque vai ser a minha chance” . Tudo mudou. Ok, posso ganhar o prêmio no próximo ano ou daqui a dez, ou nunca, mas eu ganhei o melhor de todos. Vocês dois valem mais do que qualquer prêmio de mérito ou de carreira.

Eu cheguei mais perto, incapaz de ficar longe e ela veio para o meu colo. Acomodei as duas em meus braços.

— Não posso ficar reclamando para sempre. No fim das contas, parece que a minha irmã compensou toda a desgraça me dando Zoe. Parece mórbido dizer isso, mas eu não posso rejeitar a ideia de que ela é um presente maravilhoso — Liz falou baixinho e

Zoe soltou a mamadeira. Com cuidado, virou Zoe em seu colo, já completamente adormecida. — Você e Zoe eram as duas peças que faltavam para colar meu coração partido. Vocês são o meu Prêmio Nobel. Vocês me fazem sentir que valeu a pena passar por tudo aquilo.

— Eu te amo, Elizabeth Nichols.

— E se eu tiver que passar por tudo de novo só para ter vocês novamente, eu passo, porque no fim, vou encontrar vocês.

Inclinei-me para frente.

— Agora eu tenho duas lindas garotas para cuidar, amar e proteger — sussurrei contra seus lábios. — Não foi só você quem mudou, Liz. Sem você, eu estava perdido. Não sabia o que queria da minha vida. Era apenas o vazio, ia para o trabalho, voltava, ficava na minha mãe, jantava na casa de alguém, conhecia uma garota aleatória. Não era a vida que eu queria pra mim, mas era a que eu achava que iria ter. Até você chegar. Agora Zoe completou o quadro dos meus sonhos.

Bebemos metade da garrafa olhando a noite e conversando sobre o casamento. Liz arrumou o berço do lado da cama, do meu lado, porque ela não levantava à noite nem oferecendo a ela a minha coleção de bisturis antigos. Trocamos de roupa, deitamos e com a cabeça apoiada no meu peito, contou que Cooper pediu para ajudá-lo a escolher um anel. Eles viram vários modelos lindos na internet e iriam em uma loja.

Meu melhor amigo sempre disse que nunca iria se casar.

Para ele, era um suicídio ter um relacionamento. Anos depois, ele se casaria com a garota que lhe deu um soco em seu primeiro dia de trabalho, que quase o castrou quando o pegou na cama com a namorada dela e que quase o atropelou na garagem de casa porque ele não queria sair da frente.

Eles eram perfeitos um para o outro.

— Seu avô queria dar um cheque de dez mil para Zoe. Eu disse que era melhor ele comprar um ursinho que ela pudesse enfiar

na boca, que seria mais divertido — Liz falou bem baixinho para não incomodar Zoe e cobri minha boca para não rir alto.

Meu avô nunca teve muito tempo para nós e gostava de compensar com dinheiro. Minha mãe me ensinou a nunca aceitar e por isso eu era o único não mercenário entre os meus primos. Eles também não gostavam de mim porque não faziam parte dos ganhos do hospital e nem iriam herdar nada. Meu pai comprou, não podia fazer nada.

Contei a história a Liz e ela bufou.

— Eu nunca soube o quão meu pai era rico até que ele foi diagnosticado e eu tive que me tornar administrador da vida dele.

Na época, a minha mãe estava em frangalhos e alguém tinha que resolver essas coisas. Fiquei dois dias olhando para o papel do banco. — Acaricieei suas costas com uma risada. — Um dia vou te levar no apartamento que eu morei na faculdade. Um buraco. Fedia a umidade. Ele me dava, sei lá, duzentos dólares por semana e eu tinha que me virar. Não foi por avareza, eles queriam me ensinar uma lição e eu aprendi.

— Seus primos são totalmente diferentes de você.

— Totalmente. Minhas tias casaram quatro vezes cada, estou falando das mais velhas, elas possuem fortunas de acordos pré-nupciais. As gêmeas não falavam com elas até meu pai ficar doente e no mesmo ano a minha avó também

foi diagnosticada com câncer de mama. Foi um ano difícil para todo mundo.

Liz brincou com os pelos do meu peito e para me provocar, beliscou meu mamilo. Dei um tapinha em seu bumbum de volta.

— A família do meu pai possui negócios de exportação, navios e uma empresa que financia cargas nos portos espalhados pelo país. Meu pai não é filho único, o irmão dele mais velho morreu sem ter filhos e a esposa faleceu há dois anos. Não sobrou mais ninguém além de nós dois. Paul tem a própria empresa e a carreira militar, então, Carlie o representa nesses negócios do porto. Eu só leio contratos e analiso se os números estão bons. — Ela sorriu porque o pai adorava as opiniões que dava. Se Liz não fosse

médica, seria uma ótima CEO. Até meu avô buscava conselhos administrativos com ela. — Minha mãe era filha única. Os pais morreram quando ela tinha dezesseis anos e já namorava meu pai.

Eles casaram e me tiveram. Ela nunca soube do restante da família, meus avós eram mochileiros, não ficavam em um único lugar. Uma vez Regina me disse que eles viveram em um Mustang por um ano.

Adormeci com ela ainda falando e quando acordei, Zoe estava sentada no berço, sem chorar, apenas me chamando. Olhei para a janela e estava amanhecendo. Ela dormiu a noite inteira porque não havia nenhuma chance de ter chorado tão próximo ao meu ouvido e nenhum de nós dois ter acordado. Estava com a fralda cheia.

Sorrindo para minha garotinha linda, dei-lhe vários beijinhos, tirei a calça de seu pijama, troquei a fralda e desci com a mamadeira. Eu não queria acordar Liz, mas não

pensei em como lavaria a mamadeira segurando-a. Para minha sorte, minha mãe estava na cozinha com Tia Meredith.

— Pularam da cama? Ou não dormiram?

— Eu estava ansiosa para começar o dia. Seu pai está dormindo, ele ficou tão bem ontem, espero que fique bem hoje também — mamãe me respondeu animada e aceitou Zoe. — Bom dia, lindinha.

— Dormiu a noite inteira. — Comecei a lavar a mamadeira e vi que minha Tia Meredith estava muito quieta. — O que foi?

Aconteceu alguma coisa?

— Será apenas nós hoje, vocês vão ficar, certo?

— Acho que sim, não sei. Cadê o restante?

— Audrey está de plantão, Cooper e Joshua também, Jules vai tirar o dia para estudar sua cirurgia de amanhã, Jace vai almoçar com os pais — mamãe respondeu e Tia Meredith sorriu para Zoe. —

Ai, eu não aguento! Seus tios discutiram essa manhã.

— Addy! Fofqueira!

— É apenas Sawyer, ele é adulto, pode ouvir. Está no segundo casamento e se Deus quiser, vai ser o último — mamãe retrucou e Zoe começou a chorar.

— É fome, relaxa. Por que vocês brigaram, tia? Vou precisar ter uma conversa de homem para homem com ele?

— É apenas que ele fica implicando com Jace. Eu sei que é normal o pai ter ciúme da filha, mas Audrey sempre foi

muito estudiosa, calma, nunca aprontou muito e agora está com alguém que gosta. Meu coração de mãe está tranquilo. Por que ele tem que ser tão chato? Ela poderia morar sozinha, mas eu não quero ser aquela mãe que vai dizer para a filha morar só, porque o pai não consegue entender que ela está em um relacionamento sério.

— Uma dose de ciúme é normal, mas vou conversar com meu tio. Talvez ele precise de outra opinião para acalmar seus ânimos e entendo seu medo. Jace não tem um bom histórico de relacionamentos, porém, eu sei que ele ama minha prima e é por isso que não quebrei os dentes dele ainda.

Minhas mães riram e prometi amenizar o clima entre meu tio e Jace.

— Bom dia, agressivo. — Liz entrou na cozinha. Zoe chorou ainda mais alto porque ela veio me beijar e não a pegou. — Vamos com calma, estou aqui. — Terminei a mamadeira. — Aqui está, faminta. E quanto a Jace, ele realmente gosta da Audrey. Fala dela o tempo todo, sempre faz planos e seus olhos brilham como os de um cachorrinho encontrando o dono sempre que ela está se aproximando.

— Eu sei. Só o idiota do meu marido que não entende — tia Meredith grunhiu. — Eu agradeço se puder falar com o cabeça dura do seu tio.

Meu pai entrou na cozinha sozinho, ainda de pijama, os cabelos bagunçados, pegou um copo de água e simplesmente nos deu bom dia, perguntando o que iríamos fazer. Liz parou ao lado dele, para que pudesse brincar com Zoe e minha menina abriu os melhores sorrisos para o vovô. Apesar de ninguém ter falado nada,

eu percebi que meu pai não esqueceu de Zoe. Ele a chamou de netinha.

Capítulo Quarenta e Cinco

Elizabeth

Corri pelos corredores do hospital com meu sapato escorregando a cada virada brusca. Cheguei ao centro cirúrgico, ficando descalça e trocando de roupa na frente de quem estivesse ali. A grávida estava com sofrimento fetal e era preciso levá-la à sala de cirurgia para fazer o procedimento no bebê antes que ele nascesse fora do tempo.

Quando vi a mensagem no meu celular, me senti aliviada.

Minha sogra estava há duas horas falando sobre o almoço do meu casamento e chegou na minha casa com todo tipo de doce e salgado para provar e escolher quem iria servir em nossa cerimônia.

Eu pedi que ela escolhesse para não ter que me importar com aquilo. Aproveitei que Zoe estava dormindo e saí.

Peguei a minha bolsa e disse para ela ser a avó babá do dia.

Zoe iria fazer um escândalo quando acordasse e não me visse por perto, mas naquele momento, ela não era a minha prioridade. E

Deus sabia o quanto estava me sentindo bem com isso.

— O que temos? — Entrei no centro cirúrgico.

Estar dentro da sala de cirurgia me fez sentir como se nada tivesse mudado.

Eu podia ser mãe e médica.

Estar em casa só atendendo chamadas de não cirurgias e fazendo aconselhamento para Ângela em alguns casos e até mesmo orientando Robbins por telefone, me matava. Todo o meu dia era cercado por fraldas, papinhas, leituras da tarde, brincadeiras para estimular o engatinhar e risadas. Zoe já estava falando bem mais que antes, nenhuma palavra “*real*”, mas quando conversava com ela, respondia animada e aprendeu a bater palmas.

Foi Sawyer quem a ensinou durante o banho noturno. No dia seguinte, quis fazer qualquer coisa que a fizesse bater palmas.

No fundo, eu estava desesperada, com medo de perder uma parte importante da minha vida. A cirurgia, meus pacientes, um andar inteiro para comandar e vários residentes e internos para ensinar tudo o que sabia. Estava com medo de que ser mãe me fizesse perder parte de quem fui pelos últimos onze anos da minha vida. Fiquei um pouco irritada que a vida de Sawyer continuou da mesma maneira. Ele só não estava pegando plantões de trinta e seis horas porque o RH informou que ele havia estourado o limite de suas horas trabalhando quando Zoe ficou internada.

Não queria ser injusta. Ele era totalmente meu parceiro com Zoe. Meu problema não era com Sawyer e sim porque eu tinha que deixar meu trabalho em uma licença maternidade para a adaptação de Zoe enquanto ele não precisava.

Terminei a retirada do tumor e o bebê ainda estava respondendo aos sinais perfeitamente. Finalizei a minha parte. Jace deu a volta, assumindo e esperei até que a cirurgia estivesse terminada. Troquei de roupa novamente e acompanhei Jace para dar a notícia ao marido que, seguindo

as precauções, eles teriam um restante de gravidez muito tranquilo.

Jace me abraçou, agradecendo por ter deixado minha bebê em casa para participar da cirurgia. Ele não fazia ideia do quanto precisava daquilo.

— Solta a minha mulher, canalha. Não basta a minha prima?

— Sawyer brincou atrás de nós e virei-me para ele. Sorri, porque ele saiu de casa no meio da madrugada e não acordei. — Cadê Zoe? O

que você está fazendo aqui? Ela está bem?

— Deixei em casa sozinha — rebati secamente.

Ele parou e colocou as mãos na cintura. Comecei a rir, sem aguentar segurar a postura e confessei que a deixei com a vovó apaixonada.

— Um beijinho de longe — ele pediu, inclinei-me e rocei meus lábios nos dele.

— Não demore a chegar em casa.

— Eu não vou — Sawyer prometeu e nem parecia que tínhamos brigado na noite anterior ao ponto de dormimos de beicinho um com o outro. Já até tinha esquecido o motivo que causou o desentendimento.

Cheguei em casa, Zoe estava acordada e nada amigável.

Entrei direto para o chuveiro, tomei um banho rápido, coloquei uma roupa confortável e vi que a minha sogra não estava abalada com o choro da neta em seu colo, e sim, organizando as plaquinhas de cada buffet e o que eu tinha

que provar. Ela não ia desistir. Eu me rendi, porque tudo que queria fazer naquele instante era comer.

Peguei *minha filha* no colo e ela parou de chorar.

Zoe esfregou o nariz na minha bochecha e eu sorri. Abri a geladeira e tirei o lanche da tarde que já estava pronto. Ela gritou para se sentar na cadeirinha e sabia que era porque eu tinha saído.

Não sabia como lidar com seus problemas de abandono. Ela ficava sentida e magoada. A volta era um pesadelo.

— Acho que fui uma vaca desnecessária com Sawyer ontem.

— Por quê? — Addison arrumou o último potinho na minha frente.

— Eu não sei. Ele nem falou nada demais. Acho que estou de TPM e não sei como lidar com as minhas alterações de humor.

Estou irritada, não com ele, mas descontei nele.

— O que você tem? — Ela me ofereceu um pratinho. Peguei o frango empanado. — Gostou?

— Eu sou uma cirurgiã. Tenho três especialidades e sou boa no que faço. Quando planejei ter filhos, eu imaginei que, sei lá o que eu imaginei, mas essa visão de Sawyer saindo todo dia e eu ficando para a adaptação dela está me matando. Não é culpa de Zoe e nem de Sawyer. É a regra do mundo que pensa que o filho só precisa da mãe. Tudo bem, ela pode precisar só de mim, mas eu estou em casa e preciso que Sawyer também esteja. E aí chego a conclusão de que

os pacientes precisam dele lá. E os meus pacientes não precisam? Estou sendo confusa?

Minha sogra sorriu e eu já estava comendo sem que ela me empurrasse nada. Zoe terminou de comer e agarrou um pedaço de frango, esmagando-o entre os dedos e me oferecendo. Estava nojento na aparência, mas comi mesmo assim, para que ela comesse o que eu oferecesse a ela.

— Quando eu tive Sawyer, também me questionei as mesmas coisas, mas eu estava olhando pelo ângulo errado.

—

Addison puxou o banquinho. — Eu fiquei tão irritada que era a única a cuidar de tudo, que não pensei que aquele momento era só meu.

Não era do meu marido. *Era meu*. Para cuidar do meu filho e da nova mãe que havia nascido.

— Agora eu me sinto mãe dela. Antes, me sentia apenas a mulher que cuidava dela.

— Não vai haver outro momento como esse, porque ela vai crescer. Zoe e Sawyer vão desenvolver uma ligação muito forte também, porque a relação de mãe e filho é diferente de pai e filho.

São diferentes e igualmente importantes. Só que esse momento, essa licença de dois meses, é tudo que você tem para se conectar cem por cento a Zoe. Você não a gerou ou a amamentou no seio.

Você só tem dois meses.

— Três. Eu encurtei para dois e agora estou vendo que tem razão. Eu tenho três meses para ser mãe dela.

— Exatamente. Depois você será mais cirurgiã do que mãe e em outros momentos mais mãe do que cirurgiã. Não será fácil daqui para frente. Vai correr para uma cirurgia ou para assistir Zoe no ballet. — Eu comi mais salgadinhos. — Vai ter dias que você vai correr para o ballet preocupada com seu paciente e dias que durante uma cirurgia vai sentir-se triste porque não foi até Zoe. Não tem uma receita, só siga em frente fazendo o seu melhor no momento. Nesse momento, você precisa ser médica ou mãe? Quem precisa mais de você?

Olhei para Zoe e ela me deu um sorriso cheio de frango na boca. Tirei o pedaço grande e abracei-a, beijando sua testinha. Era ela quem precisava de mim. Sorri para minha sogra, grata pelo

apoio e amor e ela levantou o cartão em que Zoe mais esmagou os salgados, dizendo que aquele era o escolhido.

Passamos para os docinhos e tortas. O bolo só seria em algumas semanas. Como o casamento seria de dia, definimos o cardápio para o almoço e ela foi embora.

Espalhei o tapete de brincar, botei Zoe sentada numa ponta e fiquei na outra, com sua girafa favorita. Ela ainda não tentava engatinhar, apenas se jogava para frente e não se arrastava. Estava ajudando-a a conseguir. Cantei uma musiquinha que aprendi na internet e ela riu, apoiando-se pelos bracinhos de frente porque não ficava muito tempo sentada e deitou de barriga pra baixo, olhando-me. Eu balancei a girafa mais uma vez, chamando-a na minha direção.

Rindo, bateu as perninhas e as dobrou, ficando exatamente de quatro. Há dias havíamos chegado a esse estágio, mas antes ela caía. Sem aviso, ela engatinhou.

Minha alegria foi impossível de disfarçar. Empolgada que eu não parava de balançar a girafa e sorrir, veio meio engatinhando e meio se arrastando, babando e rindo. Parando um pouco na minha frente, sentou sozinha e eu bati palmas. Animada, esticou o braço para agarrar a girafinha e mordeu as orelhas dela, como sempre fazia.

Nós ficamos brincando no tapete até a hora em que ouvi Sawyer chegar. Ela ficou atenta e virou o rostinho para a porta, sorrindo quando ele apareceu.

Sawyer abaixou e a pegou no colo, dando um beijo na bochecha e um abraço.

Ele me deu um beijo rápido, porém, aquele momento era apenas dos dois. Dei privacidade e me levantei para separar os ingredientes do jantar. Fiz um purê de batatas, almôndegas, carne e arroz integral. Enquanto cozinhava, ele ficou brincando e comemorando a cada engatinhada que dava. Devido ao horário, ela começou a ficar irritada com qualquer coisa. Era fome e a hora de

começarmos a diminuir o ritmo para que ela descansasse mais e conseguisse dormir na hora.

Sawyer subiu e a deitou no trocador. Terminei o jantar, colocando a mesa e ele desceu com ela no momento em que eu estava picando pequenos pedaços da almôndega no pratinho de Zoe com purê e feijão. Começamos a comer em silêncio, exceto por Zoe soltando seus sons e gritinhos normais. Dei-lhe mais uma colher e limpei o que sobrou.

— Estava faminto — comentei ao vê-lo terminar o segundo prato.

— Não consegui comer hoje e a carne está uma delícia. —

Ele esfregou a barriga. — Vai me falar o que está acontecendo?

Hoje parecia uma pilha no hospital e do nada, saiu correndo depois de me dar um beijo.

— Eu tinha que voltar para casa. Parece que ficar em casa me deixa angustiada de não estar no hospital e ao mesmo tempo, ficar longe dela me causa ansiedade. Talvez tenha sido por esse motivo que eu arrumei uma briga ontem. — Fiz um pequeno beicinho. — Eu já não lembro o motivo.

— Então?

— Então o quê?

— Peça desculpas.

Oi?

— Qual é o seu problema, Sawyer? — Joguei um pedaço de guardanapo nele.

— Você. — Ele riu, me irritando. — Ontem você alterou minha pressão arterial, foi dormir como se fosse louca e hoje de manhã ficou toda manhosa.

— Estou te enlouquecendo?

— Sim, e sorte a sua que te amo mesmo assim.

— Depois conversamos mais sobre isso. Não é algo que vá resolver agora. Muito bem. Você mostrou para o *papai* que engatinhou hoje? Mostrou?

Sawyer sorriu e seus olhos encheram de água.

— O que eu fiz agora? — Fiquei ereta na cadeira, preocupada.

— Nós nunca falamos com ela dessa forma. Chamando o outro de pai ou mãe.

— Eu sei. Isso é parte da desculpa que eu tenho que te pedir.

— Sou todo ouvidos. Ela está calma, podemos conversar agora.

— Não seja engraçadinho — briguei e ele ergueu as mãos em forma de rendição. — Eu estava muito chateada, beirando ficar irritada como louca, porque o mundo é machista. Eu me senti tão bem dentro da sala de cirurgia hoje e foi pouco tempo. Não foi aquela cirurgia de dezoito horas, foram só duas e meia, mas o suficiente para me sentir bem comigo mesma. Um dia eu estava retirando um tumor no fígado, no outro, estava trocando fraldas e fazendo papinhas — reclamei e ele abriu a boca para falar. — Sei que não é sua culpa, minha ou da Zoe. Só fiquei chateada que eu tinha que ser aquela a dar uma pausa no trabalho, mas eu também tenho pacientes, uma carreira e também sou a fonte de sustento da casa. Nós somos parceiros em tudo, sempre fomos, nunca fizemos questão de nada e eu acho uma das coisas mais incríveis entre nós.

Exceto isso.

— Entendi. E na verdade, você tem razão. Posso pedir uma licença um pouco maior.

— Eu vou adorar que a gente tenha um tempo para nós três, porque a sua mãe me fez enxergar algo que não estava vendo. Zoe não foi gerada, ela chegou pronta. Nós não nos preparamos nove meses e não tivemos essa

conexão e antes que a vida siga, que todas as coisas aconteçam, precisamos estar conectados. *Nós três.*

Eu vou ser médica para sempre e serei mãe dela para sempre, mas não quero que ela se sinta como um dia eu me senti, que eu não era importante para minha mãe. Eu quero que ela entenda que tenho meu trabalho, que salvo vidas e que ela é mais importante do que

tudo. Você me entende? Eu fui uma vaca com você ontem porque eu estava chateada.

— Sim, foi uma vaca completa e eu dormi com dor de cabeça, mas eu entendi agora. Seria ideal, antes de me atacar do nada, conversar, mas sei que nem sempre tem controle sobre isso.

— Ele esticou a mão e pegou a minha. — Vou avisar ao hospital que irei ficar em casa por algumas semanas. Vamos dedicar todo o tempo do mundo a sermos pais.

Ele tinha sorte que havia uma mesa entre nós, porque eu queria me jogar nele e enchê-lo de beijos. Quando você encontra a sua cara metade, até mesmo os problemas passam a ser divertidos, como uma parte deliciosa de uma vida a dois.

Capítulo Quarenta e Seis

Elizabeth

Sawyer me deu um olhar aquecido e desviei, envergonhada de sua paquera na frente de Zoe, mas arrastei meu pé em sua panturrilha.

— Vou solicitar a licença amanhã.

— Deixe para segunda-feira, você está de folga no domingo e seu tio terá menos tempo para ter um ataque cardíaco.

— Podemos aproveitar que o verão está chegando e viajar.

— Ele se animou e concordei. — Podemos ficar em Hampton, o que acha? Zoe vai amar todo o espaço para brincar.

— Ficar lá é uma excelente ideia. — Limpei a boquinha de Zoe. — Muito bem, você comeu tudo! — Bati palmas e ela acompanhou do jeito dela. — Quer um pouco de vinho? Ah, escolhemos a comida da cerimônia.

— Ah, os caras me deram o tamanho das roupas deles e sapato.

— Acho que até agora está tudo bem.

Zoe bateu com a parte dura da mamadeira na boca e começou a chorar. Sawyer a tirou da cadeirinha, segurando-a e finalizei meu jantar, satisfeita. Zoe arremessou uma quantidade de purê no rosto de Sawyer. Ele fechou os olhos na hora.

— Ai, meu Deus! Suas mãos são incontroláveis!

— Acho que tem purê no meu ouvido também. Você achou isso bonito? Sabe o que está na hora? Banho.

Zoe não estava desacelerando por nada. Talvez a soneca da tarde tenha sido longa demais. Nós brincamos com ela na cama até que ela mesma deitou na minha barriga e acomodou o rosto entre meus seios, coloquei a chupeta em sua boca e ela adormeceu tranquilamente, cansada de brincar com Sawyer de cosquinha e com a girafa.

Enquanto adormecia, Sawyer me contou todas as fofocas que estava perdendo. Quem estava dormindo com quem, as amizades que romperam e os vacilos profissionais. Ele era ótimo nos detalhes, ainda fazia sons para exemplificar os momentos.

Levantei-me com cuidado e coloquei Zoe no berço, ligando o abajur na luz mais fraca e trazendo para o quarto o monitor do bebê.

Nas primeiras noites, Sawyer e eu ficávamos levantando toda hora, preocupados, ela chegou a dormir algumas conosco. Carlie disse que era importante que ela dormisse sozinha, em seu próprio quarto e soubesse chamar quando acordasse. Desde então, ela acordava de madrugada, mas não todo dia, só se ela dormisse cedo.

Estava ficando boa em “ler” a Zoe.

Voltei para o quarto e Sawyer estava mexendo no celular.

Acomodei o monitor no lado dele da cama, tirei minha camisola, calcinha e sutiã. Sawyer me deu um olhar e voltou para o celular.

Peguei o aparelho de sua mão e sentei-me em seu colo.

— Sexo de reconciliação? — Ele soou esperançoso. —

Estou merecendo.

— Você merece muitas coisas, algumas vezes, uns bons tapas e outras, beijos deliciosos. — Inclinei-me e arrastei meu nariz por sua bochecha, deixando meus lábios tocarem sua pele com carinho.

Antes de me beijar, Sawyer tirou meu cabelo do rosto para olhar bem dentro dos meus olhos, algo que eu amava e me passava segurança.

— Eu te amo, Elizabeth. Sei que não é fácil estar com um bebê e você tem se mostrado uma mãe exemplar. — Ele me beijou e me entregou, de corpo, alma e coração. Ele era dono de uma parte importante da minha vida, responsável por grandes felicidades e por me fazer sentir uma mulher transbordante.

Além de colar meus pedaços quebrados, ele também se empenhou em realizar meus sonhos. Mesmo aqueles que nunca confessei abertamente.

Acordar depois que eu decidi aproveitar cada segundo do meu dia com Zoe e continuar sendo uma ótima cirurgiã, me renovou. Sawyer saiu cedo e eu não continuei dormindo, levantei e ocupei a mesinha do escritório, trabalhando de casa. O sistema do hospital me permitia analisar todos os meus documentos.

Abri meus arquivos de pesquisa e continuei o texto que estava desenvolvendo com base nas minhas últimas anotações.

Estava muito empolgada em concluir aquela tese para levar meus planos de melhoria ao andar da pediatria.

Quando Zoe acordou, estava terminando o último parágrafo.

Depois do café da manhã, eu a levei para passear. Era um dos momentos favoritos quando eu era criança e queria ter boas memórias com minha menininha. Meu pai deu a ela um carrinho legal e eu achei que seria bom levá-la a uma pequena praça próxima ao hospital, lá sempre havia crianças, mães e babás por todo o lado.

Tom brincou um pouco com Zoe e disse que Jen estava louca para vê-la novamente. Encontrei várias pessoas conhecidas, os vizinhos comerciantes no local, enfermeiros indo trabalhar, alguns internos, residentes, todo mundo passando em direção ao hospital e eu caminhando tranquilamente no caminho oposto.

Sentei com Zoe no cobertor que trouxe e espalhei seus brinquedos, tirando fotos e enviando para Sawyer e para todos os muitos avós que aquela criança tinha. A avó de Sawyer me ligou por chamada de vídeo, pedindo para falar com Zoe, que apenas sujou meu telefone todo de baba e riu para as gracinhas que os bisavós faziam.

Recebi uma ligação do advogado de Sawyer. Desde que fizemos um acordo pré-nupcial, junto ao contrato de união estável, eu também passei a ter parte da fundação que comandava o hospital e aquilo me atribuía muitos compromissos que não fazia ideia de como Sawyer conseguia conciliar a medicina com aquelas decisões importantes. Sorte que eu adorava intrometer meu nariz onde não era chamada.

Com a pauta da próxima reunião, dei uma desculpa e encerrei a chamada, concentrando-me em Zoe. Nós duas brincamos muito e enviei uma mensagem a Sawyer sugerindo que almoçássemos juntos no pátio do hospital. Ele concordou e logo que entrei e passei meu cartão de acesso, vi alguém que não encontrava há anos.

Doutora Blake Hudson, uma famosa especialista em cirurgia fetal e também pediatra, estava com Joshua e a menina da administração que costumava fazer o tour de apresentação a visitantes ou novos funcionários. Fiquei parada, sem acreditar. Jules parou ao meu lado e ficou olhando também.

Expliquei a ela quem era e não foi preciso dizer o restante.

Tornei-me mãe e o hospital já estava procurando uma substituição?

Ela era boa, mesmo que competitiva e narcisista, mas boa. Só que eu era infinitamente melhor. Sawyer sabia daquilo?

— O que estão olhando? — Sawyer parou ao meu lado e imediatamente pegou Zoe, depois, deu-me um beijo.

— A nova especialista em cirurgia fetal e pediátrica do hospital.

— Você está tirando conclusões precipitadas. — Jules me acalmou e explicou para Sawyer.

— Meu tio não faria isso. Eu sou membro da Diretoria, ele não pode contratar ninguém sem comunicar — ele disse com convicção e eu não estava nem um pouco tranquila.

— Por que não?

— Não é assim que funciona, tem um conselho administrativo e muitas regras. Ele não pode fazer o que quer, nem eu. Estamos lidando com dinheiro e vidas. Jules tem razão, podemos estar sendo precipitados.

Fomos para a mesa que Jace, Cooper e Audrey estavam nos aguardando.

— Seria muita canalhice — Audrey comentou depois que contamos. — Esperar que você conserte a pediatria para contratar

outra pessoa. Tem gente atravessando o país para ser tratado aqui.

— Não sejamos precipitados. — Sawyer pegou minha mão e apertou.

— Será que não estou fazendo um bom trabalho? — Eu me sentia confusa com a presença de Blake. — Não faz sentido. Ele enviou um e-mail agradecendo tudo o que tenho feito e que nossos projetos estavam seguindo um bom ritmo. Não posso acreditar que me tornei mãe e deixei de ser a melhor.

— Baby, calma. — Sawyer virou-se na cadeira e olhou em meus olhos. — Confie em mim e por favor, fique calma.

Zoe puxou com força um brinquedo da bolsa e bateu em seu rosto, começando a chorar. Acariciei o local, acalmando-a e Jace a distraiu.

Ela fez suas gracinhas usuais, exibindo seus sorrisos que quinze dias antes eram completamente tímidos. Ela fez a tarde de todos e quando o almoço acabou, reprimi a minha vontade de ir gritar com Joshua e fiz o que Sawyer me aconselhou, ignorar enquanto ele pesquisava o que estava acontecendo na cabeça do tio.

Voltei para casa, empurrando o carrinho e parei no bar de Tom enquanto ainda estava fechando para que Jen pudesse ver Zoe e brincar com ela. Do outro lado da avenida, observei Joshua se despedir de Blake e colocá-la dentro do carro particular do hospital, com o motorista, provavelmente a seus serviços. Ele fez a mesma coisa comigo.

Quando cheguei em casa depois de horas me distraindo, Sawyer me ligou e disse que a minha sogra estava nos convidando para jantar e falar sobre o casamento. Eu era a noiva e tinha que ir.

Droga. Zoe jogou todas as minhas maquiagens no chão, espalhando mais coisas e percebi que aquele seria mais um desafio, me manter maquiada e arrumada com um bebê pequeno.

Ela não deixava nada no cabelo e reclamava de qualquer roupa que ficasse roçando em seu pescoço. Um bebê com muita

personalidade. Troquei sua roupa e deixei-a quase pronta. Quando Sawyer entrou nos chamando, já estava pronta.

— Adoro uma mulher que se arruma rápido. — Sawyer me deu um beijo. — Você não quer sair de casa, não é?

— Não. Mas, sou a noiva, preciso ir.

— Sim, você é a noiva. — Ele riu e levou Zoe para o carro.

Não levou muito tempo para cairmos em um trânsito tranquilo. —

Ainda chateada? Está quieta.

— Estou chateada. Eu tinha uma clínica pré-operatória e um laboratório completo de pesquisas. Todo recurso do hospital à disposição e deixei parte de tudo isso para vir a Nova Iorque, porque o que me faltava, era a oportunidade real de ter a pediatria e era inovador ser a primeira especialista fetal da unidade. Relutei, não gosto de mudanças, havia mais cinco propostas e Meredith conversou comigo, falou da fundação, de todos os trabalhos e eu queria mudar de ares. Agora, sinto como se fosse uma rasteira.

— Eu sei, mas até onde entendi, não tem nada a ver com o seu trabalho. Ele estava buscando alguém para ficar no lugar do Robbins. — Sawyer me deu uma rápida olhada.

— Sem me comunicar? Eu sou a chefe da pediatria! Tudo bem, ele é o Diretor, mas isso é uma falta de consideração muito grande.

— Pode ter sido apenas uma conversa, acalme-se. Meu tio tem defeitos, mas não é um filho da puta.

— Estou puta e se ele me irritar, será desconvidado para o meu casamento.

Sawyer soltou uma risada e só não bati nele porque Zoe riu junto, achando graça.

Ele estacionou na casa da mãe e saiu, a família já estava na sala de jantar com comida na mesa. O cheiro estava delicioso e pela pompa, havia mais opções de cardápio. Joshua não estava, o que era bom porque ainda não estava pronta para um confronto, mas

ambas as minhas sogras garantiram que eu não deveria me preocupar.

— Tenho certeza de que Blake foi conhecer o hospital porque agora estamos no topo das referências e obviamente, a pediatria será assediada, mas ele não fará nada sem nosso consentimento e principalmente, não irá te ferir dessa forma. — Addison segurou meus ombros. — Ser mãe não te faz menos profissional. Confie em mim, tudo vai se ajustar.

— Tudo bem, vou esperar e ver o que vai acontecer.

— Ótimo! Vamos provar o almoço do seu casamento.

Aquela festa estava ficando maior e muito mais luxuosa do que imaginei, mas eu não podia impedir a nossa família ansiosa em agradar o tempo todo. Sawyer e eu sentamos e

começamos a provar. Eu só não podia engordar e não caber mais no vestido.

Capítulo Quarenta e Sete

Sawyer

Após o jantar, deixei as mulheres sozinhas na cozinha falando sobre as cores do casamento e subi as escadas até a biblioteca, com Zoe em meus braços. Bati antes de entrar. Meu pai estava sentado, olhando para a janela, com uns livros médicos ao seu redor e virou-se. Por um instante, foi como se ele não me conhecesse e estava pronto para me apresentar novamente quando abriu um sorriso.

— Oi, Zoe. Veio ver o vovô?

Entrei com cuidado e sentei-me ao seu lado, colocando-a entre nós. Zoe agarrou um livro com força e jogou longe, quase rasgando uma página. Dei a ela um brinquedo e meu pai o sacudiu à sua frente, sorrindo para ela.

Ele não fazia ideia de como conhecia Zoe ou quando, mas simplesmente sabia quem ela era. Nós conversamos sobre a cardiologia, com calma e tranquilidade. Ficou óbvio que ele não entendia que eu cresci e me tornei um médico, mas ele ouviu minhas opiniões profissionais e depois, foi deitar.

Zoe coçou os olhos, começando a ficar charmosa. Ao ver Liz, esticou os braços com um beicinho.

— Quer a mamãe, é?

— Vem aqui, meu amor. — Liz a aconchegou em seus braços.

Meus avós chegaram e só estavam ali por causa do bebê e da comida, mas também tranquilizaram Liz sobre o trabalho. Audrey entrou, exausta, faminta, jogando suas bolsas e livros no sofá e indo para o banheiro lavar as mãos. Ela reclamou que estava de saco cheio da neurologia e eu ri. Cooper era gente boa, os outros médicos nem tanto.

— É incrível como ser amado muda tudo — Tia Meredith disse sorrindo para Zoe. — O jeitinho que já olha fazendo manha,

pedindo colo e até choramingando para dormir...

— Ela foi feita para nós, não é, amor? — Liz beijou a bochecha gordinha de Zoe.

— Ela engatinhou, foi muito fofo. Liz filmou, ainda é meio engraçado, mas está indo bem. Bebês na idade dela já engatinham e ela se desenvolveu bem nessas duas semanas, só faltava um pouquinho de estímulo.

Nós fomos embora quando Zoe começou a ficar uma pessoinha irritante e anti social que só queria ficar no colo, puxando a gola da minha camisa. Ela estava com sono. No meio do caminho para casa, fez cocô, o que tornou a viagem um pequeno momento difícil, já que não parou de chorar. Percebi que precisava tirar aquela licença o mais urgente possível para também ter momentos com a *minha filha*.

Não queria ser o cara que chegava de noite para o jantar.

Queria que tivéssemos muitos momentos juntos, por mais que ela não se lembrasse disso quando crescesse, mais teríamos uma conexão mais forte. Liz tirou a fralda, limpou os excessos e a levamos para o banho.

Ainda chorando, foi uma novela colocar sua roupa de dormir.

Fiz a mamadeira e troquei de roupa enquanto Liz se despia e tirava a maquiagem. Zoe ficou sentada na cama, olhando-nos com os olhos e nariz vermelhos, e os lábios em um beicinho, fazendo careta toda vez que não voltávamos para perto dela.

— Você simplesmente quer chorar, não é? Jogou a chupeta longe, empurrou seu pai, arrancou a presilha do cabelo, me mordeu durante o banho. Virou um pequeno monstrinho. — Liz disse e se deitou na cama, acomodando Zoe e pegando a mamadeira. — Eu não vou ficar lá no seu quarto com você chorando, vou passar pela tortura bem acomodada.

Zoe mamou até a metade e dormiu. Uma guerra para dormir.

Não entendia as crianças. Era confuso compreender seus sentimentos. Em seu sono, virou para o meu lado e eu sorri, observando sua feição serena, toda calma e linda. Ela era um bebê

lindo. Não parecia mais a criança sofrida, cheia de marcas, machucados e abaixo do peso. Suas perninhas gordinhas eram a prova de que estava indo bem.

— Seu pai ficou muito bem hoje — Liz comentou baixinho.

— Ele sempre lembra de Zoe e isso me confunde com o diagnóstico. Quando meu pai adoeceu, meu tio surtou, ele ficou sem acreditar, queria que chamássemos outro médico. Mamãe chorou por vários dias. Foi difícil e nos abalou profundamente pela rapidez com que ele decaiu — falei sem desviar os olhos de Zoe.

— Quem diagnosticou seu pai com Alzheimer? Foi Coop?

— Não. Cooper não era um atendente na época. O hospital tinha um neurologista muito bom. Não vimos necessidade de ter outra opinião e meu tio não aceitou. Ele e meu pai eram próximos, como Cooper e eu.

Liz esticou a mão e tocou meu peito.

— Amanhã cedo Zoe tem consulta e vai tomar vacina. Você pode segurá-la? Eu não consigo vê-la chorar.

Soltei uma risada.

— Você é pediatra.

— Não sou a pediatra *dela*. — Liz encolheu os ombros.

— Vou colocá-la no berço — avisei e peguei minha menininha.

Voltei para a cama e abracei Liz.

Acordei antes do meu celular despertar. Liz não estava na cama. Levantei e encontrei-a falando com alguém do hospital, explicando exatamente como fazer uma intubação em um bebê de nove meses e ao mesmo tempo, trocando a fralda de Zoe, que não parava de sacudir as pernas soltando gritinhos, com risadas no meio.

Ela não precisava duvidar que seria muito boa nas duas coisas.

Desci para preparar o café. Peguei a receita que estava na geladeira e fiz a papinha de banana que Zoe adorava. Também fiz o café sagrado de todas as manhãs.

— Adoro queijo quente! — Liz desceu com Zoe. A roupinha que usava era muito sexy. Eu me perguntei porque dormi ao invés de tirar aquela peça pecaminosa com os dentes na noite anterior.

— É uma pena não poder ficar te olhando o tempo todo de camisola — retruquei e ela riu, abraçando-me. Aproveitei para apertar sua bunda. Ela me bateu e apontou para o bebê, que batia a mamadeira com força na cadeira. — Desculpe, Zoe. Você não viu nada.

— É claro que ela viu. — Ela riu e me beijou deliciosamente.

— Eu vi nossa agenda, não vai ser possível termos uma lua de mel em algum lugar longe, então pensei em tirarmos uma noite e um dia após o casamento. Ano que vem, programamos uma viagem, o que acha?

— Tem aquele congresso em Miami depois do seu aniversário, podemos tirar dois dias antes e aproveitarmos a praia.

Ainda vai estar com o tempo bom.

— Excelente ideia. Vou ver as reservas logo.

Saímos de casa com Zoe distribuindo sorrisos para todo mundo. Ao invés de irmos direto para a consulta, Liz foi até a pediatria fazer o pré-operatório e acalmar uma mãe muito nervosa.

Depois de feito, descemos para o primeiro andar, onde alguns pediatras tinham consultório, não fazia parte do hospital em si, eram apenas salas alugadas por médicos que gostariam de clinicar.

Conversamos com a secretária do pediatra que escolhemos para cuidar de Zoe e esperamos a nossa vez sentados com ela, que ficou jogando seu brinquedo no chão para que eu pegasse toda hora. Ela estava verdadeiramente se divertindo às minhas custas.

Zoe gritava toda vez que eu arremessava seu Michael Wazowski do Monstros S.A. e quando olhei para o lado, vi Mike e Amber chegando juntos ao hospital. Cutuquei Liz e ela riu, cobrindo a boca ao vê-lo beijar a mão dela e ir em direção à emergência.

Amber nos viu, deu a língua e saiu correndo para a recepção do hospital porque estava atrasada.

Os dois ficaram numa guerra depois da internação, era confusão por todo lado, conforme as brigas aumentavam, mais a determinação dele crescia e percebi que ele era o homem perfeito para ela. Amber era o tipo de mulher impossível, porque era um pé no saco de tão irritante. Ela precisava de alguém que não se abalasse com a sua fachada fria e nem tivesse medo das respostas ácidas.

— Agora que Mike tem uma namorada, vou excluir o

“acompanhante” do convite dele. — Liz anotou em seu celular. Zoe arremessou o bichinho verde bem longe. — Ela está bem disposta nesse jogo.

— Não tá engraçado, Zoe — reclamei, levantando-me e pegando o brinquedo do outro lado corredor. — Vamos treinar esse arremesso no jogo. Será uma boa lançadora.

Liz revirou os olhos e eu pensei em comprar um kit completo para Zoe começar a se interessar por jogos. Se começasse a assistir comigo, seria uma garota que iria entender tudo quando tivesse tamanho para jogar. Eu me

perguntei se meu pai se sentiu da mesma maneira quando eu nasci, se planejou cada momento que passamos juntos. Foi memorável tudo que vivemos.

Peguei minha menininha e beijei sua bochecha. Ela jogou o brinquedo longe de novo e o agarrei de volta. Acariciei suas costas, cheirando o pescocinho. Eu a levei para o consultório e após um check-up, a médica ficou feliz em ver tantos avanços. Zoe puxou quase todas as coisas que estavam ao alcance, sorriu, fez sua tentativa de soprar beijos e fez charme para Liz.

Na hora das agulhas, minha noiva saiu da sala e ficou do lado de fora. O gritinho de Zoe rasgou meu coração. Ela me deu um olhar magoado, projetando um beicinho e se recusou a reconhecer a presença da pediatra novamente. Liz voltou para a sala e pegou Zoe, também com os olhos cheios de lágrimas. As duas tinham uma expressão parecida.

— Ambas querem colo?

— Sim, papai. Nós duas queremos colinho. — Liz se refugiou em meus braços.

Fiquei com as duas até começar o horário de trabalho e informei no RH que gostaria de uma licença. Já tinha combinado com meus colegas que iriam cobrir meus turnos e informei que faria parte do trabalho remoto. Liz foi para casa com Zoe, Ângela e Jules, para as últimas provas de vestido do casamento de Ângela, que seria no final de semana.

Parei na sala do meu tio, que estava vazia. Voltaria depois, mas antes, roubei um chocolate. Abri e o enfiei quase todo na boca.

— Te peguei, espertinho. — Ferguson entrou na sala, colocando seu jaleco.

— Você sabe que eu sempre vou pegar. — Abri um sorriso e me encostei na porta. — O que está acontecendo em relação à pediatria?

— O que tem? — Ele foi para sua mesa.

— Já sabemos que Blake Hudson esteve no hospital.

— Ah, sim. Mas não foi uma entrevista. Ela andou mandando e-mails, querendo conhecer as instalações e falar sobre o avanço da pediatria. — Ele ajeitou a gravata por um momento. — Acredito que foi mais como uma espiã e ao mesmo tempo, para deixar no ar que está disponível para fazer parte da equipe. Estou entrevistando muitos pediatras para o lugar do Robbins, mas tem que ser alguém que se encaixe na equipe agora. Estão todos alinhados, em paz, e esse equilíbrio é difícil de conquistar.

— Liz ficou chateada. Ela anda com algumas paranoias sobre ter o cargo em dúvida por ter se tornado mãe.

— Eu sei que a visita poderia ter sido interpretada de maneira errônea, mas eu tenho que ser político com alguns médicos e manter boas relações. O lugar de Liz como chefe da pediatria não está em discussão.

— Obrigado por esclarecer.

— Aproveitando que está aqui, eu sei que sua mãe se recusa a submeter seu pai a novos exames, devido ao estresse que causa, mas eu encontrei um especialista que está com um teste clínico.

Ele nunca iria desistir, assim como Audrey. Eu não conseguia apagar meu pai para os exames, que em sua maioria, precisavam que estivesse acordado. Seus gritos e pedidos para soltá-lo me deixavam em estado de agonia.

— Meu pai não consegue ficar na maca ou fazendo tomografias, teremos que sedá-lo e ele acorda pior. É muito difícil para ela lidar com isso. Mas me envie a pesquisa, talvez eu possa me aprofundar e se concordar, irei convencê-la.

Meu tio assentiu e senti meu coração apertar. Era difícil. Eu odiava ter qualquer tipo de esperança de que um dia poderia ter meu pai de volta. Era doloroso saber que ele estava vivo, mas perdemos sua grande mente. Dei um aceno, me despedindo e deixei que o RH informasse da licença para que ele surtasse apenas uma vez e não duas, falando na minha cabeça.

Amber estava me esperando com uma pilha de prontuários e nos reunimos na sala de pesquisa quando meu sogro chegou, com Carlie, para sua revisão mensal. Ela nos deixou para ficar com Liz e Zoe. Paul começou a me apressar para poder ficar com a neta até a hora do jantar. Nossos pais mal queriam nos ver. Tudo que importava era a neta.

Liz sentiu muito medo de que Zoe não fosse amada em nossa vida, que talvez, seria melhor ser encaminhada para uma família desconhecida. Eu sabia que ela estava errada. Não apenas seria bem recebida como se tornaria o centro da atenção de todos.

Zoe nunca mais seria negligenciada, ela tinha os melhores pais e os avós mais incríveis do mundo.

A felicidade no meu peito por ter me tornado pai e quase marido não tinha preço.

E eu era um homem de um milhão de dólares.

Capítulo Quarenta e Oito

Sawyer

Amber, de acordo com o que Liz dizia, era a minha esposa do trabalho. Embora eu amasse trabalhar com minha mulher e nossa química fosse além da cama, minha auxiliar era meu cérebro fora do corpo e por esse motivo, significava que a conhecia como a palma da minha mão. Ela estava cantarolando enquanto lia resultados de exames. Dividiu seu chocolate vegano sem lactose comigo, sem brigar.

A pessoa mais fria e cruel que eu conhecia, cantava uma música feliz, balançando a cabeça. Eu até poderia deixar passar se durante um lanche rápido, eu não tivesse ouvido Mike cantar a mesma música. Eu era lento para muitas coisas, mas aquilo, peguei no ar depois que eles chegaram juntos.

— O que está acontecendo entre você e o doutor sem noção?

— Eu não sei do que está falando.

— É mesmo? Então por que o porteiro disse que tem um homem entrando lá no apartamento? — Joguei verde e ela ficou vermelha. O porteiro do prédio jamais falaria algo.

— Mike precisava de um lugar para ficar e Ângela, coração mole, ofereceu o meu sofá. Eu fiquei um pouco tocada porque o idiota quase morreu por causa de Bryce, mas já me arrependi.

— Ele dorme no sofá mesmo?

— Sawyer!

— O que foi? Me conta! Liz fica me pedindo novidades quando chego em casa e estou sem nada para atualizá-la. Você tem que ter pena da minha mulher!

Amber riu e me bateu com o prontuário, saindo de perto, dizendo que não tinha nada com Mike e nunca teria. Besteira. Eles estavam fodendo. Ou bem perto disso. Eu a segui, porque era um idiota sem amor à vida.

— Você não tem que ir embora? Acho que tem mulher e filha para cuidar! — Ela me empurrou para o elevador, me entregando todas as coisas e literalmente me chutou para fora do meu andar.

Cooper me ligou para desabafar sobre um paciente. Ele e Jules estavam de plantão, a mãe de Mason doente e soube, por mensagens, que tínhamos mais um bebê em casa naquela noite. Eu tinha um dever de padrinho e pai, seria uma loucura. Tomei banho, troquei de roupa e vi que meu tio me enviou tudo o que tinha da nova pesquisa. Eram tantos arquivos que sequer consegui carregar com dados móveis.

Atravessei a avenida correndo quando o sinal fechou. Entrei em casa e parei com a cena linda à minha frente.

Liz estava dançando com Zoe no colo. Havia panelas a pleno vapor na cozinha, vários vegetais espalhados pelo balcão e ela estava com o som alto o suficiente para superar o choro dela. Zoe segurava o rosto de Liz, que sorriu para ela, ainda choramingando e meio rindo. Encostei-me na porta da sala, pensando o quanto amava aquela mulher. Ela era a luz da minha vida.

Ela era a luz do dia na escuridão em que eu estava vivendo.

Zoe acabou gargalhando em uma rodopiada e Liz me viu, sorrindo e continuou dançando. Mason percebeu a minha presença, colocou o bumbum para o alto e se equilibrou, engatinhando com ferocidade na minha direção. Agachei e o esperei chegar, pegando-o no colo. Ganhei sorrisos e beijos babados.

— Oh, não, pare com isso. — Liz acalmou o choro estridente de Zoe. — Ela está com muito ciúme dele. — Moveu os lábios e ri.

Fui até minha filha e beijei sua bochecha, ela agarrou minha camisa e quis meu colo também. Fiquei com os dois bebês nos braços.

— Vou olhar o molho do frango, se eu parasse para colocá-la na cadeirinha, o choro começava de novo. Só quer ficar no colo. —

Liz pegou uma colher de pau. Frango assado ao molho agridoce, aquela licença seria incrível se ela cozinhasse todos os dias.

— Parece pronto pra mim.

— Alguém está com fome? — ela brincou e reparei que a mesa estava arrumada. — Tive tempo de sobra. Ela dormiu um pouco quando chegamos, meu pai passou rapidinho e comecei a preparar a comida com calma. Jules deixou Mason aqui, que também dormiu, até que Zoe acordou aos berros e ele ficou assustado. O coitado tentou dar um brinquedo para ela e ganhou uma ursada no rosto.

Na dica, Mason tocou a bochecha de Zoe e ela gritou, furiosa. Enquanto a comida não ficava pronta, sentei-me com os dois no chão. Ele ficou pegando brinquedos, entregando a ela, já andando apoiado nos móveis, puxando

as coisas e rindo como um safadinho. Zoe estava mal humorada pela vacina e também, por ter outro bebê no reino dela.

— Eu sei que você nem sabe por que está chorando, mas juro que vai passar. Ela já teve febre?

— Não. Essa parte será reservada para a madrugada. — Liz serviu o jantar, levando tudo até a mesa. Peguei o pratinho de Zoe, que já estava pronto, e coloquei na cadeirinha, mas ela não queria ficar lá, berrou até que fez Mason chorar também.

— Dividir e conquistar. — Entreguei Zoe para ela e acalmei Mason, que ficou um anjinho na cadeirinha, pegando a comida com a mão, fazendo uma pequena bagunça, mas indo bem o suficiente.

Ele estava cada dia mais parecido com o pai.

Mason dormiu a madrugada inteira. Zoe nos fez andar de um lado ao outro. Eu não sabia meu nome no dia seguinte, acordei com muita dor de cabeça e olhos ardendo. Liz precisou correr para o hospital, entrando em uma cirurgia de emergência e eu fiquei com os bebês até que Cooper passou para buscar o filho. Nós dois fomos ao mercado, ele com Mason no canguru e eu com Zoe na cadeirinha.

Ela ainda estava irritada pela noite mal dormida, mas não comeu nada. Descobri que banheiros masculinos não tinham trocadores e passei um pequeno contratempo precisando arrumá-la

na rua. Cooper tinha mais experiência em fazer o banco de trás do carro como trocador, mas Zoe não colaborava comigo.

— Vamos buscar a mamãe?

Se ela entendia ou não, abriu um sorriso e fez a clássica expressão de charminho.

O carro estava cheio de compras necessárias e Liz não demorou quando parei em frente ao hospital. Ela entrou no banco de trás, falando pelos cotovelos, contando sobre o procedimento, prendendo o cabelo, acalmando Zoe e se o trajeto não fosse curto, meus ouvidos iriam explodir. Preparei sanduíches para comermos e ela foi se arrumar para a despedida de solteira de Ângela.

Nós, os homens, perdemos a aposta sobre quem cuidaria dos bebês. Elas iriam sair e os caras se reuniriam na minha casa para Diego ter sua despedida. Não seria como planejavamos.

Envolvendo bebidas e mulheres nuas. Zoe e eu ficamos na sala depois que deixei as pizzas preparadas para assar, os petiscos encaminhados e as bebidas no gelo. Ela gritou empolgada quando eu gritei com o jogo.

— Como estou? — Liz chamou do segundo andar e minha língua enrolou dentro da boca. Ela desceu com cuidado, usando saltos altíssimos, um curto vestido preto brilhante e os cabelos com cachos perfeitos. Deu uma voltinha, exibindo as pernas torneadas, o quadril que me deixava louco desde o primeiro dia e inclinou-se para mostrar os seios como duas almofadas deliciosas.

Eu cobri os ouvidos de Zoe.

— Nós vamos foder com essa roupa.

Liz soltou uma gargalhada e me deu um beijo, lisonjeada. Ela estava incrivelmente gostosa. Pegou uma bolsinha

pequena, atendeu a chamada de Jules avisando que estava no portão e saiu.

Quase fui atrás como um cachorrinho apaixonado. Cooper subiu com Mason, com a mesma expressão alterada que a minha.

— Se você visse a roupa da Jules...

— Deveríamos ter contratado uma babá.

Ele deu uma olhada nas crianças no mesmo tapete e milagrosamente sem estresse, balançando a cabeça. *Não*. Eu ainda não estava pronto para deixar Zoe com uma pessoa desconhecida.

Paul tinha um compromisso, Carlie também. As gêmeas problemáticas também iriam na festinha das meninas.

Diego e Jace chegaram juntos. Como eu era bonzinho, convidei Mike, mas por ser o novato no grupo, menti dizendo que precisava trazer as comidas. Ele chegou equilibrando um monte de caixas depois de um plantão exaustivo quando eu já tinha tudo pronto. Ninguém mandou ficar dando em cima da minha mulher, porra. Ele tinha sorte que não ganhou um soco e eu estava seguro de que ela me amava muito.

Jace era um tipo de tio que fazia parte ativamente da vida das crianças, porque ele foi eleito para fazê-los dormir. Zoe demorou um pouco mais. Minha garota era difícil e não resistiu ao charme dele.

— Você quer encomendar um? — Mike brincou.

— Audrey jogaria um livro na minha cara se eu falasse sobre bebês.

— Estou ansioso para que Ângela engravide. Ela quer fazer isso antes de entrar oficialmente para a pediatria. Não planejamos ter muitos filhos.

— Eu quero mais filhos, mas Jules ainda quer terminar a pesquisa dela.

— Essa conversa de casamento e filhos está me dando vontade de beber. — Mike foi até a geladeira, agarrando duas cervejas ao mesmo tempo, me fazendo rir. Estava em uma idade em que ter uma família não me assustava em nada, pelo contrário, era um passo muito importante. Era o sonho de Liz. Sendo filha única por parte de pai e tendo problemas graves com a irmã por parte de mãe, ela confessou que queria ter mais de dois filhos.

Nós só não esperávamos que a mais velha viesse pronta.

Assim como a despedida de solteiro foi incrível, o casamento de Ângela e Diego foi maravilhoso. As mulheres choraram, mas

ninguém bateu a Liz. Ela usou o meu lenço e ficou dizendo que estava ainda mais ansiosa para a nossa cerimônia. Eu estava contando os dias. Legalmente, nos tornamos marido e mulher alguns dias depois que marcamos a data. Era um processo burocrático enorme, com todos os acordos pré-nupciais e contratos com as empresas dos nossos pais.

Ela não aceitava que eu a chamasse de esposa, não até depois da troca de alianças no altar. Nossa simples comemoração já estava saindo cara. Meus pais e sogro estavam dividindo os custos.

Ele não aceitava que eu pagasse e minha mãe tinha os gostos mais doidos do mundo, também não quis que Paul

custeasse o fato de que ela precisava de uma camisa de força.

Só as lembrancinhas já me deixariam preocupado com a conta bancária e o futuro dos meus filhos.

Zoe foi uma perfeita menina-flor. Ela entrou no colo da irmã de Ângela enquanto Mason estava com um primo de Diego, ambos adolescentes. Os quatro participaram do momento das alianças.

Pensei que Elizabeth fosse desfalecer. Ela andava emotiva, principalmente com os últimos acontecimentos, mas seu choro já me fazia desconfiar de outra coisa. Hormônios, em sua maior parte, eram difíceis de conter.

— Você quer mais bolo? — ofereci a Zoe.

Ângela tinha boa parte da família diabética, um dos motivos pelos quais ela quis seguir o caminho da medicina e, por isso, havia uma opção de bolo comum e outro sem açúcar, sem glúten, lactose e perfeito para Zoe comer. Nós ainda não queríamos dar nada que comprometesse seu crescimento, mesmo sabendo que ela já havia tomado refrigerante, porque sempre que via uma lata, se debatia, querendo beber.

— Ela adorou o recheio. — Liz limpou a boquinha dela e meu telefone tocou. — Ligação de Chicago agora?

— Eu não sei o que é. — Peguei e atendi, ficando em silêncio. Meu coração acelerou. — Meu pai foi selecionado para o teste clínico. Uma equipe virá a Nova Iorque para o tratamento, mas

eu preciso ir até lá para inscrevê-lo. Eles não aceitam que seja feito pela internet.

— Você vai, certo? Eles possuem um equipamento de ponta, vão mapear o cérebro do seu pai e não será invasivo. É uma chance de descobrirmos o que ele tem, uma segunda opinião como essa não pode ser desperdiçada.

— Eles também querem que eu dê uma palestra na universidade. — Esfreguei minha nuca. — Não acho que seja uma boa ideia me afastar agora.

— Você vai, está decidido. Zoe e eu vamos ficar bem. — Liz inclinou-se e me deu um beijo.

Capítulo Quarenta e Nove

Elizabeth

Abri a geladeira para pegar a cobertura do bolo que havia feito e o interfone tocou. Apoiei a panela no balcão e tirei Zoe de dentro da geladeira. Ela pegou o jeito para engatinhar, estava por todo lado, mexendo em tudo, ficando em pé apoiada nas minhas pernas e agarrando todas as coisas. Era o carteiro e eu desci para buscar a encomenda e subi de novo, com ela na porta me esperando.

Sawyer desceu a escada com sua mala e eu evitei fazer um beicinho de saudades. Ele a colocou na garagem e voltou no momento em que abri o livro sobre maternidade que comprei na internet. A primeira página já me fez perceber que era um monte de besteira. Não gostei daquele livro.

Joguei-o de lado, terminei o bolo, Sawyer pegou a vela e acendeu, colocando no bolo.

— Feliz dez meses, bebê! — Nós comemoramos e cantamos parabéns. Ela riu e bateu palminhas. — Muito bem! Você cresceu e engordou!

— Está delicioso. — Sawyer me ofereceu um garfo, provei e pedi outro.

Zoe estava amassando seu pedaço entre os dedos e rindo.

Ela era muito tímida no começo, ainda chorava muito quando nos afastávamos ou ela não nos encontrava no ambiente, mas estava totalmente sem vergonha, risonha e muito extrovertida. Tiramos foto de seu rosto todo sujo de chocolate.

— Está na hora de ir. Não quero que se atrase!

— Tem certeza que vão ficar bem? Ainda dá tempo de cancelar. Estou falando sério.

— Meu pai vai vir me buscar daqui a pouco, nós vamos ficar na piscina, à tarde a levaremos no parquinho e vou dormir lá. Vamos ficar bem.

— Me liga e eu volto correndo — ele disse e ouvimos uma buzina. — Deve ser o táxi. Não dirija com a minha filha a menos que seja uma emergência.

— Vou tentar não ficar ofendida. Desapareça — murmurei e ele me beijou. — Eu te amo, se cuida.

— Amo vocês duas.

— Dê tchau para o papai. — Mexi na mãozinha cheia de chocolate de Zoe e ele saiu, sorrindo. Ouvi o barulho do portão. —

Agora somos só nós duas. Vamos fazer uma festa sem o papai? —

ela gritou, esfregando a mão suja do meu rosto ao pescoço.
— Vai ser uma festa no chuveiro antes do vovô chegar.

Zoe estava muito bagunceira no banho, ter aqueles momentos com ela era divertido, mas eu estava cansada.

Sawyer e eu tivemos uma cirurgia juntos que durou muito tempo. Eu mal sentia meus dedos no final do dia. A licença dele havia começado oficialmente, ele estava fazendo trabalho remoto e administrativo. Depois do casamento, nossas vidas voltariam ao normal e Zoe já estava matriculada na creche mais próxima.

Informei aos avós que eles teriam que se virar e revezar para ficar com ela durante meus plantões de longas horas. Paul organizou a agenda e a cada semana seria entre ele (e Carlie, é claro), Addison e Meredith. Por hora, o andar da pediatria continuava respondendo perfeitamente às minhas expectativas e seguindo com os projetos que elaborei. Iria completar o primeiro ano no hospital com todas as minhas metas concluídas.

Joshua me explicou os motivos da visita da doutora Blake e eu não escondi que fiquei chateada. Política ou não, deveria ter conversado comigo. No entanto, ela não era compatível comigo para ocupar a vaga do doutor Robbins e nós encontramos outra pediatra, que estava em treinamento, se ajustando aos horários e regras. Nós nos demos muito bem.

Tomei banho com Zoe e a vesti para passarmos o dia fora.

Coloquei um short jeans relativamente curto, meu tênis branco e uma blusinha branca também. Tirei uma foto no espelho e mandei

para Sawyer. Ele ainda estava tentando chegar ao aeroporto e logo visualizou. Ao invés de responder, simplesmente

ligou.

— *Saio por algum tempo e você já está exibindo as pernas?*

Virou mamãe e está o tempo todo com partes do corpo de fora?

— A mamãe aqui anda muito segura do próprio corpo para escondê-lo.

— *Vai me torturar à distância, não é?*

— É claro.

— *Ainda estou pensando sobre essa madrugada. Você estava louca...*

— Foi maravilhosa, como sempre. Não sei como ela não acordou.

— *Eu também não sei* — ele brincou, me fazendo rir. Sexo depois de Zoe ganhou um sabor diferente: o tempo a dois era muito valioso. — *Cheguei ao aeroporto, antes de embarcar te mando uma mensagem.*

Zoe estava em pé, apoiada na cama quase puxando meu telefone do trabalho da cama. Ela já tinha conseguido enviar um SOS para Cooper. Tirei de sua mão a tempo e ela riu, exibindo a gengiva pelada e os dentinhos nascendo. As bolsas já estavam arrumadas desde o dia anterior e quando William chegou, me levou diretamente para a casa do meu pai, e percebi que amava ter minha família por perto.

Paul estava no quintal dos fundos, com um avental de gosto duvidoso, assando alguma coisa na churrasqueira. A filha de William, Emma, estava na piscina brincando com Peter. Ele era uma criança excepcional como eu fui e não era fácil de

socializar, mas era um menino muito carinhoso. Troquei a roupa de Zoe e coloquei seu biquíni, passando protetor solar e pedi a Carlie que não a deixasse no sol.

Subi para colocar o biquíni que comprei e não me senti à vontade de usar na casa dos pais de Sawyer. O modelo não era pequeno, mas também não cobria toda a minha bunda. Parei na

frente do espelho e me olhei bem. Tirei uma foto de frente e outra de costas. Para provocá-lo, também tirei uma do decote do meu sutiã.

Ele não veria naquele instante, só quando pousasse, mas nós nunca havíamos ficado longe um do outro.

Também fui convidada pela mesma universidade para participar de um evento que ocuparia uma semana inteira da minha agenda, poucos dias após o nosso casamento. Como não seria possível ficar tanto tempo sem Zoe, minha sogra iria comigo e Sawyer ficaria com o pai dele durante as noites. Estava animada com tantas oportunidades profissionais que surgiram no meu e-mail e ainda mais positiva de que a minha vida só poderia mudar para melhor a partir daquele momento.

Também recebi um imenso pedido de desculpas que só li alguns parágrafos, de Bryce, a ex-mulher de Sawyer. Deletei o e-mail, dando o assunto por encerrado. Eu a processei, assim como Amber e Mike também fizeram. Eu desejava que ela ficasse bem longe. Sua carta era uma manobra dos advogados. Eu duvidava que se arrependesse de verdade com a bruxa da mãe dela infernizando a sua vida.

Desci para a área da piscina e fiquei no sol aproveitando a oportunidade de me bronzear um pouco, já que quando

estava com um dos avós, Zoe só ficava no meu colo se fizesse um escândalo.

Ele conseguia distraí-la bem e não ficava correndo para mim a cada expressão fechada dela. Como ela estava mais sociável, embarcava em qualquer brincadeira fornecida.

Meu pai me criou. O que poderia ter sido mais difícil do que isso?

Tirei umas fotos deitada e fiz inveja em Jules, que havia tirado folga para resolver uns problemas dos pais dela na embaixada e estava irritada por estar levando um chá de cadeira quando poderia estar deitada dormindo. Cooper a pediu em casamento alguns dias depois da cerimônia de Ângela e ao contrário de mim, ela marcou o casamento para o próximo ano, em fevereiro. Seria um grandíssimo evento.

Meu primeiro casamento não foi grande, não houve uma festa e eu não me vesti de noiva. Casei na prefeitura de Seattle, usando jeans e camiseta. Na época, cheguei a cogitar um casamento com vestido e convidados, mas Chase não queria chamar ninguém, ele alegou que preferia algo íntimo.

Não tinha mais o sonho de um vestido volumoso, uma igreja cheia e festa abarrotada. Queria algo bonito, bem elaborado, nada cheio e intimista. Meu vestido era lindo. Seria romântico e perfeito como Sawyer e eu merecíamos.

— Quando vão me contar que estão namorando? — Joguei a pergunta no ar depois que Carlie me serviu com uma mimosa. —

Não adianta negar. Peter já me contou.

Carlie arregalou os olhos com as bochechas vermelhas. *Eu me intrometia em tudo.* Será mesmo que ela achou que ia me meter no relacionamento deles?

— *Ele contou o quê?*

— Quando liguei para saber sobre seu dia na escola, ele contou que viu meu pai servindo vinho na sua taça e te dando um beijo nos lábios após o jantar essa semana — cantarolei com um sorrisinho e ela corou. — Há quanto tempo isso está acontecendo?

— Não sei dizer — grunhiu e eu sorri, satisfeita em ter aquela confirmação. Sentei-me para ouvir a história com toda atenção. —

Nós tentamos ficar juntos uma vez, mas o pai do Peter ainda era vivo e ele não quis me dar o divórcio. Quando fiquei viúva, seu pai reencontrou Suellen e nós não cruzamos a linha até que ele ficou internado e eu percebi que precisava fazer alguma coisa com todo aquele sentimento reprimido. Nós estamos tentando, por isso estamos prezando pela discrição.

— Eu posso simplesmente me jogar em você e gritar?

Carlie riu, ainda toda tímida.

— Sim, você pode!

Meu gritinho fez com que as crianças rissem e meu pai nos olhasse desconfiado. Estava feliz porque eu sabia que eles mereciam todo o amor do mundo.

— Você e Sawyer também são lindos juntos. Estou feliz por vocês também.

Cruzei minhas pernas, apoiando a taça na mesinha.

— Eu te empurrei para longe — murmurei sem desviar meu olhar e ela assentiu. — Sinto muito. Chegou um momento que eu não podia lidar com você. Minha mãe tinha me magoado tanto que eu não podia entender como você sempre foi mais minha mãe do que ela. Como era possível que me amasse tanto? Isso doía muito.

Carlie me abraçou apertado e eu senti que devia a ela honestidade.

— Eu sei que doía, mas eu não conseguia dormir pensando em como você estava. Você tinha três anos quando te peguei no colo pela primeira vez, tudo porque eu te expliquei o que era um avião. — Ela sorriu e apertou minhas bochechas. — Não me arrependo de nada. Eu cuidaria e te amaria *de novo*, repetiria tudo *de novo*. Quando percebi como Peter era, dei graças a Deus de saber como lidar com ele porque eu já tinha você.

— Deve ser assustador. Eu me preocupo em saber enfrentar todos os desafios com Zoe, mas tudo que realmente peço é que eu não a magoe da mesma forma. — Parei ao ver que meu pai se aproximava com ela bem irritada no colo. — O que foi?

— Ela quer pegar os canudos coloridos ao lado da churrasqueira. — Ele me entregou a criança, que imediatamente resmungou, não satisfeita de não ter o que queria. Papai puxou a minha espreguiçadeira para a sombra. Ele fez o mesmo com Carlie e eu sorri.

— O que ela quer?

— Está com sono, acordamos muito cedo e fomos dormir bem tarde ontem.

— Quer que eu pegue a mamadeira?

— Não. Quero que ela durma à noite.

Carlie se levantou, dizendo que tinha suco de laranja fresquinho por conta das mimosas. Voltou com uma jarra de suco, um balde de gelo com espumante na outra mão e duas mamadeiras dentro, uma de água, e outra já com suco. Tirei uma foto, porque era uma situação bem peculiar e mandei no grupo das minhas amigas.

Amber foi a primeira a responder dizendo que beberia o champanhe na mamadeira, para não ter que fazer esforço. As piadas desceram de nível e parei de ler, oferecendo suco a Zoe, acomodando-a deitada em cima de mim. Ela me chamou com um beicinho adorável.

— Ela está te chamando do que eu acho que ouvi? — Carlie perguntou e aceitei a segunda taça de mimosa.

— Sawyer está treinando com ela para me chamar de mamãe. Ela chama a nós dois de “*amomamãe*”. Embola a boquinha toda para sair a palavra.

— Está menos apavorada?

— Estou mais confiante e mais positiva. Às vezes ela olha para mim e lembro de Vicky me olhando. O mesmo cabelinho e olhar. Quando Zoe chegou na minha vida, tive muito medo de ter esses momentos constantes lembrando da presença de Vicky, mas é diferente.

— E você se apega a isso?

— Não. Ela é Zoe, não Vicky. Ela é o amor da minha vida, eu nunca pensei que seria possível amar tanto alguém como eu a amo.

A expressão de ter um coração batendo fora do peito nunca fez tanto sentido até a chegada dela. — Olhei para Zoe com um sorriso.

— Nunca vou entender os caminhos do destino, não importa o que aconteça, eu acolho e aceito para viver tudo que eu tenho agora.

Capítulo Cinquenta

Elizabeth

Passar o dia com meu pai foi maravilhoso. Ele assou diversos tipos de carne e comi mais do que estava acostumada porque a fome era maior que tudo. Zoe comeu bastante e ficou brincando quieta no meu colo por um tempo, me permitindo comer. Eu sabia que estava assim devido ao sono e logo ela mostraria que tinha pulmões funcionando para toda a casa ouvir.

Ajudei a limpar a mesa, lavei a louça e sorri ao ver meu pai tentando niná-la. Ele conseguiu depois de quase uma hora sem cansar. Ela dormia comigo em menos de quinze minutos, mas ele queria tentar porque iria tomar conta dela. Eu não sabia como faria, contanto que deixasse minha filha viva e alimentada, estava ótimo.

— Ela demorou, mas eu venci.

— Sawyer a faz dormir em dois segundos, comigo ela quer mamar e conversar ao mesmo tempo. Com ele é uma passeada no corredor ou dentro do quarto mesmo.

Depois da soneca, começou a chover e não deu mais para ir ao parque, por isso, fomos ao shopping. Peter não gostava de brincar no playground, então, meu pai o levou para uma loja de brinquedos, onde compramos várias coisas para Zoe

enquanto ele escolhia o que queria. Nós sabíamos que Peter não iria encontrar nada ali, mas era importante dar a oportunidade.

Com Zoe no colo, eu o levei para uma loja de artigos científicos e achamos várias coisas do interesse dele, ele escolheu e meu pai os comprou. Os dois foram ao cinema sozinhos e eu mergulhei em algumas compras de roupas novas pra mim, para Zoe, para Sawyer e um presente de aniversário para Audrey.

Sawyer respondeu a minha mensagem de biquíni com vários olhinhos arregalados e depois enviou fotos do primeiro dia. Fiquei um pouco enciumada com uma médica bonita ao lado dele e dei uma resposta um pouco seca.

— Oi, amor — atendi animada para compensar o furo.

— *Está tudo bem?*

— Está, sim, por quê? Estou no shopping com Carlie. Ela está experimentando roupas e eu estou sentada com Zoe porque já comprei muito. E você? O que vai fazer agora?

— *Vou a um jantar com os demais palestrantes e alguns professores da universidade.*

— A médica também vai? — Deixei escapar e bati em minha testa. — Deixa pra lá — murmurei, ouvindo Sawyer gargalhar.

— *Eu sabia. Eu te conheço. Ela vai, mas isso não é importante para mim.*

— Estou com saudades.

— *Eu também. Tenho que ir, mais tarde ligarei por vídeo para ver vocês duas. Amo vocês.*

— Também te amamos, divirta-se!

Paul nos levou para jantar em um lugar incrível e Zoe dormiu no carro na volta para casa. Subi com ela para o quarto, para aproveitar e descansar também. Sawyer ligou e nós conversamos na cama, mostrei Zoe dormindo para ele e falamos algumas sacanagens um para o outro. Tudo começou porque ele queria que eu mostrasse meus seios e neguei com uma risada, então ele mostrou seu pênis bem animado na cueca e eu ri, cobrindo a minha boca para não acordar Zoe do outro lado do quarto.

Ele reclamou que estava sozinho, olhando para minhas fotos e tive vontade de bater nele. Ficamos conversando até o sono chegar e encerrei a chamada quando o vi completamente adormecido na tela. Dormir sozinha sabendo que ele não estava tão próximo quanto no hospital foi complicado.

Com o sol de volta, meu pai insistiu em passearmos o dia todo e eu fiquei esgotada. Zoe estava ligada na tomada, gritando e falando a sua língua de bebê, querendo conversar e eu não conseguia prestar atenção. Ela conseguiu acabar com as minhas energias, coisa que o hospital demorava dias para consumir. Usei

alguns truques para deixá-la sonolenta e ela dormiu depois de horas.

Conversei um pouco com Sawyer, mas daquela vez, eu fui a primeira a apagar no meio da conversa. Fui acordada com meu telefone tocando no meu ouvido. Era muito cedo e nem Zoe estava acordada. Audrey ligou para avisar que estava no portão.

Fui até o interfone e liberei sua entrada.

— Por que nesse mundo resolveu me acordar em um dos raros dias em que Zoe não acorda de madrugada ou cedo como as galinhas?

— Eu precisava da sua ajuda, cometi um crime administrativo e posso ser pega a qualquer momento, então, me ajuda rápido. —

Ela passou por mim, pálida como a parede e tirou da bolsa várias pastas de prontuário.

— O que é isso? Por que você tirou do hospital os prontuários do seu tio?

— Desde que passei pela neurologia pela primeira vez estou com algo na cabeça. Teve uma cirurgia que participei cujo paciente tinha HPN — ela disparou a falar, eu abri minha boca e fui impedida.

— Sei que foi descartada a hipótese na época, mas ele age como um paciente de HPN.

— Tenho certeza de que o neurologista saberia a diferença.

— Ele era um velho idiota! E Cooper não pode ser médico do meu tio por estar emocionalmente envolvido. As imagens dos exames do meu tio que Sawyer enviou para o programa de pesquisa parecem muito com as desse paciente. E se for HPN? E

se ele não precisar de um teste clínico? — disse e eu suspirei. A esperança dela era linda, mas nula. — Nove entre dez casos de Alzheimer é HPN. Por que meu tio não pode ser?

— Porque essa hipótese foi descartada nos outros exames.

— Ninguém procurou uma segunda opinião. Sawyer e Tia Addison ficaram muito mal, eles não conseguem falar com ninguém

porque sofrem. E eu entendo, é muito difícil pra mim também, mas eu preciso de uma segunda opinião.

— Já se passaram cinco anos, Audrey. Teríamos que fazer novas imagens e novos exames. Sabe que seu tio sofre muito, é um transtorno.

— Eu não aceito ele não ter uma chance de lutar.

Mordi meu lábio, nervosa. Sawyer era um filho precoce. Os pais o tiveram aos dezenove anos de idade e ainda no começo da faculdade. Ele não foi planejado, foi uma surpresa. Sawyer contou que os avós deram pleno suporte aos pais para que continuassem estudando medicina e se formassem.

Era uma realidade quase ilusória, mas eles conseguiram e formaram uma linda família. Eles não planejaram ter outro filho por conta de suas carreiras e meu noivo afirmava que os pais foram presentes, por isso sofria tanto com a doença. Já estava preocupada que toda comoção com o teste clínico só trouxesse esperanças infundadas e mais sofrimento, porém, Audrey parecia à beira de um colapso.

Zoe chamou do berço e eu subi, começando a nossa rotina matinal enquanto pensava no que Audrey estava propondo. Ele não veria a primeira neta crescer se nós permitíssemos que vivesse para sempre na desilusão de uma doença. Sawyer ainda sofria com o medo de esquecer os melhores momentos que vivemos.

Zoe sorriu quando viu Audrey, mas recusou o colo. Quando estava com fome, ela só me enxergava.

— Ele precisaria ir para o hospital fazer novos exames.

— É por isso que estou aqui. — Audrey continuava pulando no lugar. — Eu preciso de você para convencer Cooper a olhar as imagens e mandar fazer uma nova tomografia. Use Zoe para distrair a tia Addison enquanto a gente faz tudo isso sem ela saber. Se der no mesmo, ninguém se fere. Prometo.

Respirei fundo, nervosa, mas Sawyer merecia a tentativa. Ele podia ficar sem falar comigo e torcer o meu pescoço ao descobrir

que não conseguia esperar o teste clínico porque Audrey ativou meu lado curioso e incapaz de ficar parada.

— Eu vou alimentá-la e me vestir. É melhor que esse plano dê certo, se seu primo pedir o divórcio antes mesmo da cerimônia, eu vou te matar.

Audrey estava tão ansiosa que me ajudou arrumando as bolsas e trocou Zoe para que eu pudesse me vestir com calma, mas *eu não estava calma*. Chegamos ao hospital e eu fui direto para Addison, sorridente e entregando Zoe, pedindo que ela fosse uma avó adorável e ficasse com a neta por alguns minutinhos. Ela disse que meu sogro, Sawyer, estava fazendo o teste da fala com a fonoaudióloga.

— Isso normalmente demora, ela vai me chamar quando acabar. — Ela me deu um sorriso confiante e me senti péssima por mentir. Virou-se para Zoe. — Vamos brincar com a vovó lá no consultório?

Rezei para que a Zoe jogasse junto e não chorasse.

Corri para o andar da neurologia, encontrando Cooper falando com outro médico que eu conhecia só de vista. Ele sorriu quando me viu, dispensou o cara e veio em minha direção.

— O que foi, baixinha? Problemas na cabeça?

— Preciso muito da sua ajuda. Vem comigo?

Levei-o até a sala onde Audrey espalhou as imagens antigas.

Cooper me olhou primeiro e comecei a falar antes que desistisse.

— Pode ser, eu já considerei isso com Sawyer, mas o teste, na época, deu negativo. Já considerei deterioração genética também. Por que estamos falando sobre essas imagens antigas?

— Eu acho que devemos refazer todos os exames mesmo que isso cause estresse nele, em cinco anos, as máquinas mudaram e temos uma tecnologia mais avançada.

— Ele sofre muito, Liz. É agonizante.

— Vamos tentar, por favor — Audrey pediu, quase chorando.

— O diagnóstico não está errado, mas sim, feito para cinco anos atrás. — Cooper encolheu os ombros. — Muito se descobriu sobre Alzheimer e HPN nos últimos anos. Eu vou fazer isso, mas se o conselho administrativo me pegar, você vai ter que livrar a minha bunda. — Ele pontuou e ficou pensativo. — Vou ligar para tia Addison e pedir para trazê-lo.

— Não! — Audrey gritou e cobriu a boca. — Vamos fazer sem que ela saiba.

— Tudo bem, só as imagens, mas quando interná-lo, vocês contam a ela.

Concordei e saí com Cooper para buscar meu sogro. Ele veio conosco tranquilamente, assinei sua internação sentindo um peso no coração e ao mesmo tempo, esperança. Nós andamos pelos corredores, rezando para que Joshua não aparecesse do nada, mas Audrey ficou de guarda na sala dele e iria informar se ele saísse.

Convencer o técnico a nos deixar usar a sala foi aterradorizante.

Ele não queria ceder, porque o uso era muito caro e geraria um custo ao hospital que faria Ferguson ter um ataque cardíaco. Mas era a melhor, mais tecnológica e tinha a imagem perfeita. Meu sogro ficou nervoso, peguei o microfone e comecei a falar dados aleatórios sobre cardiologia que surgiam na minha mente e ele foi se acalmando.

Quando as imagens apareceram na tela, cheguei a me sentar.

— Precisamos operá-lo antes que seja tarde demais —

Cooper murmurou e esfregou o rosto.

— Ele pode ficar comprometido.

— Esses pequenos tumores que estão me preocupando.

— Ele vai voltar a ser quem ele era?

— Talvez com um hiato de cinco anos na memória. — Cooper sequer desviava o olhar das telas. — Chega a parecer uma obra de arte, mas está perto de se tornar uma catástrofe. Santa Audrey, ela nunca ignora seus instintos. A garota será uma médica sem igual.

— Temos que contar para Addison.

— Sawyer vai desembarcar no meio do caos, mas ele vai entender.

Descemos juntos e a encontramos sentada no chão com Zoe.

Peguei minha filha no colo enquanto Cooper sentava à sua frente, segurando ambas as mãos e explicando o que fizemos. Não foi nenhuma surpresa ela começar a chorar quando ele disse que precisava de uma cirurgia com urgência. Fiquei ao seu lado e a abracei apertado, imaginando a dor e confusão.

Depois de muita conversa, voltamos para o andar da neurologia e Addison autorizou a cirurgia. Cooper saiu para preparar o paciente e a si mesmo. Enviei uma mensagem para Jules e Jace.

Liguei para Meredith enquanto Audrey pedia desculpas à tia por ter agido em suas costas. Minha sogra não estava chateada. Conhecia aquele sentimento. Era *culpa*.

— Você vai ficar com a Tia Audrey enquanto ligo para o papai. — Entreguei Zoe. Sawyer iria surtar. Liguei por chamada de vídeo porque queria ver seu rosto, mas antes enviei uma mensagem que era urgente. Ele apareceu na tela com a expressão preocupada.

— Zoe está bem, eu estou bem, mas...

— *O que aconteceu? É o meu pai?*

— Nós descobrimos que seu pai precisa de uma nova cirurgia. Eu o submeti a um exame que custará muito, mas, foi necessário antes do teste clínico. Ele tem tumores graves agora, provavelmente não foram visíveis nos demais exames pela localização — comecei a falar com cuidado. — Audrey tinha certeza de que ele foi diagnosticado erroneamente. Comparamos com HPN

e...

— *Impossível, essa hipótese foi descartada duas vezes* —
ele rebateu, meio irritado.

— Não é impossível. Cooper acabou de confirmar, porém, o que nos preocupa não é o HPN. Independentemente disso, ele precisa de uma cirurgia de emergência.

— *O quê? Por quê? Não me esconda nada.*

Enviei para ele tudo que tinha até aquele momento.

— Sua mãe está muito fragilizada e autorizou a cirurgia. Eu não sei que horas vai começar, ainda será necessário passar por todo o processo que estamos acostumados.

— *Estou indo para o hotel buscar minhas coisas e tentar pegar o próximo voo. Diga a Cooper para não me esperar chegar, ok? E por favor, fique com a minha mãe.*

— Eu quero que você fique calmo porque não posso ficar nervosa com você também. Só posso lidar com um Sawyer por vez

— disse e ele assentiu, chorando. — Vai ficar tudo bem. Eu te amo.

Voltei para onde Addison estava e Meredith a abraçou apertado. Joshua estava sentado na poltrona de frente. Cooper passou e disse que estava esperando seus exames pré-operatórios ficarem prontos e o levaria para a cirurgia. Jace e Jules chegaram, sentando-se conosco também.

Naquele momento, não éramos médicos, sentamos naquela sala de espera por longas horas, com o coração na mão, com medo e muita tensão, sem segurar a preocupação que transbordava em lágrimas, como uma família de qualquer outro paciente.

Éramos apenas uma família. No dia seguinte, voltaríamos a salvar vidas.

Oito horas mais tarde, com meu pai ao meu lado e segurando Zoe adormecida, Cooper saiu chorando pelas portas que davam para a sala de cirurgia. Nós ficamos de pé, esperando ouvir a notícia. Addison deu alguns passos à frente.

— Ele está bem — Cooper anunciou e chorou. — Foi tudo bem. Tivemos algumas complicações, mas foi tudo bem. Está indo para o *pós-operatório*.

Addison o abraçou apertado, agradecendo muito.

Chorei com o braço em Audrey, que mal se continha de pé.

Joshua e Meredith poderiam ser confundidos com um só.

Normalmente os homens não gostavam de chorar porque se sentiam fracos. Meu noivo não tinha problema nenhum em expor

seus sentimentos, fosse raiva, fúria, tristeza ou dor. Ele era extremista em tudo. Joshua estava em frangalhos.

— Obrigada, Liz — Audrey sussurrou, me apertando.

— O que eu fiz?

— Acreditou em uma interna louca que só queria salvar o tio.

— Você não é só uma interna pra mim, mas não conte isso aos outros — sussurrei e ela sorriu, secando o rosto.

Sawyer parou na porta da sala de espera, deixando sua mala cair no chão e por um momento, pela sua expressão, ele entendeu tudo errado. Corri em sua direção, acalmando-o. Puxei-o para os meus braços, contando as boas novas. Ele parou, com lágrimas nos olhos e apenas balançou a cabeça, agradecendo baixinho que o pai estava bem.

A hidrocefalia de pressão normal (HPN) é uma condição neurológica decorrente do acúmulo de líquido cefalorraquidiano (LCR) no cérebro e aumento dos ventrículos cerebrais.

Capítulo Cinquenta e Um

Sawyer

Senti as mãos de Liz no meu braço e me virei, abraçando-a enquanto observávamos meu pai entubado em seu quarto da UTI.

Analisei cuidadosamente todos os exames dele e vi que Cooper fez uma excelente cirurgia. Foi muito difícil emocionalmente para todos nós, mas para ele, foi uma grande responsabilidade em mãos. Por anos, tio Joshua

insistiu em procurar mais opiniões e eu e minha mãe não aguentávamos mais ter esperança. Era complicado lidar com médicos e nós quase o perdemos.

Beijei a testa de Liz. Alguns minutos atrás ela estava nervosa que eu estivesse chateado por ter agido por minhas costas, mas eu não fiquei e não ficaria. Ela tinha uma boa intenção e estava ajudando Audrey.

— Vamos para casa. Seu pai não vai acordar agora.

— Eu sei, mas eu quero estar aqui quando ele acordar.

— Não vai ser hoje. Cooper disse que vai mantê-lo assim até amanhã à tarde. Sua mãe está muito nervosa, ela vai dormir em casa e Ferguson irá ficar.

Dei um aceno e voltei a olhar para o meu pai.

— Leve Zoe para casa. Eu vou encontrar com vocês depois.

Liz suspirou e se afastou. Ela estava preocupada, mas queria estar ali quando ele abrisse os olhos. Sentei-me em uma cadeira do lado de fora do quarto e Cooper me deu um copo de café. Ficamos em silêncio por longas horas até que Jules começou a ligar e Cooper disse que passaria a noite, então decidi que também ficaria.

Estava tarde e não adiantaria nada ligar para Liz, que se não fosse por Zoe, estaria ali comigo, mas a nossa menina precisava descansar.

— Sawyer Reedburn? — Um garoto de entrega perguntou no andar e me levantei. — Sua esposa mandou entregar isso aqui —

ele explicou e peguei as pizzas, bolinhos recheados e garrafas de

suco. Dei uma nota de gorjeta ao rapaz, porque o pedido estava pago.

Cooper me ajudou a levar as coisas até uma salinha e nós comemos ali. Liz sabia que eu não ia voltar para casa. Não podia estar em nenhum outro lugar a não ser ao lado do meu pai. Cooper estava ciente de que poderia ter efeitos colaterais e talvez sequelas por toda a vida, mas havia a chance de que ele voltasse a ser quem era. *Uma boa chance.*

Eu me apeguei a essa expectativa durante toda a noite.

Meu pai passou a madrugada inteira com sinais vitais bons e respondendo aos estímulos físicos. De manhã cedo, tomei banho e troquei de roupa para meu scrub e jaleco. Desci para a cafeteria e ouvi um “*amomamãe*” muito conhecido, que me acordava na maioria das madrugadas. Virei-me, procurando-as e encontrei Liz estacionando o carrinho ao lado de uma mesa. Zoe estava me chamando.

Liz não me viu, distraída com sua bolsa, tirando o celular.

Jules chegou e ajoelhou em frente a Zoe, brincando, mas ela continuou a me gritar. Audrey também chegou na mesa, assim como Ângela. Liz olhou para Zoe, finalmente entendendo e olhou para mim, abrindo um sorriso lindo. Eu fui até elas, com saudades.

— Bom dia, amor da minha vida. — Ela beijou meus lábios.

— Como foi a sua noite?

— Ele não acordou ainda, vou ficar verificando-o de tempos em tempos. Como foi a noite com ela?

— Fez a festa da madrugada. Não consegui comer, estou enjoada do tanto que fiquei preocupada.

— Ela comeu? Você está bem?

— Vou ficar bem, só com fome e preocupada. É claro que ela comeu ou ninguém estaria ouvindo qualquer coisa a não ser seus gritos. — Liz começou a rir e pedimos nosso café da manhã. Peguei meu bebê no colo.

— Você não deixou a mamãe dormir, foi?

Ela gritou e ficou em pé, pulando e se apoiando nos meus ombros. Beijei-a na bochecha e a coloquei sentada, começando a comer, tentando segurar sua mão que parecia querer derrubar tudo ao redor. Ela ficou em pé, apoiada na mesa, jogando-se para frente e tentando derrubar os cafés alheios. Jules a filmou diversas vezes porque se contássemos para quem a viu chegar no hospital que ela estava em uma fase terrível, ninguém iria acreditar.

— Você coloca o que no leite dessa garota? Mason é bem calminho, ele mexe, ri, coloca as coisas na boca, mas definitivamente fica quieto — Jules disse e Zoe puxou o cabelo dela.

— Isso dói, pentelha!

— Zoe, não pode! — Liz disse de forma severa e ela parou, olhando como se não tivesse feito nada. — Não pode — repetiu com firmeza e Zoe soltou o cabelo de Jules. Ela começou a mexer no prato de bolinho, falando a sua língua com Liz. — Já sabe disfarçar que levou uma bronca.

— Vocês pretendem começar a trabalhar em algum momento? — Joshua passou meio irritado e várias pessoas levantaram. Audrey engoliu o café e foi correndo para o elevador.

— Ele e Meredith tiveram uma discussão para o andar inteiro ouvir sobre a aposentadoria dele — Jules fofocou.

— Ele não vai se aposentar tão cedo.

— Acho que a minha tia está forçando a barra — murmurei, segurando Zoe para que ela não se jogasse de vez na mesa.

— Olha, eu não quero ser a grosseira aqui, mas ser Diretor deste hospital é o auge da carreira do seu tio — Liz disse e encolheu os ombros. — Ele é um bom médico, tratou de pessoas famosas, mas não tem nenhum prêmio na estante, um consultório muito procurado ou grandes arquivos usados em faculdade. O auge da sua carreira é dominar este hospital de mais de dez andares, muito populoso e cheio de pessoas atravessando o país para ser atendido. A emergência é a maior da região. Por que ele vai perder isso?

— Verdade — concordei e olhei no meu relógio. — Vou subir e olhar meu pai. — Liz pegou Zoe e a colocou no carrinho. — Você vai fazer o quê?

— Deixá-la no consultório de Meredith e fazer umas impressões no laboratório de pesquisa. Não vou demorar.

— Não seria melhor ficar em casa? É um hospital... — Eu ficava desconfortável com Zoe no hospital. Ela me deu um olhar que eu conhecia como *“é melhor calar a boca”*.

— Não vou colocar a minha filha em risco.

— Eu só quis dizer que é um ambiente...

— *Hospitalar*. Eu sei o que você quis dizer, mas eu não sou tola. Zoe não iria subir e não vou discutir isso com você. Não se preocupe, nós nos vemos mais tarde — ela retrucou e pegou a bolsa.

— Não precisamos brigar por causa disso...

— Nós não estamos brigando. Eu só não sou irresponsável a esse ponto e você também sabe muito bem disso. Certo?

— Ok. Foi um comentário infeliz, mas eu só estava sendo cuidadoso.

— Tudo bem. — Abriu um sorriso seco, virando-se na direção oposta ao consultório da minha tia. Ela estava muito puta e foi *meio do nada*.

— Você não precisa ir embora por causa disso — falei, indo atrás dela.

— Eu acho que preciso.

Respirei fundo e ela empurrou o carrinho em direção à saída.

— Se ajuda, a menstruação dela está atrasada — Jules sussurrou e eu a olhei. — Ela acordou cuspidando fogo hoje. Ah, eu dormi na sua cama. — Ela sorriu e eu bufei. — Zoe fez uma pequena festa de madrugada e Liz acordou como se fosse outra pessoa. Eu a conheço. Ela não está de TPM. Ela está atrasada.

— Isso é o que eu acho?

— Não mencionei nada com ela, mas sim, eu acho.

— Porra! — Dei um salto e várias pessoas me olharam. — Eu recebi a glória de Deus! — Disfarcei e saí rapidamente dali.

Enviei uma mensagem para Liz e ela visualizou, começou a digitar logo em seguida. Disse que estava chateada porque queria ficar e eu parecia não querer a presença dela, que jamais colocaria Zoe em risco ou em contato com alguém diretamente doente. Seria melhor apenas pedir desculpas. Ela respondeu que não voltaria porque ia trabalhar nos prontuários pelo sistema e enviar relatórios para Joshua.

Fechei meus olhos, cansado e a deixei quieta, era a melhor alternativa.

Parei no quarto do meu pai e ele ainda estava dormindo. Tio Joshua estava lá. Ele olhou o telefone celular e abriu um meio sorriso.

— Alguém está um pouco irritada hoje.

Liz deveria estar cuspiendo fogo com todas as pessoas ao seu redor.

— Sinto muito por nunca ter te ouvido sobre procurar outra opinião depois de todos aqueles testes.

— Eu sempre senti que havia algo, mas nunca pude provar, então, estamos na mesma. Estou feliz que agora temos a esperança de tê-lo de volta — ele disse e seu telefone vibrou de novo. — Não acredito que Elizabeth conseguiu!

— O quê?

— O NY Times está vindo ao hospital para fazer uma matéria de primeira capa com a ala da pediatria! Nós teremos uma matéria de duas páginas e destaque online. —

Ele me entregou o telefone, mostrando o e-mail do editor do jornal, querendo marcar um encontro e fazer uma exclusiva.

— A determinação da Liz é algo que eu não tenho como decifrar. — Devolvi o telefone. — Tenho que subir, vou conversar com a família de um paciente.

— Você não está de licença?

— Tiro um dia a mais.

Passei o dia enviando mensagens para Liz, mas ela estava me irritando ao visualizar e não responder. Perguntei a Jules se ela estava falando algo, mas ela também não respondia. Decidi ir em casa na hora do almoço. Entrei e tudo estava um silêncio. Subi e o quarto de Zoe estava vazio. Abri a porta do nosso quarto e as duas estavam dormindo. A tela do telefone estava aberta na nossa conversa, era por aquele motivo que estava visualizando sem responder.

Zoe estava toda encolhida em Liz e protegida pelo braço dela.

Deitei atrás de Liz e beijei seu pescoço.

— Você está descontaminado? — perguntou sonolenta e eu ri.

— Quantos dias?

— Jules fofoqueira. Ela acha que é só alguns dias, mas na verdade, são três semanas.

— Porra, Liz. Vamos fazer um teste! — sussurrei, me contendo para não gritar.

— Não preciso. — Ela sorriu, seu olhar disse tudo e beijei sua boca. — Nós já temos uma que dá trabalho. Vai ser divertido ter uma companhia.

— Eu também acho. Foi meio chato crescer sozinho.

— Mesmo que seja para brigar. — Olhei para Zoe dormindo pacificamente.

— Volte para o hospital comigo.

— Não vou acordá-la. Ela almoçou e dormiu. Acho que ela vai ser expulsa da creche ou eles terão que contratar uma professora extra por toda a energia que ela tem. — Nos viramos para ela. — Quando seu pai acordar, me liga — pediu e a beijei novamente. — Não trabalhe muito porque talvez ele acorde e você terá que deixar o andar para ficar com ele.

— Já encerrei. Tem certeza de que não quer vir agora? Eu não estava falando que você era irresponsável mais cedo, foi só um comentário. É claro que te quero comigo lá, sua boba. — Rolei para cima dela e beijei sua boca com vontade. Ela fechou as pernas ao redor da minha cintura. — Nada de um amasso na frente do nosso bebê adormecido.

— Ou do que está na barriga.

— Não me mate, Liz. Vamos fazer um teste para ter certeza.

— Depois que seu pai acordar.

— Combinado. Eu te amo. Volto daqui a pouco.

— Eu também te amo.

Liz estava grávida. Meu coração faltava explodir no peito tamanha alegria, mas eu ia deixar para explodir quando tivesse a confirmação em mãos.

Capítulo Cinquenta e Dois

Sawyer

Cooper fez sinal para entrar e cada um foi para um lado.

Sentamos e esperamos por quase uma hora, até ele começar a se mexer lentamente e suas pálpebras se agitarem. Ele abriu os olhos e franziu o cenho, olhando por um longo tempo antes de se virar, procurando por alguém. Ele reconheceu minha mãe e moveu os dedos.

— Addison? O que aconteceu? Sofri algum acidente? — Ele moveu os lábios cansados e ela começou a chorar. — Não, baby.

Não chore. Só estou sentindo uma dor de cabeça. O que aconteceu? Cadê Sawyer?

— Qual é a última coisa que você lembra? — ela perguntou com suavidade.

— Eu não sei. Um jantar com almôndegas e sei lá, vem várias coisas na minha mente. — Ele tossiu um pouco e virou-se para mim. — Ei, garoto! Não te vi aí. O que aconteceu comigo?

— É uma longa história. — Peguei sua mão e beijei. Meus olhos transbordaram com lágrimas e ele ficou confuso.

— Parece que eu não tenho lugar nenhum para ir, então, podem me contar. — Ele sorriu e Cooper apareceu na porta. — Ei, olha o meu outro garoto! Cadê o seu chefe?

— Joshua?

— Não. Qual é o nome dele mesmo?

— Eu sou o atendente agora. — Cooper parou do lado dele.

— Preciso fazer uns testes, então, colabore comigo e não faça piadas — pediu com um risinho, mas sua voz estava embargada.

Ele fez todos os testes, minha mãe observou atentamente e quase pulou no lugar quando meu pai respondeu a eles muito bem. —

Excelente!

— O que está acontecendo? Querida, pode me dizer! Eu aguento!

Minha mãe olhou pra mim e assenti. Cooper ficou, caso a reação do meu pai fosse completamente física. Comecei a contar quando vi que minha mãe estava com dificuldade de falar. Fui o mais calmo e conciso possível. Ele ficou me olhando, prestando atenção nas minhas palavras e chorou quando informei que passou cinco anos fora de sua vida.

Tremendo, segurou a mão da minha mãe, pedindo para que ela ficasse calma e eu continuei resumindo o que aconteceu com ele, basicamente, sem entrar em detalhes com o que aconteceu com a família. Ele ficou em silêncio quando parei de falar.

Assimilando tudo. Deveria ser muito difícil entender o que perdeu.

Enviei uma mensagem para Liz saber que ele estava acordado.

— Querida, não chore. Não foi culpa sua.

Mamãe só balançou a cabeça.

— Por que eles não entram? — ele perguntou e vi meus tios com Audrey parados na porta. — Aconteceu algo mais?

Sinalizei para que eles entrassem e ele ficou muito feliz em ver todo mundo. Tio Joshua atualizou meu pai sobre sua vida e o hospital nos últimos anos, tia Meredith também contou algumas partes e papai se deliciou completamente quando Audrey contou que era uma interna do hospital e estava interessada na neurologia, para a felicidade de Cooper.

— Você ainda está com aquela garota? Qual o nome dela?

Bryce?

— Não. Nós nos casamos e nos divorcamos.

Liz estava do lado de fora com Zoe.

— Quem é a mulher bonita com um bebê lá fora? — Ele olhou com interesse. — Eu conheço aquela criança.

— Minha noiva e minha filha. — Fiz sinal para que Liz entrasse. Meu pai beliscou minha mão que estava perto da dele. —

Ai! O que é isso?

— O que eu te disse sobre engravidar uma garota antes de casar? — ele brigou e nós rimos, levantando e ficando perto de Liz.

— Pai, essa é Elizabeth Nichols, minha noiva — apresentei e Liz sorriu, apertando a mão dele levemente, ele ainda

estava meio fraco. — E a nossa filha, Zoe. Eu não a engravidei antes de casarmos, é outra história longa.

— Eu simplesmente conheço vocês duas de algum lugar.

Liz e eu trocamos um olhar e não falamos nada.

— Acho que esse encontro é muito emocionante, mas também é muita informação para um único dia — Cooper disse e olhou no relógio. — Vamos com calma.

Um a um foi se despedindo em um clima de felicidade e incredulidade por ter meu pai de volta depois de tanto tempo. Liz levou Zoe consigo e minha mãe, que ainda chorava abraçada com tia Meredith. Ele me cutucou e apontou para a minha mãe.

— O que ela tem? Esse tempo todo, ela teve outra pessoa?

Sua preocupação de ter perdido a minha mãe quase me fez gargalhar.

— Não. Ela passou os últimos anos vivendo o tempo todo para você. A doença foi muito difícil e ela te perdeu. Conhecendo-a como a conheço, está se culpando.

— Conheço a medicina, nem sempre acertamos, é uma ciência em constante evolução.

— Não quero nem dormir por medo de acordar amanhã e isso ser um sonho.

— Também espero que não seja um sonho — ele falou, ainda olhando para a minha mãe.

— Eu vou para casa ficar com as minhas meninas e você vai ficar sozinho com ela — ele assentiu, parecendo sonolento.

—

Amanhã cedo estou aqui.

Sinalizei para que minha mãe voltasse e ela limpou o rosto.

Eu saí e dei um beijo nela, pedindo para que deixasse a tristeza de lado e ficasse feliz. Liz estava brincando com Zoe no canto.

— Diga oi para o papai — Zoe gritou seu “*amomamãe*” de sempre. — Ele não é a mamãe, amor. Mamãe sou eu. Ele é o papai.

— *Amomamãe!* — Zoe me chamou e a peguei no colo.

— Papai, amor. Tudo bem, eu sei, a mamãe é mais legal.

— Ela vai falar mamãe primeiro. — Liz pegou as bolsas e eu ri.

— Quer fazer uma aposta?

— Você sabe que não pode apostar comigo.

— Ah, é uma aposta!

Entramos no elevador e fiquei repetindo a palavra papai com determinação. Descobri que a minha filha tinha a mesma determinação de repetir o seu jeito de falar mamãe igualmente. Liz estava deliciada e era impossível não notar a ligação especial que elas haviam desenvolvido. Elas estavam diferentes, mas Liz se tornou outra pessoa.

Ainda paranoica, querendo saber de tudo e todas as coisas, também desenvolveu milhares de transtornos para guardar as coisas de Zoe, comprou diversos livros de maternidade e quando encontrava algo que discordava, jogava o livro de

lado e seguia fazendo o que queria. Guiada pelos instintos, cérebro na ponta da língua, desafiante, mas totalmente maternal.

Mãe era um estado de espírito eterno que nem sempre era acionado com uma gestação.

Chegamos em casa e o jantar já estava pronto.

— Escrevi um artigo, será que pode dar uma lida e corrigir o que encontrar de errado?

— Imprime, estou velho, prefiro ler no papel.

— Eu acho que devemos ir ao oftalmologista, não é a primeira vez que reclama de não conseguir ler na tela.

— Mamãe é exagerada. Implicante. Ela acha que estou velho

— falei com Zoe.

Liz passou por mim e deu um tapa na minha nuca, apontando para a mesa. Levantei Zoe e senti o familiar cheiro de fralda cheia.

— O que seu pai falou logo que acordou?

— Acho que a ficha dele não caiu. A *minha* ainda não caiu.
—

Segui atrás dela e vi que ela parou um pouco, perdida em sua cabeça. Deitei Zoe para trocar a fralda. — Olá?

— Estou pensando no quanto o cérebro humano é incrível. É uma máquina que temos muito a desvendar! Será que ele vai gostar de mim?

— Claro que vai! Eu não te contei ontem porque não deu tempo. A Universidade de Chicago me ofereceu um cargo interessante. Eles querem que eu chefie um projeto da turma do último ano do próximo ano letivo.

— Teremos que nos mudar? — Ela ficou meio receosa.

— Não. Precicarei ir lá de tempos em tempos, eles enviarão material por e-mail e algumas conferências serão online.

— Financeiramente é uma boa oportunidade além de academicamente?

— Vai ser bom assumir um projeto que não tenha nada a ver com o hospital, abrir os horizontes e meu currículo.

— Aceite a proposta. — Ela ficou animada e se levantou. —

Vou pegar um vinho para brindarmos! Podemos nos organizar de Zoe e eu irmos com você algumas vezes e emendar em alguma viagem em seguida.

Peguei uma taça de vinho branco.

— Sucesso ao nosso casamento, carreira e filhos. —

Brindamos e antes de beber, a beijei. Ela só deu um golinho antes de deixar a taça de lado.

— Recebi um e-mail interessante hoje. — Sentou-se no meu colo. — A editora do NY Times me procurou querendo fazer uma matéria completa sobre a pediatria do hospital.

— Parabéns! Mas eu já sabia. Meu tio me contou com alegria.

— Estou me sentindo realizada. — Ela estava muito orgulhosa de si mesma. — Vamos colocar essa mocinha

para dormir.

— E se você estiver grávida?

Ela me deu uma olhadinha antes de subir a escada e foi direto para o quarto. Ela estava grávida e já sabia. Maldita. *Por que estava me torturando?* Lavei a louça e guardei tudo. Subi e ela estava terminando de vestir Zoe, que já coçava os olhinhos com sono. Minha linda garotinha logo adormeceu ao ponto de soltar a chupeta. Ela mudou tudo e trouxe alegrias infinitas à minha casa.

Eu era capaz de fazer Liz feliz a cada dia, mas nada se comparava à alegria dela e a mulher que se tornou após Zoe.

Coloquei-a no berço com sua girafinha favorita do lado, deixei o abajur na luz mais baixa e puxei mais um pouco a sua porta. Voltei para o quarto já tirando a minha roupa. Liz estava deitada com sua camisola e eu entrei no chuveiro rapidamente, voltando nu mesmo e ela riu, ficando de joelhos na cama, puxando-me em sua direção.

Beijei-a e descí minhas mãos para sua bunda, apertando-a.

Com cuidado, empurrei-a para trás e me acomodei entre suas pernas, dominando sua boca.

— Nós vamos ter um bebê?

Ela não me respondeu, apenas nos virou na cama e tirou a camisola. Começamos um amasso gostoso, ela estava excitada e sem querer conversar. Com um sorriso safado e delicadeza, me conduziu para dentro. Nós dois gememos. Nossa conversa ficou em apenas gemidos e respirações pesadas por boa parte da noite. Caí de lado, ofegante, segurando-a e ela sorriu, dando-me um beijo.

— Vamos estar acabados amanhã — falou com uma risadinha e olhamos no relógio. Zoe iria acordar em breve. Nós levantamos para o chuveiro e no momento em que saímos, ela chamou do quarto, chorando. — Oi, meu amor.

Desci e preparei a mamadeira, encontrando Liz sentada na poltrona, conversando com Zoe, que mesmo sonolenta, ria e conversava de volta. Ela aceitou a mamadeira na primeira tentativa.

Sempre acordava faminta quando não comia todo seu jantar e só queria brincar ultimamente. Balançando Zoe na poltrona, que também era uma cadeira de balanço, Liz sorriu pra mim.

— Está preparado para ter mais noites disso?

— Do quê? Acordar e fazer mamadeira?

— Sim, mas em jornada dupla — ela sussurrou e esperou minha reação. *Oh, Deus.* Ela estava grávida! — É, você me engravidou. — Eu a abracei apertado. Zoe reclamou. — Só queria que você soubesse que teremos isso e mais um pouco no próximo ano.

Quando Zoe dormiu de novo, levei-a para o berço e peguei a mão de Liz, rebocando-a para fora do quarto em direção ao nosso.

Fechei a porta e a ergui no colo, rindo. Abri seu roupão e beijei sua barriga, muito feliz e sem conseguir me controlar. Ela ria e chorava ao mesmo tempo.

— Desconfiei depois que Jules comentou que eu estava com absorventes acumulados no banheiro, mas deixei de lado. Quando saímos para tomar café, eu estava surtando mentalmente e arrumei aquela pequena briga pra vir

embora para casa — confessou e me levantei, cruzando os braços.

— Cretina! Eu fiquei todo nervoso querendo me desculpar com você.

— Eu sei, mas em minha defesa, eu estou grávida. —

Encolheu os ombros e eu ri, abraçando-a. — Sabe o que é mais legal? Não senti medo ou culpa. Apenas me senti muito feliz e contei a Zoe. Eu não sei se ela entendeu o que vem por aí, mas bateu palminhas e me deu um sorriso. Seremos pais mais uma vez.

Sim, mais uma vez.

— Sawyer Reedburn, você mudou a minha vida.

— E você a minha. Eu te amo.

Capítulo Cinquenta e Três

Elizabeth

Sawyer fechou a mala lotada com muitas coisas para nossa temporada em Hampton. Zoe estava no meu colo, observando-o atentamente, já sabendo que iríamos passear de carro. Era um misto de querer chorar por ficar presa à cadeirinha e alegre por sair de casa. Ela sacudiu as pernas, preendi o cinto e não levou mais do que dez minutos para finalmente sairmos de casa.

Meu vestido de noiva e todos os demais itens do casamento iriam com minha sogra.

Eu queria ter certeza que tudo correria bem. Nós não anunciamos para nossa família que estávamos esperando

mais um bebê. Apenas Jace e sua auxiliar sabiam. Fiz todos os primeiros exames e estava tudo bem, o tempo turbulento nos deu mais um filho, reforçando que aquela tempestade era para nos unir ainda mais. Entendi como um propósito para minha vida. Passei, superei e venci.

Zoe me entregou sua girafinha favorita, dei-lhe um pouco de água e ela sorriu. Beije sua bochecha. Minha menininha fofa.

Daquela vez, não teve choro, ela adormeceu por todo o caminho.

Sawyer estacionou na garagem, eu a tirei primeiro e ele não quis ajuda para descarregar as malas. Deitei Zoe em seu berço, admirada com o quarto lindo que Addison preparou ali. Eu cedi e pedi ajuda, afinal, não podia dar conta de tudo.

— Tudo pronto? — Quis saber ao descer e encontrá-lo na sala.

— Sim. William passou por aqui, tem os vinhos do seu pai na adega e os pães sem glúten do Peter. — Sawyer abriu os braços e me refugiei ali. — Eles devem chegar para o jantar. Quer adiantar a comida enquanto ela dorme?

— Vou deixá-la descansar bastante, é bem provável que tenha barulho nessa casa até tarde. Eu quero que ela aproveite muito. — Ajeitei a gola da camisa dele. — Vamos para a cozinha.

Para a primeira noite, preparamos filés, batatas assadas e muito vinho. Sawyer me puxou para dançar, Michael Bublê tocava em meu telefone e ao olhar para seu rosto, percebi que a cada novo dia, eu me apaixonava ainda mais por ele. Segurei-o em meus braços, parei de me balançar e ele ficou confuso.

— Está tudo bem? Ficou enjoada?

— O bebê tem sido gentil comigo até o momento. Apenas...

— O que foi, Liz?

— Apenas apaixonada pelo homem que me abordou em um bar, fez um mapa fajuto em um guardanapo e me deu o melhor beijo da vida.

Sawyer abriu um sorriso lento, e aos poucos as covinhas foram aparecendo. Fiquei na ponta dos pés e beijei seus lábios. Nós nos separamos quando ouvimos os barulhos dos carros. Ele olhou para a porta, ansioso. Era a primeira vez do pai dele fora do hospital. Corremos para atendê-los e imediatamente, precisei lutar com a vontade de chorar em ver meu sogro de pé, postura ereta e uma expressão doce. Eu entendia porque todas as mulheres acabavam apaixonadas por ele.

Assim como meu noivo, o pai dele era simplesmente lindo.

Eu estava muito orgulhosa de vê-lo de mãos dadas com minha sogra. Ainda andando devagar, eles pararam na nossa frente.

Sawyer abraçou o pai apertado, sem soltar.

— Oi, minha menina. — Addison me abraçou também.

— Você está bem?

— Estou, sim, nunca me senti tão feliz. Meu marido de volta, meu filho casando, sendo avó...

— Como você sabe? — Eu soltei, pronta para brigar com Sawyer por ser linguarudo.

— Zoe? — Addison rebateu confusa e eu fiquei com o rosto quente. Pensei que ela estivesse falando sobre o bebê. — Liz?

— Estou de dez semanas — confessei. Não conseguia esconder nada da minha sogra, era impressionante o quanto ela me

conhecia.

Sawyer soltou uma gargalhada e seus pais pularam juntos, me agarrando ao mesmo tempo, fazendo uma grande festa pela notícia do bebê. Addison começou a chorar, o que fez com que minhas lágrimas também caíssem e rapidamente eles tentaram acalmar nossos ânimos.

— Ela tem chorado por qualquer coisa — Sawyer esclareceu.

— Sua mãe nunca mais parou de chorar depois que você nasceu. — Seu pai complementou.

Era uma delícia ouvi-lo falar de qualquer lembrança. Dei um abraço nele sem aviso. Todos riram. Ainda estávamos em pé na porta quando meu pai chegou com Carlie e Peter. Eles estacionaram o carro ao lado e logo saíram. Como havia contado para os meus sogros, mal esperei que subissem os degraus da frente.

— Papai! Estou grávida! — gritei. Ele parou, abriu os braços e me joguei nele, sendo rodopiada.

— Parabéns, minha filha! Nossa família vai aumentar!

A felicidade deles tornou a nossa noite ainda melhor.

Entramos, esperamos que se acomodassem nos quartos e nos reunimos na cozinha, preparando o jantar. Eles,

empolgados, começaram a beber. Zoe acordou e ao invés de chorar, abriu um sorriso ao ver os avós. Decidimos passar aqueles dias com nossos pais porque eles sempre eram nossos reforços sem questionamento.

Sawyer e eu tínhamos muita sorte.

Dois dias inteiros com nossos pais foi incrível.

Na manhã do meu casamento, acordei bem cedo. Sawyer saiu da cama para ajudar a montar as cadeiras e todas as coisas que faziam parte da decoração. Não contratamos muitas pessoas e contamos com a ajuda dos nossos amigos para fazer parte de cada

momento. Ao invés de um dia de beleza, fiquei no quintal arrumando as mesas, fixando as flores e todos os arranjos da decoração.

Envolvemos as cadeiras com os forros e enfileiramos todas que ficariam na areia para a cerimônia. Meu pai e William cavaram dois grandes buracos para prender com firmeza meu arco de flores, onde um representante da lei nos casaria.

Logo que todas as coisas estavam sendo encaminhadas, subi com Jules, Audrey, Ângela, Amber, Carlie, Meredith e Addison para começar os preparativos femininos. Era muita mulher no mesmo quarto, mas nos divertimos e rimos de todas as gracinhas de Zoe. Tomei banho e Audrey secou meu cabelo, escovou e fez o penteado. Ela prendeu a pequena coroa fina de pedrinhas de diamante no topo da minha cabeça, uma ostentação que tinha de herança da minha avó.

Jules fez a minha maquiagem simples e com uma ajudando a outra a se arrumar, ficamos prontas. Meu vestido era um modelo sereia, todo justo até os pés, com uma cauda de tamanho médio. Eu iria casar descalça por causa da areia funda. Amber estava linda com seu vestido rosa-claro e colocou a coroa de flores na cabeça.

Minhas madrinhas estavam com vestidos longos, de um azul bem claro, tecido fino, com mangas ciganas e lindas coroas adornando suas cabeças. Eu não podia dizer quem era a mais bonita. Carlie, Meredith e Addison usavam modelos diferentes, mas com o mesmo tom de amarelo suave.

Zoe usava um vestidinho rosa e entraria com Peter para levar as nossas alianças.

Quando as meninas desceram para o meu pai entrar, ele ficou parado na porta com lágrimas nos olhos. Apesar de ser o meu segundo casamento, ele nunca me viu de noiva e nem esteve presente na primeira vez. Ele estava realizando um sonho. Com cuidado, tirou um colar do bolso e eu reconheci como um dos que minha mãe usava muito quando eu era criança. Pensei que ela tivesse vendido quando as coisas ficaram ruins.

— Keith mandou. Ele queria que você usasse hoje — papai explicou e virei-me de costas, observando a pequena pedra em forma de gota. — Sua mãe disse a ele que eles nunca deveriam vender porque ela só poderia te dar isso em seu casamento. Ela não entregou na primeira vez, sabemos o motivo, mas tenho certeza de que entregaria agora.

Abracei meu pai apertado, confiando que a minha maquiagem era realmente à prova d'água. Jules sabia que eu estava grávida, mesmo que não tenha dito nada. Era assim que funcionava. Apenas nos olhamos e não

precisamos de palavras. Ela previu que meus hormônios me deixariam enlouquecida.

Com cuidado, descemos a escada e saímos da casa pela lateral. Quando cheguei ao fim do corredor, a banda que contratamos começou a tocar a nossa canção em versão acústica e caminhei, apaixonada, emocionada e muito feliz, em direção ao homem da minha vida. Ele demorou trinta e um anos para chegar até mim, eu demorei trinta e cinco para chegar até ele.

E a partir daquele momento, teríamos o para sempre.

Estávamos apenas começando.



Epílogo

Sawyer

Alguns anos depois.

De pé, aplaudi minha linda esposa com sua barriga de oito meses caminhando até ao palco e subindo os degraus sendo apoiada por Joshua. Ela venceu um prêmio Isobel pelo inovador tratamento contra doenças virais em crianças. Sorrindo emocionada, piscou querendo afastar as lágrimas. Durante a gestação, ela chorava até se ganhasse um sorvete, dirá um prêmio. Não cabia em mim o orgulho por

aquela mulher, a doce, inteligente, tagarela e despretensiosa Liz, ou melhor, Doutora Nichols-Reedburn.

Seu discurso foi firme e ela conseguiu a atenção de diversos médicos para a causa, a nova clínica de atendimento infantil de cunho popular.

Abracei-a apertado e ela recebeu felicitações de todas as pessoas ao nosso redor. Mal conseguimos falar um com o outro, eram muitas pessoas querendo um pouco da nossa atenção.

Publiquei uma pesquisa que estava fazendo muito sucesso no meio, até mais do que esperava, não era o meu objetivo inicial e jamais imaginei que ela seria cotada para entrar na grade curricular de alguns programas de residência em cardiologia pelo país.

Foi uma surpresa agradável. E ouvi diversas vezes da minha esposa que eu deveria dar mais valor à minha competência. Ela tinha razão.

Jantamos e não ficamos para o baile. Liz estava com uma barriga imensa e se cansando com facilidade. Nos despedimos dos meus tios, que ficariam na festa. O casamento deles passou por uma onda muito ruim nos últimos anos, mas depois que meu pai voltou a ser quem era, percebemos que muitos problemas na família diminuíram.

Não vivíamos mais próximos ao hospital. A família cresceu além do que esperávamos nos últimos quatro anos e deixamos aquele apartamento como nosso local de descanso durante a

semana, para uma dormida ou outra em plantões, quando queríamos fugir das crianças. Nossos amigos também

usavam o lugar para o mesmo fim.

Algumas vezes nos encontrávamos lá. Amber quando precisava de um tempo de Mike. Eles ainda não tinham filhos, mas casaram há dois anos atrás. Às vezes, Diego corria para o apartamento para jogar um pouco. Jules e Cooper para fugir de Mason e Kim.

Audrey e Jace ainda não tinham filhos, mas casaram um ano depois do meu casamento, ela ainda estava terminando a residência e focada no trabalho. Meu amigo mal via a hora de ser pai.

Vivíamos próximo a meus pais, em uma casa imensa, com direito a cachorro, gato, um coelho infernal e *quatro crianças*.

Havia mais dois na barriga.

A gravidez definitivamente não foi planejada. Burlamos o efeito da vasectomia. Nós dois meio que não aguentamos o jejum somado a um período de estresse. Liz não estava mais tomando remédios...

O resultado: estávamos esperando gêmeos.

Abri a porta de casa e respirei fundo. Liz soltou um grito e cobri a minha boca para não rir. Zoe estava com cinco anos e meio.

Ela era terrível. Atentada, respondona e mais todos os adjetivos que podíamos usar para classificar uma criança arteira, mas nada se comparava ao irmão, agora o mais velho, Josh. Ele tinha seis anos e era a personificação do *demônio da tasmânia* em forma de criança pequena.

Ethan, o nosso menino de três anos, estava enrolado em fita durex e papel higiênico. Eva, nossa princesinha de quase dois, estava *comendo* o papel higiênico. E a babá da noite, o “*tio Peter*”, de quinze anos de idade, segurava duas fitas durex.

— Eu disse a você que não era uma boa ideia. — Liz suspirou. Marley, nosso labrador nomeado em homenagem ao filme, apareceu correndo todo sujo de lama. Leo, o gato, correu atrás dele e derrubou o abajur. Em alguns momentos, nossa casa parecia um

verdadeiro circo dos horrores. — Nós planejamos três filhos.

Quando foi que chegamos ao dobro?

Encolhi os ombros.

Zoe chegou em nossas vidas e abriu o nosso coração para a paternidade, logo engravidamos de Ethan, o nosso amado menininho. Quando ele completou dois meses, sentados esperando a nossa vez no pediatra, encontramos Brenna, a assistente social, que perguntou se poderia conversar conosco ao nos voluntariamos para ser responsáveis temporários de um menininho de três anos de idade que havia perdido os pais. Eles eram imigrantes ilegais e estavam sem uma família ainda capacitada para recebê-lo porque ele tinha que fazer o tratamento.

Liz apenas me olhou, dizendo que era a minha decisão. Nós dissemos que sim. Foi uma loucura pegar uma criança com uma doença contagiosa com dois bebês em casa, mas ele foi um amor à primeira vista.

Internamos Josh e enquanto Liz estava em casa cuidando de sua licença maternidade, dos pontos da cesárea de emergência e das crianças, cuidei dele. Um menininho de

cabelos cacheados, quase crespos e olhos castanhos. Ele era esperto, agitado e muito amado.

A adoção foi apenas uma formalidade. Ele se tornou nosso logo que o encontramos. Em dias atuais, queria colocar uma coleira nele, sentia saudades daquele bebê sorridente. Eva, a última gravidez, também não foi planejada.

Sexo na piscina não é seguro, crianças.

Quatro crianças pequenas em casa. Dois bebês a caminho.

Duas carreiras a todo vapor. A nossa vida era uma loucura, porém, tínhamos ajuda. Meus pais estavam o tempo todo buscando em creche, levando para as aulas extracurriculares, ou Paul, ou Carlie, e o tio Peter, que era pior do que todos eles juntos.

— Eu pensei que você fosse demorar mais. Eu vou limpar tudo — Peter disse a Liz.

— É claro que vai. — Ela tirou os sapatos. Peguei Eva no colo e limpei a sua boca de papel. — Por que você resolveu colar meu filho com durex?

— Era um experimento. Saber se aquela imagem da criança colada na parede é real ou montagem. Estávamos brincando de caçadores de mitos.

Nenhum dos três que já sabiam falar soltou um pio. O olhar da mãe era o suficiente.

— Você está linda, mamãe — Josh disse suavemente.

Escondi meu rosto em Eva para não rir.

— Peter, descole meu filho — Liz disse, ocupando um lugar no sofá. — Joseph e Zoe. Cada um em seu quarto e esperem que o pai de vocês irá ajudar com o banho e colocar na cama.

— Você vem dar beijinho de boa noite, mamãe? — Zoe perguntou e vi que suas mãos estavam vermelhas.

— Isso é o meu batom? — Liz quase gritou.

Os dois saíram correndo escada acima.

— Deixa que dessa aí, eu cuido.

— Papai, me leva no colo? — Ethan pediu quando o último pedaço de durex saiu de seu corpo. Bati em sua bunda suavemente e ele saiu correndo para a escada também.

Soltei o vestido de Liz e ela ficou com Eva, falante e Peter, que começou a limpar a bagunça. Para economizar tempo e água, coloquei os três na mesma banheira. Lavei o cabelo de Josh, que parecia que tinha cola nos cachos. Esfreguei as pernas de Zoe sujas de batom vermelho e passei o removedor nos braços de Ethan para tirar a cola do durex.

Coloquei o pijama em cada um e perguntei se estavam com fome, mas eles disseram que Peter esquentou o jantar. Comeram legumes, frango e suco de laranja. Josh dormiu rapidamente, Ethan também, já Zoe esperou Liz vir dar o beijo e ela seguiu para o quarto dos outros dois, para cobri-los de seu jeito maternal e sussurrar que os amava. Ambos sorriram e voltaram a dormir.

Troquei a fralda de Eva, dei banho e mamadeira. Ela apagou, provavelmente muito cansada de todas as brincadeiras.

Abri a porta do quarto de Peter. Com Paul e Carlie viajando o tempo todo a trabalho, ele precisava de um lugar, rotina e rédeas.

— Ei, carinha, nada de jogo até tarde. Estudou para a sua prova? — Parei na soleira e ele estava limpando os óculos.
— Seus olhos estão doendo?

— Desde cedo — ele respondeu e segurei seu rosto.

— Vou marcar oftalmologista amanhã. Ainda com dor de cabeça? — conferi e ele afirmou. — Ok. Não demore a dormir. E

nada de colar meus filhos na parede.

Tranquei as janelas, ativei os alarmes e saí para dar boa noite ao segurança da guarita que ficava em nosso portão. Coloquei Marley em sua cama, renovei o pote de comida e água. Peguei Leo de cima do armário da cozinha, subi com ele e o soltei no quarto de Zoe, onde ele subiu na poltrona, se enroscou e deitou. Olhei as crianças mais uma vez antes de seguir para o quarto e encontrar Liz ainda no banheiro, nua.

Esfregando a barriga e com um beicinho, sentou-se na beirada e apontou para seu creme hidratante.

— Vou tomar banho e já venho cuidar de você.

Desde que descobrimos que a gravidez era de gêmeos, Liz estava de repouso em casa. Ela sofreu uma queda na sala de cirurgia, que ocasionou em um sangramento e no exame, Jace constatou que havia outro bebê. Ela foi obrigada a tirar uma licença de repouso e só saímos porque não iríamos demorar. Saí do chuveiro e coloquei minha calça do pijama. Estava com meus pulsos doloridos da longa

cirurgia, mas enfrentei com um sorriso a minha tarefa noturna favorita: passar hidratante em todo o corpo dela.

Nós tínhamos uma rotina de casais com mais de vinte anos de relacionamento, mas só tínhamos cinco e achava incrível a forma que, mesmo com quatro crianças, ainda nos tratávamos como recém-casados. Raramente brigávamos, a paternidade nos livrou de uma série de problemas egoístas e nossas prioridades eram sempre

estar com a sinceridade em dia, combinamos que mesmo que a verdade doesse, iríamos conversar para o nosso bem.

Liz estava muito mais calma do que antes, sem manias de organização (ela desistiu depois do segundo filho), não discutíamos por bobeira (não tínhamos tempo para brigar e priorizávamos o que tínhamos para sermos felizes juntos) e ainda tirávamos dias para comer pipoca e beber vinho, principalmente quando expulsávamos as crianças, do mais velho a caçulinha. Peter, apesar de não ser filho, era nossa responsabilidade, cuidado e amado como todos os outros.

Ele foi oficialmente adotado por Paul alguns anos atrás e sabia que minha esposa tinha os dez dedos na história, porque ela queria Peter como irmão. Os dois se entendiam, eram gênios iguais.

Ela dava a ele a normalidade que a escola não proporcionava.

Os bebês se mexeram e ela suspirou.

— Não tem mais espaço, eles devem disputar quem fica com o cotovelo na frente do outro.

— Seis filhos.

— Você me engravidou três vezes. — Ela bufou, reclamando do corpo.

— Se houvesse algum problema com seu corpo, pode ter certeza de que não teríamos tantos filhos.

— Duvido que algo ficará em pé depois desses dois.

Revirei os olhos e beijei a pele esticada de sua barriga.

— Eu não posso gerar filhos, amor. Só posso amar você por poder me dar todas essas bênçãos. Zoe chegou em nossas vidas por sua causa. Josh por causa dela. Foi você quem olhou para ele e chamou de “amor da mamãe”. — Eu sorri e ela mordeu o lábio. —

Foi você quem lutou por doze horas para tentar trazer Ethan da forma mais saudável e sobreviveu àquela cesariana apavorante. Eu achei que ia te perder ali, fiquei assustado e sou médico, acostumado a ver cirurgias o tempo todo. Foi você quem gemeu de dor por horas no parto da Eva e no segundo seguinte, estava

levantando para tomar banho. E agora, esses dois ao mesmo tempo. Eu te amo, Liz. Olha a família linda que você me deu. O seu corpo? Ele é perfeito. Sinceramente, olhei para a sua bunda o tempo todo enquanto andou até o palco hoje.

Ela riu e me bateu suavemente. Beijei seus lábios, cada um dos seus seios e sua barriga. Liz me deu aquele olhar quente que meu pau sempre respondia o comando e me afastei. O jejum sexual fazia parte do repouso, mas ela andava insistindo e tirando o fio que me restava de sanidade. Se estava com saudades de fazer amor com a minha mulher? Claro que sim, mas, a saúde dela e dos nossos bebês estava acima da minha necessidade sexual.

Deitei ao seu lado depois de ajudá-la a vestir a calça do pijama e o top confortável de dormir. Apaguei a luz do abajur e nos cobri. Ela deitou-se de lado, encaixando a bunda exatamente onde eu adoraria em outros tempos e soltou uma risadinha com meu gemido.

— Comporte-se — sussurrei, beijando atrás de sua orelha.

— Estou comportada, as crianças que não.

— Você está falando dos da barriga, certo? Não ouço nada.

— Já ouvi duas risadinhas...

— Eles nunca dormem? — gemi, levantando da cama.

Abri a tempo de ver Zoe correr de volta para o quarto. Ela costumava demorar a dormir ou a cochilar e acordar logo em seguida. Não ficava satisfeita em ter a companhia de Leo, o gato irritante, ela precisava acordar os irmãos. Ethan estava dormindo, então a companhia dela era Josh.

— Estou sem sono, papai — Zoe disse docemente, sentada na cama.

— Josh, saia do armário e vá para o seu quarto antes que eu decida colocar vocês dois de castigo.

Ele saiu correndo disparado para o seu quarto.

— Deite-se — pedi a Zoe e ela se cobriu. — Feche os seus olhos. Se eu levantar de novo, vai ficar sem a aula de judô por um

mês — ameacei, sabendo que ela adorava aprender maneiras de imobilizar os irmãos. Ela batia nos dois.

Saí de seu quarto e apenas olhei para Josh. Fechei ambas as portas para ouvir caso eles voltassem a abrir. Olhei os dois menores adormecidos e voltei para o quarto.

— Por que eles são tão ligados na tomada?

— Eu não sei, mas sinto falta de poder correr atrás deles.

Você fica tão cansado.

— Não tem problema. Quando os gêmeos nascerem, cada um fica com três.

— Nem me fale. — Ela esfregou a barriga. — Antes de voltarmos à nossa feliz e muito importante vida sexual, eu preciso que você faça o teste. Não posso engravidar de novo e não conte comigo para o anticoncepcional.

— Fique tranquila — sussurrei e voltei para a cama. —

Vamos dormir. Eva gosta de assistir o dia nascer.

Pensei que a minha vida não poderia ficar melhor, isso até descobrir que seríamos pais de dois ao invés de um. Admirava Liz por encarar aquela gravidez sem medo, mesmo sendo algo muito assustador depois de termos quatro filhos. Como iríamos gerenciar seis crianças estava fora da minha imaginação.

Deitei-me de lado para que ela pudesse encaixar a coluna de forma que conseguisse dormir sem se movimentar tanto.

Acordei com um sobressalto. Liz estava falando baixinho com Eva e eu nem a ouvi chamar. Minha pequena garotinha de cabelos castanhos claros, quase ruivos, me deu um olhar, mamando na mamadeira e voltou a se concentrar. Ela ainda mamava apesar de comer muito de tudo que

oferecíamos. Liz acariciou meus cabelos e a porta foi aberta. Josh, Ethan e Zoe entraram com suas fantasias de Halloween.

— Bom dia! — Zoe foi a primeira a subir na cama. Cada um deles nos deu um beijo. — Tio Peter nos deu café da manhã.

— O que comeram? — Olhei a hora.

O segurança iria levá-lo em breve para a escola, ele tinha uma competição acadêmica.

— Cereal e leite — Josh respondeu e deitou-se em cima de mim.

— Mamãe, eu te amo! — Ethan beijou a barriga dela. — Oi, irmãos.

Nós sorrimos. As crianças eram afetuosas com a barriga, conversavam o tempo todo e os bebês se mexiam, respondendo ao barulho. Só Deus sabia o que eles pensavam sobre a família barulhenta e numerosa em que estavam nascendo. Levantei-me com as crianças, e sentei um por vez no balcão da pia do banheiro para escovar os dentes, lavar o rosto e pentear o cabelo.

Zoe pediu uma trança embutida e eu ri de mim mesmo ao me lembrar quando Liz me ensinou a fazer diversos penteados nelas.

Estava dominando a arte de deixar a minha filha ainda mais bonita.

Desci com Ethan e Eva no colo ao mesmo tempo. Ela foi para a cadeirinha alta ter seu café da manhã de mais substância. Dividíamos o número das crianças quando estávamos em cômodos separados.

— Tô saindo! — Peter disse da entrada.

— Você tem dinheiro?

— Tenho! Devo chegar a tempo do almoço.

— Vai sair com a sua turma para comemorar?

— Vai ser melhor voltar para casa. — Ele saiu antes que eu pudesse argumentar. Eva arremessou a colher da papinha no chão e riu.

— Não vai dar pra tomar banho de piscina, né papai? —

Ethan perguntou, olhando o céu. Ele era muito esperto para a idade.

— Não, amor. Está frio. Por que não escolhe alguns filmes com seus irmãos? Mais tarde nós podemos pensar em outra coisa.

Distrair as crianças em casa com o tempo frio era um desafio.

— Ei, Jules — atendi a ligação enquanto dava uma colherada para Eva.

— *Como está tudo hoje? Ela ficou bem?*

— Parece bem cansada de ontem e nem tentou levantar da cama. — Limpei a boca da minha filha, ganhando um sorriso.

— *Irei mais tarde para fazer o jantar e distrair as crianças.*

— Você é um amor. Já disse que te amo?

— *Vou levar minhas duas pestinhas também, será uma festa*

— ela provocou e eu ri.

— Seus filhos são calmos e metade dos meus. Espere, *menos que a metade dos meus!*

— *E ficaremos assim. Pego seus filhos por tabela e seremos felizes. Tenho que levar Kim para ver minha mãe no hotel.*

Kimberly era uma menininha linda com um sorriso de tirar o fôlego. Ela regulava a idade de Ethan e iria parar o trânsito, assim como a mãe.

Voltei para o quarto e Liz estava sentada, com as pernas bem separadas e inclinada para frente.

— O que está acontecendo?

— Acabei de ter uma contração imensa — respondeu, já sem fôlego.

— Por que não me chamou?

— Ela acabou de passar. Nesse exato segundo — gemeu, tentando voltar para a cama. Coloquei os dois na cama e a ajudei.

— Acordei sentindo uma pressão baixa nas costas. Acho que é hoje

— completou e assenti.

Enviei uma mensagem para Jace. Seria um dia de muita agonia, porque não suportava vê-la sentir dor. Liguei para Jules e ela disse que cancelaria com a mãe para vir mais cedo, mas Audrey acabou chegando mais rápido, colocando uma roupa normal nas crianças, deixando-as preparadas caso tivéssemos que ir para o hospital.

Combinamos que não deixaríamos que eles tivessem o trauma de ver a mamãe sair de casa passando mal. Josh ficou muito nervoso depois que Liz ficou internada e nós percebemos que eles poderiam entender a situação se fosse bem explicada.

Mesmo com Audrey e Jules em casa, as crianças perceberam que a mãe não estava bem e toda hora um espiava da porta do quarto. Liz passou o dia gemendo de dor, mas graças a Deus, diferente de Eva, a bolsa estourou pouco depois da hora do almoço. Audrey entrou na SUV para levar os quatro ansiosos e Jules seguiu atrás de mim com os seus dois.

Jace estava nos esperando ao lado de Mike, Amber e Cooper, na porta da emergência. Registrei alguns acenos e sorrisos ao me ver passar empurrando a cadeira dela e três me seguindo.

Josh segurava o bolso do meu jeans, de mão dada com Zoe, que segurava a mão de Ethan. Eva estava no colo de Audrey.

Feito os primeiros exames, vimos que os gêmeos já estavam na posição do parto e bem, sem nenhum sofrimento. Saí do quarto e fui até a sala de espera, orgulhoso que meus monstrinhos não estavam colocando o hospital abaixo. Minha mãe chegaria a qualquer momento com meu pai. Liguei para Peter e ele viria assim que terminasse na escola.

Paul iria mandar preparar seu avião e eles sairiam de Paris nas próximas horas. Toda a família estaria vindo para o nascimento dos meus caçulas.

— A mamãe está bem? — Josh perguntou quando me ajoelhei na frente deles.

— Mamãe estava sentindo dor porque os gêmeos queriam nascer. Agora eu vou com ela para a sala de cirurgia e quando vocês puderem entrar no quarto para vê-los, vou vir buscar.

Enquanto isso, fiquem aqui sentados com a tia Audrey e a tia Jules, ok? Se comportem.

Zoe pulou da cadeira e me deu um beijo.

— Eu quero ver a mamãe — sussurrou com os olhos cheios de água.

Suspirei. Eles estavam assustados.

— Mamãe está bem, prometo.

Jace apareceu do meu lado.

— Ela quer vê-los antes de ir.

Eles foram andando no mesmo esquema das mãos dadas e me segurando, mas dessa vez eu estava levando Eva, que tinha o dedo na boca e uma expressão nervosa. Ela era pequena e entendia tudo. Até o que não devia. Abri a porta do quarto e Liz estava mais calma. Sorriu e abriu os braços. Eles foram correndo, cada um falando baixo que queria que ela ficasse bem. Com um beijo no rosto e um sorriso, ela disse que estava ótima.

— Agora, deem o último beijo na barriga da mamãe. Na próxima vez que nos encontrarmos, ela não estará mais cheia e os gêmeos vão estar do lado de fora.

— Que legal. — Josh sorriu e beijou a barriga. — Fica bem, tá, mamãe?

— Pode deixar, amor. Se comporte e cuide dos seus irmãos. Você é o mais velho. — Ela piscou e ele sorriu abertamente. Jace levou as crianças e a abracei apertado.

— Preparada? — perguntei, beijando seus lábios.

— Estou louca para eles saírem logo. E te abraçar bem de pertinho.

— Eu te amo, minha vida.

— Também te amo, minha luz do dia.

Assistir a cesariana dela me deixou nervoso, mas ela estava bem, conversando comigo e eu assisti os dois saírem. Cortei o cordão da minha menininha e depois do meu menininho. Levei os dois em meus braços e Liz chorou muito ao ver que cada um tinha um gorro diferente. Três de cada sexo em casa. Nada podia ser mais perfeito do que isso. Deixei que o pediatra levasse os gêmeos.

Jace terminou com Liz.

Tirei minha roupa cirúrgica e entrei no berçário. Minha mãe parou no vidro com as crianças e empurrei os dois para perto. Zoe e Josh não paravam de pular no lugar. Eva riu para mim e Ethan perguntando repetidamente " *cadê a mamãe?*". Meu pai tirava fotos o tempo todo e não parava de sorrir. Peter filmava com o celular e o vidro estava lotado com nossa família e amigos, querendo conhecer meus dois pequenos.

Mais tarde, levei-os para o quarto. Ela havia acordado, mas não podia se mexer e nem falar muito, então, mostrei que ambos eram perfeitos. Mamãe levou as crianças para casa,

mesmo chorando, e passamos uma noite tranquila. Ajudei-a a amamentar e admiramos nosso belo trabalho em fazer lindas crianças.

Quando o dia amanheceu, ninguém precisou entrar para ensinar como trocar fralda ou segurá-los, já estávamos abrindo vagas para oferecer cursos. Jace a examinou e ela foi liberada para sentar depois que colocasse a cinta. Era muito apertada.

— Olha só para eles. São tão lindos. Temos que escolher os nomes.

— Eu gosto de Lucca para ele — disse e ela concordou.

— Gosto de Khloe.

— Lucca e Khloe.

Liz voltou para a cama, cobriu suas pernas e quis passar um pouco de maquiagem, limpando bem as mãos logo em seguida. Eu estava segurando Khloe quando minha mãe bateu na porta com as crianças. Eles entraram em silêncio e ficaram visivelmente aliviados quando a viram bem na cama e soltaram arrulhos quando aproximei os gêmeos deles. Zoe não se continha, chamando os dois de fofura.

Eva só queria o colo de Liz, ela não estava interessada nos menores. Fiquei com os três mais velhos, paparicando as crianças.

Josh chegou a chorar quando pegou Khloe.

Reunimos nosso time de seis na cama para que meu pai tirasse uma foto.

Caramba... seis. Era meu novo número da sorte.

FIM

SOBRE A AUTORA:

Mari Cardoso nasceu no início da década de noventa, na região dos lagos do Rio de Janeiro. Incentivada pela mãe, que lia histórias bíblicas e entre outras, sempre teve aguçado o amor pelos livros.

Em 2008, passou a se aventurar no mundo das fanfics da Saga Crepúsculo até que, anos mais tarde, resolveu começar escrever originais. Em 2019, iniciou a carreira como autora profissional e hoje tem duas séries em destaque: Elite de Nova Iorque e Poder e Honra, dezessete livros publicados e algumas milhares de leituras acumuladas.

Tornou-se autora best seller no ano de 2020 com o romance Perigoso Amor – Poder & Honra.

Ela possui

Suas redes sociais:

www.instagram.com/autoramaricardoso

www.twitter.com/eumariaautora

<http://www.maricardoso.com.br/>

[Grupo do Facebook.](#)

A G R A D E C I M E N T O S

Este trabalho não seria possível com a incomparável ajuda profissional da revisora Dani Smith, da betagem sensível da Paula Guizi. Agradeço imensamente o apoio dessas mulheres no período de construção da história. Não poderia

deixar de fora a torcida das minhas leitoras nos grupos de contato e o carinho excepcional (e paciência) da minha amada mãe nos dias de muito trabalho.

Gratidão eterna.

Document Outline

- [SINOPSE](#)
- [CARTA DA AUTORA](#)
- [Prólogo](#)
- [Capítulo Um.](#)
- [Capítulo Dois](#)
- [Capítulo Três.](#)
- [Capítulo Quatro](#)
- [Capítulo Cinco.](#)
- [Capítulo Seis](#)
- [Capítulo Sete](#)
- [Capítulo Oito](#)
- [Capítulo Nove](#)
- [Capítulo Dez](#)
- [Capítulo Onze](#)
- [Capítulo Doze](#)
- [Capítulo Treze](#)
- [Capítulo Quatorze](#)
- [Capítulo Quinze](#)
- [Capítulo Dezesesseis](#)
- [Capítulo Dezesete](#)
- [Capítulo Dezoito](#)
- [Capítulo Dezenove](#)
- [Capítulo Vinte](#)
- [Capítulo Vinte e Um](#)
- [Capítulo Vinte e Dois](#)
- [Capítulo Vinte e Três](#)
- [Capítulo Vinte e Quatro](#)
- [Capítulo Vinte e Cinco](#)
- [Capítulo Vinte e Seis](#)
- [Capítulo Vinte e Sete](#)
- [Capítulo Vinte e Oito](#)
- [Capítulo Vinte e Nove](#)
- [Capítulo Trinta](#)

- [Capítulo Trinta e Um](#)
- [Capítulo Trinta e Dois](#)
- [Capítulo Trinta e Três](#)
- [Capítulo Trinta e Quatro](#)
- [Capítulo Trinta e Cinco](#)
- [Capítulo Trinta e Seis](#)
- [Capítulo Trinta e Sete](#)
- [Capítulo Trinta e Oito](#)
- [Capítulo Trinta e Nove](#)
- [Capítulo Quarenta](#)
- [Capítulo Quarenta e Um](#)
- [Capítulo Quarenta e Dois](#)
- [Capítulo Quarenta e Três](#)
- [Capítulo Quarenta e Quatro](#)
- [Capítulo Quarenta e Cinco](#)
- [Capítulo Quarenta e Seis](#)
- [Capítulo Quarenta e Sete](#)
- [Capítulo Quarenta e Oito](#)
- [Capítulo Quarenta e Nove](#)
- [Capítulo Cinquenta](#)
- [Capítulo Cinquenta e Um](#)
- [Capítulo Cinquenta e Dois](#)
- [Capítulo Cinquenta e Três](#)
- [Epílogo](#)
- [SOBRE A AUTORA:](#)
- [A G R A D E C I M E N T O S](#)